

Uma Lição Para não Esquecer

Thomasina
Marianne Willman



San Juan de Baptista, 1846

A chegada de Thom. Y. Vainoy no consultório de Brendan Rafferty provocou um verdadeiro caos. Certo de ter contratado um homem para assistente, o médico perplexo, viu-se diante de uma linda jovem de fartos cabelos cor de fogo. Thomasina! Fora ludibriado pela ruiva persistente que ameaçava sua paz e reputação naquele remoto vilarejo do México.

Thomasina desejava provar que possuía talento além de um rosto bonito. Obstinada a seguir uma carreira considerada masculina, ela não se deixou intimidar pelo mau humor de Brendan. Com o tempo venceria o explosivo temperamento do médico irlandês e conheceria a natureza gentil que vinha à tona apenas quando ele lidava com seus pacientes . Com o tempo...





Digitalização: Cris Andrade
Revisão: Sheyla Oliveira

Copyright © 1991 by Marianne Willman
Publicado originalmente em 1991 pela
Harlequin Books, Toronto, Canadá.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de
reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada por acordo com a
Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra, salvo os históricos,
são fictícios. Qualquer outra semelhança com pessoas
vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: **Thomasina**

Tradução: Vera M.D.A. Renoldi

Copyright para a língua portuguesa: 1992
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Al. Ministro Rocha Azevedo, 346 — CEP 01410 São Paulo
SP — Brasil Caixa Postal 9442

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE
Telefone: (011) 881-8266
Cartas para "Central de Atendimento"
Alameda Ministro Rocha Azevedo, 346 — 4º andar
CEP 01410 — São Paulo

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.
Impressão e acabamento: Gráfica Círculo



PRÓLOGO

San Juan de Baptista — México — 1846

Apenas um cavalheiro solitário se movia na planície dourada sob um sol inclemente. Brendan Patrick Timothy Rafferty cavalgava em direção à casa, que lhe servia de residência, consultório e ambulatório, com a gratificante sensação de quem retorna ao lar.

A construção rústica, de madeira e tijolos de barro cru, típica daquela região primitiva, ficava sobre uma colina pedregosa, à sombra dos imponentes picos Los Tres Hermanos, e a menos de um quilômetro do vilarejo de San Juan de Baptista. Embora aquela paisagem austera não tivesse nenhuma semelhança com as verdejantes campinas da Irlanda, a cabana rudimentar o lembrava da pequena casa caiada de branco onde ele nascera e crescera.

Ele agora estava isolado do mundo e distante da família e dos amigos, mas escolhera essa vida e sentia prazer em seu isolamento voluntário. O Bando dos Rafferty, conhecido por seu temperamento exuberante, tanto nas explosões de ira como nas de alegria, podia ser extremamente cansativo!

O homem alto e bronzeado, com as folgadas calças de algodão e a camisa de mangas largas, usadas pelos camponeses da região, poderia ser confundido, a distância, com um nativo. No entanto, diante dos olhos de um azul intenso e dos reflexos acobreados no cabelo muito escuro, ele era imediatamente identificado como sendo um estrangeiro.

Rafferty logo percebera que os camponeses sentiam-se mais à vontade diante de um médico que se vestia como eles, aceitando-o sem restrições. Além disso, camisas de colarinho engomado e chapéus de copa alta e abas estreitas, os trajes prediletos de seu assistente, dr. Pease, não eram adequadas a um clima tropical nem combinavam com a rusticidade de seu consultório e de seus clientes.

Ele tentara aconselhar seu assistente, mas suas admoestações eram sempre ignoradas por Homer Pease, que o fitava com um rancor ofendido. Algumas pessoas não aceitavam críticas e, sem dúvida alguma, aquele jovem empertigado pertencia a esse grupo que jamais se adaptava a um ambiente novo.

— Finalmente estamos em casa, Lugh. — Descendo do cavalo, ele conduziu o animal para a cocheira escondida entre as árvores. — Você receberá uma ração dobrada de aveia mas eu terei que me conformar com as inevitáveis tortillas.

O Dr. Pease não veio recebê-lo, como de costume. Seu assistente estava, provavelmente, atendendo um paciente. Nenhum médico ficaria rico naquela região primitiva mas também nunca sentiria tédio.

Mas por que Domingo não viera ao seu encontro? Olhando ao redor, Rafferty não avistou o velho mexicano que deveria cuidar do cavalo.

— Onde terá se escondido aquele velho malandro, Lugh? Certamente tomou alguns goles a mais e deve estar roncando sobre um confortável monte de feno.

O relacionamento de Rafferty com o velho mexicano escapava aos padrões convencionais. Numa manhã de sol, após ter passado a noite em claro fazendo um parto difícil, ele acordara com um irresistível cheiro de café fresco, entrando por sua janela. Ao



olhar para fora, vira um velho magro, de pele curtida e poncho listrado, varrendo o pátio em frente à casa.

Domingo anunciara que pretendia se tornar o criado de el doctor. Não era correto que um homem educado e dedicado à nobre profissão da medicina vivesse sem empregados, rebaixando-se a executar trabalhos servis. E ele, que não tinha nada a fazer além de descansar, aquecendo seus velhos ossos ao sol, poderia ser útil.

A partir daquele dia, Domingo assumiu todos os encargos domésticos. Então, o velho encontrou o uísque que Rafferty guardava no armário dos remédios para usos medicinais. Depois de esvaziar todas as garrafas e também alguns xaropes com base de álcool, ele ficou uma semana de ressaca, evitando aproximar-se da casa. Exasperado, Rafferty tentou, em vão, despedir o criado que não contratara. Domingo recomeçou a cumprir suas funções como se nada tivesse acontecido. Ele acabou percebendo que, a não ser que o amarrasse e o abandonasse nas montanhas, não conseguiria se livrar do velho e teimoso mexicano.

Depois dessa tentativa frustrada, Domingo se instalou definitivamente na casa. Era cozinheiro, cavaleiro, jardineiro, tio complacente, conselheiro por força da experiência da idade avançada e um verdadeiro tirano doméstico. O consultório e a pequena sala de cirurgia pertenciam a el doctor, mas o resto da propriedade era domínio exclusivo do velho Domingo.

Rafferty admitiu que só a morte o separaria daquele mexicano teimoso. Em algumas ocasiões, durante os cinco anos de atribulada convivência, sentiu um desejo quase incontrolável de torcer o pescoço do velho irritante, mas acabou se conformando com a situação. Desconfiava que Domingo não tinha família nem um verdadeiro lar, e a falta de laços afetivos os unia.

Após tratar de Lugh, Rafferty dirigiu-se para casa, sonhando com um banho, um prato de feijão e um bom sono. Pela porta entreaberta, ele avistava o consultório onde não havia sinal do Dr. Pease, que deveria estar atendendo um paciente. Apenas um papel, colocado sobre a mesa, alterava a ordem metódica da sala vazia.

— Não outra vez! — urrou Rafferty.

Os vidros de remédio oscilaram nas prateleiras, indicando que, além da aparência, Rafferty herdara também o gênio e a voz retumbante de seus antepassados celtas. Ele quase arrancou a porta dos gonços, com a mesma mão que podia ser infinitamente delicada ao acalmar uma criança febril ou dar pontos minúsculos para fechar um corte profundo.

Antes mesmo de ler a mensagem, Rafferty sabia o que encontraria. O Dr. Pease fugira para Los Alamos, onde tomara o primeiro navio de volta aos Estados Unidos.

E isso significava que Brendan Patrick Timothy Rafferty seria obrigado a vestir novamente uma maldita camisa de colarinho duro e toda a parafernália que compõe um traje civilizado, a tomar um navio sem condições sanitárias ou de conforto elementar para retornar à agitação urbana que tanto o desagradava. Desta vez, não contrataria um assistente baseando-se apenas em cartas de recomendação. Iria até San Francisco para evitar mais um engano exasperante, pois não queria um outro homem fraco diante das dificuldades como fora Homer Pease!



Desta vez, escolheria pessoalmente o assistente e conseguiria um profissional capaz de trabalhar duro enquanto aprendia, alguém que suportasse a vida primitiva de San Juan por um ano e se sentisse grato por essa experiência única.

Um homem de verdade!

CAPÍTULO I

— Você está linda, menina! Linda mesmo!

Os espelhos triplos do salão de provas de madame Lucine, uma famosa modista de San Francisco, refletiam a imagem de uma jovem que tentava, em vão, não demonstrar o nervosismo.

— O mérito é todo do vestido — declarou Thomasina, forçando-se a sorrir.

As lágrimas toldavam sua visão, impedindo-a de ver com clareza o rosto cor de chocolate junto ao seu, ansiosamente à espera de uma opinião. Sua própria imagem, a de uma jovem esguia e de longa cabeleira ruiva, envolvida em uma nuvem de gaze branca que cintilava à luz cambiante da tarde, também surgia indistinta, perdendo os contornos ao encontro do papel adamascado das paredes.

Ela virou rapidamente a cabeça, fingindo examinar os detalhes requintados do vestido, a fim de disfarçar seu descontrole. Mas Thomasina nunca conseguira esconder seus sentimentos e muito menos diante de Lucy, conhecida pela sociedade de San Francisco como madame Lucine.

— Minha querida menina! Porque essas lágrimas sem motivo?

— Eu sinto muito, Lucy. O vestido que fez para mim é maravilhoso mas... eu tenho tanto medo!

— Enxugue logo essas lágrimas ou acabará molhando o vestido que, modéstia a parte, é mesmo uma obra de arte!

O tom pretensamente severo da modista provocou um trêmulo sorriso de Thomasina, que encontrou na voz terna mas autoritária um eco nostálgico de sua infância. Quantas vezes Lucy não a censurara através dos anos?

"Fique quieta, menina! Se não parar de se mexer, acabará sendo espetada por algum alfinete! Francamente! Nunca vi ninguém sujar tão depressa um vestido! E pode me dizer como conseguiu rasgar o bordado inglês de suas anáguas? Por acaso pulou o muro para entrar no pomar da escola outra vez? Não entendo porque precisa roubar laranjas se tem de tudo em sua casa..."

Thomasina não se lembrava de uma época de sua vida que não estivesse associada a madame Lucine. Ela e sua mãe eram amigas há muitos anos, tinham se conhecido antes mesmo de seu nascimento.

Lucy Selwell vinha de uma família de negros libertados que lutara arduamente para alimentar e vestir as oito crianças que haviam sobrevivido à primeira infância. Ainda na adolescência, ela conseguiu um emprego como ajudante de costureira e passou a ajudar os pais. Então, em algum lugar próximo a New Orleans, que Thomasina jamais conseguira identificar através das informações imprecisas da mãe, Lucy e Prudence Wentworth se conheceram e, a partir dessa data, suas vidas se interligaram.



Há quatro anos, Lucy conseguira abrir Madame Lucine e a loja requintada, decorada em rosa e dourado, tivera um sucesso surpreendente. A mulher alta e magra, com um vestido de seda de linhas elegantemente severas e um turbante sofisticado que acentuava o exotismo de seus traços, se transformara, por talento e determinação, numa modista de renome.

As mesmas mãos habilidosas que haviam bordado a roupa de batismo de Thomasina tinham executado agora uma obra prima no vestido de debutante. Os fartos babados de gaze, leves e ondulantes como a espuma das ondas, foram recobertos por pequenas pérolas do rio que formavam delicados desenhos, desde a barra até o debrum do decote.

Sem dúvida uma obra de arte que seria tolamente desperdiçada! Ela jamais conseguiria realizar as ambiciosas expectativas de sua mãe. Com os dedos trêmulos, Thomasina tirou o magnífico vestido criado e bordado por Lucy.

Sua mãe cometera um erro em gastar uma verdadeira fortuna para transformá-la em uma requintada debutante! O guarda roupa digno de uma princesa, os sucessivos professores de etiqueta, comportamento e dicção, as obrigatórias aulas de música, canto e dança em uma escola particular e muito exclusiva em Connecticut e os dois anos de aperfeiçoamento em graças sociais numa seleta academia para jovens damas em New York tinham sido um total desperdício!

O fracasso das expectativas maternas não ocorreria porque Thomasina não tivesse se aplicado em absorver todo tipo de conhecimento de sua extensa educação escolar, inclusive as entediantes atitudes que a sociedade julgava essenciais em uma jovem dama. E nem porque ela continuasse a ser, no fundo, a mesma garota que preferia calças compridas a vestidos com babados engomados, sempre disposta a se envolver em travessuras como roubar laranjas do pomar do convento.

Thomasina também não fracassaria por lhe faltarem dotes físicos. Ela herdara uma parcela bastante significativa da excepcional beleza materna embora detestasse os abundantes cachos ruivos que formavam um halo em torno de seu rosto de traços delicados.

Não. Era algo mais profundo e sombriamente impreciso, uma inexplicável e alarmante premonição que Thomasina não conseguia definir. Todas as noites tinha pesadelos confusos e apavorantes que se dissipavam quando ela acordava, mas a deixavam com uma assustadora certeza de desastre iminente. A sua participação no baile de debutantes mais conceituado de San Francisco estava fadada a ser um fracasso e um vexame!

Em silêncio, Lucy ofereceu um lenço de linho bordado à jovem que lutava, em vão, para conter o pranto. Thomasina enxugou os olhos, verdes e brilhantes como esmeraldas, censurando-se por sua embaraçosa falta de autocontrole. Ela suportara dez anos de exílio na Academia Clovedale para Jovens Damas, resignando-se às raras visitas maternas, aos invernos gélidos e deprimentes, ao isolamento e às saudades do lar sem derramar uma única lágrima nem demonstrar a ninguém seu sofrimento.

Tinha de dominar suas inquietações! O baile, sua introdução à nata da sociedade de San Francisco, significava muito para sua mãe, o momento de glória após anos de afastamento e sacrifícios mútuos. Prudence pedia tão pouco e Thomasina amava-a



demais para negar-lhe algo. Os anos de forçada separação tinham estreitado os laços de afeição que as uniam e ela seria capaz de suportar qualquer tortura para dar uma alegria à mãe!

— Não sei por que me descontrolei tanto — balbuciou Thomasina, forçando-se a agir com naturalidade. — Suponho que seja normal ficar ansiosa diante do primeiro baile...

— Eu a conheço há tempo demais para acreditar nessa tolice, criança — declarou Lucy, com uma expressão de afetuosa severidade. — Você não precisa fingir para mim.

— Oh, Lucy! É que não sei se conseguirei superar esse terrível obstáculo!

— Não pense que minha intenção é ser desleal a sua mãe, querida. Eu jamais a magoaria pois sinto-me infinitamente grata por tudo que recebi de Prudence mas... já lhe revelou seus verdadeiros sentimentos a respeito desse baile? Não creio que ela seja capaz de forçá-la a comparecer se esse fato a desagrade tanto.

— Minha mãe se sacrificou a vida toda apenas por mim, Lucy!

Thomasina enrubesceu ao lembrar-se de sua indesculpável rebeldia quando fora enviada, pela primeira vez, ao colégio interno. Jamais se esqueceria das inúmeras fugas nem das palavras ofensivas que pronunciara, acusando impiedosamente a mãe, sem levar em conta os motivos maternos. Ainda teriam de se passar muitos anos antes que essa recordação deixasse de lhe provocar um intenso sentimento de culpa.

— Preciso retribuir, de alguma forma, todos os sacrifícios que mamãe fez por mim e esse baile é importante demais para ela. Passou anos sonhando e planejando meu futuro, trabalhou sem descanso para transformá-los em realidade — a voz de Thomasina ficou ainda mais angustiada. — Só que não dará certo! Serei um fracasso e já me dói pensar em seu sofrimento diante de uma decepção arrasadora.

— Não seja tão pessimista. Não existem motivos concretos para isso, menina! Compreendo que esteja ansiosa mas garanto-lhe que todas as outras jovens debutantes também não se sentem tranqüilas na véspera de um baile tão importante.

Com gestos bruscos e sem fitar Thomasina, Lucy começou a guardar o vestido quando o som cristalino da campainha ecoou na sala. Ao olhar pela janela, viu o cocheiro de Prudence Wentworth.

— Sua carruagem chegou, Thommy querida. Trate de ir para casa e não se preocupe mais com esse assunto. Sua mãe sabe o que está fazendo e, como sempre, deve ter imaginado saídas para qualquer tipo de contratempo. — Lucy deu um sorriso irônico. — E nós duas não ignoramos que, quando Prudence decide tomar um rumo, nem todas as forças do céu ou do inferno conseguem impedi-la de seguir o caminho escolhido.

— É... acho que tem razão, Lucy — murmurou Thomasina, amarrando as fitas que prendiam seu gracioso chapéu de palha. — Sempre disse que minha imaginação era perigosamente fértil, não é verdade? Com certeza, deixei-me levar por um nervosismo sem sentido.

Lucy continuou a manter os olhos baixos. Depois de acompanhar a jovem até a porta, um privilégio concedido a poucas clientes, permaneceu parada junto à janela da sala. Só quando viu a carruagem desaparecer no fim da rua, pôde se entregar à angústia que a atormentava. Amava Thomasina como a uma filha...



Não seria possível conceber mãe e filha tão diferentes uma da outra. Cega pela determinação de dar a Thomasina tudo o que não tivera, Prudence Wentworth recusava-se a ver que essa ambição trazia em seu bojo as sementes da destruição.

Prudence jamais poderia ter ocultado da filha os dramas do passado e muito menos deveria forçá-la a frequentar o mesmo círculo social que a rejeitara há tantos anos.

— Pobre Thommy... pobre da minha menina...

A carruagem de Thomasina afastou-se do bairro gracioso em que ficava a casa de Lucy e começou a subir para o sofisticado Nob Hill. No sopé da colina estava o porto e a espuma das ondas brilhava com o cintilar ofuscante de pedras preciosas.

Thomasina adorava aquela cidade de ladeiras íngremes e casas de pitoresco colorido, sentia prazer em se misturar à extravagante mistura de raças vindas dos quatros cantos da Terra e em ouvir seus idiomas exóticos ecoando nas ruas sempre movimentadas. Dizia-se que era possível encontrar tudo em San Francisco, desde que se pagasse o preço certo, e era verdade.

Ela aproximou-se da janela do cocheiro e bateu no vidro para chamar-lhe a atenção.

— Eu prometi deixar um livro na casa de uma amiga, Reed.

Ao ouvir o endereço, situado em um bairro próximo ao porto, Reed não escondeu seu receio.

— Tem certeza que é esse o endereço correto, Srta. Wentworth?

— Certeza absoluta.

Reed não recebera nenhuma ordem para evitar que sua jovem patroa se dirigisse a um bairro de má reputação e teve de obedecer. Thomasina assustou-se com as ruas que ficavam mais sujas e mais estreitas, porém não desistiu de seu intento. Ela pediu-lhe que parasse em uma esquina, em frente a uma casa com a pintura descascada.

— Não sei quanto tempo vou demorar, Reed. Talvez você possa refrescar os cavalos e depois tomar uma cerveja enquanto me espera... num dos bares das redondezas.

Mas Reed não tinha a menor intenção de deixar a Srta. Wentworth sozinha em um bairro tão sórdido!

— Eu ficarei esperando aqui mesmo, senhorita.

Ela desceu sem esperar que Reed a ajudasse e correu para uma das portas. Quando percebeu que estava fora do alcance dos olhos do cocheiro, entrou em uma viela à esquerda da casa. Criando coragem, tocou a campainha.

A porta foi aberta por uma mulher de complexão sólida e olhos avermelhados. Ela olhou a recém chegada da cabeça aos pés, sem disfarçar a curiosidade e a inveja despertada pelas roupas elegantes de Thomasina.

— O que uma moça como você pode estar querendo aqui? — perguntou ela com a voz alterada pelo excesso de bebida.

— Sou a Srta. Wentworth e tenho hora marcada com o Dr. Rafferty...

Ela ainda não terminara de falar quando a mulher começou a fechar a porta.

— Pode ir dando o fora daqui, desavergonhada! Esta é uma casa de respeito!

Thomasina colocou o pé na fresta da porta para impedir que se fechasse por completo.

— Por favor! Eu preciso falar com o Dr. Rafferty!



— Não enquanto ele estiver sob o meu teto! Não admito imoralidades em minha casa.

O sapato de camurça de Thomasina era frágil demais e a pesada porta de carvalho começava a apertar seu pé de encontro ao batente. Ela se julgara capaz de impedir que a porta se fechasse mas avaliara mal a força e a obstinação daquela mulher nitidamente embriagada.

— Pare! Está me machucando! — gritou ela ao perceber que não conseguia mais soltar o pé.

— Estou mesmo! Assim você aprende a não invadir uma pensão decente e honesta para levar adiante sua atitude imoral!

O impasse foi resolvido por uma voz masculina que ecoou no vestibulo sombrio, vinda da sala de estar.

— Com efeito, Sra. Henson! Não preciso de novos pacientes, portanto pare de apertar o pé da moça com a porta! Posso formar minha clientela sem a sua ajuda!

Através da fresta da porta, Thomasina avistou um gigante de cabelos negros atravessando o vestibulo. As lágrimas de dor a impediam de ver com clareza suas feições, mas percebia que era um homem de meia idade, seguro e confiante.

Quando ele finalmente afastou a mulher da porta, Thomasina quase caiu. Seu pé não tinha mais articulação e ela sentia uma dor intensa que provocou um gemido involuntário.

— Agora está satisfeita? — gritou ele para a mulher. — Conseguiu machucar a moça!

Antes que Thomasina se recuperasse do espasmo de dor, ele a tomou nos braços e a carregou para a sala de estar da pensão. Depois de colocá-la em uma poltrona descorada, começou a desabotoar suas delicadas botinhas de camurça sob o olhar irado da locatária.

— Eu não quero saber de nada! Por que uma moça tão bem vestida viria à procura de um médico nesta parte da cidade? O motivo só pode ser um e não admito imoralidades em minha casa! Não é aqui que ela vai se livrar de um filho do pecado!

— A senhora tem uma mente perversa e uma língua venenosa! Já machucou esta jovem e, se não quiser enfrentar uma situação francamente perigosa, aconselho-a a me ajudar, trazendo um pouco de água e ataduras!

Após um segundo de hesitação, a Sra. Henson obedeceu, resmungando baixinho. Finalmente livre da presença constrangedora da locatária, o dr. Rafferty terminou de examinar o pé de Thomasina.

— Não há nenhum osso quebrado. Trata-se de uma ligeira distensão muscular.

O sorriso do dr. Rafferty transformava suas feições. Agora Thomasina percebia que se enganara ao julgá-lo de meia idade. Ele não devia ter nem trinta anos e era extremamente bonito.

Subitamente, os dois se aperceberam da intimidade daquela situação absurda. Ela sentia o calor das mãos do médico que envolviam seu pé com inconsciente sensualidade. Rafferty lutava contra um desejo inesperado de saber se o resto do corpo daquela jovem era tão frágil e perfeito quanto o tornozelo esguio.



Há quanto tempo ele não enrubescia como um adolescente sem experiência amorosa? E há quanto tempo não tocava uma mulher que não fosse sua paciente?

A dona da pensão retornou à sala, trazendo água, ataduras, esparadrapo e sua presença de opressiva reprovação.

— Muito obrigado — disse ele, dispensando a locatária. — Não preciso de sua assistência, sra. Henson. Se houver necessidade de algo mais, tocarei a campainha para chamá-la.

— Pois eu não pretendo deixar um homem e uma mulher solteiros sozinhos... e numa situação de muita intimidade!

— Eu não costumo violentar jovens indefesas! — replicou ele, enfurecido. — E se tivesse intenção de seduzir esta garota, certamente escolheria um local mais romântico do que a sala de estar de uma pensão de quinta categoria, cheirando a gim barato e ensofado de repolho!

A sra Henson não esperava que o polido dr. Rafferty reagisse com tanta rispidez. A surpresa a impediu de insistir na discussão. O médico praticamente a empurrou para fora da sala e fechou as portas após sua saída.

— Que mulher insuportável! — exclamou ele, irritado. — A culpa é da bebida, gim. O álcool destruiu o fígado e o raciocínio da sra. Henson... e ela já não devia ser muito bem dotada antes de começar a beber.

Com gestos serenos, o médico colocou o pé de Thomasina dentro da bacia de água trazida pela sra. Henson. Os últimos traços de irritação desapareciam de seu rosto à medida que a expressão profissional de segurança amenizava suas feições.

— Sinto muito. Sei que não é nada agradável — comentou ele, ao perceber que Thomasina se ressentia com a temperatura da água. — O frio ajudará a impedir que seu pé inche mais. Dentro de aproximadamente quinze minutos, eu o enfaixarei mas não poderá dançar por alguns dias... senhorita...

— Wentworth. — completou Thomasina.

— Srta. Wentworth? — Ele a fitou atentamente. — Então você é a jovem que me escreveu para marcar uma hora?

Rafferty analisou a aparência saudável da jovem, cujos olhos brilhantes e o suave colorido das faces indicavam uma extrema vitalidade.

— Percebo que tem uma saúde de ferro, srta. Wentworth. Também não me parece uma dessas jovens com propensão a distúrbios nervosos.

— Acertou — riu Thomasina, enrubescendo. — Eu jamais fico doente e minha mãe diz que tenho energia suficiente para dez pessoas. Este é um dos motivos que me trouxe até aqui.

— Francamente, nunca fui procurado por alguém que tivesse o problema de energia em excesso e não saberia lhe receitar remédio algum para esse mal, srta. Wentworth. Só posso lhe aconselhar que faça bastante exercício e procure algo mais absorvente do que vestidos e festas para ocupar seu tempo.

— Então, entendeu perfeitamente qual é o meu problema! — disse Thomasina, sem disfarçar o entusiasmo. — Sei que preciso ocupar-me e vim em resposta a seu apelo de duas noites atrás.

Ele a fitou com uma expressão de total incompreensão.



— O senhor não se lembra?

Rafferty lembrava-se muito bem do que acontecera há duas noites! Ele perdera o sono e permanecera acordado até o dia amanhecer, lutando contra uma intensa solidão e sonhando com a felicidade de ter uma linda mulher em seus braços. Como essa misteriosa jovem poderia saber de seus anseios secretos?

— Talvez considere censurável a minha presença em sua palestra noturna — declarou Thomasina, rindo da expressão chocada do médico. — Havia apenas uma outra mulher entre os ouvintes, uma senhora de mais idade, mas garanto-lhe que não me arriscaria a sair à noite sem uma companhia responsável.

— Ah! Está se referindo a minha palestra? — perguntou Rafferty, nitidamente aliviado.

— É claro que sim! Vim para candidatar-me ao cargo de seu assistente.

Subitamente, a situação ficou muito clara para Rafferty. Ou encontrava-se diante de uma demente ou de mais uma jovem do tipo histérico que se entrega a paixões arrasadoras por estranhos! Ele já passara por uma experiência angustiante em Boston com uma solteirona aristocrática que se atirara em seus braços, dizendo que ambos haviam sido amantes no reino do antigo Egito e agora ela estava destinada dar-lhe um filho. Também houvera o caso da bela e insana lady Soppington...

Rafferty ergueu os olhos para o teto. Por que isso sempre acontecia com ele? Por que, entre tantos milhares de médicos existentes no mundo, as mulheres sempre o encontravam? E por que agira com tanta imprudência, mandando a Sra. Henson para fora da sala? Se ela voltasse naquele instante, a receberia de braços abertos!

Mas as portas permaneciam fechadas e a Srta. Wentworth o fitava, cheia de expectativa.

— Creio que entendeu mal as minhas palavras, senhorita.

Ele sabia que o mais importante em uma situação desse tipo era manter a calma. Precisava tranquilizar a jovem, convencê-la a tomar um sedativo e, se possível, levá-la imediatamente para a casa dos pais... antes que ela perdesse de vez o juízo!

— Tenho certeza absoluta de que não o entendi mal, Dr. Rafferty. O senhor disse que precisava desesperadamente de um assistente e... oh, Deus! Será que já contratou um?

Agora Rafferty não tinha mais dúvidas de que estava diante de uma jovem completamente louca.

— Eu realmente estou desesperado, Srta. Wentworth. Entretanto, não pode ter pensado em se candidatar ao cargo. Entende o que estou dizendo, não?

— Não! Eu não entendo mesmo! — exclamou ela, indignada.

— A senhorita cometeu um engano, interpretando mal minhas palavras. Eu não tenho consultório em San Francisco. Exerço a minha profissão em um vilarejo do México, portanto, deve perceber que sua sugestão está completamente fora de cogitação.

— Continuo sem perceber porque a localização geográfica de seu consultório invalida a minha proposta para o cargo de sua assistente, Dr. Rafferty.

— Eu... bem, pensei que a explicação fosse óbvia demais.

— Pois eu discordo!



Rafferty admitiu, assustado, que a beleza daquela jovem ameaçava perigosamente seu autocontrole. Os lábios tentadores pediam para ser beijados e ele sentia uma inexplicável ânsia de não resistir ao desejo.

— Eu posso compreender a sua hesitação, Dr. Rafferty — continuou Thomasina, sem notar a perturbação do médico. — O senhor tem que pensar em proteger sua reputação.

Ele deu uma sonora gargalhada mas, embora seus olhos azuis refletissem um malicioso bom humor, sua voz continuava séria.

— É evidente que não se trata de minha reputação e sim da sua, Srta. Wentworth.

— Agradeço-lhe a consideração mas dispenso-o de preocupar-se por minha causa — prosseguiu ela, com uma expressão combativa no rosto delicado. — Quando eu for realmente uma médica, terei de viajar sozinha para exercer minha função nos locais mais remotos. Por isso decidi começar agora a adquirir prática e independência.

Rafferty não estava interessado em discutir os planos de futuro da Srta. Wentworth e tentou encerrar definitivamente aquela conversa absurda.

— Sinto muito mas é impossível.

Thomasina não tomou conhecimento do tom ríspido do médico nem se deixou perturbar pela intimidade com que ele enxugava seu pé. Reconhecia que não se expressara com suficiente clareza e precisava ser mais convincente.

— Não dê uma resposta definitiva antes de conhecer as minhas qualificações, Dr. Rafferty. Desde os doze anos, eu tenho apenas um sonho... o de ser médica. Comecei a preparar-me muito cedo e li inúmeras vezes *Matéria Medica de Brown*, e *O uso terapêutico de ervas e flores*, da Sra. Junot. Recentemente, consegui uma cópia do novo compêndio de anatomia do Dr. Mortimer e estou bastante familiarizada com o conteúdo do livro.

Embora surpreso, Rafferty manteve-se impassível. Jovens bem educadas não liam compêndios de anatomia e ele podia imaginar o choque da Srta. Wentworth diante das ilustrações excessivamente realistas!

Thomasina criou coragem ao perceber que o médico não se chocara com sua ousadia em comprar o compêndio do Dr. Mortimer e cedeu a um intenso entusiasmo.

— Sei suturar lacerações simples e já lancetei algumas bolhas... Trabalhei nos estábulos, ajudando os cavaleiros a cuidar dos animais. — Notando a expressão de curiosidade no rosto do médico, Thomasina cruzou os dedos e arriscou-se mais. — Acompanhei o nascimento de vários potrinhos e cuidei das éguas depois do parto. Não pode ser um processo tão diferente nos seres humanos...

A gargalhada zombeteira do Dr. Rafferty ecoou na sala.

— Acho que tem lido romances demais, minha querida Srta. Wentworth! Provavelmente você desmaiaria ao entrar numa sala de operações, antes mesmo de a operação ser iniciada!

Thomasina resolveu utilizar o seu argumento mais convincente.

— Em setembro, assisti à amputação de um dedo com gangrena e à posterior cauterização. Não foi uma experiência agradável, mas também não me provocou uma crise de nervos ou desmaios.



Ela não tinha a menor intenção de contar que não controlara as náuseas ao sair da sala de curativos. Afinal, só sucumbira à fraqueza após cumprir seu dever!

Rafferty franziu a testa, intrigado. Começava a suspeitar que aquela jovem tinha um propósito realmente firme em praticar a arte e a ciência da medicina e, embora com relutância, sentiu uma certa admiração pela tenacidade da Srta. Wentworth. Entretanto, não podia permitir que as emoções afetassem seu julgamento.

— Não me encontro tão desesperado a ponto de aceitar como assistente uma jovem sem treinamento ou prática e levá-la comigo para o México. Será uma viagem longa, por terra e por mar, na qual teríamos de partilhar o camarote de navio e as acomodações em hospedarias primitivas.

— Percebo que está preocupado, acima de tudo, em manter as aparências, doutor. — Ela mordeu os lábios, nitidamente concentrada em encontrar uma solução para o problema. — Eu não me incomodaria de me disfarçar de homem até que alcançássemos a Cidade do México.

— Mas eu me incomodaria e muito, Srta. Wentworth! O seu plano é absolutamente irracional e só resultaria em fracasso. Desculpe a minha ofensiva capacidade de observação mas as suas formas são femininas demais para enganar até mesmo um cego. Ninguém acreditaria que você tem a aparência de um rapaz!

Com gestos seguros, Rafferty terminou de enfaixar o pé de Thomasina e recuou para avaliar seu trabalho.

— Perfeito! Agora não terá problemas. — Ele voltou a fitá-la, ainda mais sério. — Além disso, é preciso respeitar as convenções sociais vigentes no México, senhorita. Nesse país de costumes bastante formais, jovens bonitas e solteiras jamais viajam sem uma dama de companhia, ao lado de homens que não sejam seus pais ou irmãos. Os meus pacientes não a aceitariam e, em muito pouco tempo, também deixariam de me aceitar e não iriam mais ao meu consultório.

Rafferty envolveu as ataduras com seu lenço de linho.

— Você estará andando normalmente dentro de dois ou três dias, Srta. Wentworth.

Ele esperava que aquela jovem impetuosa também se esquecesse, em tão pouco tempo, de seus sonhos irrealizáveis, reconhecendo a impossibilidade de seguir uma carreira masculina.

— Eu a ajudarei a se levantar — disse ele, segurando-a pela cintura.

Thomasina estava certa de que conseguiria andar até a porta mas, ao encostar o pé no chão, soltou um gemido de dor e quase perdeu o equilíbrio.

— É melhor ficar aqui enquanto vou providenciar uma carruagem para levá-la até sua casa, senhorita.

— Não será necessário, doutor. Tenho uma carruagem a minha espera, na esquina de Baker Street. — Ela ergueu o rosto e fitou-o com uma expressão suplicante. — Por favor, não me rejeite apenas porque sou mulher, Dr. Rafferty. O que devo fazer para convencê-lo a mudar de idéia e me levar consigo?

A dona da pensão, que tentava escutar a conversa atrás da porta, ouviu apenas as últimas palavras de Thomasina e não se conteve. Entrando na sala sem se anunciar, sua indignação aumentou ao encontrar a jovem com o rosto encostado no peito do médico que a segurava pela cintura.



— Canalhas! Não admito imoralidades em minha casa! — Ela avançou para os dois com os punhos cerrados. — Fingiu-se de médico para ter toda a liberdade com as mulheres que vem procurá-lo para propósitos escusos, não é? E essa moça é mais uma de suas amantes ocasionais ou apenas uma prostituta de luxo? Certamente, é sustentada por algum velho rico e vem traí-lo bem debaixo do meu nariz!

— Chega! — gritou Rafferty com a voz trovejante de seus antepassados celtas. — Não admito que ofenda esta jovem com insinuações sórdidas, resultantes de seu temperamento venenoso, Sra. Henson! Aliás, eu também não estou disposto a permanecer por mais nem um minuto sob o seu teto! Mandarei alguém vir buscar minhas malas!

Ignorando as imprecações da locatária, Rafferty tomou Thomasina nos braços e dirigiu-se para a porta.

— Por favor, desculpe-me, Dr. Rafferty. — Thomasina estava mortificada. — A culpa dessa situação desagradável é toda minha. Vim a sua procura, provoquei um problema sério com sua locatária, e agora o senhor não tem onde ficar...

— Pois eu estou extremamente feliz de me livrar dessa megera! Além do mais, não suporto o cheiro de repolho cozido. — Ele deu uma risada maliciosa. — Acho que foi por isso que sai de Boston ainda menino e nunca mais voltei!

A alegria espontânea de Thomasina encantou Rafferty, que sentiu um desejo incontrolável de provocar novos sorrisos na jovem.

— Não se sinta culpada, senhorita. Estou deixando a pensão por vontade própria mas, em nossa longa e gloriosa história, os Rafferty já foram expulsos de lugares muito mais importantes do que esta mísera pensão.

O médico fechou a porta atrás de si e começou a descer as escadas até a rua. Preocupada, Thomasina olhou para a esquina, à procura de Reed. Ela não podia ser vista pelo cocheiro ou tudo estaria perdido!

— Por favor, ponha-me no chão. Posso andar até a carruagem.

— Acho melhor levá-la para casa pessoalmente, Srta. Wentworth. Foi uma visita frustrante sob todos os aspectos.

— Não! — exclamou ela, com inesperada rispidez. — Estou em condições de andar e aquela é minha carruagem.

Cambaleando, Thomasina avançou em direção à carruagem que se aproximava. Não queria que Reed a visse conversando com o médico mas sua maior preocupação era afastar-se antes de perder o controle e romper num pranto desconsolado. Tivera tantas esperanças de conseguir aquela colocação!

Rafferty assobiou baixinho ao ver a suntuosa carruagem e a libré do cocheiro. Deduzira, pelas roupas elegantes e pelos modos refinados, que sua visitante era uma jovem fina, mas subestimara a riqueza de sua família!

Ele permaneceu parado na calçada enquanto acompanhava, com o olhar, a carruagem que se afastava do porto. A Srta. Wentworth era um enigma! Por que uma jovem com tanta beleza e encanto estaria disposta a abandonar um ambiente refinado e luxuoso para seguir uma carreira difícil como a medicina? Rafferty se considerava um homem sensato e, para ele, essa atitude era absolutamente incompreensível.



Embora gostasse de encontrar respostas e de dar soluções definitivas, ele já aprendera que a vida era sempre excessivamente complexa. Tentou considerar aquele episódio como sendo um capricho excêntrico de uma debutante mimada. Na manhã seguinte, a Srta. Wentworth teria se esquecido de uma carreira médica e logo voltaria aos salões de baile, às salas de visita e se integraria de novo em seu verdadeiro ambiente, muito diferente da frieza de uma sala de cirurgia improvisada.

De qualquer forma, jamais saberia o que o futuro reservava àquela jovem. Dentro de sete dias, seu navio partiria de San Francisco, levando-o de volta para San Juan, com ou sem o tão procurado assistente. Assobiando uma canção irlandesa, Rafferty dirigiu-se à taverna Buenaventura, onde pretendia alugar um quarto, já antecipando o prazer de um copo de cerveja gelada, acompanhada pela conversa jovial dos marinheiros.

Thomasina não conseguiu afastar aquele encontro de sua mente com tanta facilidade. Sua frustração era tão grande que ela não conseguia nem chorar! Em seu íntimo, acreditara que convenceria o Dr. Rafferty a aceitá-la como assistente e então revelaria à mãe a autenticidade de sua vocação e a firmeza de seus propósitos. O fatídico baile seria esquecido e ela poderia, finalmente, dedicar-se à medicina.

Perdida em seus pensamentos, Thomasina só voltou à realidade depois que a carruagem havia cruzado o aristocrático bairro no alto da colina, parando diante de uma das casas maiores e mais antigas do quarteirão. Era a residência de Agatha Fowlerville, uma prima distante de seu falecido pai.

Na verdade, ela só soubera da existência de Agatha quando terminara seu curso em Nova York. Recebera uma carta da mãe, pedindo-lhe que fosse para a casa dessa prima desconhecida, em San Francisco. Nos primeiros dias, o relacionamento de Thomasina com a distante e aristocrática senhora foi bastante impessoal mas, em pouco tempo, uma afeição genuína nasceu entre as duas.

Agatha era uma senhora de idade indefinível, de educação impecável, porém antiquada e de tendências nitidamente intelectuais. Antes de Thomasina surgir em sua vida, ela vivia isolada da sociedade, como costumava acontecer com viúvas empobrecidas, mas feliz na companhia de uma crescente coleção de livros e dos inúmeros gatos que acolhia em sua casa.

Através de Sarah, uma das criadas antigas da casa e a mais comunicativa, Thomasina soube que toda a criadagem acreditava no recebimento de uma herança recente. A situação financeira da velha senhora mudara muito nos últimos meses e ela parecia estar até rejuvenescendo.

A mansão Fowlerville, com seus amplos jardins, era a mais antiga do bairro mas já não havia sinais que indicassem decadência ou falta de cuidados de manutenção. O rendilhado de madeira que rodeava as colunas esculpidas da varanda, circundava os torreões e o mirante sobre a casa, e as janelas e portas de veneziana estavam reluzentes com a pintura recente. Os gramados e os canteiros floridos tinham sido refeitos e até o gato cinzento que tomava sol nas cadeiras de vime do pátio interno refletia a nova prosperidade do ambiente.

O felino de pêlo brilhante espreguiçou-se e veio ao encontro de Thomasina que descia da carruagem.



— Boa tarde, Julius Caesar. — Ela curvou-se para acariciar a cabeça do gato. — Você está feliz porque eu voltei para casa ou porque sabe que sempre convengo a cozinheira a lhe dar um pedaço de carne?

O gato enroscou-se na barra do vestido dela, acompanhando-a através do pátio até a entrada lateral. Da cozinha, vinha o som inequívoco de alguém que chorava e era consolado pela voz serena da cozinheira. O nome da Sra. Church foi mencionado várias vezes.

Thomasina não teve dúvidas de que a governanta ameaçara despedir a ajudante de cozinha, como já fizera algumas vezes e a rechonchuda cozinheira estava tentando tranquilizar a garota. A Sra. Church reinava naquela casa com a energia e a autoridade de um déspota. Até a prima de Agatha se curvava à tirania daquela implacável e eficiente senhora.

Colocando seu pacote sobre o aparador de carvalho do corredor, Thomasina começou a tirar o chapéu quando foi surpreendida por Sarah.

— Srta. Thomasina! — exclamou a criada, precipitando-se para ajudá-la a tirar também o casaco. — Não devia ter usado a entrada de serviço e muito menos estar carregando seus próprios pacotes! Vou conversar com Reed a esse respeito. Se a Sra. Church os visse, iria descontar essa falta do salário dele!

— Não se preocupe porque ela nunca ficará sabendo, Sarah — Thomasina baixou a voz, num tom de cumplicidade. — Comprei mais alguns livros na loja do Dr. Grinder.

— Oh! Esteve lá outra vez, Srta. Thomasina?

Sarah balançou a cabeça, preocupada. Como reagiria a mãe da Srta. Thomasina se soubesse dessas visitas a uma loja especializada em artigos médicos? A julgar pelos comentários, a Sra. Wentworth adorava a filha, como também a Sra. Fowlerville. Na verdade, toda a criadagem estava feliz com a chegada da jovem porque a velha senhora voltaria a freqüentar a sociedade, após tantos anos de reclusão, para acompanhar sua protegida. Talvez o baile de debutantes lhe renovasse o entusiasmo e ela oferecesse um chá ou até uma pequena recepção em sua casa, que começava a recuperar o brilho do passado.

— Eu levarei o pacote para seu quarto, senhorita. A sra. Fowlerville está a sua espera no jardim de inverno... há mais de meia hora.

A criada dirigiu-se à escada principal, mas Thomasina continuou a se esgueirar pelo corredor de serviço a fim de cruzar a sala de jantar sem ser vista. Como ela gostaria de ficar em seu quarto folheando os livros que comprara! Entretanto, seria uma falta de cortesia deixar a prima Agatha esperando mais tempo.

Thomasina parou junto ao espelho sobre o aparador da sala de jantar a fim de se recompor. Seus cabelos, como sempre, recusavam-se a permanecer presos num coque bem comportado e os cachos cor de cobre soltavam-se, emoldurando o rosto corado. Antes de cruzar o outro corredor, ela parou, tentando ouvir se a sra. Church estava por perto.

A sra. Church era uma dessas pessoas perfeccionistas e eficientes que se preocupava mais com o brilho dos móveis do que com o bem estar dos moradores da casa. Sempre vestida de preto, ela surgia onde menos se esperava e os criados andavam



na ponta dos pés para não serem vítimas das críticas da mulher exigente demais e de temperamento irascível.

Por algum motivo inconfessado, a governanta se ressentira com a presença de Thomasina naquela casa e não escondia que só ficaria feliz quando a jovem partisse. Talvez a sra. Church tivesse apenas se desgostado com o aumento de trabalho ou com a quebra de sua rotina mas Thomasina suspeitava que a causa dessa irritação fosse o misterioso problema que levava sua mãe a deixar New Orleans. Algum dia, ela decifraria o mistério dessa época sobre a qual Prudence nunca falava claramente!

Ela esperava chegar até o jardim de inverno sem cruzar com a governanta. As constantes censuras e reclamações da sra. Church não a atingiam, mas perturbavam muito a prima. Por isso evitava discussões com aquela mulher insuportável. Agatha sofria de reumatismo e cenas domésticas agravavam seu estado. Thomasina não queria ser um problema e um peso na vida daquela senhora amorosa e que a recebera tão bem.

Por sorte, não havia ninguém no vestíbulo nem na escada graciosamente curva que levava ao jardim de inverno. Thomasina subiu os degraus de dois em dois, seguida pelo gato que se divertia como se tudo não passasse de uma brincadeira e... chocou-se contra a sra. Church.

— Com efeito! — exclamou a governanta, colocando as mãos na cintura. — Esgueira-se pela entrada de serviço como uma criadinha, sobe as escadas correndo e... Você tem os modos de um moleque de rua e menos juízo do que esse gato vadio!

Pressentindo a ofensa, Julius Caesar arrepiou-se, pronto a enfrentar sua mais terrível inimiga. Mas, antes que ele ou Thomasina pudessem reagir ao ataque verbal, a porta do jardim de inverno se abriu e uma figura esguia avançou para o patamar da escada.

— Ah! Thomasina... — a voz de Agatha era gentil e suave. — Estava esperando por você.

Thomasina esqueceu-se da beligerante governanta e correu para beijar o rosto enrugado da prima. Sempre se surpreendia com a fragilidade de Agatha.

— A prova do vestido demorou mais do que de costume — mentiu ela, disfarçando o sentimento de culpa. — Desculpe-me por tê-la feito esperar, prima.

— Não há necessidade de se desculpar, querida. O chá acaba de ser servido e eu só fiquei ansiosa porque tenho uma surpresa para você.

A sra. Church esperou que as duas entrassem na sala e, soltando uma exclamação de raiva, começou a descer a escada. Por estar enfurecida demais, não notou o gato, que se deitara num dos primeiros degraus. Durante alguns segundos, o silêncio do vestíbulo foi rompido por sons muito altos: o miado feroz do felino e uma série de pancadas surdas de encontro ao assoalho. A sombra esguia do animal desapareceu sob o relógio alto, enquanto a corpulenta governanta finalmente aterrissava no chão de mármore.

O barulho, ouvido por todos os criados, passou despercebido no jardim de inverno. A sala, de uma elegância que pertencia a épocas mais românticas, recebia em cheio a luz dourada da tarde, através das delicadas cortinas de renda. Thomasina só percebeu que não estava sozinha com a prima quando se acostumou à claridade que vinha das amplas janelas.



Uma mulher excepcionalmente bela e vestida como uma princesa estava sentada no sofá de brocado verde.

— Mamãe!

Thomasina envolveu a mãe num abraço carinhoso e apertado demais, sem perceber que estava amassando a seda de seus vestidos. O aroma familiar de um perfume sutil a levou de volta à infância e ela encostou a cabeça no ombro de Prudence.

Embora igualmente sincero e afetuoso, o abraço de Prudence foi bem menos efusivo.

— Minha querida Thomasina...

Prudence Wentworth já completara trinta e cinco anos mas não parecia ter nem trinta. Não havia uma única ruga no rosto perfeito e nem um fio branco nos magníficos cabelos dourados. Algumas pessoas negavam que ela ainda fosse a mais bela mulher do país, mas todas concordavam que continuava sendo a mais elegante.

— Oh, mamãe! Eu estava morrendo de saudades. Que vestido maravilhoso! Comprou em Paris? E seu chapéu? É tão... ousado! Quando chegou? Porque não nos avisou que vinha? É tão bom vê-la de novo...

— Também sinto-me feliz por revê-la, querida, mas acho melhor que me faça uma pergunta de cada vez. — Prudence soltou-se dos braços da filha e examinou, com um olhar crítico, o estado de seus vestidos. — E nenhuma de nós duas continuará sendo elegante se você amassar todas as nossas roupas. Precisa parar de agir como um moleque travesso, principalmente agora que está prestes a assumir seu lugar na sociedade.

Os olhos de Thomasina perderam o brilho e o sorriso morreu em seus lábios. Tinha se esquecido do fatídico baile! Tentando disfarçar sua angústia, sentou-se ao lado da mãe, com a graça que aprendera em tantas aulas de etiqueta.

— Nós só a esperávamos no final do mês, mamãe.

— Fiquei livre de meus compromissos antes do que previa e — Prudence evitou olhar para a filha — ... senti-me entediada e solitária. Além disso, queria chegar antes do baile para entregar-lhe o meu presente.

Thomasina abriu a caixa que a mãe lhe colocara nas mãos.

— Oh...

Sobre o cetim azul, brilhava uma magnífica gargantilha de pérolas e, no centro, reluzia uma esplêndida safira em forma de coração.

— Esta safira pertence à família Valnoy há muitas gerações, querida. Passa de mãe para filha e é sempre usada pelas noivas... Recebi-a de seu pai como presente de casamento.

A inesperada amargura na voz de Prudence passou despercebida por Thomasina, que tocava a magnífica pedra preciosa com a ponta dos dedos e se surpreendia com a frieza que emanava da jóia.

— Deve ser muito antiga...

— Só a safira e o engaste. Seu pai encomendou as pérolas porque achou que realçariam a beleza da pedra. É uma jóia muito conhecida e quero que você a use em seu baile de debutante, querida.



Era uma jóia suntuosa demais e completamente inadequada para uma jovem debutante, mas Thomasina não teve coragem de abrir a boca. Sabia o quanto significava para Prudence a sua entrada na sociedade e não queira magoá-la recusando-se a usar aquele colar.

Ela tocou novamente a safira e um frio intenso envolveu seu corpo.

CAPÍTULO II

A penteadeira de Thomasina refletia um momento de mudança significativa em sua vida. As bonecas e os graciosos animais de porcelana tinham sido removidos para dar lugar a vidros lapidados de perfume e estojos de cristal com pó de arroz que simbolizavam a passagem para o mundo adulto e preconizavam o início de uma nova existência repleta de festas e compromissos sociais que começava naquela noite. Entretanto, na prateleira mais alta do armário, continuavam escondidos os seus preciosos livros de medicina.

— Como eu gostaria que seu pai pudesse vê-la assim! — exclamou Prudence, colocando sua pulseira de ouro no braço da filha. — Falta apenas um detalhe, o toque final para atingir a perfeição, e você estará pronta para o seu primeiro baile.

Prudence retirou a esplêndida gargantilha do estojo e colocou-a no pescoço de Thomasina.

— Esta jóia agora é sua e espero que lhe traga muita sorte. — Recuou para admirar o efeito da safira em contraste com a pele alva de Thomasina e não escondeu sua satisfação. — Você está linda! Vai ser a mais bela do baile, não tenho a menor dúvida!

Até Thomasina se sentia forçada a admitir que a união dos esforços da mãe, de prima Agatha e de madame Lucine tinham produzido um resultado surpreendente.

A luz das velas criava nos babados esvoaçantes do vestido a luminosidade prateada do luar e as minúsculas pérolas brilhavam como gotas de chuva sobre o tecido muito leve. Apenas o azul intenso da safira se destacava, emprestando um tom azulado aos olhos verdes de Thomasina, que mal se reconhecia na imagem refletida no espelho.

O branco muito alvo do vestido acentuava a pele cor de pêssego e os cachos acobreados, também enfeitados com pérolas delicadas. Thomasina estava acostumada a usar o austero uniforme escolar ou trajes singelos, de corte simples e cores escuras, adequados a uma jovem que ainda não fez sua entrada na sociedade. Aquela beldade com um elegante vestido de noite, cabelos presos no alto da cabeça, coroando um rosto delicado, não podia ser ela!

— Ninguém vai me reconhecer — murmurou Thomasina, fascinada com sua nova imagem.

— Ah! Não tenha dúvidas de que será reconhecida imediatamente — declarou Prudence com uma expressão dura.

— Como eu gostaria que me acompanhasse, mamãe!

— Eu realmente sentiria um prazer infinito em presenciar o seu triunfo, querida. Entretanto, afastei-me da sociedade após a morte de seu pai e nunca me arrependi dessa decisão. Além disso, conheço pouca gente em San Francisco. Por sorte, prima Agatha



tem acesso aos círculos mais seletos da elite e é a madrinha perfeita para levá-la ao baile desta noite.

Agatha entrou no quarto antes que Thomasina pudesse insistir com a mãe. A velha prima não conseguia disfarçar a euforia provocada pela ida ao baile e por estar usando um magnífico vestido de cetim verde que Prudence trouxera de Paris.

Ao virar-se para a prima, Thomasina viu o colar e os brincos de brilhantes que tinham sido retirados do cofre do banco. Aquelas jóias magníficas haviam pertencido a avó de Agatha e, apesar das dificuldades financeiras, ela jamais vendera o conjunto valioso pois afirmava que só se separaria dessa herança se estivesse morrendo de fome.

— Estou me sentindo como Cinderela! Há muitos anos não tenho um vestido tão elegante e tão na moda! — Uma expressão maliciosa transformou as feições habitualmente serenas de Agatha. — Regine Valnoy vai perder a fala quando me vir! Mal posso esperar por esse momento!

— Valnoy?

Involuntariamente Thomasina tocou a safira em seu pescoço.

Aproximando-se da filha, Prudence segurou-lhe as mãos.

— Eu devia ter-lhe contado tudo. Talvez você julgue que errei em não informá-la antes mas...

Prudence respirou fundo antes de prosseguir:

— Regine Valnoy é sua avó, querida. É a mãe de seu pai e por isso torna-se tão importante que você a impressione muito bem. Não quis lhe contar antes porque achei que só iria aumentar o seu nervosismo em relação a este baile.

O rosto de Prudence revelava a intensidade de sua tensão.

— Nós fugimos para poder casar. Eu era órfã, ainda não havia completado dezesseis anos e, claro, Regine proibiu o casamento. Então, ele... morreu. Quando descobri que estava grávida, fui procurá-la mas não tinha mais a aliança. Precisei vendê-la para pagar o médico. Também não havia nenhum papel que confirmasse a nossa união. Ela não acreditou em mim, pelo menos foi o que declarou. Bastará um olhar e saberá que eu disse a verdade porque você é a imagem de seu pai. Ela verá na neta o filho amado e abrirá os braços para recebê-la, querida.

Agatha não disfarçava a inquietação provocada pelas palavras de Prudence e olhava repetidamente para o relógio sobre a lareira.

— Não é o momento ideal para confidências sobre o passado, minhas queridas. Se não sairmos agora, chegaremos atrasadas ao baile. A carruagem já está a nossa espera.

Prudence colocou o xale de seda sobre os ombros da filha e beijou-a carinhosamente.

— Agatha tem razão, amor. Vocês precisam ir imediatamente mas... tente não pensar no que lhe disse nem se preocupar. Tudo vai dar certo.

Thomasina estava chocada demais para responder à mãe. Prudence escolhera o pior momento para lhe fazer uma revelação de tanto impacto! Precisava de tempo para pensar e assimilar a verdade sobre a história de seus pais e certamente não poderia se concentrar no passado enquanto se dirigia ao seu baile de debutante.

Embora ainda não compreendesse porque Prudence e a avó que nunca conhecera haviam se desentendido, descobrira agora a origem da ambição materna. Todas as aulas



de etiqueta, dicção e comportamento social, todas as escolas, academias e cursos, todos os vestidos de requintada elegância eram investimentos, etapas preparatórias que conduziam a esse evento! E Thomasina estava firmemente determinada a ser uma causa de orgulho para a mãe!

Erguendo a cabeça num gesto de desafio ao mundo, Thomasina começou a descer as escadas. Julius Caesar saiu de seu esconderijo predileto, sobre o alto relógio do vestíbulo, e veio a seu encontro, ronronando. Então, sem nenhuma explicação, o gato arrepiou-se e fugiu para a cozinha às escuras.

A Sra. Church estava parada junto à entrada do vestíbulo e sua expressão era de profundo desprezo. Mesmo sem falar, ela parecia estar dizendo que vestidos elegantes e jóias caras nunca a transformariam em uma dama. Thomasina endireitou os ombros e caminhou para a porta com um sorriso de triunfo nos lábios. Pretendia que aquele baile fosse um sucesso absoluto porque desejava dar essa alegria a Prudence e não permitiria que a opinião depreciativa da governanta diminuísse sua autoconfiança.

— Tenha uma noite maravilhosa, querida. — Prudence beijou a filha enquanto se aproximavam da carruagem. — Preste bem atenção em cada detalhe para me contar tudo quando voltar do baile.

— Por favor, não alimente grandes esperanças, mamãe — murmurou Thomasina, preocupada. — Eu não nasci para brilhar em sociedade e não quero que você tenha uma terrível decepção.

— Você jamais me decepcionou, amor. Conheço-a bem demais e sei que sempre alcança seus objetivos.

— Não podemos perder tempo — insistiu Agatha, novamente inquieta. — Temos de ir embora...

Prudence comprara uma carruagem nova para ser usada especialmente na noite do baile. Sobre a laca preta, os desenhos dourados combinavam com o interior do veículo forrado de veludo ouro-velho. As lanternas de latão e cristal lapidado brilhavam como pedras preciosas e os seis cavalos, também negros, eram dignos de uma rainha. Thomasina sentiu-se uma princesa a caminho de um baile na corte!

Pela primeira vez, desde o início dos preparativos, ela sentiu-se menos angustiada por estar indo àquele baile. Talvez tivesse uma surpresa e a noite fosse mais agradável do que antecipava. A sua frente, Agatha sorria, cheia de expectativa.

Prudence permaneceu parada à porta até que a carruagem saísse de um conto de fadas desaparecesse no final da rua. Aquela noite era muito mais importante do que Thomasina imaginava. Muito mais!

Numa outra noite, já muito distante no tempo, Prudence havia saído da casa de Regine Valnoy, jurando que nunca mais voltaria a procurar a família do marido... até o dia que a altiva matriarca se rebaixasse a lhe pedir desculpas e aceitasse Thomasina como sua legítima herdeira.

Mas os Valnoy eram arrogantes, donos de uma teimosia obstinada e, em vez de pedirem desculpas, tentaram destruir Prudence com todas as armas que possuíam. Ela resistira, provando sua determinação e uma capacidade de lutar à altura de seus oponentes. O baile desta noite seria uma prova da superioridade de sua força.



Como gostaria de estar presente no instante em que Agatha apresentasse sua afilhada à ativa madame Valnoy! Quando Regine visse os magníficos olhos verdes e os cachos ruivos de Thomasina, saberia que Prudence lhe dissera a verdade. Seria um momento de doce vingança!

Regine não resistiria à neta. Ela amara o filho com um amor possessivo e absoluto e a imagem da filha de seu adorado Thomas traria de volta uma infinidade de recordações sentimentais. As mágoas do passado se apagariam como por encanto de sua mente e Thomasina seria recebida de braços abertos para finalmente se tornar parte da família Valnoy, um lugar que lhe pertencia por direito.

Vitória! Enfim o triunfo! Prudence sorriu, sentindo um desejo incontável de celebrar o momento pelo qual esperava há vinte anos!

Ela voltou para a biblioteca de Agatha e encheu um copo de cristal com o conhaque que trouxera da França. A luz das velas coloria de dourado o líquido âmbar e a fragrância inebriante se espalhou no ambiente.

Prudence ergueu o copo e propôs um brinde à sala vazia.

— À sua saúde, Thomas! Onde quer que você esteja...

O quarto era pequeno demais e a janela fora aberta na esperança de que a brisa marinha dissipasse o cheiro de rum no aposento. Os sons da noite à beira do cais vinham da taverna no andar inferior; risos debochados se mesclavam a vozes embriagadas que cantavam, discutiam e, por vezes, praguejavam, prontas a entrar em uma discussão feroz.

O estojo médico de Brendan Rafferty estava aberto sobre a mesa de madeira gasta e riscada por hóspedes rudes. Sob a luz fraca do lampião de querosene, ele acabava de fazer um curativo no ombro de um marinheiro.

— Você está novo, rapaz — declarou o médico, apertando a bandagem sobre o ferimento.

O marinheiro soltou um gemido de dor. Havia um curativo também na perna e, apesar de estar bronzeado por muitos anos de exposição ao sol tropical, ele continuava extremamente pálido. Depois de prender o esparadrapo com gestos firmes que revelavam longa prática em curativos de emergência, Rafferty examinou o paciente, cheio de cicatrizes, novas e antigas

— Tente não se meter em nenhuma briga nos próximos dias, Tod. Pelo menos enquanto este corte não cicatrizar, ouviu?

— Obrigado, doutor. — ele vestiu a camisa ajudado pelo médico. — Quanto lhe devo pelo serviço?

— Não quero seu dinheiro, camarada.

— Tod Gumm sempre paga suas dívidas — resmungou o marinheiro, ofendido. — Não costumo aceitar caridade de ninguém.

— Eu não disse que não aceitaria pagamento — insistiu Rafferty, com firmeza. — Esta é a terceira vez que costuro seus ferimentos em menos de uma semana e continuo a afirmar que não quero seu dinheiro. Prefiro que você honre sua dívida comigo com uma promessa. Não vá em busca de vingança, Tod. Esse conflito idiota tem de terminar, chega de mortes inúteis.



— Ficou louco? Se eu não me vingar de Miles Stoker e de seu bando, serei apunhalado à traição. Quer que me matem quando eu estiver dormindo?

O rosto do médico revelava uma profunda raiva prestes a vir à tona.

— Já falei com Stoker e ele cumprirá a promessa que me fez ou eu mesmo me encarrego de arrancar seu fígado! E pode ficar certo de que acabarei com você também, Tod. Estou decidido a pôr um fim nessa guerra sem sentido e para isso sou capaz de tudo.

Tod Gumm era quase um gigante, musculoso e extremamente hábil com os punhos. Ele observou Rafferty e admitiu que encontrara um adversário a sua altura. Também muito alto e de físico atlético, o médico tinha o porte de um bom lutador. Entretanto, foi o brilho do perigo nos olhos azuis que convenceu o marinheiro a concordar.

— Acredito que seja capaz de tudo para acabar com essa briga, doutor. Seus olhos parecem os do diabo quando está com raiva. Tod Gumm não tem medo de nenhum homem mas vou concordar porque você está certo. Já morreu gente demais.

O marinheiro estendeu a mão para selar o compromisso.

— Estamos combinados, Tod. — Ele sorriu maliciosamente ao apertar a mão do marujo. — Se aparecer de novo por aqui com algum ferimento, farei um curativo tão torto que vai ficar com um braço virado para cada lado!

Tod Gumm saiu do quarto rindo às gargalhadas e Rafferty apressou-se em lavar seu equipamento de emergência. Talvez conseguisse chegar a tempo para o Simpósio Anual da Sociedade Científica. E, se sua sorte mudasse, talvez encontrasse um novo assistente!

O anúncio que ele colocara nos jornais, pedindo um assistente disposto a acompanhá-lo para o México, tivera resultados decepcionantes. Fora procurado apenas por dois indivíduos: um jovem inexperiente e nos primeiros estágios de uma doença pulmonar que queria mudar de clima, e um velho de mãos trêmulas, viciado em rum e ópio.

Inevitavelmente, os pensamentos de Rafferty voltaram-se para a Srta Thomasina Wentworth, a jovem que sonhava em se tornar médica. Como ela ficaria chocada se visse as condições primitivas de sua casa e, acima de tudo, a precariedade do pequeno ambulatório que servia de sala de cirurgia e onde deviam ser resolvidos todos os casos de urgência.

O maior choque, porém, seria o dos moradores do vilarejo, se um solteirão convicto como ele trouxesse para casa uma jovem bonita, que aparentemente apenas saíra da escola, sem a bênção de um padre, a existência de uma aliança ou a proteção de uma licença de casamento!

Embora estivesse desesperado para encontrar alguém que dividisse com ele o prazer da medicina e as responsabilidades de uma clientela bastante numerosa, a presença da encantadora Srta. Wentworth não o ajudaria em nada pois só lhe traria problemas. E Rafferty já não tinha mais tempo. Com ou sem um assistente, tomaria o navio que o levaria de volta ao México em menos de vinte e quatro horas.

Forçando-se a manter o otimismo, Rafferty começou a preparar-se para ir à conferência da Sociedade Científica, certo de que encontraria um novo assistente entre seus colegas de profissão. Antes de sair do quarto, apanhou a maleta médica, onde



estavam seus bens mais preciosos. Não pretendia deixar uma coleção de bisturis alemães ao alcance de homens que poderiam usá-los com armas mortíferas.

Ele percorreu as ruelas escuras do cais, respirando o ar frio da noite e sentindo o cheiro de maresia, peixe e alcatrão, típicos dos portos de todo o mundo. A brisa vinda do mar carregava uma umidade que prometia um espesso nevoeiro e talvez chuva. Rafferty caminhava com passos largos, à vontade no bairro semi-deserto e perigoso.

A luz baça de um lampião iluminou suas roupas bem cortadas e despertou o brilho da prata no castão de sua bengala, chamando a atenção de um assaltante que se escondia nas sombras de uma viela. Com a rapidez nascida da experiência, o homem tirou da bota um punhal e esperou que o passante desprevenido se aproximasse mais.

Rafferty estava a menos de vinte metros do assaltante, pensando no tema da conferência daquela noite. Ele se inscrevera para participar de um debate sobre os problemas de saúde de mulheres que acabavam de dar à luz. O parto e a prevenção de problemas posteriores eram áreas da medicina que o interessavam em especial.

Através de inúmeras pesquisas e da experiência com as camponesas no México, Rafferty se convencera de que a maioria dos problemas podia ser evitada se as mulheres diminuíssem o período de repouso após terem dado a luz. O assunto era controverso e sua opinião certamente provocaria debates exaltados. A noite seria bastante animada para ele que adorava discussões.

O assaltante estava preparando-se para saltar sobre sua vítima quando dois bêbados, que saíam de uma das tavernas e entraram num bordel logo abaixo, passaram a sua frente. Embora a rua estivesse deserta, ele decidiu mudar os planos e atacar pelos costas, aproveitando-se do elemento da surpresa.

Os passos de Rafferty mantinham o mesmo ritmo estável das batidas de seu coração. O assaltante esperou que a vítima passasse e, subitamente, reconheceu o médico irlandês que cuidara de alguns amigos seus durante a última semana. Se aquele homem fosse apunhalado, o culpado seria morto pelos outros marinheiros de quem ele tratara.

Com um suspiro de resignação, o assaltante guardou novamente a faca. O doutor jamais saberia o quão perto estivera da morte!

Rafferty continuou andando, aparentemente tranqüilo. Entretanto, só quando o assaltante desapareceu entre as sombras da viela, ele retirou o dedo do gatilho da pistola que nunca deixava de carregar no bolso de seu sobretudo. Com uma arma de pequeno porte mas bastante eficiente, aliada a seus punhos poderosos e a bengala pesada, Brendan Rafferty estava sempre pronto a entrar em ação.

Felizmente o confronto fora evitado. Como médico, se dedicara a salvar vidas e seria penoso provocar dor ou matar um ser humano, fosse ele criminoso ou não.

E a reunião na Sociedade Científica começaria dentro de dez minutos. Teria sido ainda mais penoso se fosse forçado a perder o início de uma excitante discussão!

A carruagem subia para o topo da colina, a famosa Nob Hill, onde moravam as famílias mais ricas e mais tradicionais de San Francisco. Mansões imponentes, com torres e mirantes sobre os telhados de ardósia se recortavam contra o céu sem estrelas, com suas amplas janelas freneticamente iluminadas.



Thomasina lutava contra o nervosismo. Não havia motivo para se sentir intimidada. Estava excepcionalmente bonita e o vestido feito por Lucy seria um dos mais belos do baile. Naquela noite, ela faria sua entrada na sociedade com a elegância e a beleza de uma princesa, apenas para que sua mãe pudesse sentir orgulho da filha!

— Veja a mansão dos Van Faulken — informou Agatha, apontando um imenso palacete. — Ele sempre foi encantador embora falante demais, agora ela... tem o bom humor de uma cascavel. Esta casa é considerada a mais luxuosa e bem decorada de San Francisco.

Ao examinar a mansão Van Faulken, Thomasina se decepcionou. Embora reconhecesse o estilo requintado, aquela casa não se comparava com a magnífica residência de tijolos brancos e imponentes colunas de mármore, rodeada por jardins impecáveis, cuja lembrança permanecia gravada em sua memória.

Inexplicavelmente, aquela recordação vinha à tona em momentos imprevisíveis e, sempre que Thomasina tentava rememorar os detalhes ou evocar o ambiente, a visão se desfazia em sua mente. Ela só se lembrava que fora muito feliz nesse lugar misterioso.

Havia também uma outra casa da qual ela se recordava apenas quando tinha pesadelos. Era uma imensa construção de pedra cinzenta, com centenas de janelas que se abriam para um pátio, fitando os recém-chegados como olhos vazios de expressão, corredores sombrios que pareciam não ter fim e cadeiras desconfortáveis de brocado e pernas douradas, colunas com figuras diabólicas esculpidas em mármore.

Com a angústia exacerbada dos sonhos maus, Thomasina corria pelas salas desertas, até o imenso salão de baile. Todos os móveis, cobertos por panos brancos se transformavam em vultos ameaçadores e, no teto muito alto, um colossal lustre de cristal movia seus braços como uma gigantesca aranha.

Ela forçou-se a não pensar pois, decididamente, não era o momento ideal para reviver pesadelos infantis... não antes de seu primeiro e, se Deus a ajudasse, último baile! Embora tivesse relutado por muito tempo em cumprir aquele compromisso, Thomasina acabara se entusiasmando, porém não pelos motivos que Prudence imaginava.

O baile de apresentação à sociedade, tão importante para as outras jovens, significava, para Thomasina, o último obstáculo a ser transposto, a barreira final entre os sonhos maternos e sua verdadeira vocação. Quando aquela noite terminasse e ela demonstrasse, mais uma vez, sua firmeza e determinação, sua mãe perceberia que a alegria inconseqüente da vida social não tinha encanto algum para a filha e desistiria de transformá-la em uma dama sofisticada.

Então, restaria apenas o problema de encontrar um médico que a contratasse como assistente. Tinha de existir alguém, em algum lugar, que lhe desse essa oportunidade.

Thomasina franziu a testa ao perceber que a figura máscula do Dr. Rafferty voltava a ocupar seus pensamentos. Se ele a visse agora, envolta em babados e enfeites cintilantes, certamente se sentiria ainda mais convencido de que não errara em sua avaliação. As mãos cobertas por finas luvas brancas não pareciam capazes de manejar um bisturi ou dar pontos em ferimentos sangrentos. Mas sabia que, algum dia, se encontraria ao lado de um médico, ajudando-o a salvar a vida de outros seres humanos. Tinha certeza absoluta de que atingiria seu objetivo porque só desistiria quando alcançasse o sucesso.



A carruagem quase parou ao entrar na alameda da mansão Valnoy, já cheia de veículos que se detinham para desembarcar seus passageiros.

— Um verdadeiro congestionamento de trânsito! Acho que todas as pessoas importantes do estado vieram ao aniversário de Regine. — Agatha deu um sorriso sem malícia. — Na verdade, este baile é quase uma obrigação pois ninguém ousa ofender a rainha da sociedade de San Francisco. Afinal, quem quer se tornar um pária social?

A autoconfiança de Thomasina, tão frágil, sofreu um rude abalo diante das palavras de Agatha. Sua mãe devia ter-lhe dado mais tempo para se acostumar com a idéia de que Regine Valnoy era sua avó. Como essa senhora que tiranizava a sociedade reagiria ao encontrar a filha de Prudence?

— Ela deve ser extremamente desagradável — murmurou Thomasina, a cada instante mais tensa.

— De modo algum! — exclamou Agatha, sempre sorrindo. — Eu a descreveria como sendo uma mulher muito poderosa mas também fascinante. Embora seja dez anos mais velha do que eu, Regine é capaz de seduzir o seu maior inimigo, se assim o desejar.

Thomasina sabia que a festa de Regine Valnoy era um evento de importância especial para as famílias de origem francesa. Criara-se uma tradição de combinar a comemoração do aniversário da matriarca com o baile onde debutaria a nata da elite de San Francisco. Qualquer jovem bem educada poderia comparecer desde que fosse apresentada por uma madrinha com um sobrenome ilustre.

Ao ter conhecimento dessa graciosa tradição, Thomasina imaginara que Regine Valnoy fosse uma encantadora e bondosa senhora da aristocracia. Na última meia hora, essa imagem idealizada revelara-se falsa pois sofrera dramáticas transformações!

A carruagem finalmente chegou ao pórtico de entrada. Agatha e sua jovem afilhada desceram diante da escadaria da mansão Valnoy e Thomasina sentiu seu coração bater mais rápido ao transpor o imponente portal. No espaçoso vestíbulo, os arranjos de flores brancas e amarelas praticamente escondiam o chão de mármore polido e as paredes recobertas por brocado dourado.

Aliviada, Thomasina percebeu que a anfitriã não estava à entrada, esperando para receber os convidados, como costumava acontecer nas reuniões mais formais. Agatha a conduziu através de aposentos de um luxo esplêndido até a parte traseira da casa, onde ficava o salão de baile e do qual descortinava uma magnífica vista da célebre baía de San Francisco.

Enquanto cruzavam as salas, Thomasina não perdia um só detalhe da requintada decoração e, ao mesmo tempo, notava a beleza dos trajes das outras convidadas. Havia uma profusão de tules, gazes e organdis em tons pastéis, sedas e cetins de todas as cores do arco-iris e tafetás em nuances que a natureza não conseguiria criar. Viam-se rendas francesas, brocados com fios de ouro e prata, bordados em que brilhava toda a espécie de pedras preciosas. O ambiente era um paraíso de cores, sons e perfumes.

Thomasina percebeu que as outras mulheres também a fitavam, examinando-a da cabeça aos pés e murmurando comentários atrás de leques sofisticados ou de mãos enluvadas e cobertas de anéis e braceletes. Embora detestasse chamar atenção sobre si mesma, aceitou essa curiosidade incômoda pois era uma prova de que estava entre as mais elegantes do baile.



— Só gostaria que elas fossem um pouco mais discretas — murmurou Thomasina no ouvido de Agatha. — Tenho a impressão de que estou com os cabelos em pé ou talvez com uma mancha na ponta do nariz!

— Não preste atenção nelas, querida — disse Agatha, enquanto cumprimentava os inúmeros conhecidos, com um aceno de cabeça. — Um rosto novo e tão bonito em uma sociedade fechada como esta tende a provocar curiosidade e interesse.

Agatha reconhecia que Thomasina era uma das mais belas entre as jovens presentes, mas o interesse que estava atraindo lhe parecia excessivo. Será que todos haviam notado a semelhança de sua protegida com o pai, o filho querido de Regine Vainoy?

— Antes da noite terminar, você terá feito muitos amigos — prosseguiu Agatha, novamente encantada por estar em um baile como os de sua juventude. — E também terá conquistado muitos corações! Pelos olhares que recebeu desde sua entrada, aposto que seu carne de baile estará completo antes do início da valsa de abertura.

Thomasina olhou de soslaio para os dois jovens que a fitavam com insistência e enrubescou. Ambos tinham rostos agradáveis mas sem nenhum traço em especial que demonstrasse uma personalidade marcante. Então percebeu que estava comparando-os com o dr. Brendan Rafferty. Também não compreendia por que acreditava ser possível conversar sobre esse baile com ele e inaceitável discutir os sintomas de alguma doença escabrosa com os dois rapazes!

Este baile não tinha nenhuma semelhança com os saraus musicais da escola ou com as festas informais que sua mãe oferecia em Nova York. Thomasina estava se sentindo pouco à vontade, canhestra e extremamente insegura. Insegura sobre como seria recebida pela assustadora Regine Vainoy.

Por que viera ao baile? Ela não pertencia a esse ambiente sofisticado, não tivera amizades aristocráticas nem partilhava recordações de uma infância em comum... Não conhecia ninguém! Apesar das esperanças maternas, das roupas requintadas e da proteção carinhosa de uma madrinha como Agatha, continuava a se julgar uma impostora, uma intrusa nessa sociedade fechada e que não lhe abriria voluntariamente as portas. Não passava de uma reles desconhecida que desempenhava um papel sem muita convicção, já antecipando o fracasso.

Ah! Ela daria tudo para estar no aconchego de seu quarto, na serenidade da casa de prima Agatha, lendo sobre os novos métodos da cirurgia ortopédica no livro de Mandell!

Mas de nada adiantava sofrer. Ela fora envolvida pela multidão que se espalhava pelo salão de baile, à espera da entrada triunfal de madame Vainoy. A majestosa matriarca se acomodaria na plataforma erguida diante das janelas, junto a um reduzido e seleto grupo de outras senhoras aristocratas, e a procissão de debutantes se iniciaria. O nome de cada uma seria enunciado, a jovem faria uma reverência diante da anfitriã, outra para os demais convidados e se tornaria, oficialmente, parte da sociedade.

Apesar do nervosismo e da tensão, Thomasina sempre se divertia com as expressões usadas pelas matronas para designar a entrada das jovens na sociedade. As debutantes eram tratadas como se fossem navios a serem lançados ao mar, à espera que estourassem a garrafa de champanhe em seu casco para iniciar a viagem inaugural!



Decidida a cumprir aquele dever penoso por amor à mãe, Thomasina acompanhava a prima Agatha através do salão de baile. Por um instante, ela se distraiu, observando o magnífico lustre de cristal de Veneza e o brilho das velas quase a cegou.

Thomasina não saberia dizer como aconteceu. Num momento, estava ao lado de Agatha, elogiando o lustre e, no outro, viu a prima no extremo oposto do salão, para onde fora levada péla multidão. As duas se comunicaram por sinais, deixando claro que voltariam a se reunir tão logo houvesse uma possibilidade de atravessar a massa compacta de convidados. Ela sentiu-se desprotegida e vulnerável sem a presença reconfortante de sua madrinha, mas por sorte, já fora informada sobre todas as etapas de sua apresentação à madame Vainoy e saberia se comportar quando chegasse o momento.

Insegura por estar sem a proteção de Agatha, Thomasina se refugiou junto a uma coluna para esperar que o movimento em direção ao centro do salão se acalmasse. Ela percebeu que os olhares em sua direção eram agora menos disfarçados. Dois rapazes a fitavam com interesse declarado, ansiosos por se aproximarem mesmo sem terem sido apresentados. Uma matrona de expressão altiva, que acompanhava a filha pouco dotada de beleza, a examinava com indisfarçável ressentimento. Os olhos frios e os lábios firmemente comprimidos indicavam que não demonstraria simpatia por ninguém e, em especial, pela linda jovem de cabelos cor de cobre, uma rival perigosa demais para as debutantes menos atraentes.

Ao se afastar da hostil senhora, Thomasina encontrou um par de fascinantes olhos azuis que a encaravam com admiração. O rapaz que a fitava, sorrindo, era atraente, com cabelos dourados e traços aristocráticos.

— Posso oferecer-lhe uma taça de ponche, mademoiselle! — disse ele, curvando-se com polidez — Ou se recusará a falar comigo quando descobrir a inexistência de uma única gota de sangue francês em minhas veias ou se lembrar da falta de uma apresentação formal entre nós?

Aquela situação inquietante estava fora do alcance da experiência de Thomasina. Enquanto ela tentava encontrar uma saída que não a comprometesse aos olhos das outras matronas, sempre atentas aos menores deslizes de etiqueta, viu que o rapaz detinha um outro convidado e lhe retirava das mãos a taça de ponche.

— Muito obrigado, monsieur LeGuin. Fico-lhe eternamente grato por ter surgido neste exato momento com uma taça de ponche nas mãos... para que eu possa oferecê-la a esta senhorita. Prometo apresentá-lo à jovem beldade no decorrer da noite.

Sem derramar uma gota, ele virou-se rapidamente para Thomasina e entregou-lhe a taça.

— Ah! Este líquido cor de rubi foi abençoado pelos deuses pois servirá de orvalho para lábios macios como pétalas de rosa...

A expressão do desconhecido era da mais absoluta seriedade mas Thomasina tinha certeza de que se tratava de uma ironia e não de um elogio. Ninguém usaria expressões tão rebuscadas a não ser com intuito de zombaria! Mas, apesar de estar sendo ridicularizada e da falta de uma apresentação formal, ela admirou-lhe a ousadia e se encantou com brilho malicioso de seus olhos azuis.



— O senhor é um poeta ou apenas um perito em conquistar jovens inexperientes e tolas?

— Devo confessar a verdade, senhorita! Não sou poeta nem um conquistador incorrigível mas simplesmente Douglas Wilks, de Filadélfia, derrotado pelo seu encanto.

— Ele não disfarçava sua admiração por Thomasina. — Dê-me a honra de dançar comigo a primeira música da noite... se é que já não a prometeu a alguém. Será uma valsa, é claro.

Thomasina realmente gostaria de dançar com aquele rapaz que parecia ter senso de humor e era bastante atraente, mas precisava lembrar-se da rigidez das convenções sociais.

— Antes de aceitar, devo perguntar a minha prima se você é uma pessoa de respeito ou um caça-dotes mais atraído por uma possível fortuna do que pelo meus encantos.

Douglas Wilks manteve o sorriso encantador mas suas feições se alteraram sutilmente. Por uma fração de segundo, Thomasina acreditou ter visto um brilho duro nos olhos azuis e uma expressão calculista nos traços perfeitos. A transformação foi breve demais e ela concluiu que só podia ser um engano provocado pela luz das velas. Convenceu-se de que tirara uma conclusão falsa pois simpatizara com aquele rapaz atraente e gostaria de conhecê-lo melhor.

— Cumprimento-a por sua prudência, mademoiselle. Entretanto, deve saber que até os caça-dotes podem se apaixonar perdidamente.

Ele beijou-lhe as mãos com uma intimidade excessiva para as circunstâncias. Não tinham sido apresentados e estavam em um lugar público. Assustada, Thomasina afastou-se bruscamente mas não teve tempo de censurá-lo pelo gesto ousado. Uma jovem magra, com cabelos de um loiro esmaecido e olhos de um colorido pálido parara ao lado deles e esperava uma brecha para intervir na conversa.

— Por favor, desculpe-me, mademoiselle. A Srta. Parise é uma grande amiga e pressinto que precisa falar comigo.

O rapaz desapareceu entre a multidão, acompanhado pela jovem magra. Thomasina não pôde examinar com mais atenção o vestido da Srta. Parise porque uma corpulenta matrona, envolvida por enormes babados de tafetá, parou a sua frente, bloqueando-lhe a visão.

Aquele encontro fortuito deu-lhe alma nova. Douglas Wilks era extremamente simpático e agora ela não se sentia mais tão só pois conhecia alguém no baile e teria um par para dançar.

Novos convidados continuavam a chegar e logo o aroma intoxicante dos perfumes e das flores tornou-se sufocante. Thomasina avistou Agatha junto às portas que se abriam para o jardim e tentou cruzar a multidão para aproximar-se da prima. Com um sorriso fixo nos lábios, ela avançou sem olhar para ninguém em especial.

Então notou que um senhor corpulento a fitava com uma expressão de surpresa chocada no rosto gordo. Thomasina enrubesceu. Talvez aquele homem a achasse parecida com Thomas Valnoy e... e as outras pessoas? Todos os olhares que recebera naquela noite teriam sido por esse motivo?



Subitamente, um silêncio respeitoso desceu sobre o salão. A multidão se dividiu como se estivesse abrindo caminho e uma senhora surgiu, emoldurada pelas portas do jardim.

A velha dama parecia frágil demais para o peso da enorme quantidade de brilhantes que lhe adornavam o pescoço, os pulsos, os dedos e coroavam-lhe os cabelos grisalhos. Entretanto, apesar da bengala de marfim e ouro que indicava uma certa dificuldade de movimento, a matriarca avançava pelo salão com os passos majestosos de uma rainha, acompanhada por sua corte de imponentes matronas.

Um murmúrio respeitoso erguia-se a sua passagem e o nome era repetido pelos súditos obsequiosos. Todos cumprimentavam madame Valnoy e só então Thomasina percebeu seu engano. Ela imaginara que Regine Valnoy fosse descer a escadaria para realizar uma entrada triunfal no salão de baile, mas esse recurso lhe era dispensável. Seria impossível não reconhecer a orgulhosa matriarca por seu porte majestoso e pela reação de reverência dos convidados. A orquestra iniciara uma música solene para acompanhar o progresso da anfitriã até a plataforma de honra e um senhor de cabelos brancos aproximou-se para conduzi-la à cadeira que se assemelhava a um trono.

Horrorizada, Thomasina percebeu que estava bem no caminho de madame Valnoy. Ela começou a recuar mas já não havia mais tempo. Regine Valnoy parara a sua frente e a fitava com um olhar perplexo.

— Você!

A voz, alta e impertinente ressoou no salão imobilizado pelo choque. Todos os olhares se voltaram para Thomasina, ávidos pelo desenrolar do drama. A orquestra vacilou e, após alguns acordes finais, parou de tocar. Regine não hesitou em avançar com o rosto rubro de emoção. O bater de sua bengala sobre as tábuas do chão era o único som a romper o silêncio.

Thomasina sentiu-se presa no mais terrível de seus pesadelos. Se ao menos Prudence tivesse lhe dado mais tempo de se preparar para esse encontro! Se ao menos houvessem se visto pela primeira vez em particular e não observadas pelos olhares de quatrocentas testemunhas sequiosas por um escândalo!

— Peço-lhe desculpas se a ofendi, madame. Não foi essa a minha intenção.

— O fato de você existir já é uma ofensa imperdoável — exclamou Regine Valnoy, endireitando os ombros numa atitude combativa.

— Por favor... acalme-se, madame.

— Mon Dieu! Você quer que eu me acalme? — Regine bateu freneticamente a bengala sobre as tábuas polidas do chão. — Vem a minha casa usando a safira Valnoy, que me foi roubada, e se pavoneia com essa jóia para que todos a vejam? Achou que assim coagiria, a mim e a minha família, a aceitar a sua existência?

Regine Valnoy tremia de raiva.

— Pois eu lhe repetirei o que já disse àquela mulher sem moral... um Valnoy jamais se dobra à sordidez da chantagem! Se aquela prostituta, que afirma chamar-se Prudence Wentworth, pensa que conseguirá pôr as mãos em um único centavo de minha fortuna, não podia estar mais enganada!

O som da bengala batendo sobre o assoalho ecoava no salão com o estalido seco de tiros disparados à queima-roupa.



— Sim, eu sei muito bem quem é você! É a filha daquela alcoviteira, da terrível mulher que roubou o meu filho e, após a morte dele, abriu o mais famoso bordel de New Orleans!

Thomasina sentiu o sangue fugir de seu rosto e um som surdo ecoar em seus ouvidos. Ela não podia desmaiar agora! Viu a palidez de Agatha e sensibilizou-se ao constatar que o rosto tão querido estava desfigurado pelo horror. Precisava lutar contra a vertigem e o choque!

Mas madame Valnoy não tinha reações tão sentimentais e sua fragilidade era apenas aparente. Seu rosto estava cor de púrpura e as veias saltavam, salientando-se em seu pescoço muito magro.

— Você e sua mãe acharam que Regine Valnoy transformaria a filha ilegítima de uma prostituta em sua herdeira? Eu a repudio como repudiei meu filho. Você pode estar usando a safira Valnoy mas jamais porá as mãos em um centavo meu. Prefiro deixar minha fortuna aos mendigos a permitir que seja tocada por uma bastarda inescrupulosa, manipulada por uma mulher imoral!

Os vagos pressentimentos de Thomasina estavam se concretizando de uma forma brutal. Lembranças antigas e episódios de sua vida, que ela nunca analisara depois de ficar adulta, começavam a se encaixar, revelando uma realidade penosa. O horror retratado no rosto sempre tão sereno de prima Agatha apenas confirmava a verdade das palavras de Regine Valnoy sobre as atividades de Prudence Wentworth.

Ela era a filha ilegítima de uma prostituta. Quanto sua mãe teria pago a Agatha para que a gentil senhora participasse dessa farsa trágica? Lutando contra a vertigem que ameaçava envolvê-la, Thomasina sentiu a vergonha se transformar em um ódio incontrolável. Erguendo o queixo numa atitude de orgulhoso desafio, enfrentou a colérica matriarca com idêntica fúria.

— Sua herdeira? Pois eu não pensaria duas vezes para juntar-me aos mendigos que mencionou a aceitar um centavo do seu maldito dinheiro. Se pensou que vim até sua casa para ser reconhecida como sua neta, cometeu um engano desmesurado. Prefiro ser a filha de Prudence Wentworth a usar o sobrenome Valnoy, que não reconheço em hipótese alguma. Repudio qualquer ligação com essa família como você repudiou meu pai!

Regine Valnoy reagiu com uma rapidez inesperada, erguendo a mão coberta de anéis. Thomasina não recuou em tempo e a aresta cortante de uma das pedras riscou seu rosto. Os convidados não contiveram uma exclamação de susto, mas Thomasina não ouviu nada. Lágrimas contidas a impediam de discernir a expressão horrorizada das pessoas que a fitavam. Viu apenas que seus dedos haviam se manchado de sangue após tocar a face ferida.

— Você é uma velha cruel e cheia de ódio. Agora entendo por que meu pai teve que fugir desta casa e de sua dominação doentia. Não precisa ter medo de me encontrar novamente, madame Valnoy. Farei o impossível para que nossos caminhos não se cruzem jamais!

Com dedos trêmulos, Thomasina soltou o fecho da gargantilha e jogou a jóia aos pés de Regine Valnoy. A safira emitia um brilho maligno, cintilava soberana entre as pérolas que haviam se soltado e jaziam espalhadas no chão polido.



Thomasina retirou-se do salão, tentando, em vão, manter a dignidade. Cega pelas lágrimas, com sangue no rosto e o orgulho despedaçado pela humilhação pública, ela chegou até as portas do jardim, ignorando os convidados que recuavam para lhe dar passagem.

Sem saber como, ela encontrou-se na parte lateral da mansão. Não tinha idéia de onde devia procurar a carruagem nem de como chamar o cocheiro, mas estava decidida a não ficar nem mais um minuto sob o teto de Regine Valnoy. Incapaz de conter as lágrimas, Thomasina avançou pela alameda de cascalho em direção ao portão, disposta a ir a pé para casa.

Um vulto masculino surgiu das sombras. Thomasina reconheceu Douglas Wilks mas continuou a caminhar como se não o tivesse visto. Com um gesto rápido, ele segurou-a pelos ombros, impedindo-a de prosseguir.

— Srta. Wentworth... por favor, me ouça. Não pode voltar a pé para casa e percebo que é essa a sua intenção. Não iria muito longe com sapatos de cetim de sola fina e vestido de baile tão leve a esta hora da noite...

Ela não conseguia livrar-se das mãos de Douglas Wilks mas a voz calma e reconfortante começou a deixá-la mais tranqüila.

— Você tem razão. Pode me ajudar, por favor? Não sei onde encontrar meu cocheiro nem como fazer para chegar a minha casa.

Um feixe de luz vindo da janela mais próxima iluminava o rosto de Douglas e Thomasina pensou ter visto a mesma expressão calculista em que não acreditara antes. Mas ele era tão gentil, colocava seu casaco sobre os ombros dela com tanto carinho que só podia ser mais um engano, uma distorção causada pelo jogo de luz e sombra.

— Venha comigo, Srta. Wentworth. Eu tomarei conta de você.

— Irá me levar para casa? — perguntou ela, enquanto Douglas a conduzia até a carruagem.

Profundamente chocada pelos acontecimentos, Thomasina entrou na carruagem sem perceber que Douglas não respondera a sua pergunta. Cenas de sua recente humilhação se entrecruzavam em sua mente e ela sentia o ódio aumentar. Aquela velha cruel não podia ser a mãe de seu pai, o homem a quem Prudence tanto amara.

Só depois de muito tempo Thomasina tomou consciência do bairro mal iluminado, entrevisto pela janela da carruagem. Já haviam deixado as ladeiras típicas de Nob Hill e sua casa ficava muito próxima da mansão Vainoy. Por que ainda não tinham chegado? Onde estariam agora?

— Não é este o caminho certo! — exclamou ela, preocupada.

— O meu cocheiro não conhece bem esta área, mademoiselle. — Douglas segurou as mãos de Thomasina, para confortá-la. — Talvez ele tenha se perdido.

Douglas inclinou-se pela janela e conversou por alguns instantes com o cocheiro.

— Aconteceu o que eu previa. Mason se confundiu com as ruas, realmente muito parecidas, e estava dando voltas para encontrar o caminho certo, esperando que nós não notássemos seu engano. — Enquanto ele falava, a carruagem se deteve. — Pedi-lhe que parasse nesta taverna, uma das menos rústicas do bairro. Podemos jantar enquanto ele descobre a rota para chegar até sua casa.



— Agradeço a sua gentileza mas não posso jantar com você em um lugar público. Nós não nos conhecemos e... quero apenas voltar para casa, por favor.

— Mas eu disse que a levarei para casa, mademoiselle.

O cocheiro abriu a porta da carruagem e Douglas a empurrou para fora com impaciência.

— Não se preocupe com a etiqueta, querida. Você não tem motivos para sentir medo de mim.

Thomasina lutava contra um pressentimento funesto. A taverna era ainda mais sórdida do que imaginara e certamente os freqüentadores não seriam cavalheiros bem educados. Ela percebia, pelo cheiro de maresia, que estavam em alguma rua da região do porto, um lugar perigoso até à luz do dia. Seu companheiro porém demonstrava irritação com sua demora.

— Com efeito, Srta. Wentworth! Será muito pior para a sua reputação se ficar parada comigo em plena rua. Pedirei ao dono da taverna para nos servir o jantar em uma saleta particular, pois assim ficará protegida dos olhares curiosos e ninguém saberá que freqüentou um lugar público na companhia de um desconhecido. Eu estou morrendo de fome. Saímos da casa de Regine Valnoy antes do jantar ser servido.

Era verdade que o cocheiro precisava descobrir o caminho para a casa de prima Agatha e que ela devia sentir-se grata a seu salvador. Douglas decidira ajudá-la e por isso perderia o jantar e o baile na mansão de Regine Valnoy. Só lhe restava demonstrar seu agradecimento, deixando de agir como uma donzela ofendida.

— Está bem. Vamos entrar.

O interior da taverna só aumentou o temor de Thomasina. O local era imundo, mal iluminado e havia um forte cheiro de repolho cozido. Ela não podia pensar em comida sem sentir náuseas e decidiu tomar apenas um chá enquanto Douglas jantava.

— Porteiro!

Douglas se dirigira a um balcão em vez de entrar diretamente na sala de refeições da taverna. Após alguns instantes, um homem gordo e de uniforme tão sujo quanto o resto do ambiente surgiu por detrás das cortinas rasgadas junto à porta da entrada e os fitou com uma expressão de surpresa. Então, depois de examinar Thomasina, ele deu um sorriso licencioso.

— Precisamos de uma saleta particular — declarou Douglas, dando um passo em direção ao homem. — Para podermos jantar sozinhos, entende?

— É mesmo? Pois não temos nenhuma saleta nesta taverna. Há um quarto no andar de cima, com mesa, cadeiras e uma bela cama. Deve servir para o que vocês querem.

O pânico de Thomasina crescia enquanto ela e Douglas seguiam o dono da taverna pela escada estreita e escura. Estava em uma parte desconhecida e perigosa da cidade, com um homem que não lhe fora apresentado! Como pudera se arriscar tanto?

Pela porta entreaberta, ela avistou um castiçal sobre a mesa e, subitamente, ouviu a porta sendo fechada às suas costas. Embora já tomada pelo desespero, rezou para que seu medo fosse sem fundamento e pediu a Deus que a ajudasse a superar uma situação perigosa.

Bastou um olhar pelo quarto para que aumentasse a sua sensação de perigo. A parede e a mesa estavam riscadas com os nomes de antigos ocupantes e uma cama



imensa, com lençóis sujos, indicava que aquele aposento era usado pelos marinheiros e prostitutas do cais. O cheiro de bolor e de sujeira eram sufocantes.

Thomasina nunca se sujeitaria a ficar naquele quarto sórdido com ninguém e muito menos com um desconhecido que a cada momento se tornava mais ameaçador. Se o Sr. Wilks estava tão faminto que não podia esperar até levá-la para casa e depois jantar, ela enfrentaria os perigos de ficar sozinha no cais durante a madrugada e o esperaria na carruagem.

Então, antes que pudesse expor sua decisão, ouviu o som da tranca sendo fechada. Thomasina virou-se rapidamente e encontrou Douglas Wilks muito próximo e com um sorriso maldoso nos lábios. A mudança na expressão dele provocou-lhe um intenso pânico, no entanto ela tentou demonstrar uma calma que não sentia.

— Abra a porta, Sr. Wilks. Decidi que não permanecerei neste quarto imundo por nem mais um segundo!

— Ah! Minha querida Srta. Wentworth... Ou será que deveria chamá-la de mademoiselle Valnoy? Eu não pretendo deixá-la sair deste quarto, que realmente está imundo, tão cedo!

Thomasina tentou desviar-se dele para chegar até a porta.

— Então irei embora sem a sua companhia, Sr. Wilks.

— Acha mesmo, mademoiselle ? — ele segurou-a com brutalidade pelos ombros. — É melhor se acostumar com este ambiente sórdido porque nós passaremos a noite aqui, minha querida. Tenho certeza de que sua adorável mamãe lhe ensinou todos os truques da profissão. A filha da dona de um bordel deve saber todas as artes do ofício.

Paralisada pelo terror, Thomasina recuou até encostar na parede úmida de bolor.

— E nós teremos muito tempo para saborear cada um de seus artifícios para satisfazer um homem — a voz dele era suave, mas o desejo brilhava nos olhos muito azuis e enganadoramente gentis. — Você terá a noite inteira para praticar comigo todas as técnicas sexuais que aprendeu no bordel...

CAPÍTULO III

Thomasina sentiu orgulho de sua aparente firmeza. A voz calma não refletia o pânico que se apoderara dela, quase impedindo-a de respirar.

— A noite inteira ao seu lado? Eu não passaria cinco minutos no paraíso com um patife inescrupuloso como você!

— E por acaso acha que tem alguma escolha, boneca?

Quando Douglas a puxou para mais perto com brutalidade, a dor e o ódio suplantaram o medo e Thomasina reagiu com fúria. Num gesto instintivo, ela o estapeou, sem pensar nas consequências.

— Vagabunda!

A marca rubra de seus dedos se destacava no rosto pálido de Douglas. Ele enrubescceu, tomado por uma cólera descontrolada e Thomasina arrependeu-se do gesto inútil que apenas intensificaria a violência de seu inimigo.

— Você me paga!



Agarrando-a pelos ombros, Douglas começou a empurrá-la em direção à cama. Ela não tinha forças suficientes para fugir das mãos que a brutalizavam e logo a forçariam a se submeter. Quando Thomasina sentiu que estava prestes a ser jogada sobre o colchão, tomou uma atitude desesperada. Erguendo o joelho, atingiu-o com violência entre as pernas.

Ela sabia que precisaria aproveitar cada segundo. Enquanto Douglas permanecia curvado, gemendo de dor e praguejando, Thomasina correu para a porta. A tranca, enferrujada e difícil de ser movida por seus dedos trêmulos, foi finalmente aberta no último momento.

Douglas se recuperara o suficiente para cruzar o quarto e avançar para ela com uma expressão de ódio mortal no rosto ainda desfigurado pela dor. Thomasina esperou que ele se aproximasse mais e, saindo para o corredor sombrio, empurrou a porta com toda a violência de que era capaz, atingindo-o no nariz.

Thomasina não esperou para apreciar os resultados de sua agressão inesperada. A sua infância de liberdade e travessuras agora ajudava-a a ultrapassar obstáculos que as debutantes graciosas e polidas certamente não superariam. Erguendo a saia de babados esvoaçantes, ela desceu a escada pulando os degraus e ouvindo às suas costas os gritos enfurecidos de Douglas.

Ela conseguiu cruzar o vestíbulo diminuto e alcançar a rua antes dos passos de Douglas ressoarem sobre a escada de madeira tosca da taverna.

Uma espessa névoa descia sobre a cidade. Ainda era possível entrever a esquina, bastante próxima, mas logo o manto branco cobriria as ruas e cada passo seria uma aventura no desconhecido.

A voz de Douglas, descontrolada pelo ódio, soou mais perto. Thomasina entrou em pânico e entregou-se cegamente à proteção perigosa da neblina.

O dr. Rafferty atravessou o saguão do edifício da Sociedade Científica sem disfarçar a fúria. A reunião terminara naquele instante. Abruptamente.

O alarido que ainda ecoava na sala de conferências chegava até a rua e um transeunte parou diante da casa, assustado. Rafferty já estava na calçada quando um homem, de casaca e cartola, chegou à porta, gritando. Não era possível entender as palavras que se perdiam no barulho generalizado mas ninguém teria dúvidas sobre seu tom ofensivo.

Parando no meio da rua, Rafferty brandiu o punho na direção do homem à porta e de todos os outros que o rodeavam, unidos como se fosse preciso protegê-lo de alguma ameaça.

— Vá para o inferno, Harrison — berrou Rafferty, enfurecido. — E leve consigo todos esses cretinos, filhos de pais idiotas! Como vocês conseguem acreditar que uma mulher tenha condições de se recuperar do trauma do parto, passando um mês na cama sem nenhuma atividade, é algo além da minha imaginação!

O temperamento tempestuoso de Rafferty era uma herança que passava de pai para filho em sua geniosa família irlandesa. Ele sentia o sangue ferver em suas veias enquanto avançava pela rua deserta, afastando-se o mais depressa possível daquele grupo de teimosos irracionais.



Rafferty caminhava, praguejando em voz alta, contra a teoria absurda do Dr. Harrison. Aquele idiota acreditava que o baixo índice de moléstias pós-parto no México se devia à constituição robusta das camponesas e não porque o repouso excessivamente prolongado das mulheres americanas fosse prejudicial ao restabelecimento da saúde.

O resto daquele grupo de ignorantes preconceituosos não pensara duas vezes para concordar com seu estimado colega. Rafferty resmungava para si mesmo que perdera sua última noite nos Estados Unidos discutindo com um bando de incompetentes, cegos a toda opinião que contrariasse seus métodos arcaicos. Ele fora ingênuo e tolo ao pensar que os convenceria e por isso desperdiçara a derradeira chance de divertir-se em uma cidade civilizada antes de retornar ao México.

Fechando a gola do sobretudo para proteger-se do vento frio, Rafferty enveredou na direção do porto. Uma garoa fina começara a cair e, muito em breve, se transformaria em neblina. Ele se orgulhava de seu dom de prever, como todos os irlandeses, as mudanças do tempo, do mar e das mulheres. O dia seguinte amanheceria ensolarado, após a chuva que certamente chegaria de madrugada, lavando as ruas e as casas.

Os sons e os aromas típicos de um porto o lembravam do lar, em um vilarejo à beira mar, na sua adorada Irlanda. Enfiando as mãos nos bolsos do sobretudo, num gesto de irritação, ele começou a andar mais rapidamente. Não estava com vontade de despertar seu lado sentimental, recordando o passado.

Na verdade, seu maior desejo, naquele momento, era se envolver em uma boa briga!

Thomasina não conseguiu ir muito longe. A neblina estava mais espessa do que ela previra e, após dar meia dúzia de passos, perdera completamente a direção. Desorientada, não sabia se devia prosseguir ou recuar. A taverna estava às suas costas logo à frente? O coração quase saltou em seu peito ao ouviu risadas muito próximas e, seguindo um impulso, aventurou-se na direção oposta.

Também não imaginara que seria difícil caminhar nas ruas molhadas e escorregadias com seus delicados sapatos de baile. As solas, muito finas, deslizavam sobre as pedras e ela levou mais um tombo inesperadamente doloroso.

A neblina a envolvia como uma nuvem de espessa fumaça. Enquanto se erguia com dificuldade, Thomasina distinguiu uma silhueta masculina, distorcida pela névoa. Ela não ignorava o perigo de abordar um desconhecido, em plena noite e na região do cais, revelando que estava completamente desprotegida, mas talvez conseguisse ajuda. Valeria a pena arriscar ou devia continuar fugindo sem saber para onde ia?

Escorregou novamente, deslizando na direção das pernas que se aproximavam. A cortina de névoa se abriu como a de um leatro e, no centro do palco, surgiu Douglas Wilks. Ele fez uma reverência para a única espectadora na platéia.

— Vejo que está de volta à sarjeta de onde nunca deveria ter saído, vagabunda.

Thomasina tateou a rua de calçamento desigual à procura de uma pedra, de um pedaço de pau, de algo que pudesse servir-lhe de arma e a ajudasse a ganhar tempo. Sentiu o chão áspero ferir-lhe os dedos mas não encontrou nada. Douglas a puxava pela manga do vestido e o tecido frágil se rompeu, rasgando até a cintura.

Era preciso chamar a atenção de alguém. Thomasina sabia que, na região do porto, pedidos de socorro só assustariam quem passasse por perto. Ninguém ousava interferir.



Mas havia um grito que despertaria até os bêbados adormecidos sobre as mesas das tavernas, existia um apelo que provocaria reações imediatas em ruas formadas unicamente por casas de madeira.

O maior pavor dos habitantes de San Francisco era o dos incêndios.

— Fogo! Socorro! Fogo!

— Cale a boca, idiota!

Douglas tentava, em vão, cobrir a boca de Thomasina para impedi-la de gritar. Lutando com a força nascida do desespero, ela conseguiu afastar-lhe a mão e agarrou-se a um poste.

— Fogo! Fogo!

A resposta a seus gritos não tardou. O som de passos que corriam renovou suas esperanças e um homem surgiu em meio à névoa.

Rafferty se apressara ao ouvir os gritos mas, para sua surpresa, não encontrou nenhuma chama que indicasse um início de incêndio. Ao romper-se a cortina de neblina, viu uma mulher em apuros e seu explosivo temperamento irlandês veio à tona. Ele agarrou o homem pela gola da casaca e o atirou para longe.

Douglas Wilks não conseguira ver quem o havia jogado de encontro a uma parede e levantou-se para enfrentar seu atacante. Ao encontrar um homem muito alto e de ombros largos, quase um gigante, teve tempo apenas de emitir uma exclamação de protesto antes do punho de Rafferty atingir, certamente, seu queixo.

Imóvel, Thomasina acompanhava a cena que se desenrolava bem diante de seus olhos, maravilhada com a esplêndida musculatura e com os punhos ágeis de seu salvador. Mas a luta foi muito breve. Rafferty acertou mais um soco no queixo de Wilks, o golpe especial que o classificara para o campeonato de boxe da Irlanda.

Desta vez Douglas Wilks não se levantou mais do chão.

Thomasina correu para junto de seu salvador, sem lembrar-se que seus sapatos deslizavam perigosamente sobre as pedras molhadas. Ela escorregou e, perdendo a direção, só não caiu porque braços fortes a ampararam com firmeza. Seu rosto estava encostado ao peito amplo de Rafferty e uma sensação de intensa paz e total segurança a envolveu.

Nada mais poderia atingi-la. Ela estava salva de todos os perigos.

Então, por que esse pânico obscuro que brotava de uma fonte secreta? Rafferty cheirava a sabonete e tabaco, sua camisa de algodão macio tocava a face de Thomasina com a suavidade de uma carícia e, no entanto, um terror primitivo a impelia a se livrar dos braços que a ameaçavam com sua força cruel.

Rafferty pôde então ver o rosto da mulher que salvara e ficou atônito ao encontrar em seus braços a mesma jovem que o procurara há uma semana para se candidatar ao cargo de assistente. Soltou-a bruscamente, cumprimentando-se por tê-la mandado embora sem perda de tempo.

Qualquer mulher que viesse ao cais do porto no meio da noite não tinha um pingo de juízo ou gostava de se arriscar muito.

— Fique calma, Srta, Wentworth. Estou apenas tentando ajudá-la.



Ela estava pálida, com a respiração alterada e seus olhos fixavam um ponto perdido no espaço. Com um esforço sobre-humano, Thomasina lutou para controlar o pânico irracional e, recuperando o controle, olhou para Rafferty.

— Desculpe a minha reação descontrolada. Eu... fiquei totalmente apavorada.

— O que é bastante compreensível — resmungou Rafferty, furioso. — O que você estava fazendo sozinha no cais do porto? E em plena noite?

As perguntas de Rafferty foram abafadas por vozes alarmadas e pelo som de passos apressados que se aproximavam. Os homens saíam das tavernas e dos bordéis para investigar o motivo dos gritos. Thomasina entrou novamente em pânico e permaneceu imóvel, sem qualquer reação.

Rafferty não hesitou nem perdeu tempo. Segurando Thomasina firmemente pela cintura, arrastou-a através da neblina espessa até se distanciar do local para onde se dirigia a multidão alarmada.

Thomasina estava assustada demais para raciocinar e, durante alguns minutos, concentrou-se apenas em correr sem perder o equilíbrio. A todo instante, ela pisava em algo escorregadio e sentia a firmeza do braço de Rafferty que a impedia de cair. Tentou agradecer apenas uma vez, pois foi severamente admoestada por abrir a boca e não ousou mais emitir um único som.

O chão das vielas estava coberto de lixo e ratazanas cruzavam-lhes o caminho, soltando guinchos de alarme. Thomasina sentia o odor pungente de maresia, bolor e putrefação mas, inexplicavelmente, detectou um leve aroma de algo medicinal e quase doce.

Deixou-se levar através do emaranhado sinistro das vielas do cais, pisando em poças de água estagnada e sobre objetos que se desfaziam sob seus pés com ruídos arrepiantes. Em nenhum momento, Thomasina sentiu medo porque tinha certeza de que seu salvador estava com a situação sob controle.

Infelizmente, Rafferty já não sabia mais nada a não ser que precisava resolver um sério problema. Tinha nas mãos uma jovem de cabelos despenteados, vestido rasgado e muito próxima do estado de choque. Se alguém os visse, a reputação de ambos estaria arruinada. Não seria difícil encontrar no cais do porto alguém que reconhecesse a Srta. Wentworth.

Os jovens galãs da elite costumavam procurar, nas madrugadas violentas do porto, a excitação de uma aventura perigosa. As prostitutas que ofereciam seus serviços naquelas ruas sórdidas não recusavam clientes, aceitando tanto os representantes das mais ricas e aristocráticas famílias de San Francisco quanto marinheiros que já haviam provado sua coragem ao cruzar o cabo Horn.

A julgar pelo luxuoso vestido de baile, aquela jovem pertencia à elite e poderia ser vista por alguém que freqüentasse os mesmos círculos. Precisava levá-la urgentemente para casa, a fim de evitar um escândalo social e ameaçasse a sua reputação como médico.

O rosto da Srta. Wentworth voltava-se para ele com uma expressão de extrema confiança e, infelizmente, tinha a beleza frágil de uma flor de estufa. Rafferty sentiu um desejo incontrollável de protegê-la de todos os perigos. Assustado com essa emoção desconhecida e alarmante, reagiu com inesperada rispidez.



— Onde você mora?

— Na casa de prima Agatha. Fica em Duke Street. — Chocada com a secura inexplicável de seu salvador, Thomasina começou a falar ininterruptamente: — Eu e minha mãe somos suas hóspedes e...

— É muito longe — interrompeu Rafferty, recomeçando a andar através da neblina. — Você não conseguiria caminhar com esses malditos sapatos de cetim e, a esta hora, não conseguiremos encontrar nenhuma carruagem de aluguel. Os cocheiros preferem morrer de fome a se aproximar do cais depois que escurece. Tenho que descobrir uma outra saída...

A hospedaria da taverna Buonaventura ficava a menos de cem metros do local onde estavam e Rafferty não perdeu tempo para tomar uma decisão. Alguns minutos mais tarde, ele usou de toda a sua engenhosidade e conduziu Thomasina até seu quarto. Se o hospedeiro os visse entrar, poderia confundi-la com uma dama da noite, o que seria bastante desagradável porém não apresentava nenhum perigo futuro.

Thomasina sentiu um profundo alívio ao perceber que o quarto era limpo e cheirava a sabonete. Depois de sua aventura através de ruas mal cheirosas, era um prazer respirar o aroma de limpeza. Talvez não fosse tão agradável enfrentar o Dr. Rafferty que, depois de acender o lampião, parou diante dela com os braços cruzados à espera de uma explicação.

— Agora pode começar a me contar toda a história, Srta. Wentworth!

— Sinto muito mas o problema que provocou a minha terrível situação envolve outras pessoas e não posso revelar segredos alheios, Dr. Rafferty. — Ela evitou fitá-lo para não perder a coragem. — Quero ir para casa.

— Pois não vai dar nenhum passo antes de me explicar essa "terrível" situação que a trouxe ao cais do porto em plena madrugada, mocinha! Eu não acredito...

Rafferty interrompeu-se subitamente e cambaleou. Soltando um grito de alarme, Thomasina apontou para uma mancha no sobretudo dele que crescia a olhos vistos.

— O senhor foi ferido, Dr. Rafferty. Sente-se enquanto eu o examino. — Com a voz novamente firme, Thomasina tomou as rédeas da situação. — Não se preocupe. Não pode ser nada muito sério ou não teria conseguido vir até este quarto sem sentir nada.

Pela primeira vez em toda a sua vida, Rafferty ficou sem fala.

— Não se mexa — ordenou ela, enfiando a mão sob o pesado casaco a fim de encontrar o ferimento.

Ele nunca ficara doente e não estava acostumado a ser tratado como um paciente. Também não sentia, há muito tempo, a suavidade de uma mão feminina tocando sua pele. A sensação de tontura se intensificou perigosamente e Rafferty, afastando a jovem, verificou pessoalmente seu ferimento.

— Abra logo a janela! — gritou ele, ao perceber que sua mão estava molhada porém não havia sangue em seus dedos. — Depressa!

Sem perda de tempo, Rafferty tirou o sobretudo e começou a arrancar a camisa. Ouvia sua própria voz vindo de muito longe e seus gestos eram lentos demais. A cada segundo tornava-se mais difícil manter-se em pé, o quarto girando ao seu redor.



Thomasina o fitava, sem disfarçar a curiosidade. Não havia nenhum ferimento no peito amplo e musculoso! Um cheiro adocicado se intensificou com os movimentos do Dr. Rafferty e tomou conta do quarto. Assustada, ela correu para abrir a janela.

— Maldito! — exclamou Rafferty, tentando alcançar a mesa onde deixara sua maleta de primeiros socorros. — Aquele miserável quebrou o vidro que eu sempre carreguei no bolso! É uma ampola de...

— Clorofórmio. — completou Thomasina.

— Clorofórmio... — murmurou ele, segundos antes de desmaiar.

Thomasina só conseguiu abrir uma fresta da janela. A madeira, velha e há longo tempo empenada, resistiu a seus esforços e cedeu apenas vinte centímetros. Ao colocar o sobretudo do Dr. Rafferty sobre o batente para que o restante do clorofórmio se evaporasse, ela verificou que o nevoeiro continuava a cobrir a cidade com seu manto branco.

Não havia nada a fazer a não ser esperar. Thomasina sentou-se sobre o colchão gasto para observar o gigante adormecido aos seus pés. Ele parecia muito mais jovem, quase vulnerável, e os cílios negros e espessos, que causariam inveja a qualquer mulher, faziam sombra em seu rosto másculo. Talvez fosse a sua altura excessiva e a intensidade de sua expressão que o transformassem em uma pessoa tão intimidante quando estava acordado.

Ela não tivera forças para erguê-lo do chão. Colocara um travesseiro sob a cabeça de Rafferty e o cobrira com o único cobertor que encontrara no quarto. Com o que se agasalharia agora que o vento frio e úmido vindo do mar soprava pela janela entreaberta? Seu vestido, decotado e com a saia de babados diáfanos servia para noites cálidas em salões de baile aquecidos, não para as madrugadas do cais do porto!

Calculando que o clorofórmio já tivesse evaporado, Thomasina retirou o sobretudo do Dr. Rafferty da janela. Após verificar que não restava nenhum odor suspeito, ela vestiu o agasalho, sentindo-se reconfortada com o toque macio da lã gasta e usada.

Se ao menos ela tivesse um conhecimento um pouco mais profundo de medicina! Rafferty estava inconsciente há mais de quinze minutos e ela começava a ficar extremamente preocupada com a duração daquele desmaio. Já havia lido inúmeros artigos sobre os poderes milagrosos do clorofórmio em partos e cirurgias mas não encontrara nenhuma informação mais precisa a respeito desse anestésico nem sabia nada sobre os efeitos ou as consequências provocadas pelo uso dessa droga ainda desconhecida.

Thomasina estava cansada, com fome e sua preocupação crescia a cada instante que se passava naquele quarto sórdido. E se o desmaio se transformasse em um estado de coma? E se o Dr. Rafferty não acordasse mais?

— Não!

Assustada com a angústia refletida por sua própria voz ecoando no silêncio da noite, Thomasina tentou se acalmar. O Dr. Brendan Rafferty era forte demais para sucumbir a uma pequena dose de clorofórmio! Bastava olhar para a sua musculatura vigorosa, para o peito amplo e magnificamente bem proporcionado como o das estátuas gregas!

Ela ajoelhou-se no chão para verificar o pulso do Dr. Rafferty. O brilho precioso das pérolas bordadas em seu vestido se intensificava em contraste com as tábuas gastas e



encardidas do quarto sem luxo. Seus dedos estavam enregelados e trêmulos demais para sentir o batimento cardíaco do médico e seu pânico se aumentou.

Sem hesitar, Thomasina inclinou-se para encostar o ouvido no peito de Rafferty. As anáguas engomadas a impediam de se curvar e ela foi obrigada a reclinar-se sobre o corpo dele para distinguir as batidas do coração. Seu braço roçou a pele nua e essa inaceitável intimidade perturbou-a profundamente.

Thomasina tentou controlar o bater acelerado de seu próprio coração. Afinal, se o seu objetivo era a prática da medicina, precisava se acostumar com os contatos físicos. Ela teria que tocar corpos humanos sem a barreira puritana e reconfortante das roupas!

Ainda havia um leve odor de clorofórmio emanando do corpo de Rafferty. Thomasina encostou a cabeça no peito dele e, talvez por efeito do anestésico, sentiu o desejo incontrolável de aninhar-se no peito amplo e ficar ouvindo as batidas ritmadas do coração dele.

— Você tem a constituição de um touro — murmurou ela, agora tranqüila. — Nada lhe acontecerá, eu não permitirei que aconteça.

A voz meiga e calor de um corpo feminino muito próximo penetraram a barreira de inconsciência que mantinha Rafferty mergulhado em um sono sem sonhos. Ele tentou abraçar a mulher que se aconchegava ao encontro de seu peito, mas sua mão apenas tocou os cabelos e mechas sedosas envolveram seus dedos.

Em seu estado de torpor, Rafferty imaginava uma cabeleira brilhante cobrindo sua mão como um manto de cobre reluzente e sentia o corpo frágil, de curvas suaves, se aninhar em seus braços. Com um sorriso de plena felicidade, ele se deixou levar pelo sonho mais agradável e real que jamais tivera.

Rafferty murmurava em voz baixa mas Thomasina não conseguia entender as palavras pouco nítidas. Uma sedutora e traiçoeira sensação de felicidade e segurança impediam que ela fizesse qualquer esforço. Não queria pensar nem se afastar dos braços que a envolviam, não podia romper o contato que lhe devolvia a segurança e despertava um prazer irresistível. Ela fechou os olhos e encostou o rosto no peito amplo.

Thomasina recuou, lutando contra a vontade de se entregar à sensação de intenso prazer.

— O clorofórmio... — murmurou ela, respirando fundo para não perder a consciência.

Embora sem coordenar os movimentos, Thomasina arrastou-se até a janela entreaberta. Precisava respirar ar puro ou sucumbiria como Rafferty. Segurando-se no batente, ela conseguiu ajoelhar-se e colocar o rosto diante da fresta.

A brisa noturna, úmida e fresca, começou a afastar a sensação de desfalecimento mas Thomasina, ansiosa por resultados mais rápidos, forçou a cabeça na fresta da janela.

E não pôde mais se mover na abertura estreita entre o batente e a vidraça.

A sua posição era extremamente desconfortável, além de mortificante. Ela estava com a cabeça e o ombro presos pela solidez da madeira empenada e, quanto mais tentava escapar, mais se agravava a sua situação. Às suas costas, Rafferty respirava no ritmo tranqüilo de um sono pesado.

Acima das casas estreitas, Thomasina avistava uma claridade perolada no horizonte, indicando que a madrugada não demoraria a chegar. As velas do cais



continuavam desertas e as pedras da rua, molhadas pela garoa, brilhavam à luz baixa dos lampiões.

Um marinheiro solitário surgiu entre duas casas. Era um homem corpulento e de aparência ameaçadora, certamente um tipo de homem que não hesitaria em roubar uma mulher desamparada ou talvez ter uma atitude ainda mais perigosa. Thomasina perdeu alguns instante debatendo consigo mesma se deveria arriscar e pedir-lhe que a socorresse quando uma nova cortina de névoa cobriu a paisagem da rua. Ao se dissipar a neblina, já não havia mais ninguém à vista.

Thomasina bateu freneticamente nos caixilhos empenados, tentando movê-los para alargar um pouco mais a abertura mas apenas machucou as mãos sem conseguir afastá-los nem um único centímetro. Enfurecida, sufocou um palavrão que aprendera com um cavaleiro em sua adolescência de liberdade total.

Porque as lembranças da infância sempre vinham à tona nos momentos de emoção mais intensa? Será que o dr. Rafferty já notara esse tipo de manifestação? Existiria uma explicação científica para esse fenômeno?

Então Thomasina bateu novamente a cabeça e suas perguntas clínicas perderam a importância diante da dor. O grito que escapou de seus lábios teve consequências inesperadas.

— O que está havendo, doutor?

O som de punhos firmes batendo à porta ecoou pelo quarto.

— Abra logo, doutor. Sou eu, Tod Gumm!

Rafferty moveu-se e soltou um gemido mas Thomasina não podia virar-se para vê-lo nem saber quem tentava arrombar a porta. Ouviu o barulho de madeira se partindo e passos se aproximando dela.

— Com mil demônios! — exclamou Tod com voz rude. — Fez o doutor desmaiar com uma pancada na cabeça, não é? E já roubou a carteira dele, que deve estar enfiada no decote do seu vestido!

Uma mão pesada desceu sobre o ombro de Thomasina.

— E estava pensando em fugir pela janela? Pois pode desistir dessa idéia, vagabunda!

A janela foi aberta com um empurrão violento e Thomasina teria caído sobre as pedras da rua se não fosse puxada para trás com brutalidade. Ao virar-se, a surpresa que se estampou em seu rosto refletia a mesma incredulidade da fisionomia do desconhecido. Ela nunca vira um ser humano tão ameaçador a não ser nas gravuras de livros!

E Tod Gumm estava certo de que encontraria mais uma prostituta do cais! Nunca vira de perto uma verdadeira dama mas não podia ter dúvidas de que aquela mulher era uma princesa dos contos de fada, apesar do vestido amassado e dos cachos que caíam revoltos sobre seu rosto encantador.

Antes que o marinheiro se recuperasse da surpresa, Thomasina apanhou o jarro de água sobre a mesa e o ergueu a sua frente.

— Não dê mais nenhum passo! Se encostar o dedo nesse homem eu atiro este jarro bem na sua cabeça!

— Céus, madame! Eu jamais faria mal ao doutor. Só arrombei a porta porque ouvi um gemido e quis ver se ele precisava de ajuda. O que aconteceu?



Thomasina não teve mais dúvidas sobre a sinceridade daquele gigante assustador.

— O dr. Rafferty perdeu a consciência quando uma ampola de anestésico, que sempre carrega no bolso, se rompeu. Também fiquei um pouco afetada e — ela enrubesceu — e foi por isso que me encontrou em uma posição tão mortificante, com metade do corpo para fora da janela. Agora o quarto está mais arejado, graças a sua ajuda. Se puder carregar o doutor até a cama, eu darei os pontos necessários para fechar o corte na testa dele.

Sem hesitar, Tod Gumm carregou Rafferty para a cama. ele sabia reconhecer uma voz de autoridade mas, ao ver que a jovem retirava uma agulha do estojo de primeiros socorros, ficou alarmado. Uma dama talvez soubesse bordar, mas nunca ouvira falar que elas dessem pontos em ferimentos!

— Acho melhor não mexer no estojo do doutor. Também não sei se deve...

— Não se preocupe com nada. Sou estudante de medicina e sei muito bem o que estou fazendo. — Apontou para Rafferty. — Segure as mãos dele para que não se mova enquanto eu dou os pontos.

Tod Gumm não protestou mais. Aquela moça, que parecia ter saído de um quadro, não podia estar mentindo.

Thomasina concentrou-se em dar os três pontos necessários para fechar o ferimento na testa de Rafferty. Era um corte pequeno mas profundo e certamente provocado por algum golpe de Douglas Wilks.

— Um trabalho perfeito! — exclamou Tod Gumm, quando Thomasina terminou.

A expressão admirada do marinheiro aumentou a alegria de Thomasina. Embora tentasse disfarçar, ela não cabia em si de orgulho. Tinha valido a pena passar horas praticando suturas! Certamente era bem mais fácil dar minúsculos pontos em retalhos de camurça do que costurar a testa do dr. Rafferty, mas o resultado fora bastante satisfatório.

Quando seu paciente acordasse, notaria que ela se mantinha calma, tomava decisões de urgência nos momentos de crise e tinha mãos bastante firmes, qualidades essenciais para um médico que precisa atender todo o tipo de acidentes e realizar cirurgias sem se afetar com sangue.

Então, o dr. Rafferty teria a lucidez de admitir que Thomasina Wentworth nascera para praticar a medicina e era a pessoa ideai para ser sua assistente!

Se ele acordasse...

Thomasina foi obrigada a admitir que não sabia julgar com precisão o caráter das pessoas ou pelo menos se enganara redondamente a respeito do dr. Rafferty. Ele chamara uma carruagem fechada para levá-la de volta à casa de prima Agatha e, em vez de agradecer, a censurara com desnecessária rispidez.

— Se você fosse minha irmã, eu a trancaria no quarto até que recuperasse o juízo, mocinha! A região do cais é perigosa e jovens de sua idade não devem sequer se aproximar destas ruas até mesmo durante o dia! E ainda estou esperando uma explicação. O que a trouxe ao porto no meio da noite?

— A escolha não foi minha. E como já percebi que não pretende acreditar em mim, não vou satisfazer a sua mórbida curiosidade, doutor!



A petulância de Thomasina teve o efeito desejado. Rafferty recostou-se no banco da carruagem e, a julgar por sua expressão de obstinada teimosia, ele preferiria morrer a abordar novamente aquele assunto.

Aliás, de nada adiantaria insistir. Thomasina não poderia explicar o motivo de sua ida ao cais do porto em plena noite sem falar sobre sua mãe e revelar as terríveis acusações de Regine Valnoy. E, durante o longo período em que Rafferty permanecera anestesiado, ela tivera tempo demais para pensar.

Tantos detalhes dispersos começavam finalmente a fazer sentido... Tantas lembranças de sua infância se transformavam por completo agora que voltava a analisá-las com a visão de uma pessoa adulta!

Thomasina lembrava-se muito vagamente do período anterior a sua ida para a escola mas essas poucas recordações vinham agora à tona com surpreendente intensidade.

Mulheres lindas com vestidos de todas as cores do arco-iris. As amigas de Prudence, que moravam em sua casa, dormiam durante o dia e, quando o sol se punha, desciam a imponente escadaria da mansão com a graça de ninfas recém-despertadas. Pelo vão do balaústre, a pequena Thomasina, de camisola, observava a chegada dos convidados, sempre homens em trajes de noite que vinham em carruagens luxuosas...

Risos à luz prateada do luar e soluços contidos vindos dos quartos fechados durante o mormaço da tarde.

Ainda restavam algumas lembranças, vagas e imprecisas como sonhos, de uma época mais remota. Thomasina lembrava de ter se mudado de várias casas, indo de uma cidade para outra. Sempre vivera em mansões, onde cavalheiros bem vestidos visitavam sua mãe e traziam presentes para a pequena Thommy. Então, depois de meses, ou talvez anos, um novo lar e um visitante diferente.

Sem nenhuma explicação para a criança, as criadas ajudavam Prudence a fazer as malas e, durante algum tempo mãe e filha viajavam até se estabelecerem em uma cidade desconhecida. Thomasina recordava-se, em especial, de uma imensa casa de campo, onde elas eram as únicas convidadas e lhe fora possível conhecer cada recanto da propriedade, livre do controle dos adultos.

A sua lembrança mais vívida datava de alguns meses antes de ser levada para o colégio interno. O elegante castelo, de corredores sombrios e intermináveis, móveis de brocado e tapetes de colorido exótico, estava sempre presente em seus pesadelos. Mesmo no aconchego de uma carruagem fechada, sentindo a inexplicável segurança provocada por Brendan Rafferty, Thomasina não controlava o pânico que essa recordação despertava em seu íntimo.

Rafferty sentiu-a estremecer e prendeu seu sobretudo com mais firmeza sobre os ombros de Thomasina.

— Eu a aconselho a tomar uns goles de conhaque e dormir muitas horas, srta. Wentworth. É compreensível que esteja chocada com os acontecimentos desta noite e precisa de muito repouso.

— Não estou chocada, dr. Rafferty. Apenas sinto frio — declarou Thomasina com extrema secura. — Se o senhor se dignasse a ver a perfeição dos pontos que dei em sua



testa, perceberia que eu tinha as mãos firmes e, em momento algum, perdi a calma ou a lucidez.

Ele a encarou com idêntica irritação. Será que aquela garota desmiolada não se dera conta do perigo? Depois de terem se aproximado alarmantemente de desastres fatais, a irresponsável srta. Wentworth ficava se gabando da perfeição de seus pontinhos de bordado?

— Se a sua única preocupação é saber se os pontos que deu foram perfeitos ou não, nós não temos mesmo nada a discutir. Estou muito mais alarmado com o funcionamento correto de seu cérebro do que com a firmeza de suas mãos.

— Então se acalme, doutor. Tenho uma mente perfeitamente lúcida e um raciocínio perfeito!

— Não tenho nenhuma dúvida sobre a sua capacidade intelectual, srta. Wentworth. Não acredito é em sua sanidade mental.

Thomasina respirou fundo, preparando-se para discutir, mas Rafferty não lhe deu oportunidade de replicar.

— O destino a cumulou de bens. srta. Wentworth. É bonita, inteligente e, se não avaliei mal, pertence a um nível social privilegiado. Tem tudo o que poderia desejar, o mundo está ao alcance de suas mãos.

— E eu só desejo ser médica! — exclamou Thomasina, com veemência. — O único detalhe que me impede de seguir a carreira com a qual sempre sonhei, é o fato de ter nascido mulher. Se eu fosse homem, o senhor não hesitaria em me contratar como seu assistente.

— Se você fosse homem, minha cara srta. Wentworth, nenhum dos problemas que enfrentou esta noite teria acontecido!

Rafferty sentiu uma pontada de remorso por sua falta de sensibilidade diante da ansiedade de Thomasina Wentworth. Ele se esforçou por ignorar a desagradável sensação de culpa pois não podia envolver-se em problemas alheios e que não lhe diziam respeito. Aquela moça, bela e rica, logo se esqueceria de um sonho adolescente para se transformar em uma das estrelas da sociedade!

— Eu não posso mesmo ajudá-la, srta. Wentworth. Entretanto, existem meios e oportunidades para quem sabe procurá-los no lugar adequado. Conseguirá tudo o que desejar, se realmente se dedicar a perseguir seu objetivo.

Thomasina virou o rosto, fitando os fiapos de neblina que se desfaziam ao encontro da janela da carruagem. Ninguém acreditava na seriedade de seus propósitos. Nem mesmo o dr. Rafferty.

— Por favor, não fale nada agora, Thommy querida — murmurou Prudence, conduzindo-a para dentro de casa. — Mais tarde, quando estivermos a sós no quarto, ouvirei tudo o que tem a me dizer. Eu a levarei até seu quarto e, depois de acomodá-la, voltarei para servir um bom café da manhã ao dr. Rafferty. Ele foi tão gentil...

— Eu sinto muito mas não poderei aceitar o seu gracioso convite, sra. Wentworth. Devo embarcar daqui a três horas no navio que me levará de volta ao México.

Prudence tomou as rédeas da conversa pois Thomasina perdera a capacidade de falar diante de um profundo desapontamento. Brendan Rafferty estava de partida para o México! Por algumas horas preciosas, chegara a acreditar na realização de seu sonho



mais querido e o despertar estava sendo amargo. Parada à porta, viu-o descer as escadas, sob o pálido sol da manhã. Com a partida dele, morria sua última esperança.

Embora Thomasina nem sequer imaginasse, Rafferty compreendia bem demais os sentimentos que a atormentavam. Reconhecia no rosto delicado daquela jovem o mesmo brilho determinado, a mesma ânsia voluntariosa que o impelira a superar tantos obstáculos e se tornar um médico. Se ela tivesse força de vontade, persistência e se o destino a ajudasse, talvez conseguisse concretizar esse sonho, quase inatingível para uma mulher.

Ao chegar à calçada, Rafferty se deteve e virou-se para trás. Thomasina permanecia parada junto à porta, com o queixo erguido num gesto de desafio e a sua postura ereta transmitia sua intenção mais claramente do que qualquer palavra.

"Ainda ouvirá falar de mim, dr. Rafferty. Eu não desisti. Nunca desistirei!"

Se bastasse ter força de vontade e obstinação, talvez Thomasina conseguisse transpor todas as barreiras que a separavam de uma vocação que poderia ser genuína. Rafferty realmente não acreditava que fosse possível mas a jovem tinha uma habilidade excepcional para suturar ferimentos.

— Boa sorte, srta. Wentworth — disse ele, antes de entrar na carruagem.

Thomasina bateu a porta com tanta força que as arandelas de cristal estremeceram em suas armações de cobre. Então ela virou-se para enfrentar o trio que esperava as suas explicações, com a severidade de um júri.

Prudence permanecia em pé, pálida e tentando disfarçar a angústia. A prima Agatha sentara-se na cadeira junto à entrada, incapaz de controlar a respiração entrecortada pelo excesso de nervosismo. Mas era a Sra. Church quem menos escondia seus verdadeiros sentimentos e um brilho de triunfo maldoso transformava seu rosto em uma máscara vingativa.

— Não adianta falarmos sobre esse assunto desagradável. Quanto menos discutirmos o que aconteceu, mais rapidamente esqueceremos tudo.

A governanta, maldosa demais para ser discreta, avançou para perto de Thomasina com um sorriso vitorioso.

— Engana-se redondamente, mocinha! Antes do meio do dia, a cidade inteira estará se divertindo com o escândalo mais palpitante dos últimos anos em San Francisco!

— Chega, Sra. Church — pediu Agatha, mantendo a dignidade. — Já é mais do que suficiente...

— Ah, não será suficiente antes que eu termine de falar, madame! Cansei de lhe dizer que só teria problemas sérios se recebesse em sua casa essas duas... criaturas vindas da sarjeta!

Prudence empalideceu e, antes que pudesse se dirigir à governanta, Thomasina segurou-a pelo braço a fim de impedi-la de agir impulsivamente demais. Para a surpresa das duas, prima Agatha levantou-se da cadeira e enfrentou a Sra. Church, tremendo de indignação.

— Como ousa falar dessa maneira de membros de minha família? Como se atreve a ofender hóspedes que estão sob o meu teto?

— Deus é testemunha de que apenas falei a verdade, madame. — replicou a Sra. Church, rubra de cólera. — Minha felicidade não terá limites quando vir essas duas vadias



sendo escorraçadas desta casa e de San Francisco! Não passam de vagabundas que cobrem seus corpos imorais com as roupas luxuosas, compradas com o dinheiro de sua falta de vergonha. Foi isso que eu disse quando elas chegaram e agora o mundo repetirá as minhas palavras...

— Basta! — exclamou Agatha com uma surpreendente firmeza. — A única pessoa a deixar esta casa será a senhora! Está despedida!

Atônita, a Sra. Church encarou, alternadamente, as três mulheres.

— Mas... são elas, não eu... — Ela finalmente libertou a fúria que a invadira. — Não pode fazer isso comigo!

— Não posso? Em virtude de minha idade e de uma lamentável falta de saúde, permiti que dirigisse esta casa como uma déspota por tempo demais, Sra. Church. Fechei os olhos a suas atitudes arbitrarias, aceitando que agisse como se fosse a patroa e eu uma simples pensionista. A culpa foi minha por ter deixado que usurpasse a minha autoridade, mas recuperei o bom senso e a dignidade.

— Não pode me mandar embora assim!

— Ainda sou a dona desta casa e tenho o direito de escolher quem acolho sob o meu teto. A senhora receberá seis meses de salário, mas quero que esteja fora daqui antes da hora do chá. Não há mais nada para discutir. — Agatha dirigiu-se para a porta da sala com a dignidade majestosa de uma rainha. — Não permito que ninguém, criado ou aristocrata, desrespeite ou ofenda meus convidados... em especial, Prudence e minha querida Thomasina.

A prima Agatha nunca falara tanto nem demonstrara tanta firmeza e só agora Thomasina avaliava a frustração da velha senhora. Em silêncio, ela suportara a dominação da governanta, disfarçando sua humilhação e a falta de coragem para reagir.

Uma mudança surpreendente se realizava agora diante dos olhos surpresos de Thomasina, que via a prima Agatha revelar a força de uma personalidade firme. Se o gato indolente, que sempre evitava confrontos desagradáveis, houvesse se transformado em um leão, o efeito teria sido o mesmo.

A Sra. Church que também não acreditara em uma reviravolta tão inesperada, estava chocada demais para responder. Nunca imaginara que a situação pudesse se alterar, com resultados tão desastrosos para ela.

Cheia de energia, Agatha tocou a sineta e Sarah surgiu com uma prontidão excessiva. Certamente, a criada estivera ouvindo tudo atrás da porta!

— Sim, madame?

— A Sra. Church nos deixará definitivamente após o almoço. Avise Reed para trazer as malas dela do quarto e ficar com a carruagem pronta para levá-la até o centro da cidade.

— Sim, madame.

A alegria do rosto de Sarah refletia os sentimentos de todos os criados que ficariam igualmente felizes quando a insuportável e tirânica governanta deixasse aquela casa. Thomasina também se sentia aliviada ao pensar que não mais encontraria fisionomias tensas e assustadas nem ouviria o choro manso vindo da cozinha.



Até o gato parecia ter notado a diferença na atmosfera da casa. Julius Caesar deitou-se no centro do vestíbulo, sob um raio de sol, e começou a lamber languidamente as patinhas.

— Por favor, não se aborreçam com esta cena lamentável pois não há motivo para se sentirem culpadas — disse Agatha, com uma expressão serena. — Eu deveria ter despedido a Sra. Church há muitos anos. Creio que Sarah seja bastante experiente para assumir o cargo de governanta com mais eficiência e tranqüilidade para todos nós.

Agatha fitou Prudence com um olhar inesperadamente autoritário.

— Eu gostaria de conversar alguns instantes com Thomasina... a sós, querida Prudence.

— Pois não — concordou Prudence, sem disfarçar a surpresa. — Ficarei à espera dela no quarto.

Enquanto Prudence subia as escadas, Agatha conduziu Thomasina para sua saleta particular. As cortinas haviam sido abertas e pela janela avistava-se o jardim dos fundos, impecavelmente bem cuidado. O sol da manhã invadia o aposento e transformava o quadro de papoulas vermelhas sobre a lareira em uma sinfonia de tons alegres.

— Eu pinte este quadro quando tinha dezoito anos — murmurou Agatha, tocando a tela com a ponta dos dedos. — É claro que não o assinei mas o pequeno símbolo junto à moldura inferior era a minha marca especial.

— Você o pintou? — exclamou Thomasina sem esconder sua admiração. — Mas é um quadro maravilhoso! Tem-se a impressão de que as flores são reais e que se pode sentir o acetinado das pétalas! Eu não sabia que você era uma artista, prima Agatha.

O rosto de Agatha sofreu uma nova transformação que surpreendeu Thomasina. Os olhos cansados refletiram subitamente a energia da jovem que ela fora no passado.

— O meu sonho era ser uma grande pintora. Tive um professor de desenho, como todas as outras jovens da sociedade, e esse homem, um grande artista, disse-me que a aluna superaria o mestre. A minha vida se transformou e eu ansiava por viajar, conhecer lugares ensolarados para captar todas as nuances da luz, descobrir todas as tonalidades das cores... e colocar minhas criações em telas para que o mundo partilhasse a minha visão de beleza.

A vivacidade desapareceu do rosto de Agatha como se uma luz em seu íntimo tivesse sido apagada. Thomasina queria aproximar-se da velha prima e tomá-la nos braços, queria confortá-la e também perguntar-lhe porque abandonara o sonho se possuía tanto talento. Entretanto, o respeito pelo sofrimento dela a impedia de se aproximar.

— Você tem coragem e determinação, minha querida — disse Agatha, adivinhando os pensamentos de Thomasina. — Eu não possuía essas qualidades tão necessárias para lutar por meu sonho e por isso deixei-o morrer. Em vez de enfrentar meu pai e usar minha fortuna para ir à Itália e dedicar-me à pintura, mesmo sem o consentimento da família, fiquei em casa e aceitei o marido que ele escolheu para mim.

Agatha aproximou-se da escrivaninha e apanhou seu retrato de casamento com um sorriso triste nos lábios.

— Everett era um bom homem e foi um excelente marido. Aos vinte anos, eu pintava apenas para ocupar o tempo livre que sobrava em minhas mãos, porque já havia perdido



as esperanças. Aos vinte e cinco, abandonei minhas telas e meus pincéis para sempre, num gesto simbólico que significava a morte definitiva de meu sonho. Tive o resto da vida para me arrepender...

Controlando a emoção com muita dificuldade, Agatha aproximou-se da porta.

— Não permita que isso aconteça com você, querida. Não permita que ninguém destrua o seu sonho.

Thomasina permaneceu na saleta, sem coragem de seguir a prima. Agatha revivera lembranças antigas e penosas demais, precisava ficar sozinha com sua dor até conseguir enterrar novamente o sofrimento do passado.

Através das lágrimas, Thomasina admirava as papoulas de colorido vibrante que refletiam a sensibilidade de uma artista ímpar. Ela ouviu a porta se abrir às suas costas mas custou a desviar os olhos do quadro e encarar a mãe.

Prudence atravessou a sala e, sentando-se no sofá, fez um sinal para que a filha viesse acomodar-se a seu lado.

— Eu não encontro palavras para exprimir o quanto estou aliviada por tê-la sã e salva ao meu lado, querida. Graças a Deus, o dr. Rafferty apareceu no momento exato. Ele evitou uma tragédia e... — Prudence engoliu em seco, criando coragem para prosseguir. — Também não sei como compensá-la por tudo o que sofreu na casa de Regine Valnoy. Talvez uma viagem para a Europa... alguns meses em Paris...

Thomasina não se aproximou da mãe. Encostada no beiral da lareira, ela acreditava que o colorido cáldo das papoulas dava-lhe coragem e aumentava sua determinação. Sentia a força do quadro de Agatha atravessar a lã espessa do sobretudo de Rafferty, que esquecera de devolver.

— Só existe um modo de me compensar pelo horror da noite passada, mamãe, e nós duas sabemos muito bem qual é. Você quis me transformar em uma sofisticada debutante, uma borboleta social que vive de festa em festa e pensa apenas em vestidos e enfeites. O seu plano fracassou e, embora eu tivesse certeza de que nunca daria certo, tentei por sua causa. Agora ficou bastante claro que nunca serei uma das estrelas da sociedade que você tanto aprecia, não é?

As palavras de Rafferty ecoavam em sua mente com inesperada nitidez. "Você conseguirá tudo o que desejar se realmente se dedicar a perseguir seu objetivo." A voz veemente de Agatha também soava ainda em seus ouvidos, instigando-a a não permitir que ninguém destruísse seu sonho.

Erguendo o queixo num gesto de desafio, Thomasina encarou a mãe. Ela não era mais a mesma garota imatura que deixara a casa da prima para ir a seu primeiro baile. A adolescente tímida e hesitante desaparecera diante de trágicas revelações e, em seu lugar, surgira uma mulher disposta a lutar.

— A partir de agora, todas as minhas energias serão dirigidas para que eu atinja o meu único objetivo na vida, mamãe. Eu serei médica, nem que para isso eu tenha que abandonar tudo e todos!



CAPÍTULO IV

San Juan de Baptista — México 1848

A visão do lar, ainda a distância, renovou as energias de Rafferty e de seu cavalo. Homem e animal estavam à beira do esgotamento, mas a certeza de que logo alcançariam o conforto do oásis rodeado pela sombra das árvores lhes dava um novo alento.

Do alto da colina, avistava-se o vale, aninhado entre duas montanhas muito altas. Ao fundo, surgindo acima das nuvens, erguia-se o cone de um vulcão extinto, coberto por neves eternas. Os nativos chamavam a cratera principal e os dois picos laterais de Los Tres Hermanos e agora, como vinha acontecendo há muito tempo, os três irmãos refletiam apenas uma beleza majestosa mas plácida que não evocava antigos cataclismos.

Rafferty deu rédeas livres a Lugh que, ao reconhecer o caminho do lar, aumentara a velocidade. Certamente o cavalo ansiava pelo frescor da cocheira, por um fardo de feno suculento e muita água, depois de ser bem escovado por Domingo.

Os seus desejos não eram muito diferentes. Já estava sonhando com a sombra fresca de sua casa e com um banho demorado para enfim saborear a cerveja mantida dentro da água gelada do poço. Então, depois de encontrar algo para comer em sua despensa quase sempre muito limitada, dormiria por muitas horas... se nada acontecesse.

Se ao menos não surgisse nenhuma emergência no consultório ou algum problema insolúvel em seu pequeno mundo particular. Na última vez em que se ausentara tanto tempo de casa, descobrira, logo ao voltar, que seu assistente tinha abandonado o consultório e era o quarto a fugir sem dar explicações desde sua viagem a San Francisco, há dois anos.

Não seria fácil cuidar de sua numerosa clientela sem ajuda, mas Rafferty esgotara suas forças e já não tinha paciência para treinar mais um jovem fraco, sem disciplina ou método e incapaz de enfrentar a vida rude do campo, as emergências brutais e a falta de convívio social. Quando ele encontraria um homem de verdade, alguém que suportasse os rigores do clima, as privações típicas de um vilarejo pobre enquanto se esforçava por aprender?

Afastando o sombrero que se tornara peça obrigatória de sua indumentária, Rafferty enxugou o suor da testa. Ele havia passado duas semanas com o povo de Alonzo Vega nas montanhas e, como sempre, voltava exausto, queimado de sol e com a sensação de que não lhe restava uma só gota de líquido em todo o seu corpo.

Agora ele podia ver mais claramente a construção que era seu lar e abrigava também a primitiva sala de cirurgia e o consultório. Por sorte, o pátio em frente à casa estava deserto, o que era um bom sinal. A febre periódica, que o deixava prostrado por dias, começara a ceder, mas só o repouso evitaria uma debilitante recaída.

Os relinchos de Lugh deviam ter alertado Domingo que sempre vinha para a cocheira recebê-los e a ausência do velho alarmou Rafferty. Parecia-lhe estar revivendo a tarde em que Uomer Pease abandonara irresponsavelmente o consultório, há mais de dois anos.



Sabendo que Domingo criava suas próprias regras, Rafferty começou a tratar do cavalo, sem esperar pelos caprichos do velho mexicano. A sua primeira responsabilidade era com o animal que lhe dava mobilidade e o servia com a fidelidade de um verdadeiro amigo. Ele estava viajando há cinco dias, não dormia há quatro noites e cada movimento exigia um esforço sobre-humano, contudo aprendera muito cedo a cumprir o dever antes de ceder às fraquezas físicas.

Uma força de vontade férrea o mantivera sobre a sela durante a viagem de volta mas, agora que alcançara a segurança do lar, a exaustão se apoderara de seu corpo e de sua mente. Os olhos ardiam pela falta de sono e seus dedos não obedeciam às ordens do cérebro. A febre que julgara debelada, retornava com uma intensidade assustadora e ele perdeu a fome, o desejo de tomar um bom banho e sua cerveja gelada. Só pensava em sua cama, a poucos passos dali...

Depois de fechar Lugh na baia, Rafferty cambaleou para fora da cocheira. Quase cego pela intensa luz do sol, ele dirigiu-se para casa com passos trôpegos e certo de que o ruído surdo em seus ouvidos era apenas mais um efeito da exaustão e da febre. Então, alguém chamou seu nome e o som era claro demais para ser uma alucinação febril.

A Sra. Valdez surgiu entre a sombra das oliveiras, trazendo a filha caçula e uma enorme cesta de frutas e verduras frescas. O sorriso nos dois rostos morenos refletia tanta felicidade que Rafferty esforçou-se para atendê-las com gentileza. A visão daquela menina, que passara anos entevada numa cama, andando em sua direção era tão gratificante que até o ajudava a esquecer o cansaço.

— Sei que não é muito porque a nossa dívida com o senhor não tem tamanho, doutor. — A Sra. Valdez entregou a cesta a Rafferty, com um sorriso de gratidão. — Quando as ovelhas derem cria na primavera, o filhotinho mais bonito será o seu.

— O melhor presente é ver Consuelo andando e correndo, Sra. Valdez. — Ele se abaixou para agradecer a criança que fora a sua primeira cliente quando chegara ao vilarejo.

— Deus o abençoe, doutor.

Percebendo que o pobre médico estava prestes a ter um colapso por exaustão, a Sra. Valdez despediu-se rapidamente. Sabia que uma mulher da aldeia cuidava da casa e da roupa dele, mas não era suficiente. Aquele homem bondoso precisava de uma esposa que o esperasse todas as tardes com um jantar apetitoso e o impedisse de se matar de tanto trabalhar!

Depois que as duas se afastaram da casa, caminhando de volta para a aldeia, Rafferty recomeçou a cruzar o pátio. Agora já não restavam dúvidas de que ele estava delirando! Ao lado da janela do consultório, onde a terra era plana como uma mesa, havia uma estranha nuvem de poeira sobre a qual flutuava o rosto sorridente de Domingo e seu inconfundível sombrero

Uma lufada de vento afastou a poeira e Rafferty reconheceu, aliviado, que não tivera nenhuma ilusão de ótica. Domingo acabava de parar a charrete junto da casa. Como pudera avaliar tão mal o seu próprio estado? Passara pela cocheira e nem percebera que estava vazia.

E porque Domingo teria saído com a charrete? Ele fora ao vilarejo buscar as provisões há menos de duas semanas, portanto não havia nenhum motivo para trazer



tantos pacotes! E de quem seriam as malas e os baús que o velho começava a descarregar?

O som de um relincho bem às suas costas assustou-o ainda mais. A quem pertenceria aquela égua castanha que ele nunca vira antes? Por acaso aquele velho maluco estava jogando de novo e ganhara o animal de algum viajante?

— Buenas tardes, doctor — Domingo aproximou-se, nitidamente eufórico. — Ainda bem que voltou hoje! O que achou desta bela égua? Uma surpresa muito agradável, não?

— Não! — explodiu Rafferty, perdendo o pouco bom humor que lhe restava. — De onde veio esse animal e por que a carroça está tão carregada, velho malandro?

— Por Dios, señor! A égua pertence à señora, é claro. E as malas também são dela.

— Señora! — Rafferty já não distinguia o rosto do velho Domingo e só queria chegar até sua cama. — Que señora?

— Trata-se da señora Rafferty, é claro!

O médico esfregou os olhos, angustiado. Ele já não tinha dúvidas de que tudo não passava de um sonho e, como costuma acontecer nesse estado suspenso entre a fantasia e a realidade, logo os fatos perderiam o sentido e tudo ficaria confuso demais, portanto não adiantava procurar explicações. Com um pouco de sorte, acordaria dentro de algumas horas, descansado e pronto para recomeçar o trabalho. A luz rosada da manhã estaria se infiltrando pelas frestas da veneziana, o ar carregaria para seu quarto o aroma revigorante da terra molhada pelo orvalho da noite e Domingo bateria a sua porta, perguntando-lhe se queria uma xícara de café...

— Quer uma xícara de café?

A voz, suave e melodiosa, não tinha a menor semelhança com o grasnar metálico do velho Domingo.

— Ou prefere cerveja? Domingo me disse que sempre guarda sua bebida no poço para ficar bem gelada.

Rafferty virou-se tão rapidamente que quase perdeu o equilíbrio. De todos os seus sonhos aquele era, sem dúvida, o mais real! Uma visão celestial mas muito nítida surgira diante de seus olhos e se aproximava como se fosse tocá-lo. A mulher, com um vestido leve e esvoaçante, soltava as fitas do chapéu enquanto flutuava a sua frente.

— Você está caindo de cansado. Dê-me esta cesta de verduras e saia logo do sol. Entre em casa depressa.

Mãos delicadas conduziram Rafferty através da sala de cirurgia e o empurraram com firmeza para o quarto. Ele apenas entreviu um rosto gracioso, emoldurado por cabelos cor de cobre. O sonho continuava absurdamente real! Rafferty tinha a exata impressão de que poderia tocar os fios sedosos que roçavam uma pele sedosa como pétalas de rosa.

— Deite-se. Nem se preocupe em tirar as botas.

Por que acordar de um sonho tão agradável? Rafferty deixou-se guiar pela voz cristalina e deitou-se na cama. Sentiu um pano úmido molhar sua testa e o toque leve de um cobertor sendo colocado sobre suas pernas. Antes de ouvir a porta sendo fechada, a voz de Domingo ecoou na sala.

— Onde quer que eu coloque este baú, señora!

— Pode deixá-lo embaixo da janela. Depois decidiremos onde deverá ficar.



A voz meiga continuou murmurando até que a porta fosse fechada mas, antes mesmo do quarto ficar em silêncio, Rafferty já havia adormecido profundamente.

Os gritos de um pastor a distância despertaram Rafferty. Espreguiçando-se, observou a inclinação da luz do sol em sua janela e calculou que a tarde chegava ao fim. A febre havia passado e ele sentia-se renovado, cheio de vigor, energia e pronto para solucionar qualquer tipo de emergência. Por sorte, herdara uma excepcional resistência física de seus antepassados, além do temperamento explosivo que sempre lhe causava problemas.

Agora podia enfrentar bandoleiros e partos difíceis, cólicas e hidropisia. Agora ele podia suturar ferimentos e tratar de fraturas expostas. Brendan Patrick Rafferty podia resolver assumir todos os problemas do mundo... com uma mão atada às costas!

Ele saltou da cama, completamente nu, no exato instante em que a porta se abriu. A jovem que vira em seu delírio febril permaneceu parada à entrada do quarto, decidindo se devia recuar ou prosseguir. A luz da tarde transformava os cabelos dela em uma massa de caracóis reluzentes como o cobre polido e realçava a sua silhueta delgada.

Agarrando o cobertor, ele cobriu rapidamente sua nudez, sem abafar uma exclamação de contrariedade. A sua lista de problemas fáceis de resolver não incluía a entrada intempestiva de uma jovem mulher em seu quarto!

— Nunca aprendeu que se deve bater à porta antes de entrar no quarto de um homem, madame?

— Peço-lhe mil desculpas por ter esquecido esse detalhe vital, Dr. Rafferty — disse ela, sem demonstrar qualquer arrependimento. — Não quis perder tempo porque há um homem com um corte no braço a sua espera na sala de cirurgia.

— O quê? Então saia imediatamente daqui porque tenho que vestir as calças!

— Não precisa se preocupar com a minha modéstia... nem com a sua, doutor — replicou ela, calmamente.

Rafferty percebeu que a jovem mordida os lábios para sufocar o riso.

— Não tenho o hábito de me vestir na frente de mulheres desconhecidas.

— Não pode me culpar por desconhecer seus hábitos na intimidade, doutor. — Os olhos dela brilhavam de malícia. — Entretanto, o senhor não tem muitos segredos físicos para mim. Fui eu que o despi ontem à noite.

Com um sorriso de zombaria nos lábios, ela fechou a porta do quarto, deixando no ar um suave perfume de magnólia, um aroma que evocava lembranças bastante reveladoras.

Poucas vezes em sua vida, Rafferty se sentira tão perto de explodir de raiva! Vestindo-se depressa, ele avançou para o ambulatório como um lutador disposto a trucidar seu adversário.

A mulher que Domingo afirmava ser a senhora Rafferty estava inclinada sobre o vulto acomodado na mesa de operações. Na tarde anterior, a exaustão impedira Rafferty notar os detalhes das feições escondidas sob as abas largas de um chapéu. Há pouco, se iludira com o ar de maturidade e a postura serena da jovem que invadira seu quarto. Agora não era mais possível se enganar pois ninguém possuía cabelos tão ruivos nem um rosto ao mesmo tempo gracioso e hostil.



Sem dúvida, ela mudara bastante desde que haviam se encontrado, por duas vezes, em San Francisco. Estava mais madura, mais firme e mais determinada... e ainda mais linda do que Rafferty imaginara ser possível!

— Srta. Thomasina Wentworth?

— Exatamente, doutor.

— Eu não tenho dúvidas quanto a sua identidade, só quanto ao seu propósito. Que diabos está fazendo no meu consultório?

— Deixemos essa conversa para depois, Dr. Rafferty — declarou ela, sem levantar a cabeça. — Estou ocupada suturando o corte no braço deste paciente.

Thomasina inclinou-se mais sobre a mesa, sempre de costas para Rafferty.

— O pior já passou, meu amigo — disse ela para o paciente. — Em poucos minutos estará livre e sem dor...

— Ele não entende nada do que está falando! — interrompeu Rafferty, sentindo a raiva avolumar-se perigosamente. — Estamos no México, Srta. Wentworth. Os nativos de San Juan de Baptista falam espanhol e não inglês. Por acaso não teve aulas de geografia na escola?

— Acho que deve voltar urgentemente para a cama porque sua febre continua provocando delírios, Dr. Rafferty. Por acaso, Domingo tem falado inglês comigo desde que cheguei.

Intrigado, Rafferty aproximou-se da mesa de operações e reconheceu o velho mexicano. Domingo tinha uma aparência bastante boa para um homem que fora ferido mas, subitamente, ele virou os olhos e deu um sorriso embriagado.

— Deus do céu! O que você fez com este pobre coitado?

— Dei-lhe meia garrafa do seu uísque para que o pobre homem não sentisse dor. — Thomasina começou a fazer o curativo de gaze. — Normalmente, eu considero o consumo excessivo de bebidas alcoólicas como um defeito muito grave, indicando uma personalidade fraca e dependente. Mas, neste caso, fiquei bastante satisfeita ao descobrir que você é um alcoólatra. Seu estoque foi providencial.

— Não seja idiota! — esbravejou Rafferty, à beira do descontrole. — Todas as bebidas desta casa são de uso exclusivamente medicinal.

— Verdade? — zombou ela, num tom de voz cortante. — Então posso saber por que as defende como se fossem jóias preciosas? Precisei pegar a chave no bolso de sua camisa para destrancar o cadeado e tive de quebrar a corrente para abrir o armário!

— Quebrou a corrente? Você invade o meu quarto, se infiltra na minha sala de cirurgia, quebra a corrente de meu armário de medicamentos, sempre falando como se fosse uma enciclopédia e... e...

Rafferty nunca tinha perdido o dom de se expressar com fluência por causa da raiva e essa incapacidade aumentava seu descontrole. Thomasina o encarava com um sorriso confiante, certa de que conseguira vencê-lo numa discussão.

Foi a atitude provocante de Thomasina que o levou a dominar a cólera. Aquela jovem impertinente o fitava com um brilho malicioso nos olhos muito verdes, esperando que ele perdesse a luta contra um temperamento reconhecidamente explosivo. Pois a Srta. Thomasina Wentworth ia descobrir que Brendan Rafferty também tinha uma admirável força de vontade e um espantoso autocontrole!



— É o bastante, Srta. Wentworth. — Ele ficou satisfeito ao perceber que sua voz refletia calma. — Não sei o que veio fazer em meu consultório, nem em San Juan, mas aconselho-a a ir embora sem perda de tempo.

— Francamente, Dr. Rafferty! Se é esse o modo com que se dirige a seus assistentes, compreendo porque todos acabam fazendo as malas e abandonando o posto. Por sorte, eu sou feita de um material mais resistente.

— Você é a criatura mais presunçosa que já tive o desprazer de encontrar, Srta. Wentworth, e certamente não vai ficar em minha casa! A sua presença provocaria um escândalo entre os moradores do vilarejo!

Imperturbável, Thomasina cobriu Domingo com um cobertor leve e, por precaução, fechou as correias que o prendiam à mesa para evitar uma queda durante o torpor provocado pelo uísque.

— Se temia um escândalo, não devia ter me contratado como sua assistente, Dr. Rafferty.

— Minha assistente?

— Tente controlar a cólera, doutor — prosseguiu Thomasina, muito calma, notando o rubor do rosto do médico. — O seu coração pode não resistir a esse tipo de reação apoplética.

— Srta. Wentworth...

A voz de Rafferty refletia uma calma ameaçadora.

— Sim, doutor?

— Acho inacreditável que ninguém a tenha estrangulado durante um acesso de fúria, senhorita. Eu nunca conheci uma criatura tão insuportavelmente exasperante em toda a minha vida!

Thomasina cruzou o arco que separava o ambulatório da pequena cozinha onde ficava o fogão e a mesa de refeições, sem se virar para Rafferty.

— Coloquei uma chaleira no fogo e a água já está fervendo. Sente-se. Podemos conversar como pessoas civilizadas enquanto tomamos uma xícara de chá.

Rafferty sentou-se porque não sabia que atitude tomar. A cada instante decorrido, comprovava-se que sua primeira avaliação sobre o comportamento da Srta. Wentworth, ainda em San Francisco, fora correta. Aquela criatura era absolutamente louca! Ela não tinha escrúpulos nem recato, pelo menos em relação ao corpo dele, e demonstrava uma assustadora irracionalidade.

Como Thomasina Wentworth podia sequer imaginar que ele a aceitaria para ser sua assistente?

Ela tratara o braço de Domingo de uma maneira impecável e, sem dúvida alguma, sabia fazer um chá delicioso. Por que não saborear a sua bebida predileta mesmo que fosse na companhia de uma demente comprovada? Depois poderia mandá-la embora.

Thomasina colocou uma bandeja sobre a mesa. Rafferty nunca vira o bule de porcelana branca e azul nem a travessa de prata onde ela colocara apetitosos pães-de-mel. Sua boca se encheu de água e ele sentiu o estômago se contrair de fome.

Só então lembrou-se que estava sem comer há vinte e quatro horas.

— Ainda não disse nada sobre a qualidade de meu trabalho no braço de Domingo, doutor — disse Thomasina, enquanto servia Rafferty de chá.



— Se está esperando elogios de minha parte, desista, senhorita. Apenas tratou de um arranhão superficial.

— Arranhão? O corte era bastante profundo e garanto-lhe que não ficará cicatriz alguma!

— Então transmita meus cumprimentos a sua professora de trabalhos manuais — resmungou ele, saboreando o chá inglês que não tomava há anos. — Suponho que deva bordar com muita habilidade, além de prever o futuro, porque é impossível saber se vai ou não ficar uma cicatriz!

— Errou em seu diagnóstico, doutor. Não tenho a menor vocação para trabalhos caseiros pois meus talentos são em outra área de atuação. E pontos perfeitos jamais deixam cicatrizes.

Servindo-se de mais um pão-de-mel, Rafferty não resistiu ao desejo de provocá-la.

— Creio que foi a senhorita quem diagnosticou erradamente a sua vocação. Será uma dona de casa perfeita, Srta. Wentworth.

Enfurecida, Thomasina colocou o bule sobre a mesa com força excessiva.

— Pois eu me recuso a ficar presa aos trabalhos de casa e a me limitar à esfera reduzida da vida doméstica. Estou firmemente decidida a me dedicar à prática da medicina. Nunca me casarei!

Rafferty examinou a jovem a sua frente com um olhar incrédulo. Nunca vira antes olhos de um verde tão intenso nem uma pele tão acetinada, e certamente não existiam cabelos com tanto brilho!

— Que desperdício — murmurou ele, em voz baixa.

Os dois permaneceram em silêncio por um longo tempo. Rafferty se deliciava com cada pedaço de pão-de-mel que se derretia em sua boca como o que sua mãe costumava fazer. O chá, forte e perfumado, estava exatamente a seu gosto. Ele foi forçado a admitir que uma presença feminina em casa trazia inúmeros benefícios. Se ao menos Domingo não tivesse rompido o noivado com a viúva Estevez na hora de marcar a data para o casamento!

— A senhorita desenvolveu, à perfeição, a arte de servir o chá da tarde. Aprendeu, também, a depenar galinhas e a limpar porcos?

— Não fui contratada para ser cozinheira ou empregada doméstica, dr. Rafferty. Estou em sua casa porque o senhor me fez um convite extremamente claro. — Ela retirou uma carta da bolsa. — Veja com seus próprios olhos.

Reconhecendo sua letra no envelope, Rafferty recusou-se a pegar a carta que Thomasina lhe estendia.

— Acha que sou um completo idiota, srta. Wentworth? Essa carta é uma resposta a uma outra que me foi enviada pelo sr. Thomas Y. Valnoy.

— Temo que o senhor tenha tirado uma conclusão bastante precipitada. Em parte alguma desta carta, encontrará uma referência ao sexo de quem a escreveu. Também se enganou a respeito de um outro detalhe... O meu verdadeiro sobrenome é Valnoy.

Levantando-se bruscamente da mesa, Rafferty correu até seu quarto e retornou com a outra carta na mão. Só depois de relê-la bem perto da luz do lampião, ele pode notar os detalhes da assinatura de "Thom. Y. Valnoy".



— Está querendo me dizer que Thom. é a abreviatura de Thomasina e não de Thomas? — exclamou ele, perdendo a calma conquistada com tanto esforço. — O ponto é tão minúsculo que seria preciso uma lente de aumento para que pudesse ser visto! A senhorita agiu de má-fé!

Thomasina também se levantou da mesa e o enfrentou com idêntica fúria.

— Como ousa falar em má-fé? Se este ambulatório rústico e sem recursos é o "hospital moderno" do qual se vangloria em sua carta, devo estar diante do maior mentiroso ou do maior patife na face da Terra!

Rafferty desviou os olhos, envergonhado. Thomasina tinha razão em acusá-lo; o "hospital moderno" existia apenas em seus sonhos e nas plantas que guardava em sua escrivaninha como um tesouro. Mas ele continuaria lutando para que seus planos se realizassem antes do final do ano. Como não pretendia se explicar para aquela jovem intrometida, optou pelo ataque para se defender.

— Tem uma língua afiada, srta. Wentworth... Ou devo chamá-la de srta. Valnoy? Talvez a sua mudança de sobrenome tenha alterado também a sua personalidade. Estava bem mais dócil na última vez em que a encontrei.

Para sua surpresa, Thomasina empalideceu assustadoramente. Instantes depois, recuperando o rosado das faces, ela encarou-o com um olhar firme.

— Eu não o julgava capaz também de golpes baixos, dr. Rafferty. Passei dois longos anos tentando apagar de minha mente a lembrança daquela noite infeliz.

Rafferty sentiu-se como um garoto desastrado que fez uma brincadeira de mau gosto e corou de vergonha. Pensou em pedir desculpas, em explicar que não falara a sério e não devia ter aberto a boca sem pensar. Pensou em tocar o rosto delicado para reconfortá-la e para saber se a pele era realmente macia como uma pétala de rosa.

Mas, contrariando seus impulsos sentimentais, ele bateu com a caneca sobre a mesa, decidido a encerrar aquela farsa sem lentido.

— Sou um homem leal, cumpridor dos deveres e raramente mudo de opinião. Estou sempre ocupado demais para ser hospitaleiro, impaciente demais para ser afável e apressado demais para ser paciente. Nunca dei golpes baixos mas também nunca fui gentil.

Thomasina recuperara a capacidade de raciocinar e, servindo-se calmamente de chá, enfrentou Rafferty.

— O senhor pinta seu próprio retrato com cores excessivamente carregadas. Na vinda de Los Alamos para cá, eu e Domingo tivemos muito tempo para conversar e o que ouvi a seu respeito contradiz as suas palavras, dr. Rafferty. Ele falou-me de um homem bondoso, amável com todos e capaz de qualquer sacrifício em nome da profissão. — Ela sorriu com malícia. — Na verdade, cheguei a me assustar pois essa pessoa possuía todas as qualidades possíveis e apenas um defeito... o temperamento explosivo.

— Se for ficar por aqui, acabará sabendo que a fértil imaginação de Domingo é alimentada pela potência da bebida alcoólica produzida pelos camponeses desta região.

Antes mesmo de completar a frase, Rafferty se conscientizou do deslize que cometera. Thomasina, sem perda de tempo, aproveitou-se da situação.

— Bem... agora que chegamos a um acordo, diga-me onde devo colocar minha bagagem.



— Ninguém chegou a nenhum acordo, Srta. Wentworth. Como usou de pretextos falsos para forjar uma contratação, talvez tenha inventado também as referências que mencionou em sua carta.

— Esse problema pode ser resolvido facilmente, doutor. Trouxe comigo todas as cartas de referência e verá que foram endereçadas a Thomasina Wentworth.

Após retirar um maço de cartas da bolsa, Thomasina começou a colocá-las sobre a mesa.

— Uma é da irmã Marie Louise que dirige o dispensário da irmandade de Saint Martin onde eu trabalhei como voluntária na enfermaria de doenças contagiosas. A segunda é da maternidade onde assisti e ajudei as parteiras e as enfermeiras no berçário. E a última... é de Cordell McGillicudy. — Corando, ela prosseguiu: — Ele permitiu que eu o ajudasse em casos de fraturas, suturas de ferimentos e... outros tipos de emergência.

Rafferty deu uma gargalhada sonora.

— Os outros tipos de emergência são gatos, cachorros e aves feridas, certo? Eu não desconheço o trabalho dedicado do veterinário McGillicudy, minha cara Srta. Wentworth. E minhas informações não vêm apenas dos jornais que freqüentemente publicam artigos sobre ele, chamando-o, com muita grosseria, de charlatão. — Havia um brilho malicioso nos olhos de Rafferty. — Por uma incrível coincidência, Cordell e minha mãe são primos. O mundo é mesmo pequeno, concorda?

— Eu pouco me importo com o que os jornais dizem do Dr. McGillicudy — insistiu Thomasina, sem se deixar vencer pelo sarcasmo de Rafferty. — Continuo achando que ele é um santo e um gênio.

— A família de minha mãe se sentirá extremamente agradecida com sua opinião. — Ele sorriu com ironia mordaz. — Entretanto, a boa vontade de meus parentes não resolve a nossa situação, Srta. Wentworth. Ou será Srta. Valnoy? Não pode ficar nesta casa como minha assistente e essa impossibilidade cria um sério problema. É tarde demais para mandá-la de volta, pois a noite cairia antes que se alcançasse o fim da viagem, mas eu ou Domingo a acompanharemos amanhã bem cedo para Los Alamos.

Thomasina cerrou os punhos com força, enterrando as unhas nas palmas das mãos.

— Então, pretende romper o acordo que fez comigo? Assinou uma carta onde deixou bem claro que me aceita como assistente por um ano de experiência e, no caso de se satisfazer com a minha habilidade na arte e na ciência da medicina, o prazo de aprendizado será ampliado por mais dois anos. Acho melhor preveni-lo de que conheço muitos advogados e posso processá-lo por quebra de palavra, Dr. Rafferty.

— Um contrato feito sob nome falso jamais seria aceito em um tribunal de verdade, Srta. Wentworth. Está nervosa e cansada demais para raciocinar com clareza e aconselho-a a dormir bem esta noite.

— E onde eu poderia dormir? — explodiu Thomasina, olhando ao redor. — No chão da cozinha ou encostada à parede do ambulatório?

— Nunca pensa antes de agir, senhorita? É sempre aconselhável verificar esse tipo de detalhe antes de se aventurar em lugares desconhecidos. O que acha de passar a noite no conforto de uma cocheira? — disse ele, disposto a provocá-la. — Eu não tenho a menor intenção de oferecer a única cama existente, e que garante o meu repouso, a quem surge em minha casa sem aviso e sem convite.



— Eu fui convidada! — exclamou ela, quase encostando a carta no nariz de Rafferty, que recuou rapidamente em direção à porta. — E para onde está indo?

— Costumo ir até o vilarejo, após uma ausência prolongada, a fim de visitar todos os meus pacientes.

— Então eu o acompanharei — declarou Thomasina, apanhando o chapéu.

— Em hipótese alguma! Ninguém pode saber que há uma mulher sem qualquer ligação de parentesco comigo, ficando em minha casa... desacompanhada! O povo desta região é muito convencional e seriam capazes de me expulsar do vilarejo. A senhorita terá que ficar bem escondida até a hora de ir embora daqui. Não permitirei que a sua impulsividade e sua falta de consideração pelos outros destruam o trabalho que levei anos para construir.

Antes que Thomasina pudesse reagir, Rafferty saiu de casa e começou a caminhar para o vilarejo. Ele ainda estava enfurecido com aquela desmiolada mas, ao menos, recuperara a capacidade de raciocinar. A Srta. Wentworth precisava ficar sozinha em um lugar estranho, sem nenhum dos confortos da civilização! Apostava que, na manhã seguinte, encontraria uma viajante ávida por partir! Enquanto isso, iria conversar com Manuel Valdez, que prometera comprar-lhe um bom cavalo e depois iria tomar o café na casa dos gêmeos Oporto.

Não havia uma casa em San Juan de Baptista onde el doctor não fosse bem recebido. Rafferty passava inicialmente na praça principal, onde esperava a noite cair, ouvindo as novidades de toda a região. Quando escurecia, ele iniciava as visitas aos pacientes crônicos, como a velha señora Valdez, o pequeno Pedro Nunzio e as irmãs Hernandez. Depois, parava alguns minutos na igreja para conversar com o padre.

A peregrinação de Rafferty, aparentemente organizada à esmo, seguia uma rotina precisa. Ele escolhia uma casa em que não existissem grandes problemas financeiros para visitar na hora da refeição. Naquela noite, jantaria com os Valdez que sempre se alegravam com sua presença.

Já era bem tarde quando ele começou a voltar para casa, sem a menor pressa. Àquela hora, a Srta. Wentworth devia estar à beira de um ataque histérico. Ou teria adormecido de exaustão depois de viajar o dia todo para vir de Los Alamos a San Juan?

Rafferty adoraria encontrar a casa em silêncio porque precisava de calma e repouso. Esperava que não surgisse nenhuma emergência na manhã seguinte porque decidira levar a Srta. Wentworth pessoalmente até Los Alamos. Domingo já estaria em plena forma e poderia se encarregar da charrete e da volumosa bagagem daquela jovem imprudente, mas ele a acompanharia para se certificar de que não haveria nenhuma possibilidade de reencontrá-la escondida em seu ambulatório.

Nunca conhecera uma mulher tão decidida e não pretendia se arriscar.

O jantar saboroso e a conversa agradável haviam aplacado a cólera de Rafferty e só agora ele se lembrava que devia ter pedido a uma de suas pacientes para servir de dama de companhia à Srta. Wentworth. Deveria voltar ao vilarejo ou...

Não. A sua reação instintiva fora a mais segura. Quanto menos pessoas soubessem da vinda da Srta. Wentworth, maiores seriam as chances de se livrar dela sem um escândalo prejudicial a sua carreira de médico em San Juan. O povo daquela aldeia perdida no interior do México nunca entenderia porque uma jovem excepcionalmente bela



insistiria em ficar em seu ambulatório para trabalhar. A fim de evitar problemas, teria de forçá-la a partir antes mesmo do dia amanhecer!

Tão logo chegasse em casa, ofereceria sua cama à Srta. Wentworth e passaria a noite no estábulo com Domingo. Agora que recuperara o bom humor, ele pensava na intrigante situação de ter uma mulher em seu quarto. Mas, como não poderia nem sequer aproximar-se da jovem, o ideal seria esclarecer alguns pontos que ainda estavam obscuros com a sua hóspede indesejada. Todos os membros da família Rafferty davam a vida por uma boa discussão.

Ele parou no estábulo para verificar o estado de Domingo. Encontrou o velho mexicano roncando debaixo de seu serape colorido e aparentemente sem febre. Não havia motivo para acordá-lo a fim de examinar o ferimento sob a atadura pois sua assistente temporária fizera um excelente trabalho. A Srta. Wentworth tinha mãos firmes e hábeis mas infelizmente era apenas uma mulher.

Ao atravessar o pátio silencioso, Rafferty encontrou o cachorro vadio que o adotara, como Domingo. O animal já se enrodilhara junto à porta de entrada, preparado para passar uma noite tranqüila em vez de guardar a propriedade do dono.

E a sua inoportuna visitante também fizera o mesmo! A cozinha estava deserta e não havia ninguém no ambulatório. Inexplicavelmente, Rafferty ficou enfurecido ao concluir que a Srta. Wentworth se apossara de sua cama e fora dormir sem sequer lhe agradecer pela noite confortável. Mas a porta do quarto permanecia aberta, portanto talvez ela ainda o esperasse acordada.

Sem pensar na impropriedade de entrar no quarto de uma jovem solteira, ele cruzou rapidamente o ambulatório e verificou, surpreso, que não havia ninguém em sua cama. Onde estaria aquela criatura exasperante?

Então, Rafferty caiu na gargalhada diante de sua falta de coerência. Ficara irritado porque ela se apossara de sua cama e agora se enfurecia porque não a encontrava em seu quarto. Felizmente a srta. Wentworth não permaneceria nem mais um dia em sua casa. Aquela jovem sem juízo estava afetando a lucidez de seu raciocínio.

Ao retornar para o ambulatório, ele verificou que as malas e o baú de Thomasina Wentworth já haviam sido retirados. Onde poderia ter ido uma jovem sozinha no meio da noite?

Rafferty voltou para o pátio de entrada e só então notou as marcas no chão que apontavam para a cocheira. Como Domingo estava sem condições de ajudar, a srta. Wentworth só podia ter arrastado toda a bagagem sozinha. Mais uma vez, ele sentiu uma inesperada admiração por aquela jovem corajosa e decidida que certamente não agia como uma frágil e altiva debutante.

Procurando não fazer barulho, Rafferty entrou na cocheira e encontrou a srta. Wentworth numa baia vazia onde Domingo costumava guardar tudo que tinha preguiça de arrumar. A jovem limpou o local e, depois de colocar sua bagagem de encontro a parede, fizera uma cama com feno recém-cortado.

A srta. Wentworth, debutante da elite de San Francisco, colocara um lençol bordado sobre a palha áspera e dormia como se estivesse em um quarto de um hotel de luxo. Com os cabelos espalhados sobre o tecido alvo, ela parecia ainda mais jovem e



vulnerável. O sono suavizara seus traços encantadores e Rafferty lembrou-se da garota doce e inexperiente que conhecera há dois anos.

Aquela beldade pertencia aos salões mais requintados de uma cidade sofisticada. O que estaria fazendo na região mais agreste do México?

A julgar pelas poucas informações que conseguira reunir, Thomasina Wentworth vinha de uma família rica e com bastante destaque social. Ela devia estar pensando em vestidos bordados, bailes suntuosos e jantares de gala, não em fraturas expostas, gangrenas ou hemorragias. Era quase uma menina e nessa idade...

Nessa idade, ele já não concebia uma existência longe da medicina. Rafferty começara muito cedo a acompanhar o veterinário local em suas intermináveis rondas pelos campos da Irlanda. Então sua curiosidade insaciável o impelira a ler escondido os livros da biblioteca do senhor rural da região em que morava. Apanhara do valete de sir Conan e também de seu irmão mais velho que o castigara por ter se aproximado dos malditos ingleses.

Pobre Kieran! O seu irmão, tão fanático pela liberdade, sempre fora tão cego diante da realidade. Ele jamais compreendera que seu povo não vivia escravizado apenas pelos impostos e pelas armas, mas principalmente pela ignorância em que era mantido por força da política inglesa. Rafferty jurara romper a cadeia de pobreza e desespero que os aprisionava à terra.

E, como acontecia com aquela jovem adormecida sobre o feno, os obstáculos só haviam aumentado sua determinação. Jamais se esqueceria da expressão de sua mãe quando lhe pedira um bisturi de presente de aniversário. Ela trabalhara duro, limpando a mansão do senhor rural durante meses, a fim de reunir o dinheiro suficiente para poder comprar para o filho um par de sapatos, tão necessários, e cujo uso separava os esperançosos dos que já haviam perdido toda a fé no futuro.

Um sorriso nostálgico transformou a expressão severa de Rafferty. No dia de seu aniversário, ele desembulhara a caixa volumosa, esperando encontrar um par de sapatos mas, para sua alegria, descobrira o fino bisturi embrulhado em um velho xale. Sua querida mãe sempre adorara brincadeiras desse tipo.

Fitando novamente a srta. Wentworth, Rafferty sentiu-se encantado com a aparente e enganadora fragilidade das mulheres. Ele nunca soubera como Mary O'Bannion Rafferty conseguira encontrar seu bisturi num vilarejo sem recursos. Também não saberia como aquela jovem conseguira livrar-se da família e chegar, sozinha, até o interior do México.

Rafferty sentou-se sobre uma das malas, tentando tomar uma decisão justa. A presença da srta. Wentworth em San Juan era uma prova de sua coragem e de uma personalidade admiravelmente firme. Se aquela jovem tinha a mesma obsessão que ele pela arte da medicina e ansiava pelo conhecimento da ciência de curar os outros seres humanos, estaria cometendo um crime em lhe negar uma oportunidade.

Aquela situação delicada exigia alguém com a sabedoria de Salomão e, infelizmente, ele era apenas um homem que tentava com grandes dificuldades resolver seus próprios problemas. Uma mulher bonita, jovem e desacompanhada, vivendo com um médico solteiro, provocaria um escândalo memorável na pacata San Juan. Seria possível pedir que uma das inúmeras tias de Ramon Mondragon lhe servisse de dama de



companhia? Ou quem sabe a señora Rivera poderia recebê-la como pensionista em sua casa?

Os bocejos o impediam de continuar procurando soluções inexistentes. Ele devia ter resolvido todos esses problemas antes, pois agora era tarde demais. Entretanto, Brendan Patrick Rafferty sempre fora um cavalheiro e não podia permitir que uma mulher dormisse mal acomodada enquanto ele repousava em uma confortável cama.

— Srta. Wentworth? — Ele sacudiu-a com firmeza. — Srta. Wentworth...

Thomasina estava profundamente adormecida. Viajara por duas semanas e agora que chegara a seu destino cederia ao cansaço acumulado.

Após alguns instantes de hesitação, Rafferty a tomou nos braços e foi envolvido por uma inesperada onda de ternura. Assustado com sua reação, ele forçou-se a continuar andando e a repetir a si mesmo que a srta. Wentworth partiria antes do amanhecer.

— Não vai adiantar, srta. Wentworth — repetia ele enquanto cruzava o pátio adormecido e silencioso. — Embora eu sinta muita falta da companhia suave de uma mulher e do encanto do toque feminino em minha casa tão rústica, não posso permitir que fique. É absolutamente impossível.

Thomasina estava tendo um sonho maravilhoso. Sentia-se protegida de tudo e de todos, sendo conduzida por alguém muito terno para o paraíso onde seus anseios se realizariam. Suspirando de felicidade, ela se aconchegou ao travesseiro de Rafferty.

Ele saiu do quarto na ponta dos pés e, ao adormecer, também teve sonhos inesperadamente agradáveis. Deitado sobre o lençol de Thomasina e sentindo seu suave perfume de magnólia, voltou aos campos verde-esmeralda de sua querida Irlanda onde as flores margeavam o Shannon em sua trajetória para o mar.

Só Domingo permanecia acordado. A dor no braço o despertara, mas ele não se preocupava com esse ferimento, semelhante a tantos outros que haviam deixado cicatrizes em seu corpo magro. Na manhã seguinte, estaria desempenhando suas obrigações rotineiras como se nada tivesse acontecido. Não sentiria nem mesmo cansaço mas duvidava que el doctor acordasse igualmente repousado. Vira-o carregar a linda mulher para dentro de casa há menos de meia hora.

Infelizmente, o velho mexicano não percebera que Rafferty tinha retornado à cocheira sozinho.

Logo no início da noite, Domingo deduzira que el doctor e a señora haviam brigado, pois ela fizera a cama sobre o feno na cocheira. As jovens modernas tinham liberdade demais para o seu gosto! Uma mulher à moda antiga jamais abandonaria o quarto conjugal num acesso de raiva.

Mas que mulher não se sentiria ofendida se ficasse sozinha à noite? El doctor não devia ter ido para o vilarejo justamente no dia em que ela chegara.

Domingo ficara muito preocupado com a situação. Um lar sem harmonia era pior do que o inferno! Por sorte, tudo acabara bem e ele poderia dormir sossegado.

Antes de adormecer, ele agradeceu a Deus pela señora estar dentro de casa, nos braços do marido, lugar de onde nunca deveria ter saído!

Uma hora antes do raiar do sol, Rafferty acordou repentinamente de um sono profundo. Nos primeiros instantes de sonolência, sentiu-se confuso por ter adormecido



sobre um monte de feno, coberto por um fino lençol bordado. Então lembrou-se dos acontecimentos da noite anterior e reconheceu o ruído que o despertara.

Tantas vezes ele ouvira o galope desenfreado que transmitia urgência e desespero, aproximando-se de sua casa! Acostumado às emergências, Rafferty já estava quase completamente vestido quando saiu do celeiro, ainda antes da chegada do cavaleiro.

Rafferty custou a reconhecer o homem que chegava em um cavalo nitidamente esgotado pelo galope. O señor Zavala, um fazendeiro corpulento e de feições tranquilas, estava pálido e com a fisionomia desfigurada pela angústia.

— Doutor... precisa ir imediatamente... meu filho...

— Já estou de saída. Domingo lhe dará um café e tratará de seu cavalo.

Também acostumado a emergências, o velho mexicano já colocara os arreios no cavalo de Rafferty e estava prendendo à sela as mochilas que o médico adaptara para carregar seus instrumentos e uma pequena farmácia para atender a casos urgentes. Domingo agia como se não tivesse se ferido na tarde anterior e trabalhava com eficiência e rapidez. Ele e o médico se entendiam sem palavras e se completavam para executar a costumeira rotina dos momentos de crise.

Ao entrar em casa para apanhar o chapéu e a maleta de primeiros socorros, Rafferty viu que Thomasina saía do quarto. Ela acordara como movimento no pátio e, vestindo um penhoar, cruzava o ambulatório em direção à cozinha.

— O que está acontecendo?

— Trata-se de uma emergência, Srta. Wentworth. Decidiremos os detalhes de sua partida quando eu retornar. — Ele correu novamente para o pátio e, enquanto montava em seu cavalo, dirigiu-se para Domingo: — Explique à senhora americana porque tive de sair às pressas.

Sem esperar por resposta, Rafferty afastou-se de casa a galope, na direção de estrada que circundava o vilarejo. O jacal do señor Zavala ficava no fundo do vale e, embora Lugh fosse um cavalo excepcionalmente veloz, ele demoraria algum tempo para chegar. Já sabia que passaria todo o percurso tentando imaginar qual seria a emergência a sua espera.

O sol iluminava a paisagem com sua luz dourada, mas as montanhas muito verdes a oeste ainda permaneciam envoltas pela bruma azulada da manhã. O solo árido e pedregoso das planícies ao leste contrastava com os campos arados das encostas pois a terra ao redor do vale era rica em nutrientes, trazidos pelas lavas que no passado haviam descido dos vulcões.

A família Zavala vivia há mais de trezentos anos na mesma fazenda, escondida entre as árvores que cresciam à margem do rio. As parreiras formavam uma barreira à frente da casa e as grossas paredes de adobe se mesclavam à paisagem cobertas pela sombra esverdeada dos galhos frondosos. Os camponeses que viviam longe do vilarejo procuravam não chamar muita atenção para sua prosperidade pois os bandoleros que desciam das montanhas do leste assaltavam tanto as propriedades ricas como as pobres.

Rafferty desmontou do cavalo entre as árvores que escondiam o pátio fronteiro da casa. Uma carroça rústica fora abandonada com o animais ainda atrelados e ele estremeceu ao notar o rastro de sangue que indicava o caminho do ferido até a porta. Enquanto removia as mochilas com seu equipamento médico, ele ouviu o galope



desenfreado de um cavalo que se aproximava. Não poderia ser o pai do jovem Zavala porque o animal estava descansado demais!

Preparando-se para enfrentar algum imprevisto, Rafferty virou-se e, para sua surpresa, viu que o cavaleiro tinha cabelos longos que flutuavam ao vento como pequenas chamas brilhantes. Ele praguejou baixinho enquanto se dirigia para a casa da família Zavala, sem olhar para Thomasina que descia apressadamente do cavalo.

— Devia ter me avisado — declarou ela, coberta de poeira da cabeça aos pés. — Quatro mãos trabalham melhor do que apenas duas.

— Não está diante de um simples arranhão, srta. Wentworth. Basta olhar a quantidade de sangue e saberá que não se trata de uma situação para amadores.

Seria impossível não ver o rastro rubro que se estendia da carroça até a porta da casa, misturado à terra solta do caminho.

O estômago de Thomasina se contraiu de medo. Não se tratava de um texto árido de um livro didático; em algum lugar daquela casa, havia um ser humano correndo perigo de vida. Mas, apesar da profunda apreensão, ela seguiu o médico sem hesitação, disposta a enfrentar sua primeira experiência verdadeiramente importante.

Rafferty notara a súbita palidez de Thomasina e sua recuperação imediata. A srta. Wentworth demonstrava ter uma admirável determinação mas restava saber se seu estômago era tão forte quanto sua coragem.

A dona da casa correu ao encontro do médico, falando rapidamente em espanhol.

— Bendita seja a Nossa Senhora de Guadalupe! O senhor chegou...

— Ele está vivo? — perguntou Rafferty, sem se deter.

— Sí, doctor. — Ela hesitou ao ver a mulher desconhecida ao lado do médico mas a situação era grave demais para qualquer tipo de pergunta. — Meu filho ainda está vivo. Entre, por favor.

Enquanto os conduzia para a única cama existente na casa rústica e que ficava no aposento dos fundos, a senhora Zavala explicou-lhes o que acontecera.

Geraldo Zavala fora ferido por um touro pertencente a um vizinho. Certamente, o rapaz fora de madrugada até essa propriedade a fim de exercitar seu talento de toureiro para impressionar alguma jovem beldade que sonhava em conquistar. Rafferty não fez nenhuma pergunta porque uma vida dependia de sua rapidez em agir.

O paciente fora agasalhado com uma manta de lã que ocultava seu ferimento, mas Thomasina estremeceu ao notar a palidez acinzentada que transformava o rosto do jovem em uma máscara talhada em granito frio. Então, Rafferty afastou a cobertura e ela quase gritou ao ver a quantidade de sangue que se espalhara sobre o colchão.

— Ponha bastante água para ferver, senhora Zavala. — Ele voltou-se para Thomasina com uma expressão dura. — Corte a perna das calças dele para que possamos cuidar do ferimento.

Thomasina retirou a tesoura de sua própria maleta de primeiros socorros. Embora suas mãos logo estivessem molhadas de sangue, ela sentiu-se orgulhosa por mantê-las firmes. Mas, quando Rafferty retirou a bandagem improvisada que cobria o ferimento, um estranho zumbido soou em seus ouvidos e, inexplicavelmente, tudo ficou mais escuro a sua volta.



Por que não conseguia entender as palavras de Rafferty? Via os lábios se moverem mas, como não conseguia ouvir nada, não sabia se ele falava com o paciente ou com ela. Thomasina respirou fundo e, milagrosamente, sua audição voltou ao normal.

— ... juro por Deus e por todos os santos que a estrangulo se desmaiar agora, Thomasina Wentworth.

— Eu nunca desmaiei em toda a minha vida! — replicou ela, ofendida.

— Pois não comece agora!

— Caso não se lembre... não fui eu quem desabou como um saco de batatas no quarto de uma hospedaria em San Francisco, dr. Rafferty.

Ele não reagiu à provocação de Thomasina. Ainda sentia remorsos por ter usado a lembrança daquela noite como uma arma para ofendê-la e não pretendia repetir o mesmo erro. Em silêncio, começou a colocar seus instrumentos sobre a cama, ignorando as exclamações de pânico da senhora Zavala.

Thomasina também não conseguia desviar os olhos dos objetos de metal brilhante que reluziam de encontro ao lençol. Aquele rapaz ferido não era apenas um diagrama preciso em um livro de textos e sim um ser humano, de carne e osso, que sentia dores atrozes e poderia morrer se a hemorragia não fosse prontamente estancada.

Geraldo Zavala tinha cílios espessos e muito negros que faziam sombra em seu rosto jovem e a boca delicada, quase a de uma criança, estava contorcida num ricto de dor. Há poucas horas, ele era um rapaz em pleno vigor de sua juventude e agora jazia sem forças em um leito coberto de sangue. A voz dura de Rafferty a trouxe de volta à realidade.

— Não fique parada como uma estátua, criatura! Vá buscar a sulfa, a pomada cicatrizante e as ataduras que estão em minha mochila.

Embora irritada, Thomasina apressou-se a obedecer. Sentia raiva de Rafferty que a assustara com sua voz ríspida e de si mesma por ter agido como uma espectadora quando devia estar desempenhando seu papel de assistente de um médico durante uma emergência. Ainda assim, não resistiu ao desejo de provocar aquele homem que se recusava a aceitá-la em sua clínica.

— Quer que eu traga também o clorofórmio, dr. Rafferty?

— Não será necessário. O paciente só sentirá dores daqui a algumas horas, quando acordar. Então, pretendo evitar que o pobre rapaz sofra porque tomou meia garrafa de uísque. Não foi esse o remédio que receitou a Domingo, srta. Wentworth?

Ela estava interessada demais nos movimentos de Rafferty para sentir-se irritada com a resposta a sua provocação. Não havia lugar para sentimentos pessoais naquele momento em que precisava aprender e ajudar.

Quando o pai de Geraldo Zavala entrou em casa, não disfarçou o choque que sentiu ao encontrar uma mulher desconhecida ao lado do médico. Embora Thomasina não compreendesse o espanhol falado com rapidez, percebia que ele estava furioso e discutindo acaloradamente com Rafferty.

Não era difícil deduzir que o señor Zavala não queria uma estrangeira em sua casa, mas Rafferty acabou convencendo-o a não interferir. Thomasina gostaria de saber que argumento fora usado para encerrar a discussão, porém não ousava abrir a boca enquanto a vida do rapaz corria perigo.



Já passava de meio dia quando eles terminaram de fazer o curativo na perna de Geraldo Zavala. Então começou o angustiante período de espera. Thomasina usou a água que sobrara para lavar o sangue de suas mãos. As manchas do vestido eram tantas que não havia condições de limpá-las e ela não fora providente a ponto de trazer uma muda de roupa.

Rafferty estava preocupado demais para permanecer dentro de casa. Sentia os músculos doloridos, uma estranha pressão nas têmporas e temia que a febre estivesse voltando. Ele foi até o poço e, retirando um balde de água cristalina, despejou-a sobre sua cabeça.

Esperava que esse súbito mal-estar fosse apenas uma reação de cansaço. Reconhecia, no entanto, que estava apenas procurando se enganar. Depois do longo período que passara na África, uma febre intensa o deixava periodicamente de cama. Se ao menos tivesse tempo de terminar o tratamento do jovem Zavala e voltar para casa antes da crise que se aproximava!

Da cadeira ao lado da cama do paciente, Thomasina avistava o pátio banhado de sol e via Rafferty junto ao poço. Ela o fitou, no início com curiosidade e depois com uma fascinação irresistível. O torso nu, de pele dourada e músculos sinuosos, lembrava a perfeição das estátuas gregas, mas seus movimentos elásticos eram os de um felino perigoso. Sem dúvida alguma, aquele homem de sedutora masculinidade era a criatura mais teimosa na face da Terra mas a sua perfeição física a impedia de reconhecer a existência de defeitos de personalidade.

Ele despejou o terceiro balde água sobre a cabeça e ergueu o rosto para receber o líquido quase gelado com uma expressão de intenso prazer. Thomasina não compreendia porque um homem nascido na verdejante Irlanda e que vivera rodeado pelas brumas úmidas de uma ilha banhada por um mar revolto viera morar em uma região árida e de colorido severo. Como suportava o clima seco e sem chuvas benfazejas, a centenas de quilômetros da costa?

A vida de Rafferty guardava mistérios intrigantes e Thomasina não descansaria enquanto não encontrasse algumas respostas que a ajudassem a decifrar o enigma.

Naquele instante, Rafferty virou a cabeça e seus olhos se encontraram. Thomasina sentiu uma estranha tontura e uma inexplicável falta de fôlego, o que julgou ser uma reação bastante normal após a desgastante emoção de salvar uma vida. Então o viu entrar em casa e foi envolvida por um pânico insensato. Esse tipo de comportamento era completamente anormal!

— Venha comigo — disse ele, parando diante de Thomasina. — Você está um completo desastre, parece que participou de um massacre!

— Não vou. — Ela agarrou-se à cadeira.

— Pare de discutir comigo. — Segurando-a pelos ombros, ele praticamente arrastou-a em direção à porta. — Em primeiro lugar, eu exijo que todas as pessoas ligadas a minha profissão estejam sempre imaculadamente limpas. Em segundo, se alguém tem intenção de trabalhar comigo, deve aprender a me obedecer sem discutir, a seguir minhas ordens cegamente, srta. Wentworth!

Thomasina não teve tempo de argumentar. Depois de um olhar rápido para o paciente, Rafferty a forçou a sair de casa.



Quando a luz impiedosa do sol em pleno pátio iluminou seu vestido, Thomasina ficou horrorizada. Rafferty não exagerara ao descrever seu estado. Sem mais resistir, ela o acompanhou até o poço.

Só agora Thomasina começava a perceber que o fato de se tornar assistente de um médico excessivamente atraente poderia criar problemas bastante delicados. Ela tentou desviar os olhos dos músculos de Rafferty, que retirava um balde de água do poço. A sua tentativa foi um fragoroso fracasso pois nunca vira um homem tão magnífico.

Subitamente, ela se conscientizava de que aprender anatomia observando o corpo humano em movimento era muito mais instrutivo do que estudar as figuras áridas dos livros teóricos. A pele dourada de Rafferty realçava o desenho sinuoso de seus músculos... e Thomasina se dedicou com extrema concentração àquela aula.

Então Rafferty virou a cabeça e notou que Thomasina o fitava com uma expressão de absorta fascinação. Ela se convencera de que o examinava apenas como uma estudante de anatomia, mantendo uma frieza distante mas não podia calcular que seu rosto refletisse tanta admiração. Também não previra que seu exame clínico fosse ser interrompido por um banho de água gelada. Enquanto ela tossia e tentava recuperar a respiração, Rafferty despejou o segundo balde. Thomasina afastou os cabelos molhados que cobriam seu rosto como um pesado véu e lançou-lhe um olhar fulminante, digno de uma Medusa. Para a sua surpresa, ele se imobilizou, parecendo petrificado.

Rafferty ficou pálido e, logo em seguida, enrubescceu. Antes que Thomasina pudesse decifrar o motivo de reações tão inexplicáveis, a señora Zavala chegou ao pátio e, após um olhar horrorizado, entrou em casa novamente.

A señora Zavala não demorou a voltar, correndo para junto de Thomasina e cobrindo-a com um xale de listras coloridas. Tagarelando em espanhol, ela empurrou a estrangeira para dentro de casa e, depois de retirar uma blusa e uma saia bordadas da gaveta de uma cômoda, gesticulou para demonstrar que aquela jovem escandalosa devia vestir logo as duas peças de roupa.

— Por favor, señora!

Tudo acontecera tão depressa que Thomasina não tivera tempo de pensar no que motivara aquela misteriosa reação em cadeia. Ao retirar o xale que a señora Zavala havia colocado sobre suas costas, ela olhou para o corpete de seu vestido e também ficou horrorizada. Agora compreendia porque Rafferty se transformara em uma estátua... com o olhar fixo sobre seu corpo!

Em sua pressa para seguir Rafferty, Thomasina colocara o vestido diretamente sobre a pele, sem se preocupar com o corpete que retirara para dormir. O tecido molhado ficara transparente e se colara ao seu torso, moldando a forma voluptuosa dos seios.

Rubra de vergonha, Thomasina vestiu as roupas da senhora Zavala, mas não teve coragem de retornar ao pátio e encarar Rafferty. Ficara praticamente nua diante dele e, embora soubesse que possuía um corpo bem-feito, estava mortificada demais e precisava de tempo para recuperar a espontaneidade. Fugindo de um confronto embaraçoso para ambos, ela voltou para junto do paciente.

Geraldo Zavala continuava dormindo mas recuperara o rosado das faces e cessara a hemorragia. Enquanto limpava e guardava os instrumentos cirúrgicos nas mochilas adaptadas por Rafferty, Thomasina admitia finalmente o quanto fora impulsiva.



Ao partir de San Francisco, sua única preocupação tinha sido superar todos os obstáculos que a impedissem de realizar sua idéia fixa. Estava determinada a ser uma médica e nada a deteria. Vivia tão obcecada em perseguir seu objetivo que se forçara, deliberadamente, a não pensar na eventualidade de possíveis empecilhos. Quando chegara a San Juan, fora obrigada a encarar a realidade que era muito diversa de suas fantasias românticas.

Thomasina esperava uma cidade de tamanho regular, não uma aldeia primitiva, com apenas uma rua. Em sua resposta à carta de Thom. Y. Valnoy, Rafferty descrevera San Juan como um lugar pequeno e distante da civilização, mas com tudo que um homem de bom senso pudesse desejar ou necessitar. Ela ficara arrasada ao descobrir que o vilarejo se resumia a uma dezena de casas, uma igreja e um armazém que servia de bar e ponto de encontro dos camponeses espalhados pela região.

Certamente, os desejos e as necessidades de Brendan Rafferty eram muito diferentes dos de Thomasina Wentworth!

Se ao menos aquele lugar remoto, perdido nos confins do México, tivesse uma hospedaria ou uma pensão! Thomasina viera preparada para enfrentar os rigores de acomodações primitivas, disposta a dividir o quarto, o banheiro e resignar-se a refeições comunitárias. Nunca lhe passara pela cabeça que não fosse encontrar nem mesmo uma estalagem rústica. E já não restavam mais dúvidas de que ela não podia ficar na casa do Dr. Brendan Rafferty!

Devia existir uma família amável que a aceitasse como pensionista. Mas se esse problema fosse resolvido, Thomasina ainda teria de enfrentar a tensão de uma convivência constante com um homem perigosamente atraente. Se o Dr. Rafferty decidisse não romper o contrato, os dois trabalhariam juntos e ela temia essa proximidade constante. Como teria coragem de olhá-lo nos olhos depois do que acontecera?

Thomasina não precisaria ter se preocupado com esse problema porque Rafferty também estava profundamente perturbado e permaneceu longe do quarto por muito tempo.

— Geraldo vai estar com febre e com dores quando acordar — explicou Rafferty à señora Zavala, no final da tarde. — Faça-o tomar o remédio que lhe dei e ele dormirá novamente. Seu filho teve muita sorte, é forte, e nada de grave deve acontecer durante a noite. Voltarei amanhã cedo, mas se a hemorragia recomeçar ou surgir qualquer problema imprevisto, avisem-me que virei imediatamente.

— Mas não podem ir embora, não comeram nada! — A señora Zavala gesticulava, apontando a mesa. — El doctor e a señora precisam se alimentar antes de viajar de volta.

Embora Thomasina não entendesse espanhol, seria muito difícil não compreender a mensagem da señora Zavala que certamente se relacionava ao aroma apetitoso de tomates, alho e orégano se espalhando pela casa. Enquanto tratavam do paciente, a concentração a impedira de notar a passagem do tempo ou de perceber que seu estômago se contraía. Agora ela descobria, subitamente, que estava quase desmaiando de fome.

E a expressão de Rafferty indicava que ele ia recusar o gracioso convite da señora Zavala!



— Nós precisamos de combustível para repormos as energias que gastamos, Dr. Rafferty — declarou Thomasina, sentando-se à mesa. — O corpo humano tem necessidade de alimento para se manter vivo e a fome é o mecanismo de alerta. Pode ir embora, se quiser. Eu pretendo aceitar o amável convite da nossa anfitriã!

Thomasina admirava a comida sobre a mesa com um olhar de inconfundível gulodice.

— É, talvez tenha razão, Srta. Wentworth.

O sorriso repentino de Rafferty devia ter alertado Thomasina ou pelo menos impedido-a de ser tão imprudente. Ela aceitou os fríjoles, uma massa de feijão envolta em uma panqueca de milho, e deu uma mordida.

A primeira sensação foi de prazer e surpresa pois Thomasina não imaginara que aquela iguaria exótica pudesse ser tão saborosa. A segunda, vinda instantes após a mordida, foi de que sua boca estava pegando fogo! Antes mesmo de engolir, ela sentiu que o calor se expandia até alcançar seu cérebro, os olhos lacrimejavam e era difícil respirar.

Descontrolada, ela virou-se para Rafferty e viu que os lábios dele se curvavam levemente e em seus olhos havia um brilho suspeito. Só havia uma atitude a tomar: não demonstrar fraqueza! Como se estivesse engolindo carvões incandescentes, Thomasina sentiu uma trilha de fogo descendo pela sua garganta, enquanto as lágrimas obscureciam sua visão.

— É muito saboroso — murmurou ela, comendo mais um pedaço.

O segundo bocado foi ainda mais penoso de engolir; sua boca parecia ter inchado e a garganta ardia insuportavelmente. Embora as lágrimas deslizassem em seu rosto, Thomasina conseguiu manter um sorriso polido. Ela suportaria qualquer tortura para não conceder ao dr. Rafferty o prazer de rir-se dela.

O brilho nos olhos de Brendan Rafferty não refletia humor ou malícia. Ele molhou uma tortilla no creme espesso que havia em um dos pratos e ofereceu a Thomasina.

— Coma. Isto deve aliviar a sensação de ardor em sua boca.

— Obrigada — aceitou ela, certa de que Rafferty estava lhe dando algo ainda mais picante.

Para sua surpresa, o creme aliviou instantaneamente o ardor, permitindo que ela respirasse de novo.

— A comida do México é muito condimentada. Todos adoram pimenta, até as crianças. Os forasteiros precisam de tempo para se acostumar. Você acabará se adaptando, se ficar por aqui, é claro.

Todas as angústias de Thomasina deixaram de ter importância diante das palavras de Rafferty. Embora ele tivesse apenas insinuado sua intenção, estava se resignando a aceitá-la como assistente. Com um olhar de devoção, ela observava os gestos do médico, tão acostumado aos hábitos regionais, e tentava imitá-lo. Logo também se sentiria igualmente à vontade.

Com a expressão absorta de quem está apenas preocupado com os apetitosos pratos da señora Zavala, Rafferty pensava naquela jovem que o surpreendia pela força e coragem demonstradas em todas as ocasiões. Se ao menos fosse possível solucionar o



problema de um alojamento ou de uma dama de companhia, ele adoraria conservá-la ao seu lado.

Thomasina Wentworth tinha todas as qualidades que faltavam a seus assistentes anteriores. Força, coragem, orgulho, disciplina e determinação. Entretanto, seria muito difícil conseguir que os camponeses da região a aceitassem se pairasse a menor das dúvidas sobre o relacionamento entre eles. Aquele povo rústico de moral rigorosa ficaria extremamente chocado se descobrisse que uma jovem solteira vivia sob seu teto. Uma jovem solteira e atraente demais...

Ele lembrou-se da visão de beleza e sensualidade, realçada pelo sol da tarde: as gotas de água brilhando como diamantes na pele de porcelana, o tecido fino e transparente moldando os seios amplos, a cintura muito fina...

Rafferty engasgou-se com uma tortilla e, enquanto tentava se recompor, reavaliou a situação.

Nos últimos anos, ele dirigira todas suas forças para ser apenas médico e para esquecer que era um homem, com necessidades físicas e desejos potentes. O seu vigor passional fora canalizado para o trabalho e não pretendia se desviar desse caminho seguro. A presença constante da srta. Wentworth, dia e noite ao seu lado, seria uma tentação perigosa demais e portanto inadmissível.

Pediria a Domingo que a conduzisse à primeira cidade onde fosse possível encontrar um navio para San Francisco. Se Thomasina Wentworth se mostrasse relutante, ele a levaria pessoalmente e, depois de arrastá-la ao camarote, permaneceria no porto até vê-la desaparecer no horizonte.

Só era uma pena que ela não pudesse permanecer pelo menos por mais alguns dias.

Surpreso com esse desejo absurdo, Rafferty admitiu que a solidão era um sentimento traiçoeiro. Gostava do povo de San Juan de Baptista, achava-os interessantes, hospitaleiros e inteligentes, mas sentia tanta falta de alguém que tivesse lido Shakespeare e Yeats! Alguém com quem pudesse discutir literatura, filosofia e... teorias sobre os sintomas da febre tifóide ou as novas técnicas da cirurgia abdominal.

Infelizmente, a srta. Wentworth não conhecia ninguém na região que pudesse recebê-la em casa, como amiga, parente ou pensionista. Diante da total impossibilidade de sua permanência em San Juan, Rafferty tentou convencer-se que ela não tinha formação nem temperamento para ser médica. Mesmo se acabasse encontrando um lugar para ficar, logo se cansaria do trabalho incessante, da falta dos confortos da civilização e da vida social de uma jovem de seu nível.

Não havia outra saída a não ser devolvê-la ao lar.

No caminho de volta para casa, Rafferty permaneceu absorto em seus pensamentos e nada rompia o silêncio dos campos a não ser o galope ritmado dos cavalos e o pio ocasional de um pássaro tardio.

Thomasina nem sequer percebeu o mutismo de Rafferty porque também não estava com vontade de conversar. Embora jovem e saudável, ela sentia o corpo dolorido após aquele longo dia de trabalho e tensão. Mal se agüentava em pé de cansaço, os olhos ardiam como se não tivesse dormido mas nunca, em toda a sua vida, fora invadida por uma emoção tão intensa e tão maravilhosa.



Rafferty notou a exaltação de Thomasina e reconheceu o sentimento de vitória e infalibilidade que se segue ao primeiro caso bem-sucedido. Também sabia; por inexperiência, que ela estava se envolvendo demais e a volta à realidade poderia ser muito penosa.

— Não se sinta triunfante antes da hora, Srta. Wentworth. Venceu apenas uma batalha e a guerra é muito longa. O nosso paciente ainda não está salvo e pode morrer em resultado da hemorragia ou ter uma infecção que será fatal em seu estado de fraqueza.

— Por que quer estragar o meu momento de felicidade? — perguntou ela, irritada. — Permita que eu saboreie essa pequena vitória por quanto tempo for possível, em vez de me forçar a pensar em conjecturas trágicas. Não destrua minhas ilusões.

— Um médico não pode se dar ao luxo de ter ilusões em relação a seus pacientes. É preciso antecipar todas as eventualidades de fracasso e planejar as táticas de contra-ataque. Se você não consegue ser realista em medicina, é melhor se dedicar a servir o chá das cinco em seu sua saleta íntima, madame.

Profundamente ofendida com as palavras de Rafferty, Thomasina diminuiu a velocidade do cavalo, ficando bem ao lado dele.

— Porque não admite que minha presença foi benéfica? Não perdi tempo em segui-lo e facilitei muito o seu trabalho.

— Pois acho que demorou bastante para me alcançar. Podia ter sido mais rápida.

— Caso não se lembre, as mulheres usam um número bem maior de peças de roupa do que os homens e eu perdi alguns minutos me vestindo.

— A sua justificativa não tem o menor fundamento, cara Srta. Wentworth — zombou Rafferty, mantendo o cavalo no mesmo passo que o dela. — Coloquei-a na cama completamente vestida, ao contrário do que você costuma fazer. Sou um cavalheiro...

Inevitavelmente, a conversa os lembrou da cena junto ao poço e ambos revelaram a tensão que vinham tentando disfarçar.

— O seu diploma atestava apenas que o senhor é médico e cirurgião, Dr. Rafferty. Não havia nenhuma menção a ser um cavalheiro e, para falar a verdade, até agora as suas maneiras abomináveis tem me provado exatamente o contrário.

Os dois mal controlavam a vontade de iniciar uma briga. Thomasina queria forçá-lo a admitir que o sucesso do tratamento do jovem Geraldo Zavala não teria ocorrido sem a ajuda dela. Rafferty desejava obrigá-la a confessar que a realidade fora muito mais chocante do que ela pudera supor através dos livros.

Rafferty notara as olheiras fundas e a excessiva palidez de Thomasina e, por algum motivo obscuro, o cansaço dela o deixava enfurecido. Dominado pelo desejo irracional de feri-la, usou o primeiro argumento que lhe veio à mente.

— Por que retalhou a calça de Geraldo? A mãe dele levará horas para remendá-la e essa gente é muito modesta, vive com simplicidade. Não são privilegiados que viajam com um volumoso guarda-roupa, acondicionado em dezenas de malas e baús como você.

Thomasina controlou-se e ignorou a provocação. Rafferty estava lançando mão de todos os artifícios para esgotar-lhe a paciência a fim de apressar sua partida de San Juan, mas perdia seu tempo e o dele!



O silêncio voltou a reinar entre eles durante quase uma hora e ambos se concentraram em seus próprios problemas. Rafferty estava ficando extremamente preocupado com seu estado.

Sentia-se cansado demais, com uma estranha sensação de alheamento e a familiar dor nas têmporas que indicavam uma de suas crises de febre.

Durante duas ou três horas, sua temperatura subiria gradualmente e então ele ficaria prostrado por dias com uma febre debilitante. Se conseguisse chegar em casa a tempo e tomasse uma dose do elixir de Langanberg, talvez cortasse o desenvolvimento da crise.

Era extremamente importante não ficar preso a uma cama nos próximos dias. Se não fosse o imprevisto daquela emergência, a Srta. Wentworth já estaria de malas prontas e quase chegando ao navio que a levaria de volta para San Francisco. Embora ela tivesse demonstrado uma excepcional capacidade para servir-lhe de assistente, não podia permitir que aquela jovem permanecesse em sua casa.

Rafferty decidiu aumentar a velocidade a fim de chegar ao ambulatório em tempo de tomar o remédio que evitaria mais uma crise de febre. Se ele começasse a galopar, Thomasina seria obrigada a segui-lo.

O crepúsculo transformava o céu em uma fogueira rubra, mas as montanhas ao leste já ficavam indistintas, lentamente envolvidas pela névoa noturna. A natureza transmitia paz e serenidade. Há muitas gerações, a paisagem dos campos permanecia, como os habitantes da região, imutável e intocada pela civilização.

Thomasina sentiu a raiva e o cansaço desaparecerem à medida que se aproximavam da casa de Rafferty. O silêncio e a beleza da tarde que caía lhe devolviam a tranquilidade perdida e restauravam seu entusiasmo. Então, a paz foi destruída por gritos ameaçadores e ela, instintivamente, refreou o cavalo.

Mais de vinte cavaleiros vindos do oeste formaram um círculo em torno deles. Só podiam ser bandoleiros. Um dos bandidos, de misteriosos olhos negros e um enorme bigode, aproximou-se de Thomasina e deu um sorriso que a apavorou. Ela mal conseguia respirar e não teve nenhuma reação quando o viu apoderar-se de suas rédeas.

Paralisada pelo pânico, ela permitiu que o bandolero a conduzisse para junto de seus companheiros. Thomasina tentava lutar contra o terror que a impedia de pensar com coerência e encontrar um modo de se defender. Num esforço sobre-humano, conseguiu respirar fundo, recuperando em parte a coragem que raras vezes a abandonava.

Ao se libertar da paralisia provocada pelo medo, o primeiro pensamento que ocorreu a Thomasina foi o de galopar através dos campos para escapar de seus captores. Mas já era tarde demais pois os bandoleiros haviam cortado a sua retirada e continuavam galopando em redor dela e de Rafferty, soltando os mesmos gritos incompreensíveis e brandindo no ar os chicotes de couro trançado.

Ela percebeu que a situação se agravara ao ver Rafferty desaparecer em meio a um grupo de homens que começara a agredi-lo enquanto disparavam as armas para o alto.

— Não!

O grito de Thomasina foi seguido por uma reação de súbita revolta. Com violência, ela arrancou as rédeas das mãos de seu captor que, surpreso, perdeu o equilíbrio e o controle do cavalo.



Enquanto ele tentava acalmar a montaria que empinava, Thomasina galopou na direção dos homens em torno de Rafferty, gritando como uma amazona prestes a iniciar uma batalha. A jovem petrificada pelo pânico se transformara em uma deusa vingativa.

Os homens se imobilizaram, assustados com a mulher que avançava para eles com fúria. Thomasina brandia o chicote, atingindo os mais próximos, sem ouvir os gritos de Rafferty que a chamava pelo nome. Todos os sons se confundiam, ecoando em seus ouvidos como o rugido das ondas durante uma tempestade.

— Pare!

Rafferty a alcançou quando ela se preparava para chicotear o homem de poncho vermelho. Segurou-a firmemente pela cintura.

Por uma fração de segundo, Thomasina ficou suspensa no ar, presa apenas pelo braço forte de Rafferty. Então foi colorada à frente dele e precisou agarrar-se à crina do animal para não cair. Lugh corcoveava, tentando afastar-se dos outros cavalos.

— Pare de pular, mulher! — gritou Rafferty, apertando-a com mais força junto ao peito. — Quer nos derrubar do cavalo? Se não ficar quieta, nós dois quebraremos o pescoço nas pedras do chão.

Thomasina já não entendia o que estava acontecendo. Por que Rafferty parecia mais irritado do que preocupado? Em poucos segundos, ele conseguiu controlar o cavalo e a situação. Ela levou um pouco mais de tempo para perceber o engano que cometera.

Aqueles homens não eram bandoleros e sim um grupo que viera dar-lhes boas-vindas... com uma animação excessiva!

— Quem são eles? — perguntou Thomasina, perplexa.

— São os jovens de San Juan, acompanhados por alguns vaqueiros das fazendas mais próximas do vilarejo. O líder é Andrés Zavala, tio do rapaz que foi chifrado pelo touro.

Ela voltou a examinar o homem de olhos negros e enorme bigode que lhe arrancara as rédeas das mãos. Zavala aproximou-se rindo e gritando em espanhol um refrão que todos repetiam e parecia ser um cumprimento.

Então por que Rafferty ficava a cada instante mais irritado se todos o cumprimentavam com tanta alegria?

Ele mal controlava a raiva e, se encontrasse Domingo naquele instante, seria capaz de estrangulá-lo. Devia saber que o velho mexicano não conseguiria manter a boca fechada! O incorrigível boateiro espalhara a notícia por todo o vilarejo. E o resultado fora mais explosivo do que Rafferty imaginara.

— Porque eles estão gritando? — perguntou ela, massageando os pulsos que Rafferty apertara ao retirá-la do cavalo. — O que dizem?

— Estão celebrando a sua chegada — resmungou Rafferty com um olhar furioso.

Naquele instante, Andrés Zavala tirou o sombrero e cumprimentou Thomasina com um sorriso alegre. Embora ele falasse mal o inglês, conseguiu transmitir sua mensagem.

— Bem-vinda a San Juan, señora. El doctor precisava que viesse para ajudá-lo a viver e trabalhar em nosso vilarejo.

Ela sorriu em agradecimento pela calorosa mas inesperada recepção e todos os cavaleiros retiraram seus sombreros e os agitaram no ar, antes de formarem uma fila ao lado dos dois e recomeçar a cavalgada de volta à praça no centro de San Juan.



Quando eles entraram no vilarejo, acompanhados pelo grupo de cavaleiros, os sinos da igreja começaram a repicar e todos os moradores correram para a praça, com suas melhores roupas. Até Domingo usara um poncho de listras multicoloridas e uma camisa bordada que Rafferty nunca vira antes.

Praguejando baixinho, Rafferty forçou-se a dominar o mal-estar. Já não havia dúvida de que não chegaria tão cedo ao ambulatório. Precisaria controlar a tontura e a dor de cabeça pelo menos por uma hora!

Mas Thomasina estava encantada demais com a recepção para preocupar-se com o evidente mau humor de Rafferty. Nas calçadas, garotas com flores nos cabelos cantavam enquanto os meninos corriam acompanhando a marcha lenta dos cavalos. Ao se deterem na praça central, o prefeito fez um discurso ininteligível mas entusiástico e o padre os abençoou.

Como não se encantar com uma recepção inesperadamente calorosa? Ela se preparara para enfrentar uma certa resistência e até a hostilidade dos moradores de um vilarejo no interior do México, que demorariam a aceitar uma forasteira no pouco costumeiro papel de médica.

Era gratificante reconhecer que se enganara totalmente. Sorrindo para todos, Thomasina aproveitava cada momento daquele espetáculo exótico. Só não entendia por que Rafferty continuava tão mal-humorado! A irritação dele parecia ter aumentado muito.

Rafferty mantinha-se na sela apenas por disciplina e força de vontade. Os cantores, os dançarinos e as casas ao redor da praça eram apenas um borrão indistinto diante de seus olhos. Os efeitos da febre aumentavam a cada instante que passava e ele precisava, urgentemente, tomar o remédio.

— Agora chega de festa, srta. Wentworth — resmungou ele, no limite de sua resistência. — Foi um dia muito longo e nós dois precisamos conversar seriamente.

— Mas os moradores daqui tiveram tanto trabalho para preparar essa festa! Não podemos ofendê-los indo embora tão cedo.

Uma jovem mãe aproximou-se para entregar um buquê de flores para Thomasina.

— Estou simplesmente maravilhada com esta recepção — disse ela, abraçando as flores. — Não esperava que o povo de San Juan fosse me aceitar com tanta rapidez. São tão gentis que até me chamam de senõal

— Eles a receberam de braços abertos e com tanta efusividade... pelos motivos errados — resmungou Rafferty, tentando recuar o cavalo no meio da multidão. — Señora não é um tratamento de cortesia destinado a uma médica, srta. Wentworth. É o tratamento adequado para uma mulher casada.

— Eu não entendo.

— Mas eu entendo! Infelizmente, compreendo muito bem o que está acontecendo!

A expressão de Rafferty refletia uma profunda irritação.

— E, também infelizmente, não sei o que fazer para escapar desta maldita situação e esclarecer o mal-entendido... pelo menos no momento.

— Poderia me fazer o grande favor de explicar tudo em vez de agir de uma forma incompreensível, dr. Rafferty?

— Com todo o prazer, senhorita — replicou ele, enfurecido. — Os moradores de San Juan estão certos que você é a senõra Rafferty.



— Então... — Thomasina arregalou os olhos, finalmente percebendo a gravidade do mal-entendido. — Está me dizendo que eles...

— Exatamente, srta. Wentworth. Domingo e todos os moradores do vilarejo tem a certeza absoluta de que nós somos marido e mulher. Até o padre abençoou o nosso casamento!

CAPÍTULO VI

— Casamento? Então eles pensam que somos marido e mulher? Mas é absolutamente ridículo!

— Pelo amor de Deus, controle as suas reações de contrariedade, srta. Wentworth. Quer provocar um escândalo em público?

— Você precisa contar a verdade, explicar tudo a eles antes...

— Explicar o quê? Como contar uma verdade que irá chocá-los profundamente? Eu não conheço a mulher que passou a noite em minha casa. A jovem que dormiu em minha própria cama não passa de uma desconhecida sem juízo. Acredita que eles compreenderão?

A voz de Rafferty, muito baixa e ameaçadoramente enfurecida, só poderia ser ouvida por Thomasina.

— Mas nós não... não aconteceu... — Ela ficou rubra de vergonha ao se conscientizar do sentido oculto nas palavras de Rafferty. — Você passou a noite no celeiro enquanto eu dormia em sua cama. Sozinha.

— Olhe bem para os rostos deles. Acha mesmo que alguém irá acreditar em nossas explicações? Será preciso agir com extrema cautela, srta. Wentworth. Levei anos para conquistar a confiança desses camponeses, que demoram muito a aceitar forasteiros em seu meio. E bastará uma palavra descuidada para destruir todo o meu trabalho. Bastará uma exclamação sua para que se fechem as portas até agora abertas para mim.

— Entendo — disse Thomasina com gravidade. — Deixaremos para discutir este assunto quando estivermos a sós.

Realmente, já não haveria mais tempo para encontrarem uma solução para aquele dilema. A multidão separou Thomasina de Rafferty e mãos solícitas a ajudavam a descer do cavalo. Uma guirlanda de flores brancas foi colocada sobre seus cachos ruivos, que provocavam exclamações de admiração de todas as mulheres.

As fisionomias alegres ao redor de Thomasina eram uma prova concreta de que Rafferty não se enganara. Eles teriam de pensar muito até encontrar uma explicação que convencesse os moradores de San Juan, antes da noite cair. Se conseguissem conversar a sós, ao menos por dez minutos, certamente conseguiriam inventar alguma justificativa convincente.

Bastou um olhar para que Thomasina perdesse as esperanças de falar com Rafferty. Os homens o haviam levado para o outro lado da praça e, a julgar pela animação generalizada, não o deixariam em paz tão cedo!

As mulheres também a rodeavam, demonstrando com exclamações e gestos o quanto estavam encantadas com seus cabelos ruivos e suas botinhas de pelica. Todas



apontavam para os trajes que a senhora Zavala lhe emprestara, com expressões de satisfação, como se ao usá-las, Thomasina as estivesse homenageando.

Conduzida pela multidão, Thomasina foi colocada no lugar de honra da mesa erguida no centro da praça, coberta por uma quantidade assustadora de pratos exóticos. Mais prudente, após sua primeira experiência na casa da senhora Zavala, ela apenas provava os petiscos para verificar se suportaria o excesso de pimenta.

A festa prosseguia com muitos discursos. Todos os homens mais importantes do vilarejo se erguiam, com os copos na mão, para cumprimentar os noivos.

— Estão fazendo brindes, senhora — explicou Domingo, que se sentia o dono da festa.

Thomasina não entendia uma única palavra dos discursos em espanhol mas seria impossível não compreender o espírito da festa. Disposta a participar da alegria geral, ela tomou um gole do líquido transparente colocado em seu copo e o efeito foi ainda mais explosivo do que os frijoles da senhora Zavala. Nunca tomara uma bebida tão forte e, sentindo-se como se estivesse em chamas, começou a tossir e a lacrimejar.

Desde que haviam sido separados pela multidão, Rafferty não desviara os olhos de Thomasina. Ele a viu erguer-se bruscamente da mesa e pensou que tivesse se engasgado com a pimenta. Abrindo caminho entre os homens que o rodeavam, conseguiu alcançá-la e, sem avisar, começou a bater nas costas dela.

O susto e o impacto dos golpes provocaram quase um desmaio em Thomasina que não teve mais forças para se manter em pé. Percebendo que ela ia cair, Rafferty a tomou nos braços.

— Afastem-se! Ela precisa de ar!

Mas os moradores de San Juan viam apenas um marido apaixonado abraçando a esposa e se aproximaram ainda mais do casal, soltando exclamações de alegria.

Pressionado pela multidão, Rafferty sentia que a sua crise estava perigosamente próxima. Um ruído surdo soava em seus ouvidos, quase impedindo-o de ouvir os brindes eufóricos dos moradores do vilarejo. Infelizmente, o som alarmante continuou a ecoar em sua cabeça, mesmo depois que os gritos e as risadas haviam cessado.

Ele precisava chegar a seu consultório o mais depressa possível! Se não alcançasse o armário dos remédios para tomar uma dose do elixir de Langanberg em poucos minutos, cairia em plena praça!

Subitamente, Thomasina sentiu que a erguiam no ar. Atordoada, viu que Rafferty também fora colocado sobre uma cadeira, acima dos ombros dos homens, e estava sendo carregado em volta da praça.

Rafferty suspirou aliviado ao perceber que Thomasina se recuperara do engasgo e que eles estavam sendo conduzidos para casa. Só pedia a Deus que não perdessem mais tempo dando voltas na praça ou não haveria tempo de evitar a crise.

Sua cabeça latejava, provocando uma dor tão intensa que o suor frio escorria de sua testa. O ruído em seus ouvidos aumentara muito e ele não conseguia mais escutar as brincadeiras maliciosas da multidão que pretendia segui-los até a porta da casa.

A noite descia rapidamente e Rafferty mal conseguia dar os passos necessários para cruzar o pátio e se refugiar dentro de casa. Ele se esforçava ao máximo para não



demonstrar que estava à beira de um colapso e se concentrava apenas em colocar um pé na frente do outro.

Nunca o pátio lhe parecera tão interminavelmente longo!

Rafferty sentia a febre tomar conta de seu organismo e já não controlava os arrepios de frio nem o batimento acelerado do coração. O sorriso fixo em seus lábios se transformara em um esgar de desespero e ele não enxergava mais nada a sua frente.

Sem saber como, Rafferty viu-se dentro de sua casa. Cambaleante, sentiu que Thomasina fora empurrada para os seus braços pelas mulheres que riam e gritavam. Alguém fechou a porta com estrondo.

— Tranque logo essa porta! — ordenou Rafferty, com voz rouca. — Depressa!

— Mas eles não pretendem nos fazer mal! — exclamou Thomasina, chocada com a agressividade dele.

Rafferty não perdeu tempo com explicações e aproximou-se da porta.

— Esqueça, eu mesmo a fecharei.

Com passos pouco firmes, Rafferty cruzou a cozinha e colocou a tranca na porta. Então, para surpresa de Thomasina, fechou todas as venezianas, deixando a casa mergulhada na escuridão. Do lado de fora, a multidão gritava, entusiasmada com aquele gesto inusitado.

Rafferty conhecia de olhos fechados cada canto do ambulatório e a disposição de todos os objetos de sua pequena farmácia. Tateando a superfície lisa em cima do armário, encontrou a caixa de fósforos e, embora sua mão tremesse convulsivamente, conseguiu acender o lampião.

Quando a luz se espalhou pela sala, Thomasina aproximou-se, correndo, sem esconder seu alarme. Rafferty estava tremendo, batendo os dentes de frio e o rubor da febre tomara conta de rosto dele.

— Você está doente! Por que não me disse nada? Por que não me avisou? — Ela o empurrava em direção à cama. — Precisa deitar-se imediatamente! Deixe que eu cuidarei de tudo.

Ele resistiu à ajuda de Thomasina e, embora estivesse enfraquecido pela febre, ainda era forte demais.

— Não! Eu só preciso de uma dose... de...

— Do elixir Langanberg. — Soltando-o, Thomasina correu para o armário de remédios. — E um pouco de chá de boldo peruano para reforçar a eficácia do remédio.

Soltando um gemido, Rafferty deixou o corpo cair pesadamente na cama. Ele não reagiu quando Thomasina retirou suas botas e cobriu-o com todos os cobertores da casa, depois de dar-lhe o remédio milagroso. Agora só restava esperar que a crise passasse.

O pânico de Thomasina começava a diminuir. Embora pálido, Rafferty não estava gelado como costuma acontecer nos casos de malária fulminante, portanto devia ser uma febre periódica e controlável através de remédios.

— Quando você sentiu esses sintomas pela primeira vez? As crises ocorrem em intervalos de quanto tempo?

— Pare de brincar de médica! — explodiu ele, com a voz fraca. — Estarei completamente recuperado dentro de alguns minutos. Vou me levantar e...



— Em hipótese alguma! — exclamou Thomasina, com inesperada firmeza. — Vai permanecer deitado nessa cama até a febre passar.

Ela o empurrou de volta à cama e Rafferty não teve forças para resistir. Thomasina se apavorara com a intensidade e a rapidez com que a febre se apoderara dele e sentia-se mais segura pensando na doença em termos médicos.

— O meu diagnóstico é que a crise de febre periódica está sendo agravada pelo cansaço e a falta de sono, dr. Rafferty. O remédio só terá efeito se ajudado por algumas horas de repouso absoluto.

— Parabéns... — balbuciou Rafferty, batendo os dentes. — É a malária. Apanhei essa febre quando estive na África. Não há motivo para preocupação...

Thomasina lera alguns artigos sobre a doença mas não se lembrava de detalhes suficientes para saber se Rafferty lhe dizia ou não a verdade. A aparência dele era assustadora, dando-lhe a impressão de que a situação talvez fosse bem mais grave.

A única idéia que lhe ocorria era preparar uma infusão de ervas, baseada nas receitas do manual de Heckner. Sempre acreditara na eficácia dos remédios naturais. Num impulso, acrescentou ao chá de boldo uma dose generosa de uísque irlandês, que trouxera em sua bagagem.

Em pouco mais de uma hora, a febre baixou e ele finalmente adormeceu. Foi um sono agitado em que Rafferty se debatia, tentando se levantar da cama.

— Fique tranqüilo — murmurava Thomasina, forçando-o a se deitar — ... eu estou aqui... o sono é sempre o melhor remédio. Durma.

Depois da longa viagem até San Juan de Baptista e de seu batismo de fogo durante uma emergência, Thomasina ansiava, com ardor, por algumas horas de sono. Infelizmente, o povo do vilarejo continuava a rodear a casa, celebrando um casamento inexistente. Há meia hora, se iniciara uma serenata em que guitarras acompanhavam sonoras vozes masculinas. Quando um grupo de cantores se cansava, outros os substituíam e, no intervalo entre as músicas, os gritos se erguiam no silêncio da noite.

"Viva! Viva el doctor e viva la señora Rafferty!"

Thomasina deduziu que aquele tipo de comemoração devia ser um costume local para homenagear os recém-casados. A situação era extremamente embaraçosa e ela não saberia como enfrentar Rafferty se ele estivesse bem de saúde. Mas, embora se recriminasse por ter sido tão impulsiva em viajar para San Juan sem a menor informação sobre os recursos dessa cidade, não se arrependia da decisão que tomara.

Aliás, de nada adiantaria se arrepender pois cortara todos os seus laços e não havia caminho de volta!

A comemoração continuava, ruidosa e interminável, mas Rafferty conseguiu dormir por quase três horas, apesar do barulho ensurdecedor. Sentada ao lado da cama, Thomasina comparava o rosto plácido e quase juvenil, emoldurado pelos cabelos revoltos.

Mas, ao acordar, Rafferty perdia a aparência amigável para assumir o seu papel de senhor do castelo!

— Maravilhoso! — exclamou ele, afastando os lençóis. — O elixir de Langanberg funcionou como um bálsamo milagroso! Já estou quase sem febre.



— Realmente, a febre baixou muito. — Thomasina pousou a mão sobre a testa dele, impedindo-o de se levantar da cama. — Como está se sentindo?

— Eu estaria perfeitamente bem, se pudesse dormir, mas esse maldito barulho me manteve acordado.

— Você dormiu como uma pedra por quase três horas, meu caro doutor. — Thomasina deu uma risada maliciosa. — E seus roncos suplantaram o volume de todos os barulhos vindos de fora da casa.

— Não diga bobagens. Eu jamais ronco.

— E como pode saber, se está dormindo enquanto ronca?

A lógica perfeita de Thomasina foi mal recebida por Rafferty que ignorou o comentário, escondendo a cabeça debaixo do travesseiro. Mas o alarido dos moradores de San Juan despertaria um morto e ela colocou as mãos sobre as orelhas, tentando bloquear os sons. Nenhum dos dois teve sucesso.

A festa continuou madrugada adentro. Músicas saltitantes, tiros e gritos se sucediam sem interrupção. Rafferty, que insistira em levantar-se da cama, percorria a sala de uma ponta a outra, aumentando a irritação de Thomasina. Ela sentia-se prestes a ter a primeira crise de nervos de toda a sua vida!

— Não me considero culpada por esse mal-entendido — repetiu ela, provocando uma discussão com Rafferty. — Não fui eu quem disse ao povo de San Juan que nós éramos marido e mulher.

— A culpa é toda sua! — explodiu Rafferty, também ansioso por descarregar suas tensões numa briga. — Devia ter dito o seu verdadeiro nome a Domingo. Caso ainda não tenha percebido, foi ele quem espalhou a grande notícia por toda a região.

— Então o culpado é Domingo!

Rafferty voltou-se para ela com um brilho combativo nos olhos azuis.

— O pobre homem apenas tirou uma conclusão lógica. O que ele poderia pensar de uma mulher que viaja sozinha, com bagagem suficiente para montar uma casa no deserto gelado da Antártida?

— Eu trouxe apenas o essencial — justificou-se ela, enrubescendo.

— E por acaso o pão-de-mel é essencial para a sua sobrevivência?

Thomasina lutou arduamente para resistir à provocação de Rafferty, que estava disposto a esgotar a sua paciência. Foi uma batalha perdida.

— Aparentemente, é essencial para a sua sobrevivência! Não sobrou uma única migalha no prato depois que você se apoderou deles. Por sorte, não esvaziou até a última garrafa do uísque Kilimore, que eu também trouxe em minhas incontáveis malas e baús!

A resposta inflamada de Thomasina obteve o efeito desejado, mas por um motivo diferente do que ela poderia imaginar. Rafferty não tinha o hábito de beber, só que a menção do uísque Kilimore despertava lembranças antigas e sentimentais. Ele reviu a ambiente enfumaçada da cabana em que nascera e crescera, onde o velho avô tomava a bebida dourada das destilarias da Irlanda, enquanto o quase centenário Gavin Sloane contava sempre as mesmas histórias.

Desde a chegada dos conquistadores ingleses no solo da Irlanda, o gaélico fora banido, e quem falasse a língua dos ancestrais era severamente punido. O velho Gavin



contava as antigas lendas heróicas que passavam de geração à geração havia séculos, impedindo que as tradições dos antepassados fossem esquecidas.

Thomasina notou a transformação das feições de Rafferty. De um momento para o outro, ele voltara a ser um jovem adolescente, de traços atraentes e descontraídos. Como ela gostaria de descobrir as emoções complexas que permaneciam ocultas por um comportamento ríspido. O rosto másculo refletira uma inesperada ternura e uma profunda melancolia que, no entanto, desapareceram num piscar de olhos, como se nunca tivessem existido.

— Não pode mesmo culpar Domingo por ter tirado uma conclusão errada. — Rafferty apontou as malas e os baús que permaneciam encostados às paredes do ambulatório. — Você chegou com a bagagem típica de uma recém-casada, que sempre carrega consigo todo o enxoval! Eu realmente não compreendo porque precisa de tantas roupas para praticar a medicina nos confins do México.

Lançando a Rafferty um olhar de ofensivo desdém, Thomasina aproximou-se de sua bagagem e abriu um dos baús. Retirou vários pacotes de papel encerado até encontrar o que procurava. Então, desembulhando-o, ergueu um estranho objeto feito de tela e tiras metálicas. Com um gesto rápido, colocou-o sobre o rosto.

— Considera isto uma delicada peça de enxoval, Dr. Rafferty?

— Com mil diabos! — exclamou ele, praguejando inconscientemente. — É uma máscara para clorofórmio de Schumhof fer-Braus!

Apesar da dor de cabeça que ainda persistia e dos efeitos debilitantes da febre, Rafferty atravessou a sala com passos largos e tomou a máscara das mãos de Thomasina.

— É esplêndida! Inegavelmente, este modelo supera todos os anteriores. Nunca vi um trabalho tão delicado. — O rosto dele refletia uma expectativa infantil. — O que mais você trouxe?

Thomasina controlou a duras penas a irresistível vontade de gargalhar. Rafferty estava esgotado pela febre e pelo cansaço do dia e só não dormira profundamente porque o barulho da celebração continuava ensurdecador. Então, o entusiasmo lhe devolvera as energias e o transformava em um homem cheio de vigor e saúde.

Com uma pretensa displicência, Thomasina retirou mais alguns pacotes do baú e a reação de Rafferty foi ainda mais entusiástica.

— Por Júpiter! Você trouxe um verdadeiro tesouro em seus baús!

Com um sorriso satisfeito nos lábios, Thomasina o observava abrindo os pacotes, com gestos animados. Talvez o caminho para o coração dos homens passasse pelo estômago, como afirmava a sabedoria popular, mas o caso de Rafferty era completamente diferente. A julgar pelo entusiasmo demonstrado, o médico sentia maior prazer em descobrir os novos modelos dos fórceps de Emery do que em saborear uma perdiz ao vinho do Porto ou degustar pêras cozidas no champanhe.

Ela se orgulhava de ter decifrado corretamente uma personalidade bastante complexa. Encontrara-o apenas duas vezes e por muito pouco tempo, passara dois anos sem vê-lo, mas conseguira desvendar os mistérios da alma do Dr. Brendan Rafferty.



A satisfação de Thomasina teve curta duração. Rafferty colocou a máscara sobre a mesa e coçou o queixo, com uma expressão pensativa no rosto ainda pálido. Havia algo muito errado naquela história.

— Eu gostaria de saber qual a participação de sua mãe em toda essa aventura, Srta. Wentworth.

— Ela... preferiu se omitir. — Enrubescendo, Thomasina sentiu-se como uma estudante repreendida pelo professor.

Rafferty percebeu o conflito da jovem e insistiu no assunto, impiedosamente.

— Nada do que possa dizer me convencerá, senhorita. A sua mãe jamais permitiria que você viesse sozinha para uma região tão remota. Ainda mais se fosse para se estabelecer como assistente de um médico solteiro.

— A atitude de minha mãe a esse respeito não é da sua conta, Dr. Rafferty. Sou maior de idade e tenho uma renda particular que me permite ser livre.

Thomasina agradeceu mentalmente a prima Agatha, de quem recebera o vultoso legado que financiara sua viagem ao México. A velha senhora desmentia sua fragilidade e puritanismo ao proporcionar-lhe os meios para realizar seu sonho, além de dar-lhe o apoio necessário para que ela tomasse essa decisão.

Os sentimentos de Thomasina se refletiam com muita clareza em seu rosto desprovido de malícia e Rafferty teve certeza de que ela lhe escondia algo de importância vital. Mas, antes que ele pudesse esclarecer aquele mistério, uma rajada de tiros soou muito perto da janela entre gritos ainda mais animados.

— Deus do céu! — gritou Thomasina, cobrindo os ouvidos. — Quando eles irão parar?

— Quando caírem de cansaço! Ou quando eu apanhar o meu rifle e atirar nesses idiotas...

Rafferty se interrompeu ao lembrar que na multidão ao redor de sua casa havia apenas amigos seus.

— Não se queixe de nada porque a culpa é sua, Srta. Wentworth. Essas pessoas que a perturbam estão apenas comemorando o nosso casamento!

— E a tradição do México exige que se comemorem casamentos com um verdadeiro escândalo?

— Não tenho a menor idéia. É a primeira vez que me caso em San Juan...

O som de uma discussão suplantou o dedilhar das guitarras, assustando Rafferty.

— Se eles não forem logo para casa, vão acabar provocando um desastre.

O barulho que vinha do teto parecia o de um gato passeando sobre o telhado. Thomasina estava cansada demais para identificar o ruído ou se preocupar com a possibilidade de um acidente. Ela só queria que o dia raiasse e todos fossem embora para deixá-la dormir em paz.

Rafferty viu que Thomasina estava prestes a desmaiar de cansaço e também foi obrigado a admitir sua própria fraqueza. Então os ruídos no teto aumentaram, pedaços de calça começaram a cair do teto e os vidros de remédio se entrecrocavam no armário com prateleiras de vidro. Ele suportara de bom humor o barulho e as brincadeiras maliciosas, mas não permitiria que destruíssem seu consultório!



— Agora chega! — berrou ele, arrancando a camisa. — Só há um modo de afastar esses loucos da minha casa.

Atônita, Thomasina percebeu que Rafferty despenteava os cabelos e se aproximava da porta.

— Não! Você não pode ir lá fora!

Thomasina agiu sem pensar e o resultado foi perturbador. Colocando-se entre Rafferty e a porta, ela sentiu o corpo másculo colar-se ao seu. Para sua surpresa, queria permanecer apoiada ao peito amplo que lhe transmitia calor e segurança.

— Saia da minha frente, Srta. Wentworth.

Ele empurrou-a sem delicadeza e, desviando-se da porta, foi até a janela. Depois de abrir a veneziana, inclinou-se para fora e falou rapidamente em espanhol. Suas palavras foram recebidas por risadas e assobios mas, como num passe de mágica, os moradores de San Juan encerraram a comemoração.

Perplexa, Thomasina ouvia o trote dos cavalos se afastar na direção do vilarejo. Rafferty fechou a veneziana e a fitou com uma expressão de triunfo.

— Eles não voltarão mais.

— Como...

Rafferty foi até o quarto e voltou com alguns cobertores debaixo do braço.

— Vou dormir aqui no ambulatório. Você pode ficar com minha cama.

— Eu não entendo! — insistiu Thomasina. — Como pode ter certeza de que não voltarão? O que disse a eles para convencê-los a irem embora? E porque não usou esse recurso antes?

— Acho melhor não responder as suas perguntas para evitar seus rubores de donzela. Aproveite esse silêncio abençoado e vá dormir, Srta. Wentworth.

— Eu não sou criança, Dr. Rafferty. Também estou envolvida nessa farsa ridícula e tenho o direito de saber que argumento usou para afastá-los de sua casa.

A exaustão impedia Rafferty de pensar com clareza. Ele lutara a noite inteira para não ceder ao cansaço, mas agora não tinha mais forças, paciência ou vontade de ser discreto.

— Eu simplesmente avisei-os que não poderia ter um desempenho sexual adequado se eles continuassem a fazer tanto barulho na janela do meu quarto. Disse-lhes que precisava de concentração para poder dar prazer a minha esposa.

Thomasina perdeu a fala diante da explicação de Rafferty.

— Se não queria saber, não devia ter perguntado — resmungou ele, rispidamente. — O importante é que obtive o resultado desejado.

A fúria e o embaraço tomaram conta de Thomasina que fugiu da sala, entrando no quarto rapidamente. Sua única reação contra as palavras ofensivas de Rafferty foi bater a porta com violência.

Ele deitou-se sobre os cobertores que estendera no chão do ambulatório e suspirou, aliviado. Conseguira silenciar os barulhentos moradores de San Juan e a argumentativa Thomasina Wentworth ao mesmo tempo, uma façanha de causar orgulho a qualquer homem!

Ainda restavam algumas horas de sono antes do raiar do sol e ele pretendia descansar para ter forças de enfrentar um novo dia exaustivo. Tão logo amanhecesse,



tomaria as providências necessárias para que sua hóspede indesejada voltasse para San Francisco.

Rafferty compreendia muito bem a obsessão de Thomasina Wentworth pela medicina, mas o consultório de um homem solteiro em um vilarejo de mexicanos devotos não era o lugar certo para que ela aprendesse a profissão.

Se dom Valverde soubesse que ele passara a noite com uma jovem solteira, não acreditaria em sua inocência. E a Srta. Wentworth não seria a única a partir do México! Dom Carlos era um homem influente e tomaria providências para que o Dr. Brendan Rafferty nunca mais clinicasse em seu país.

Era evidente que Thomasina se revoltaria com a sua decisão. Talvez conseguisse que seu velho amigo Roscoe Sparrow, de Boston, a aceitasse como aluna na universidade. Ela não poderia freqüentar as aulas de anatomia nem algumas palestras e teria de encontrar acomodações fora dos alojamentos universitários. Contudo, aquela jovem combativa superaria todos os obstáculos.

Satisfeito com a solução que encontrara para apaziguar a Srta. Wentworth, ele finalmente adormeceu.

Algumas horas antes do amanhecer, ele acordou, sobressaltado. Depois de ter participado das comemorações do seu casamento, não podia revelar a Domingo que ela não era a senhora Rafferty! Ninguém acreditaria que uma mulher dedicada viajasse até o México para ficar tão pouco tempo ao lado do marido. E, se ela não fosse realmente sua esposa, era uma jovem sem moral que passara duas noites com um homem solteiro.

De qualquer forma, a vida de Brendan Rafferty estava prestes a ser afetada pela irresponsabilidade de Thomasina Wentworth.

Então, depois de analisar o problema sob todos os ângulos possíveis, Rafferty teve uma inspiração que considerou genial. Ele precisava urgentemente de alguém que o ajudasse. O jovem Mendoza necessitaria de cuidados ainda por um longo tempo, Consuelo Chavez ia ter gêmeos dentro de algumas semanas e logo a febre do feno começaria a se espalhar pela região, causando os costumeiros transtornos.

Havia trabalho para dez médicos e ele era apenas um!

Os seus assistentes não haviam conseguido descobrir os encantos bucólicos daquele vilarejo encantador mas a Srta. Wentworth tinha as qualidades que faltavam aos jovens aspirantes à profissão médica.

Fascinado com a idéia que surgira em sua mente, Rafferty examinou-a sob todos os pontos de vista e não encontrou nenhuma falha. A sua reputação e a da Srta. Wentworth permaneceriam sem mácula e todos ficariam felizes.

Afinal, a situação se resolveria satisfatoriamente se Thomasina Wentworth fosse realmente sua esposa!

Completamente tranquilo, Rafferty voltou a adormecer, com um sorriso nos lábios.

— Você enlouqueceu?

A xícara de café quase escapou das mãos de Thomasina.

— Não adianta ficar tão revoltada, senhorita.

A febre de Rafferty o deixara enfraquecido e ele ainda não estava totalmente recuperado mas já se sentia pronto para enfrentar todo tipo de problemas.



— Eu não estou lhe fazendo nenhuma proposta obscena, srta. Wentworth — prosseguiu ele, sem disfarçar a impaciência. — Não sugeri que partilhássemos o leito conjugal, apenas que dividíssemos o trabalho médico. Não permitirei, em hipótese alguma, que a sua chegada intempestiva destrua o meu nome em San Juan. Cheguei aqui há oito anos e venho lutando dia a dia para que os camponeses me aceitem e confiem em mim. Como pode perceber, todos os moradores do vilarejo pensam que você é a senhora Rafferty. Se pretende ficar e trabalhar comigo, terá que agir como se fosse realmente a minha esposa.

— Agora estou entendendo por que todos os seus assistentes anteriores acabaram fazendo as malas e fugindo daqui! — explodiu Thomasina, encolerizada. — Você é completamente louco!

Ele compreendeu que a reação de Thomasina era apenas uma atitude de defesa e tentou ser menos ríspido. Infelizmente, nenhum Rafferty conseguia controlar seu temperamento tempestuoso.

— Acho melhor usar a sua inteligência, se é que possui alguma, e pensar bem sobre o assunto, srta. Wentworth. Não existe outra saída. Eu preciso de alguém para me ajudar a atender uma clientela que cresce a cada dia e você precisa de alguns anos de prática para poder abrir um consultório médico. Cheguei à conclusão que um casamento, apenas no nome, é a única solução para esse impasse. Quando o seu aprendizado terminar, poderá escolher onde deseja clinicar, nos Estados Unidos ou no México.

— Certamente concorda que é uma solução muito drástica, dr. Rafferty. Só não entendo por que eu devo ser a única prejudicada pelo engano de Domingo.

— Só você? — explodiu Rafferty, incapaz de conter a cólera. — Será preciso demonstrar-lhe que eu também estarei sendo prejudicado? Se eu quisesse uma esposa já teria escolhido uma esposa a meu gosto!

Sem responder, Thomasina começou a andar de um lado a outro na pequena cozinha, tentando analisar friamente as duas opções a sua escolha. Ou admitia a derrota e retornava a San Francisco para se dedicar a trabalhos manuais e a arte de servir o chá da tarde ou se enchia de coragem e aceitava aquela situação absurda, esforçando-se por aprender e praticar a medicina.

Ao aceitar o cargo de assistente de Rafferty, ela concordara em trabalhar por um ano, como estagiária. Se, ao final desse período, fosse considerada à altura do cargo, passaria mais dois anos recebendo um treinamento intensivo, e então poderia abrir sua própria clínica.

Quando ainda estava em San Francisco, esse acordo a encantara. Seriam três anos dedicados ao trabalho que mais amava, três anos em que estaria, diariamente, realizando seu sonho. Agora sentia-se como uma condenada à prisão perpétua; esse período de tempo estendia-se a sua frente como uma verdadeira eternidade.

Disfarçadamente, Thomasina espreitou Rafferty que continuava sentado à mesa. Ele era um homem ríspido, autoritário e intratável. Tinha o desagradável hábito de praguejar, de rugir em vez de falar como um ser humano bem educado e possuía um temperamento explosivo demais para que a convivência entre eles fosse suportável.



No entanto, ela também o vira trabalhar, admirara a perícia das mãos hábeis e seguras enquanto salvavam vidas. Nas mãos peritas de Rafferty estava a chave de seu futuro. Seriam três anos de difícil convivência e de um aprendizado inigualável.

O som das botas de Thomasina sobre o assoalho era o único ruído que rompia o silêncio da casa. Ela continuava a percorrer a cozinha de uma ponta à outra, sentindo que a raiva dava lugar à excitação. Conseguiria passar três anos em San Juan, ao lado do Dr. Rafferty? Teria condições de transmitir a todos a impressão de que os dois formavam um casal feliz?

Embora estivesse certa de que não tinha nada a temer por parte de Rafferty, a situação representava um perigo indistinto.

— Que providências pretende tomar para manter nossa... privacidade? — perguntou ela, parando diante de Rafferty.

— Eu tinha projetado aumentar a casa no início do próximo ano, quando... — ele se interrompeu, evitando revelar seus planos. — Agora, devido a sua chegada, terei de apressar a reforma.

Thomasina reconhecia que sua atitude intempestiva provocara inúmeros contratempos para o Dr. Rafferty. Embora soubesse que era a única culpada de uma situação constrangedora, o comportamento dele a irritava profundamente.

— Percebo que eu estou lhe causando problemas sem conta, Dr. Rafferty — a voz de Thomasina era extremamente sarcástica. — Talvez ache mais fácil casar-se comigo a fim de evitar mudanças trabalhosas.

— Tire essa idéia absurda da cabeça, Srta. Wentworth. Sou o último homem com quem uma jovem do seu tipo deveria se casar. Além disso, se você consegue aceitar um casamento sem amor, eu jamais me submeteria a esse tipo de contrato comercial. Prefiro escolher uma esposa guiado pelo coração.

Rubra de vergonha, Thomasina arrependeu-se de ter sido indesculpavelmente ofensiva.

— Apenas fiz uma brincadeira que, evidentemente foi mal interpretada. Caso tenha se esquecido, eu já lhe disse que também não pretendo me casar... nunca.

— Ótimo. Assim eu não perderei mais um assistente. É muito cansativo treiná-los.

Inexplicavelmente, Rafferty sentia-se aliviado. Se tivesse adivinhado a verdadeira identidade de Thom. Y. Valnoy, jamais responderia à carta que recebera em resposta a seu anúncio pedindo um assistente. Então, não estaria nessa situação agora.

A chegada de Thomasina Wentworth o forçara a admitir sua própria solidão. Reconhecia que seria maravilhoso ter alguém com quem discutir os casos clínicos. Também não negaria que era extremamente agradável encontrar um lindo rosto diante de seus olhos enquanto partilhassem o café da manhã e o jantar.

— Se decidir permanecer por aqui, pode ficar com o meu quarto, Srta. Wentworth. Eu me acomodarei no chão do ambulatório, sobre alguns cobertores dobrados, enquanto decido que medidas devo tomar para a ampliação da casa.

— Eu me sentiria muito culpada se o expulsasse de seu quarto, Dr. Rafferty.

Ele finalmente levantou-se e se aproximou de Thomasina. Em seus olhos havia um brilho estranho e alarmante.

— O que está sugerindo, Srta. Wentworth? Que partilhemos a mesma cama?



Thomasina sentiu-se à beira do pânico. Seu único desejo era afastar-se o mais possível desse homem para fugir de seu olhar penetrante e de um perigo que apenas pressentia. A excessiva proximidade a impedia de pensar com clareza e de encontrar um modo de defender o sonho de sua vida. Mas sabia que estava sendo testada e Rafferty tentava intimidá-la física e psicologicamente.

— Eu não me rebaixaria a fazer uma sugestão tão ridícula — disse ela, disfarçando o pânico.— Estamos estabelecendo as regras de uma futura sociedade e não de um casamento. Tenho certeza de que Domingo conseguirá inventar algum tipo de plataforma de madeira para servir de sofá durante o dia e de cama à noite. Posso forrar um colchão e fazer algumas almofadas... em meu tempo livre.

Rafferty não desviou os olhos de Thomasina que manteve o olhar firme, sem sequer piscar. Após um longo tempo, um sorriso de satisfação formou-se em seus lábios. Ela passara no teste.

— Muito bem, Srta. Wentworth. Não tenho mais dúvidas sobre a sua capacidade para ser minha assistente.

Respirando fundo, Thomasina enxugou as palmas das mãos, molhadas de suor, na saia do vestido.

— Então sugiro que não me chame mais de Srta. Wentworth.

Ele começou a rir e logo o som de uma sonora gargalhada espalhou-se pela casa. Antes que Thomasina pudesse prever o gesto e fugir a um contato mais íntimo, Rafferty tomou-lhe a mão, beijando-a com ardor.

— Os seus desejos são leis, minha querida esposa.

A entrada repentina de Domingo na cozinha impediu Thomasina de retirar a mão com determinação. Parado junto à porta, o velho mexicano sorria, nitidamente encantado com aquela cena de intimidade conjugal.

— Ah, señora Rafferty! Foi tão bom ter vindo para San Juan, cuidar no nosso doctor!

Rafferty soltou a mão de Thomasina e dirigiu-se a Domingo em espanhol. Ela estava chocada demais para tentar, como sempre, compreender o diálogo dos dois.

Também não duvidava que Rafferty tivesse percebido a aproximação de Domingo, beijando-a justamente para testar sua habilidade de fingir diante do velho mexicano. Ela estava há pouco mais de quarenta e oito horas em San Juan mas já fora vítima do estranho senso de humor do Dr. Rafferty. Certamente aquela carícia não passara de mais uma brincadeira às suas custas.

Se ao menos Thomasina pudesse saber o que realmente motivara aquele beijo inesperado! Ela se sentiria bem mais segura.

CAPÍTULO VII

Os cavalos batiam os cascos no chão de terra, ansiosos por partir. Depois de conferir todos os itens, Rafferty prendera suas mochilas especiais à sela de Lugh.

— Trouxe a máscara para clorofórmio?



— Está em meu estojo de primeiros socorros — murmurou Thomasina, preocupada com o estado de saúde do jovem Zavala. — Acha realmente que será preciso tomar uma atitude drástica?

— Espero que não seja necessário.

A chegada de Domingo com a égua de Thomasina interrompeu o diálogo. Rafferty a ajudou a montar, lembrando-a mais uma vez que a força excepcional daquele homem era temperada por uma surpreendente gentileza. Então ele também montou e os dois saíram da cocheira para o pátio dourado pelo sol da manhã.

Os dois animais iniciaram um trote saltitante, cheios de energia e ansiosos por um galope desenfreado. Rafferty também dava a impressão de estar completamente descansado dos rigores do dia anterior e da noite mal dormida. Ele vestira uma camisa branca e engomada, que realçava seu colorido saudável.

Só Thomasina sentia-se sem energias naquela manhã. Ela esperava que, com o tempo, se acostumassem à rotina irregular de um médico em uma região campestre e sem nenhum hospital para atender as emergências.

A manhã estava radiosa e um pássaro voou à frente dos cavalos, deixando no ar o som melodioso de seu trinado. Contagiado pela musicalidade da ave, Rafferty começou a cantar e sua voz de barítono se espalhou pelos campos. Thomasina esforçou-se para não demonstrar o mau humor que aquela demonstração de alegria provocava nela.

"Quando eu era solteira, me vestia de seda. Agora que me casei, não possuo mais nada. Mas ainda o adoro e não nego este amor. Seguirei meu homem para onde ele for."

Thomasina esperou que ele terminasse de cantar o refrão para deixar bem clara a sua opinião.

— Está deliberadamente tentando me irritar!

— Que absurdo! — A expressão de Rafferty era de mais pura inocência. — Sempre gostei de cantar essa música que, por sinal, era a favorita de minha mãe.

Cansada demais para iniciar uma discussão que fatalmente perderia, Thomasina afastou uma mecha de cabelo da testa. O dia seria muito quente pois, embora fosse bem cedo, o céu já se transformara em um espelho prateado, a não ser na linha do horizonte onde uma delgada linha permanecia de um azul intenso. Azul como a safira que Rafferty retirara de sua mão morena e colocara na mão dela antes de saírem de casa.

— Use-a até que eu providencie uma aliança ou um anel mais adequado — tinha dito Rafferty na hora do desjejum que Domingo lhes servira.

Thomasina ficara com medo de perder o anel, largo demais para seu dedo delgado, e enrolara um barbante no aro para impedir que caísse. O contato áspero a lembrava continuamente do acordo que fizera na noite anterior. Agora ela era a sra. Brendan Rafferty e repetia sem cessar seu novo nome a fim de acostumar-se. Se cometesse um único desliz, destruiria oito anos de trabalho de Rafferty e também suas chances de se tornar uma médica.

Mas a situação continuava a parecer irreal para Thomasina. Ela sentia-se como se estivesse vivendo um sonho tão ilusório quanto os picos de Los Tres Hermanos, que flutuavam acima das nuvens, sem qualquer ligação com as montanhas mais baixas.

— Existe uma lenda sobre esses três picos — disse Rafferty ao notar o interesse dela. — Três irmãos ofenderam uma poderosa feiticeira que os transformou em pedra. O



mais alto é o mais velho e os dois menores são seus irmãos gêmeos. A cada século, eles se libertam do encantamento e voltam à vida, provocando uma erupção vulcânica. Domingo afirma que já se passaram cento e dez anos mas os irmãos nem sequer estremeeceram.

— Como já conheço Domingo, suponho que ele esteja extremamente decepcionado.

— De modo algum. Quando Domingo nasceu, uma curandeira previu que ele viveria para ver os três irmãos acordarem de novo. É por isso que o velho malandro se acredita imortal. E, para falar a verdade, já sofreu ferimentos que matariam um homem mais jovem e muito mais forte.

Quando eles mudaram a rota para seguir o curso do rio em direção à propriedade da família Zavala, os três picos desapareceram atrás da copa das árvores. Como faltava pouco para chegarem a seu destino, Rafferty começou a relacionar os possíveis problemas que poderiam encontrar, explicando a Thomasina o tratamento adequado para cada uma das eventualidades.

Ela não se surpreendeu ao descobrir que Rafferty era um excelente professor. Em vez de fornecer-lhe as respostas, incentivava seu raciocínio, forçando-a a lembrar-se dos textos lidos em áridos compêndios teóricos, trazendo-os para a realidade.

Pouco antes de chegarem à casa dos Zavala, Rafferty diminuiu a velocidade do cavalo a fim de dar suas últimas instruções a Thomasina.

— Tente ficar de boca fechada, se for possível — zombou ele. — Geraldo entende algumas palavras de inglês e, se alguém lhe fizer alguma pergunta, repita sempre que é a senora Rafferty.

Thomasina concordou com um aceno de cabeça e permaneceu em silêncio enquanto desmontavam no pátio da casa dos Zavala.

Eles encontraram o paciente tão bem quanto era possível em seu estado. O jovem Geraldo estava acordado e esforçando-se para não demonstrar que sentia dores violentas. Enquanto a senhora Zavala tagarelava nervosamente, Thomasina trocou o curativo na perna do rapaz, sob o olhar atento de Rafferty. Por sorte, não havia nenhum sinal de infecção.

— Você tem mesmo muito sorte, rapaz. O ferimento está cicatrizando bem e creio que não surgirá mais nenhum problema. O período crítico já passou — disse Rafferty para tranquilizar mãe e filho.

Geraldo fechou os olhos, murmurando uma prece de agradecimento enquanto a senhora Zavala se persignava, bendizendo a proteção de Nossa Senhora de Guadalupe.

— Gracias... Gracias... — murmurava o jovem, ao se conscientizar de que não corria mais perigo de perder a perna.

— Repito que é um rapaz de muita sorte — prosseguiu Rafferty em espanhol. — Os touros de dom Carlos são famosos por sua ferocidade.

— Não consigo entender como o touro se soltou sozinho. — A fisionomia de Geraldo ficou sombria. — Quando passei em frente ao curral, o animal estava preso em uma das baias e, segundos depois, surgiu bem na minha frente. Eu não tive nem chances de fugir.

Frustrada por não entender espanhol, Thomasina usava todos os seus poderes de observação que eram bem desenvolvidos. Rafferty procurava conseguir informações



sobre o acidente e, à medida que o paciente contava os detalhes, sua fisionomia adquiria uma expressão pensativa.

Tão logo recomeçaram a cavalcada de volta ao consultório, ela o questionou sobre o assunto, sem nenhum sucesso.

— Não se envolva com os nativos enquanto não conhecer seus costumes nem sua língua. Os hábitos e o comportamento dos mexicanos não tem a menor semelhança com o dos americanos, minha cara.

— Suponho que você me servirá de guia enquanto eu não aprender a me comunicar em espanhol.

— Em primeiro lugar, você terá que aprender a prestar mais atenção em suas palavras, já que não consegue mesmo ficar de boca fechada — resmungou Rafferty, contrariado. — Enquanto estávamos na casa dos Zavala, chamou-me, por duas vezes, de dr. Rafferty. Nenhuma mulher chamaria o marido de doutor!

— Talvez as pessoas pensem que é uma forma de demonstrar respeito — replicou Thomasina, com uma expressão de inocência.

— Ah! Eles logo a conhecerão melhor e verão que você não respeita ninguém! — explodiu ele, exasperado. — E eu ainda não sei como devo chamá-la.

— Você está tentando me distrair com essas perguntas sem sentido! Sabe que meu nome é Thomasina, portanto não existe dúvida alguma a esse respeito. E eu quero saber sobre o que conversava com Geraldo Zavala!

— Senhorita... bem... — o tom dourado de sua pele ficou ligeiramente rosado. — Thomasina, concentre toda a sua atenção no aprendizado que eu posso lhe oferecer e certamente viverá mais feliz.

Ela finalmente desistiu de esclarecer aquele assunto com Rafferty. Entretanto, já não tinha mais dúvidas de que havia algo muito intrigante no acidente do jovem Zavala e pretendia desvendar esse mistério. Domingo lhe contaria a verdade. O velho mexicano se gabava de saber tudo que acontecia no vilarejo e nas redondezas e parecia sentir orgulho de passar adiante todas as notícias recebidas.

Rafferty também pensava no velho mexicano. Domingo o enganara, dando a impressão de que não entendia nem falava inglês, e esse fato o inquietava. Nunca conseguiria se lembrar de quantas vezes fora indiscreto na frente do empregado durante seus oito anos de permanência em San Juan de Baptista!

Certamente Domingo repetira seus comentários a quem quisesse ouvir. Ele se considerava o arauto daquela região campestre, de comunicação precária, e se comprazia em espalhar os boatos. Talvez por isso tivesse escolhido trabalhar ao lado de um médico, que sempre estava atendendo acidentes e emergências.

Subitamente, Thomasina freou o cavalo, fascinada com a paisagem a sua esquerda. Um vale muito verde, até então escondido por um bosque de salgueiros, surgira diante de seus olhos surpresos. Campos cultivados se estendiam na base das colinas e, sobre a mais alta delas, havia um magnífico castelo em estilo mourisco, de azulejos rosados que brilhavam ao sol. Galerias de arcos, janelas em ogiva e torres esguias completavam a visão mais próxima a uma miragem do que à realidade de uma região agreste e distante da civilização.

— Céus! Não imaginava que tivesse um vizinho tão rico, Dr. Rafferty!



— Dom Carlos Valverde — a voz de Rafferty revelava uma intensa repulsa. — É o dono das terras de todo o vale e, se dependesse dele, se apossaria também das almas dos moradores da região.

— Você não gosta mesmo desse homem. — Ela se surpreendera com a veemência de Rafferty.

— Eu detesto e desprezo dom Carlos Valverde. Ele representa tudo o que eu abomino em um ser humano. Entretanto, não posso julgar a alma de um outro homem e você está livre para formar sua própria opinião.

— Sempre me recusei a ser influenciada por outras pessoas ou a aceitar julgamentos alheios, Dr. Rafferty. — Ela acabava de pressentir mais um mistério a ser decifrado. — Não pretendo começar agora.

— O meu nome de batismo é Brendan mas a minha família — ele hesitou antes de prosseguir — ... e meus amigos costumam me chamar de Bren.

Thomasina sentiu-se intrigada com a ligeira hesitação de Rafferty. A vida daquele homem apresentava tantos mistérios a serem decifrados! Ela teria muito com que se ocupar enquanto estivesse em San Juan e não pretendia aprender apenas a fazer um diagnóstico correto ou a tratar das mais diversas doenças. Jamais conseguira resistir a um estimulante desafio.

Rafferty notou o entusiasmo que transparecia no rosto de Thomasina e surpreendeu-se com sua espontaneidade. Uma jovem dama da sociedade não devia demonstrar tanto interesse por um estilo de vida duro e primitivo que não combinava com os requintes de seu nível social.

Evidentemente, a Srta. Wentworth não aprendera a obedecer, sem questionamentos, às convenções da etiqueta e essa ausência de premeditação a tornava mais encantadora. A julgar por suas experiências pessoais, a determinação alcançava melhores resultados do que toda a boa vontade do mundo. Ele possuía essa qualidade, criticada pela maioria que a considerava teimosia ou obstinação, e a admirava em outras pessoas. A Srta. Wentworth também a tinha e em abundância!

Havia muito a admirar em sua nova assistente, além do rosto lindo e das curvas sedutoras. Rafferty censurou-se por pensar em um aspecto proibido, que deveria apagar por completo de sua mente. Thomasina Wentworth teria de ser, a seus olhos, absolutamente igual a qualquer outro estudante de medicina fazendo um estágio em seu consultório. Igual a Henry Appleby ou Jebediah Grundy. Precisava mantê-la a distância, sem lembrar-se das perfeições físicas, se pretendia que o plano desse certo.

Thomasina não era mais a mesma jovem do primeiro encontro em San Francisco, mas ele ainda não tivera tempo de analisar as mudanças ocorridas nem de imaginar o que as provocara. Ela transmitia uma impressão de autoconfiança mas... seria realmente verdade?

Na tarde anterior, quando os camponeses a cavalo os haviam rodeado, entrevira algo muito além do pânico ou de uma surpresa normal no rosto de Thomasina Wentworth. O incidente a paralisara embora se recuperasse com rapidez, lutando como as antigas guerreiras da Irlanda.

Durante uma boa parte do caminho, Rafferty tentou encontrar a chave do mistério representado por Thomasina Wentworth, ou melhor, Thomasina Rafferty! Finalmente



desistiu, depois de chegar à conclusão de que sua assistente era complexa demais para ser entendida em tão poucos dias de convivência.

Os dois se aproximavam de San Juan em silêncio, concentrados em seus próprios pensamentos.

A notícia que os moradores do vilarejo a julgavam casada com el doctor quase descontrolara Thomasina por completo. No entanto, ela se esforçara para que seu pânico não transparecesse diante de Rafferty. Por um lado, essa união inexistente facilitaria muito a sua vida. Uma mulher solteira e sozinha, tentando abrir seu caminho no mundo, estava à mercê de propostas ofensivas e reações hostis.

Na verdade, a situação das mulheres que desejavam ser médicas se tornava ainda mais grave. Elas eram consideradas estranhas, pouco femininas e até de moral duvidosa por cuidarem do físico de seus pacientes.

Sendo casada, Thomasina estaria sob a proteção de um marido, a salvo de atenções indesejadas e de comentários maliciosos.

Mas havia sempre o outro lado da moeda. Era extremamente inquietante pensar que deveria passar os três anos especificados pelo contrato, fingindo ser a esposa de Brendan Rafferty. Não se amedrontava com o estranho senso de humor daquele homem temperamental, pois preferia a honestidade rude a delicadezas enganadoras. Os gritos e os gestos ameaçadores também não a assustavam, portanto sua preocupação não se originava em um possível choque de personalidades.

Rafferty seria seu superior e seu mestre no trabalho do dia-a-dia. Possivelmente, também seria o seu único companheiro. Os dois partilhavam o mesmo idioma, a mesma cultura e um nível social semelhante, além de estarem unidos por objetivos e interesses comuns. A certeza de que passariam todos os minutos juntos a alarmava demais. Uma convivência tão intensa só poderia provocar um desastre. E embora essa possibilidade fosse apenas uma suspeita imprecisa, Thomasina sentiu-se envolvida por uma onda de angústia.

Ela olhou disfarçadamente para Rafferty. O queixo firme indicava teimosia e as sobranças cerradas eram um sinal de temperamento explosivo. Os olhos, alertas e penetrantes, combinavam com a boca sensual. Se ele tivesse uma personalidade menos bem formada, poderia ser um homem arrogante e cruel.

Mas Thomasina já não tinha dúvidas de que Rafferty possuía uma índole fundamentalmente boa. Ele era um médico dedicado, um profissional honesto e não um mau-caráter como...

As lembranças retornaram com um ímpeto assustador e de nada adiantava lutar contra as sinistras imagens do passado. Thomasina sentia dificuldade para respirar, seu coração batia descontroladamente e ela não ouviu o grito de Rafferty quando deu rédeas livres a sua montaria.

Agarrando-se à crina do animal, ela sentia o vento em seu rosto enquanto fugia das lembranças, voltando velozmente para o refúgio seguro do ambulatório.

Rafferty acompanhou com um olhar de admiração o galope desenfreado através dos campos. O vento soltou os grampos de Thomasina e sua cabeleira brilhante flutuava no ar com a leveza e a oscilação das chamas. Ela e o animal retratavam a imagem da



verdadeira liberdade e ambos tinham qualidades essenciais mas raras: coragem, resistência e uma beleza excepcional.

Mais uma vez, ele tentou não se lembrar da beleza de sua assistente e sentiu um extremo desânimo. Rafferty sempre acreditara firmemente no poder da mente sobre a matéria, mas nem todo seu controle conseguiria transformar uma jovem sedutora no sardento dr. Pease ou no dr. Muchingam, de rosto vermelho e bigode ralo!

Lugh pisoteava a relva, ansioso por se lançar ao galope e alcançar a égua castanha que voava como o vento. Rafferty, porém, puxou as rédeas, impedindo o animal de seguir seus instintos de corredor.

— Deixe-as ir, Lugh. As mulheres precisam de momentos de solidão. Elas precisam ficar sozinhas.

Thomasina não se virou para trás a fim de ver se Rafferty a seguia. Conseguira afastar todos os pensamentos da mente e mergulhar apenas nas sensações. O calor do sol acariciando sua pele, o azul intenso do céu, os aromas silvestres da brisa fresca tocando seu rosto... Ela sentia tudo sem pensar nada, perdendo a própria identidade até suplantar o medo e apagar as lembranças.

Ela só se deteve no alto da colina de onde podia avistar toda a paisagem. A sua frente estava San Juan, sonolenta sob o sol forte. Mais ao longe, o rio serpentava entre os bosques de salgueiros, surgindo como uma fita prateada da sombra verde das árvores. A cavalgada e a beleza do cenário haviam vencido o pânico e Thomasina sentia-se exausta. Só queria chegar em casa, tomar um banho e uma fragrante xícara de chá...

Só não queria, naquele momento, encontrar uma visita!

Uma égua de sangue árabe e linhas elegantes estava amarrada à entrada da cocheira. Domingo, acompanhado por um garoto, ocupava-se em trazer feno para o animal.

A dona da magnífica égua não se afastara muito e estava observando a chegada de Thomasina do pequeno pátio, em frente à porta do ambulatório.

A jovem parecia ter a mesma idade de Thomasina e era realmente encantadora. Os cabelos dourados e penteados com muita arte emolduravam traços delicados e aristocráticos. Do coque requintado aos pés minúsculos, ela refletia uma imagem de polimento e sofisticação. Seu traje de montaria, rosa e de um tecido macio, exibia a qualidade que só era encontrada em Londres ou Paris.

Thomasina se debatia entre o embarço e a curiosidade. Fizera um papel ridículo, galopando através dos campos como uma mulher do oeste bravio e sentia vergonha de sua aparência. Chegara coberta de pó, com os cabelos despenteados pelo vento mas, se aquela jovem se dera ao trabalho de vir até o consultório, devia estar com problemas e precisando do auxílio de um médico. Talvez se tratasse de uma emergência e cada minuto perdido significava perigo de vida.

— Obrigada, Domingo — agradeceu Thomasina, entregando-lhe as rédeas da montaria. — O Dr. Rafferty chegará dentro de alguns minutos, mas tentarei resolver o problema dessa jovem.

Nesse instante, a jovem loira saiu da sombra da casa e fitou Thomasina com um olhar de desdém.



— Eu não quero falar com você — disse a desconhecida, pronunciando com dificuldade as palavras em inglês. — Vim ver o Dr. Rafferty.

— Então trate de falar comigo, moça — replicou Thomasina, reagindo com rispidez à atitude ofensiva da desconhecida. — Sou assistente dele.

— O quê? Uma mulher? — a jovem se deteve, horrorizada. — Ele não seria tão tolo assim!

— Infelizmente, sou mais tolo do que todos julgam — interferiu Rafferty, cruzando o pátio ainda a cavalo. — Buenas tardes, señorita Valverde. Eu não sabia que já havia voltado. Espero que não tenha vindo porque surgiram problemas na hacienda.

O rosto perfeito da señorita se iluminou com a chegada de Rafferty e ela correu para cumprimentá-lo. Todos os sinais de altivez, desdém ou impaciência tinham desaparecido como por encanto de seus traços angelicais.

— Estamos todos bem, graças a Deus. Vim a sua procura para transmitir-lhe um convite. Meu irmão está recebendo hóspedes de destaque e quer homenageá-los com um jantar, seguido por um fandango. Será na quarta-feira próxima e adoráramos se nos desse o prazer de sua presença.

A jovem ficara de costas para Thomasina, ignorando-a e excluindo-a do convite.

Enquanto a señorita Valverde e Rafferty conversavam, Domingo aproximou-se de Thomasina, acompanhado por um garoto que devia ter no máximo dez anos.

— Eu preparei os refrescos e posso servi-los na placita diante do ambulatório, señora.

— Obrigada, Domingo. Talvez fosse melhor cuidar de Sherazade antes de servir os refrescos. Eu a fiz galopar demais.

— Não se preocupe com nada, señora. — Ele apontou para o garotinho. — Lorenzo poderá cuidar da égua enquanto eu me ocupo em servir os refrescos. Talvez queira tomar um banho antes, por isso esperarei até que vá se reunir à señorita Valverde.

Thomasina suspirou, aliviada. Precisava de um banho porque estava suada e com calor mas, acima de tudo, porque queria demonstrar à orgulhosa señorita que podia se apresentar como uma dama. Com passos firmes, foi até o quarto e escolheu um de seus vestidos mais encantadores, de organdi azul, com babados debruados de cetim em um tom mais intenso. Certamente era um traje requintado demais para aquele ambiente rústico mas iria ser apresentada, pela primeira vez, como assistente do Dr. Rafferty. Essa ocasião única merecia ser celebrada com pompa.

A água estava quase gelada e Thomasina sentiu renascer seu espírito combativo. Ouvia apenas a voz murmurante da señorita Valverde vinda do pátio e, incapaz de resistir à curiosidade, apressou o banho.

Por uma fresta da veneziana do quarto, era possível ver a bela jovem sentada na melhor cadeira da casa e que fora retirada do ambulatório em homenagem a uma visitante de honra. Ela mal encostava no assento de palhinha, como se sentisse medo de estragar seu magnífico traje de montaria, roçando um móvel tão rústico.

Enquanto desembaraçava seus cachos rebeldes, Thomasina chegou a uma conclusão definitiva sobre a recém-chegada. A señorita Valverde era uma jovem calculista que não demonstrava um só sinal de ser sincera, honesta ou espontânea! As mechas do coque artístico tinham sido penteadas de forma a realçar a beleza do rosto oval, o corte



do requintado traje de montaria acentuava a suavidade das curvas femininas. Tudo fora arquitetado e planejado com o intuito de seduzir os homens.

Não havia nada de autêntico ou de descontraído na atitude da señorita Valverde, desde o modo delicado com que movia as mãos muito alvas à maneira provocante de olhar através dos cílios espessos.

A moça era perfeita demais... e tinha a graça e a vivacidade de uma boneca de cera!

Com os cabelos molhados soltos nas costas e ainda em trajes íntimos de algodão, Thomasina sentia-se uma verdadeira mulher das cavernas diante de uma princesa de contos de fada. Suas mãos estavam vermelhas das excessivas lavagens com ácido carbólico, que era o anti-séptico ideal para eliminar todos os vírus.

E por que ela sentia essa emoção desconhecida e alarmante? Só podia ser um efeito do calor e da falta de sono porque, em hipótese alguma, teria ciúmes do dr. Rafferty. O acordo entre eles previa um relacionamento puramente platônico.

Depois de se vestir, Thomasina olhou-se no espelho e não sufocou um suspiro de desânimo. Estava apenas apresentável! Mas certamente não havia motivo para sentir-se inferiorizada. Afinal, era uma médica e não um modelo de alta moda!

Apesar de acreditar em seus próprios argumentos, Thomasina retirou da caixa de jóias um broche e um par de brincos de ouro que ganhara de presente da mãe. Então, cedendo a um impulso, trocou as botinhas pretas que usara durante todo o dia pelas de couro branco, tão apreciadas pelas mulheres de San Juan.

Uma risada melodiosa chegou até o quarto e Thomasina voltou a espreitar através da fresta da janela. Rafferty estava olhando para a señorita Valverde com um sorriso absolutamente idiota nos lábios sempre contraídos num rictus de descontentamento. Sem vontade de agir com discrição, ela abriu a veneziana e pôde apreciar melhor a cena aconchegante.

Domingo já havia colocado os refrescos sobre a mesinha do pátio, usando os copos de pé alto e a bandeja de prata que ela trouxera de San Francisco. Também servira, em um de seus pratos de porcelana chinesa, os últimos pedaços de pão-de-mel!

— O meu irmão ficou muito contente quando lhe contei que viria praticar meu inglês com você.

A señorita Valverde apenas mordiscava seu pedaço de pão-de-mel mas Rafferty os devorava, tomando gole após gole do suco preparado por Domingo.

— Pratique à vontade, Margarita. Entretanto, não tenho nada de interessante para lhe contar. Passei as últimas semanas isolado nas montanhas e ignoro até mesmo as novidades do vilarejo.

— Não importa. Eu estou ávida por conversar com alguém inteligente. A hacienda também é isolada demais e não há ninguém que valha a pena visitar num raio de centenas de quilômetros. — Margarita deu um sorriso cativante. — Não vejo um rosto novo há meses, com exceção daquela criatura estranha que chegou pouco antes de você. Quem é a pobre coitada e o que veio fazer em San Juan?

A expressão desconcertada de Rafferty demonstrava que ele tinha se esquecido completamente da existência de outros seres humanos na face da Terra além da sedutora señorita Valverde.



Thomasina sempre se orgulhara de ser imune ao célebre temperamento explosivo das ruivas. Naquele momento, ela descobriu que não escapara do seu destino. Incapaz de controlar-se, abriu a porta que dava acesso ao pátio.

— Boa tarde, senhorita. Eu mesma responderei as suas perguntas. Vim a San Juan para trabalhar como assistente de nosso excelente doutor. E, já que deseja saber realmente quem sou, meu nome é Thomasina Rafferty. Sou a esposa de Brendan.

A jovem a fitou com um olhar horrorizado e, sem avisar, desmaiou sobre a mesinha do pátio.

Rafferty fulminou Thomasina com um olhar de fúria antes de acudir a senhorita Valverde.

— Margarita!

Inclinado-se sobre a jovem, Rafferty tentava aquecer-lhe as mãos frias. Então, Thomasina perdeu os últimos vestígios de paciência e atravessou o pátio, parando junto à mesa.

Ela aproximou-se de Rafferty, que carregara a senhorita Valverde até a sombra de um salgueiro e mantinha a cabeça da jovem em seu colo.

— Espantoso! — murmurou ela, com indisfarçável ironia. — O que pode ter ocasionado esse desmaio repentino?

— Discutiremos os motivos mais tarde. Dê-me seus sais.

— Eu não costumo desmaiar e por isso jamais tive um vidrinho de sais.

— Então vá buscar um frasco de amônia em meu gabinete de remédios.

— É perda de tempo. Tenho certeza de que essa dama nunca se separa de seu vidrinho de sais!

Ajoelhando-se ao lado da senhorita Valverde, Thomasina abriu a delicada bolsa de camurça rosa e retirou um vidro de cristal lapidado. Ao abrir a tampa, o cheiro acre do amoníaco se espalhou no ar.

Rafferty continuava tentando trazer a jovem de volta à consciência. Ao se aproximar do rosto da senhorita Valverde, Thomasina notou que os olhos negros brilhavam vividamente entre as pálpebras semicerradas. Margarita já recuperara os sentidos e agora apenas fingia para continuar sendo o centro da atenção de el doctor. Pois havia um modo muito eficaz de encerrar aquela farsa!

Thomasina esperou que Margarita começasse a inspirar e encostou o vidro de sais no delicado nariz arrebitado. O resultado foi imediato.

Margarita Valverde engasgou, tossiu e sentou-se para conseguir respirar melhor. Ela estava com o nariz vermelho, lágrimas escorriam em seu rosto mas seus olhos refletiam um ódio mortal por Thomasina Rafferty.

Com um gesto rápido e percebido apenas por Thomasina, Margarita se apoderou do vidro de sais e, a mesma mão que o puxara com violência, pousou delicadamente sobre o peito num gesto de desamparo. Ela gemeu baixinho e voltou a fechar os olhos.

— A pobrezinha foi afetada pelo sol excessivamente forte — declarou Rafferty, preocupado. — Vou carregá-la para dentro de casa.

A jovem parecia uma flor de estufa, frágil e etérea, mas Thomasina tinha certeza de que havia a dureza do aço sob suas delicadas pétalas. Em silêncio, ela acompanhava aquela farsa. Era preciso admitir que o primeiro desmaio fora genuíno pois nenhuma



mulher com um mínimo de vaidade cairia tão desastrosamente sobre um prato de pão-de-mel!

Thomasina os seguiu para dentro de casa, em tempo de presenciar uma magnífica demonstração de malícia feminina, enquanto Rafferty colocava Margarita Valverde sobre o banco de madeira rústica.

A boca tremia graciosamente, enquanto a mão muito alva agarrava-se a do médico, reforçando sua imagem de desamparo. Margarita arqueou o pescoço e o tecido suave do traje de montaria moldou-se aos seios rijos. Todos os movimentos sensuais da jovem tinham apenas um objetivo. Eram gestos calculados para despertar os instintos protetores e o cavalheirismo dos homens.

Brendan Rafferty não era uma exceção à regra!

Inexplicavelmente, Thomasina sentiu uma profunda decepção. Imaginara que um homem com a inteligência excepcional de Brendan Rafferty tivesse também a capacidade de não se iludir com um fingimento tão evidente. O doutor ríspido mas eficiente jamais toleraria se ela agisse com essa pretensa fragilidade feminina.

Se Thomasina ameaçasse desmaiar enquanto cuidavam do jovem acidentado, Rafferty a teria expulsado da casa dos Zavala, sem pestanejar. Ela controlou uma raiva inexplicável, sentindo ódio da ingenuidade e da falta de inteligência de todos os homens.

O médico aproximou-se dela, que permanecera junto à porta do ambulatório.

— Veja só o que você provocou! Por acaso enlouqueceu? Não devia ter dado a notícia com tanta falta de tato!

Thomasina ergueu o queixo e tentou livrar-se de Rafferty, que segurava o braço dela com força excessiva.

— Então você não se lembra de seus próprios conselhos? Deu-me instruções precisas a essa respeito, há apenas poucas horas. E acho melhor não falar tão alto ou a senhora ouvirá a nossa conversa.

Antes que Rafferty pudesse replicar, Domingo entrou no ambulatório. Como sempre, o velho mexicano parecia adivinhar o que acontecia longe de seus olhos astutos, antecipando as reações de el doctor.

— Já preparei a charrete, atrelei os cavalos e coloquei a capota. Quer que eu leve a égua da senhora de volta para a hacienda Valverde?

Rafferty hesitou para responder e uma expressão de contrariedade transformou seu rosto. Thomasina vira a raiva e a amargura que o nome de dom Carlos Valverde despertara nele, quando passaram perto da propriedade. Agora perguntava-se se a razão desse ódio não seria a bela Margarita!

— É melhor você levar a égua para lá, Domingo. Eu mesmo conduzirei a senhora de volta ao lar, depois que ela tiver descansado e se recuperado. Uma constituição tão frágil não suporta os rigores do sol do meio dia.

Mais uma vez, Thomasina não conseguiu controlar o sarcasmo. Rafferty nunca lhe perguntara se ela estava cansada ou se ressentindo com o calor excessivo do México!

— Se essa jovem dama usasse roupas mais adaptadas ao clima em vez de seguir a moda, talvez se sentisse melhor durante as horas de calor. E, se você e Domingo saírem da sala, eu soltarei o espalho da senhora Valverde pois é evidente que está apertado demais.



Uma expressão estranha modificou as feições de Rafferty. Thomasina seria capaz de jurar que ele tentava controlar o riso mas só podia estar enganada. Segundos depois, o médico havia recuperado o costumeiro ar eficiente e distante.

— Eu estou... bem melhor — declarou Margarita, precipitadamente. — Seu diagnóstico foi, como sempre, correto, dr. Rafferty. Não deveria ter saído de casa com o sol ainda tão forte; nunca suportei o calor. Mas estava ansiosa demais para transmitir-lhe o convite de meu irmão que não parei para pensar. Agora sinto-me muito bem e em condições de voltar para casa em sua charrete na hora em que desejar.

Com um gesto gracioso, ela aceitou a caneca de água que Rafferty lhe oferecia, mas continuou a ignorar a presença de Thomasina.

— Diga que vai ao jantar, Bren... dr. Rafferty. O general Vasquez prometeu comparecer e esse encontro poderá ser muito benéfico.

— Agradeço a sua gentileza, Margarita. Eu lhe darei uma resposta definitiva amanhã.

Rafferty passou o braço em torno da cintura da senhora Valverde para ajudá-la a ir até a charrete mas, antes de deixar o ambulatório, fitou Thomasina com um olhar que a prevenia para não abrir mais a boca.

Contrariando seus impulsos, ela se manteve calada. Se pretendia aceitar a orientação do médico e fingir que era casada com o homem, teria, ao menos, de confiar nele. Rafferty nunca fugia da verdade e esse silêncio anormal só podia estar relacionado a um motivo muito importante.

Thomasina permaneceu no pequeno pátio, vendo Rafferty e a bela moça se afastarem. Ele dirigia a carroça mas não desviava os olhos da fascinante jovem que também o fitava com adoração.

Resmungando baixinho, Thomasina começou a retirar os copos e os pratos da mesinha do pátio. Depois de lavar e guardar todas as peças, parou diante da galinha que Domingo matara e deixara sobre a pia da cozinha.

Ela nunca cozinhará nada, muito menos uma galinha inteira, mas certamente era a hora de enfrentar esse desafio. Não sabia quando Domingo estaria de volta e a carne se estragaria se não fosse utilizada. Colocando a ave em uma panela de barro cheia de água fria, avivou as brasas do fogão à lenha e foi para o quarto.

O dia tinha sido exaustivo e ela merecia algumas horas de descanso. Deitando-se na cama, Thomasina começou a folhear *As Doenças Tropicais*, de Browning, um livro que sempre prendera sua atenção. Conseguiu ler todo o tópico referente a febres africanas e ficou bastante aliviada ao constatar que a febre de Rafferty demoraria alguns meses para voltar e que as crises iriam perdendo intensidade.

Mas, naquele momento, Thomasina precisava encontrar algum remédio eficaz contra o sono. Os bocejos se sucediam, seus olhos já não se fixavam mais nas páginas e os termos médicos se transformavam em borrões indistintos. A única solução seria fechar as venezianas e dormir alguns minutos...

Quando Thomasina acordou, teve certeza de que não se encontrava mais sozinha no quarto. Estava muito escuro e ela não conseguia distinguir quem se aproximava de sua cama com passos hesitantes. Não podia ser Domingo, que a avisaria antes de entrar,



nem Rafferty que caminhava em silêncio como os felinos. Então, sentiu que alguém tocava seu ombro.

— Acorde, amigo — murmurou uma voz desconhecida. — Preciso de sua ajuda.

— Quem é você? — perguntou Thomasina, lutando contra o torpor do sono.

A voz praguejou baixinho e os passos se dirigiram até a janela para entreabrir as venezianas.

— Carambal

Uma mão calejada cobriu a boca de Thomasina que se viu diante de um desconhecido, de pele morena e cabelos muito negros.

— Quem é você? — indagou o homem.

— Eu perguntei primeiro — disse Thomasina, por entre os dedos do desconhecido.

— Onde está Brendan Rafferty?

— E quem deseja saber o paradeiro do doutor? — Thomasina conseguiu afastar a mão que cobria sua boca e sentou-se na cama. — E por que eu deveria dar essa informação a um desconhecido?

Thomasina começou a levantar-se da cama sem que o homem fizesse qualquer gesto para impedi-la. Embora a casa, protegida pelas grossas paredes, estivesse muito fresca, o desconhecido suava profusamente.

— Você está doente? — perguntou ela, preocupada.

— "Si, señora". Dom Carlos e seus malditos capangas me deixam mortalmente doente! — exclamou o desconhecido. — Mas o meu problema neste momento, o que me trouxe até aqui, é uma bala alojada em meu ombro.

Ela aproximou-se do homem e afastou o poncho que lhe cobria o ombro. A camisa de algodão branco estava encharcada de sangue e, apesar do curativo improvisado, a hemorragia não cessara.

— Venha comigo até o ambulatório — ordenou Thomasina, resoluta. — É preciso estancar a hemorragia e eu tomarei todas as providências pois o dr. Rafferty...

O som de um galope se aproximando interrompeu-a e o homem empalideceu, nitidamente apavorado.

— Dom Carlos e seus capangas! — murmurou ele. — Por favor, me esconda! Eu lhe imploro que me ajude porque eles vão me matar!

Diante de um pânico tão genuíno, Thomasina tomou uma decisão ditada pelo coração.

— Esconda-se debaixo de minha cama. Depressa! E não saia por motivo algum. Eu virei chamá-lo quando eles forem embora.

Controlando o próprio medo, Thomasina jogou o conteúdo de uma de suas malas sobre a cama, como se estivesse ocupada em desfazer sua bagagem. Um cavalo relinchou junto a sua janela e ela ouvia claramente o comentário dos homens.

— Olhem! Há muito sangue no chão. Ele deve ter vindo para cá.

Não havia tempo a perder! Thomasina correu para a cozinha e viu que o desconhecido deixara marcas de sangue no chão. Retirando metade da água que colocara na panela para cozinhar a galinha, lavou rapidamente as pedras manchadas e o tampo da mesa. Segundos depois, um homem entrou, com uma pistola na mão.

— Hola. Onde está o doutor?



Ainda segurando a panela nas mãos, Thomasina enfrentou o recém-chegado com uma expressão combativa.

— Sinto muito mas não admito pessoas armadas em minha casa. — declarou ela, com altivez. — Fora!

O homem não compreendia inglês mas o sentido das palavras era inconfundível. Ele fitava a senhora de cabelos ruivos com uma expressão de espanto quando um outro homem entrou na cozinha.

Aquele homem alto, de pele dourada e olhos negros, só podia ser o irmão de Margarita Valverde. Ele tinha uma postura aristocrática e emanava autoridade além de uma evidente arrogância. Ao se deparar com Thomasina, dom Carlos não disfarçou sua perplexidade.

Recuperando rapidamente a aparência fidalga e o autocontrole, ele se curvou diante de Thomasina.

— Boa tarde, señorita. Nós precisamos falar com o dr. Rafferty.

— Infelizmente não será possível porque ele saiu, há cerca de uma hora. Foi levar a señorita Valverde até a fazenda de dom Carlos. — Seus dedos se crispavam sobre a panela de barro. — Eu o espero para a hora do jantar.

Os olhos negros a examinavam com muita atenção, analisando também as manchas de água espalhadas pelo chão da cozinha.

— Perdoe a minha ignorância, señorita. — Ele curvou-se novamente diante de Thomasina. — Sou dom Carlos Valverde. Por que nunca fomos apresentados?

— Minha chegada a San Juan é muito recente. — Ela não pretendia dar maiores informações ao irmão de Margarita Valverde sem antes conversar com Rafferty.

Dom Carlos examinava a cozinha sem disfarçar o desejo de entrar nos outros cômodos.

— Não gostaria de assustá-la, mas há um bandolero à solta nestas redondezas. Um de meus homens o feriu, mas ele conseguiu escapar. Seria melhor que a señorita não se afastasse muito de casa até que nós o prendamos.

— Agradeço a gentileza de ter vindo me avisar. Seguirei o seu conselho.

Com uma reverência ainda mais acentuada, dom Carlos retirou-se, seguido por seus homens. Thomasina finalmente recolocou a panela sobre a o fogão à lenha e parou junto à mesa da cozinha. Suas mãos tremiam demais, porém, sabendo que poderia ser vista através da janela, começou a cortar as cebolas para o tempero do frango. Por sorte, ela só machucou um dedo nessa atividade pouco adequada a um momento de extremo nervosismo.

Thomasina só pensava no homem ferido, escondido embaixo de sua cama. Se fosse atendê-lo com muita rapidez, poderia chamar a atenção dos capangas de dom Carlos, que voltariam para matar a vítima, já atingida com um tiro. Se demorasse demais para socorrê-lo, ele acabaria morrendo por causa da hemorragia.

Após alguns instantes de hesitação, ela saiu para colher um buquê de sempre-vivas para enfeitar a casa. Essa tarefa lhe daria um pretexto perfeito para caminhar junto às vinhas que limitavam a propriedade e de onde teria uma visão da estrada para o vilarejo.



A nuvem de poeira indicava claramente que dom Carlos e seus capangas já estavam entrando em San Juan. Sem perda de tempo, Thomasina voltou para dentro de casa e, jogando as flores sobre a cama, chamou o desconhecido.

— Pode sair. Eles já foram embora.

Não houve nenhuma resposta. Apavorada com o silêncio que poderia significar uma tragédia, Thomasina abaixou-se para procurar o ferido embaixo da cama. Só encontrou uma sinistra mancha de sangue, marcando o local onde o desconhecido se deitara. A marca de seus dedos ensangüentados no batente da janela indicava por onde ele fugira.

Quando Rafferty retornou, muitas horas mais tarde, encontrou Thomasina sentada no banco do lado de fora da cozinha, limpando ervilhas.

— Onde está Domingo? — perguntou ele, enquanto descia da charrete, notando imediatamente os rastros de muitos cavalos sobre a terra do pátio.

— Não tenho a menor idéia. Ele ainda não voltou para casa. — Com uma expressão de fingida indiferença, Thomasina prosseguiu: — Mas chegaram vários outros visitantes durante a sua ausência.

Ela desistiu de provocar Rafferty ao notar que suas palavras haviam provocado uma evidente tensão no médico.

— Dom Carlos chegou, acompanhado por seus homens. Eles estavam à procura de um fugitivo que já haviam ferido com um tiro. Disseram que se tratava de um bandolero.

— E o encontraram? — perguntou Rafferty, empalidecendo.

— Não. Eu o escondi embaixo da minha cama.

— Com efeito! — exclamou ele, atônito. — Agiu muito bem, Thomasina. Onde está ele agora? O ferimento é muito grave?

— Poderá ser fatal se não for tratado com urgência. Infelizmente, ele fugiu enquanto eu conversava com dom Carlos.

— Descreva-o para mim.

Thomasina tentou ser o mais sucinta possível mas não chegou a terminar sua descrição. Rafferty já reconheceu o homem ferido e não queria perder tempo. Ele correu para a cocheira, certo de que o encontraria escondido em uma das baias e, quando não teve sucesso, retornou ao ambulatório para arrumar seu equipamento de emergência.

— Droga! — explodiu ele, aflito. — Pablo devia ter esperado por mim!

Diante dos olhos perplexos de Thomasina, o ajudante de Domingo, Lorenzo, surgiu da cocheira, trazendo Lugh já atrelado. Também como num passe de mágica, Rafferty agradeceu ao garoto e saltou sobre o cavalo.

— Aonde vai? — perguntou Thomasina, percebendo que Rafferty virara o cavalo na direção norte.

— Não me espere. Só voltarei amanhã — disse ele, evitando revelar para onde ia. — O garoto ficará com você até que Domingo retorne mas, enquanto isso não acontece, permaneça dentro de casa e mantenha as portas trancadas. Não correrá nenhum perigo... se for prudente.

Rafferty desapareceu entre os vinhedos, deixando Thomasina inconformada com a falta de explicações mais precisas.

— Um belo modo de iniciar uma lua-de-mel — resmungou ela, voltando-se para Lorenzo.



— Ato compreendo, señora.

— Não importa. — Ela abriu a porta e fez um sinal para que o garoto entrasse em casa. — Será que você sabe como cozinhar um frango ou estarei sendo ambiciosa demais?

As habilidades culinárias de Lorenzo eram tão deficientes quanto as de Thomasina. A barreira do idioma dificultava a conversação porque, até então, ela não conseguira aprender mais do que algumas frases elementares.

As horas se arrastavam, o tempo demorava a passar. O silêncio só era interrompido pelo barulho de uma acha se desfazendo na lareira e pelo som das páginas do livro com que Thomasina tentava, em vão, se distrair. A imagem de Pablo, coberto de sangue e de Rafferty que não disfarçara a tensão e o nervosismo permaneciam gravadas em sua mente.

Muito tempo depois de terem terminado de comer a galinha mal cozida e dura, acompanhada de ervilhas queimadas, Thomasina continuava a caminhar de um lado para o outro na pequena cozinha. Lorenzo já adormecera há horas diante da lareira, mas ela permanecia acordada, esperando pela volta de Rafferty.

Domingo só retornou na manhã seguinte. Ao escutar um assobio vindo do quintal, Thomasina correu ao encontro do velho mexicano.

— Fiquei tão preocupada com a sua ausência, sem saber quando você voltaria, Domingo!

— Eu tinha muitos assuntos a resolver, señora — acrescentou Domingo, surpreso com a preocupação dela.

— Assustei-me porque não calculava que você fosse passar a noite toda fora. Além do mais, o dr. Rafferty também precisou sair.

— Mas Lorenzo permaneceu aqui justamente para auxiliá-la no que fosse preciso.

Logo ficou evidente que Domingo não pretendia falar muito sobre a noite anterior. Thomasina dominou sua curiosidade, certa de que não adiantaria pressioná-lo.

As horas se arrastavam e o tempo pesava em suas mãos ociosas. O silêncio reinava na casa vazia. Não havia nenhum paciente para ser atendido, o que lhe parecia estranho pois Rafferty chegara ao ponto de contratar um assistente para dividir as tarefas. Entediada, Thomasina tentou se distrair e não pensar em sua frustração, mergulhando em leituras desordenadas. Ora estudava doenças tropicais, ora pediatria, mas sua mente divagava e não conseguia se concentrar em nenhum dos tópicos.

Mais tarde, compelida a se sentir útil e procurando quebrar a monotonia, resolveu cavalgar com Lorenzo até a fazenda Zavala para acompanhar o progresso da recuperação do jovem Geraldo.

Thomasina não se sentia muito à vontade assumindo o papel de médica sem a presença reconfortante de Rafferty. A atitude da señora Zavala aumentava seu mal-estar, pois a ansiosa señora andava de um lado para outro, resmungando em espanhol toda vez que o filho reclamava por encontrar-se naquela situação.

Se algum dia toda a população de San Juan a hostilizasse, Thomasina não tinha dúvidas de que sempre seria bem-vinda naquela casa. Então, quando cuidadosamente começou a tirar os curativos, Geraldo deixou escapar um gemido de dor.

— Desculpe! — comoveu-se a jovem. — Eu não pretendia machucá-lo.



— A dor já diminuiu bastante, señora — murmurou Geraldo, esforçando-se por se expressar em inglês. — Faça o que for preciso, tentarei me controlar.

— E eu tentarei ser mais delicada.

Trocando o curativo como vira Rafferty fazer, Thomasina ficou feliz com o resultado.

— Voltarei amanhã — avisou.

Geraldo, ainda debilitado, expressou a gratidão com um pálido sorriso.

Como Thomasina lamentava não poder se comunicar fluentemente em espanhol! Se de fato resolvesse permanecer em San Juan, era imprescindível que estudasse a língua com tanto afinho quanto dedicava ao estudo da medicina.

Ela pretendia pedir a Rafferty que lhe desse algumas aulas de espanhol, mas ainda não havia sinal dele quando regressou ao ambulatório. Curiosamente, os cômodos diminutos se tornavam muito mais amplos sem a voz sonora do médico e sua presença vital.

Naquela noite, Domingo foi ao vilarejo. Sentada à escrivaninha e imersa na leitura de um de seus textos médicos, Thomasina ficou novamente com apenas Lorenzo por companhia. O capítulo bem ilustrado sobre parto normal não conseguia prender-lhe a atenção. Na verdade, ela permanecia absorta em seus pensamentos sem prestar qualquer atenção nas ilustrações.

Erguendo a cabeça, Lorenzo ofereceu, com um sorriso, a sua solidariedade. Considerava-se não apenas o assistente de Thomasina, como também seu protetor. Embora não pudessem se comunicar, percebia claramente quando ela precisava de companhia ou quando apenas desejava ficar sozinha.

Os dias se passavam e Thomasina não desistia de questionar Domingo a fim de saber qualquer notícias de Rafferty. A resposta era sempre a mesma, não variava nunca.

— Quando menos esperarmos, ele aparece por aqui. Não se preocupe à toa, señora.

Rafferty permaneceu ausente até o final da semana. Então, quando a estudiosa Thomasina, ansiosa por ampliar sua prática de medicina, lia pela terceira vez, sem entender uma palavra sequer, o capítulo sobre flebite femoral, um ruído distante chamou a sua atenção. O som de um galope se tornava cada vez mais nítido à medida que se aproximava do pátio da casa.

Thomasina apressou-se em receber o recém-chegado, indo logo ao encontro de Lugh e de seu cavaleiro. O animal dourado mostrava, apesar do visível cansaço, ter sido muito bem tratado. Rafferty já não tivera a mesma sorte. Chocada, Thomasina não conseguia desviar o olhar das profundas olheiras do médico e de sua barba por fazer.

Era quase impossível acreditar que alguém pudesse se transformar tanto em tão pouco tempo! O seu rosto mostrava as profundas marcas causadas pelo desgaste sofrido no período em que estivera longe.

— Fiquei com medo de que algo muito grave tivesse acontecido com você — disse ela, tentando disfarçar a ansiedade.

Ele permaneceu calado. Thomasina chegou a pensar que a febre tinha voltado. Então percebeu o olhar ausente e a expressão distante de Rafferty.

— Teve notícias de Pablo? — insistiu Thomasina, enquanto Rafferty desmontava.

— Pablo está morto.



Cambaleante, Rafferty tirou as mochilas da sela e dirigiu-se ao ambulatório, deixando-a para trás. Thomasina estava chocada demais e levou alguns instantes para se recuperar.

Mais habituado às reações do médico, Domingo conduziu Lugh ao estábulo, sem fazer nenhum comentário.

Thomasina não demorou muito a seguir os passos de Rafferty. Encontrou-o no quarto, jogando água no rosto coberto de poeira. Seus olhos injetados fitavam algum ponto no infinito, desprovidos de expressão.

— Sinto muito por Pablo — lamentou ela. — Não imaginava que o ferimento fosse tão grave.

— E não era grave — comentou Rafferty, laconicamente, enquanto terminava de secar o rosto.

— Então por que ele morreu?

— É bem provável que tenha sido por sua sede de justiça e amor pela pátria. Ou, mais concretamente, pela maldita pistola apontada para a cabeça dele. O próprio dom Carlos executou a sentença. E ele é um exímio atirador.

Subitamente sem forças, Thomasina sentou-se na cama. Dom Carlos! Ela quase podia ver o rosto de Pablo transfigurado pelo terror e, ao mesmo tempo, refletindo um desespero resignado.

— Então é verdade que Pablo era um perigoso bandoleiro!

— Não mais perigoso que eu, minha cara — resmungou Rafferty, virando-se para ela. — Mas, quanto menos você souber, melhor. Pelo menos por enquanto.

Naquele instante, Thomasina estava inclinada a concordar com ele. Sentando-se ao lado dela na cama, Rafferty começou a tirar, com certa dificuldade, as empoeiradas botas de couro.

— Com sua permissão, vou descansar aqui mesmo. Hoje à noite temos um jantar na hacienda de dom Carlos.

— Pensei que o convite fosse apenas para você.

No instante em que ela se levantou, Rafferty deitou-se no colchão sem se preocupar em trocar de roupa.

— Os planos mudaram. Essa noite você será apresentada à vizinhança como a Sra. Brendan Rafferty. — Entre um bocejo e outro, o doutor não disfarçou um sorriso malicioso. — Vista a sua melhor roupa. Quero sentir orgulho da minha esposa.

Ela corou até a raiz dos cabelos, só em pensar no ridículo dessa situação. Mas, segundos mais tarde, mal continha a curiosidade, ansiosa por saber todos os detalhes da festa. Contudo Rafferty já dormia a sono solto. Tal qual um gato, aninhava-se em qualquer canto, adormecendo tão logo fechava os olhos, para acordar mais tarde, totalmente refeito.

Thomasina permaneceu ainda alguns minutos ao lado da cama, observando Rafferty. Estava fascinada com a respiração calma e regular do médico cujas feições, rejuvenescidas pela tranqüilidade do sono, recordavam o homem atraente que conhecera em San Francisco. Pela primeira vez, percebia que o seu cabelo negro, naturalmente jeanso, brilhava como ônix. Sem dúvida, uma bela cabeleira que despertava nela o desejo quase incontrolável de mergulhar os dedos nas mechas sedosas.



O dia nublado deixava o quarto mais frio do que de costume. Devagarinho, cobriu Rafferty até os ombros para protegê-lo de uma eventual corrente de ar e, carinhosamente, afastou da testa dele uma persistente mecha de cabelo.

Com um sorriso nos lábios, saiu do quarto, surpresa com a inesperada onda de ternura que se apossara dela. Tinha a sensação de que sempre cuidara de Rafferty.

Mas afinal, não era assim que uma dedicada esposa deveria agir?

A carruagem de dom Carlos chegou para apanhá-los na hora marcada. A laca preta do veículo reluzia, acentuando o colorido vibrante das rodas vermelhas e do estofamento de veludo carmim. As lanternas laterais brilhavam como peças de cristal lapidado enquanto a privacidade dos passageiros era resguardada por sofisticadas cortinas de seda pura.

Impecavelmente trajados de vermelho e preto, o cocheiro e o seu auxiliar completavam uma imagem de requinte e extravagância que deviam ser típicas de dom Carlos.

Thomasina suspirou de prazer. Após ter passado tantos dias percorrendo as estradas na desconfortável charrete conduzida por Domingo e outros tantos mantendo-se na sela de Sherazade, aquela carruagem simbolizava o mais celestial requinte da civilização.

— Por acaso, está com saudades da vida luxuosa que abandonou ao vir para este fim de mundo? — perguntou Rafferty sarcástico.

— Não. Mas só um tolo desprezaria esse conforto. Nunca pensei que existissem pessoas tão sofisticadas em San Juan de Baptista.

— Você ainda não viu nada, minha cara Thomasina — zombou Rafferty, preferindo não revelar suas opiniões pessoais sobre o vizinho.

Ela alisou o vestido de seda cor de vinho com a ponta de seus dedos enluvados. Aquele traje fora um presente de sua mãe, uma das poucas peças de seu luxuoso guarda-roupa que ela trouxera para o México. Também trouxera consigo os constantes conselhos de Prudence, sempre gravados em sua mente.

"Nunca se acanhe em usar vermelho por causa da cor de seu cabelo. É apenas uma questão de escolher, com arte, o tom ideal."

Thomasina analisava o seu reflexo nos frisos de bronze que decoravam o interior da carruagem. O vestido de baile intensificava os tons mais escuros de seu cabelo e realçava a brancura de sua pele. O brilho da seda emprestava a seu rosto uma aura angelical. Um colar de pérolas de três voltas com fecho de brilhantes, herança da prima Agatha, completava o efeito de elegância e requinte. Embora não fosse tão valioso quanto a fabulosa safira Valnoy, esta jóia despertava recordações bem mais felizes.

De repente, Thomasina sentiu o estômago se contrair. A última ocasião em que participara de uma festa, Rafferty precisara salvá-la de uma situação humilhante, no cais do porto. Desde então, mal conseguia suportar o cheiro do mar.

Também tinha sido a última vez que se encontrara com pessoas de seu nível social.

Apertando as mãos de ansiedade, começou a se sentir sufocada pelas lembranças de um passado não muito distante. Apesar de não ter comentado nada com Rafferty, essa noite seria o seu batismo de fogo. Ofegante, tinha a impressão de que não havia mais nenhum sopro de ar na carruagem.



"Se eu encarar todos os convidados de cabeça erguida e conseguir ignorar a arrogância de Margarita Valverde, tenho certeza de que serei capaz de enfrentar qualquer situação. Esta noite não será igual à da festa na casa de Regine Valnoy."

Subitamente, num gesto reconfortante, Rafferty tomou-lhe as mãos, afastando o pânico que ameaçava invadi-la. Mais uma vez, ele adivinhara seus pensamentos.

— Já estou melhor — suspirou ela, tentando sorrir.

— Eu já constatei que você sempre se recupera com uma rapidez espantosa — comentou o médico. — Por isso acredito mesmo que esteja ótima.

Minutos depois, Thomasina reconquistara a autoconfiança e não se sentia mais tão só.

Os magníficos cavalos que puxavam a carruagem transformaram a viagem até a fazenda em um breve passeio. À medida que o sol se punha, as copas das árvores passavam de um intenso verde esmeralda para um reluzente brilho dourado. Margeando a estrada, o rio descia lentamente, como uma corrente de prata líquida sob as pontes de madeira rústica.

Tão logo alcançaram as terras de Valverde, Thomasina voltou a surpreender-se diante da imponência da majestosa construção.

Um pouco antes, quando avistara uma arcada revestida por mosaicos, imaginara que a residência de Carlos Valverde fosse apenas uma mansão em estilo mourisco. Só agora percebia que tinha visto apenas a fachada lateral da capela. Jamais poderia supor que fosse encontrar tanto luxo e opulência naquele lugar perdido entre as montanhas.

A magnífica residência, pousada como uma obra-prima de ourivesaria no planalto que se erguia sobre o vale, excedia, de longe, sua expectativa. Era realmente um palácio, coberto de azulejos preciosos, com inúmeras torres, pátios internos rodeados de arcadas e coroado por cúpulas de estilo oriental.

Nos dois lados do portão principal, ficavam duas torres de observação que permitiam uma ampla visão de todo o vale até os arredores de San Juan.

— Dom Carlos vive como um príncipe! Um verdadeiro senhor feudal...

Assustada, ela percebeu que falara em voz alta.

— Ele é muito mais que um príncipe — completou Rafferty, com amargura na voz. — Nesta montanha e muito além dos limites de sua propriedade, dom Carlos assume o papel de senhor feudal, Deus, juiz e jurado.

E carrasco. As palavras não pronunciadas ecoavam na mente de Thomasina.

Sentindo um calafrio, cobriu os ombros com a delicada estola de seda. O que teria feito Pablo, um homem tão simples, tão despojado de bens terrenos, para merecer o ódio implacável do senhor daquela região? E por que dom Carlos o chamara de bandoleiro?

Thomasina sentiu-se novamente a garota imatura que saíra de um colégio interno sem qualquer experiência. Começava a se convencer que era mais fácil viver a vida através das páginas de um livro de medicina do que compreender uma realidade complexa demais.

Os pesados portões abriram-se diante deles como por um passe de magia e a carruagem cruzou um magnífico pátio pavimentado. Outros dois lacaios de libré negra e vermelha aproximaram-se para receber os convidados e para ajudá-los a descer. A cena transmitia uma estranha irrealidade e a casa amedrontava ainda mais por ser um



verdadeiro retrato de pompa e ostentação feudais, em meio a uma longínqua e agreste zona rural.

Rafferty ofereceu o braço a Thomasina e os dois subiram a ampla escadaria de mármore que conduzia a um pórtico imponente.

— Tenho a impressão de estar vendo a ilustração de um dos célebres castelos de Granada.

— O primeiro Valverde desembarcou em Vera Cruz com o conquistador Cortez, em 1519 — a voz de Rafferty continuava amarga. — Depois de ajudarem seu líder a se apoderar dos fabulosos tesouros astecas e subjugar com a violência de armas superiores o povo que os acolhera com amizade, Diego Valverde recebeu de seu rei uma enorme extensão de terra nesta região. No México, existe uma minoria privilegiada que vive em pleno esplendor feudal enquanto a maioria luta arduamente para sobreviver.

Mais uma vez, Thomasina tentou decifrar o relacionamento de Rafferty com a família Valverde. Era evidente que ele se dava muito bem com Margarita, mas a mais simples menção de dom Carlos despertava sua cólera.

Por que ele teria aceitado aquele convite? Thomasina tentou encontrar a resposta que satisfaria sua curiosidade, sem despertar suspeitas.

— Dom Carlos deve ser fabulosamente rico. Nunca pensei que existisse tanto luxo fora da Cidade do México.

A sua tentativa teve o efeito contrário ao esperado.

— E quando você esteve na Cidade do México? — perguntou Rafferty, subitamente alerta. — Através de suas informações, tive a impressão de que esta era a sua primeira visita ao México.

— Realmente é mas... eu lhe explicarei tudo mais tarde.

Correndo, Thomasina subiu os primeiros degraus de mármore e Rafferty foi forçado a segui-la. No alto da escadaria, o mordomo os recebeu, conduzindo-os ao amplo vestíbulo. No centro do aposento, havia uma encantadora fonte de azulejos azuis e o ruído da água espalhava no ar uma delicada melodia. Através de um arco, avistava-se o salão iluminado por centenas de velas.

A primeira impressão de Thomasina foi de ter voltado ao passado e estar entrando nos salões da esplendorosa corte espanhola. Quadros e tapeçarias preciosas cobriam as paredes e suas cores se intensificavam à luz feérica das velas nos três imensos lustres. Ela imaginava encontrar damas e cavaleiros vestidos em veludo e cetim e se decepcionou com os trajes modernos dos homens. Não havia uma única mulher na sala.

Um dos homens afastou-se do grupo com o qual conversava e atravessou o salão, vindo em direção dos recém-chegados. Alto, magro e de cabelos grisalhos, ele usava uma faixa de seda vermelha com uma condecoração estrangeira sobre o traje formal e sorria efusivamente para Rafferty.

— Brendan! Seja bem-vindo, amigo. Esperava encontrá-lo mas não tinha certeza de que você viria. — Voltou-se para Thomasina com um sorriso cativante. — Peço-lhe desculpas pela imperdoável ausência de meus sobrinhos. Carlos e Margarita acompanharam as outras damas presentes até o jardim das rosas para apreciar os vaga-lumes dançando sobre as flores. É realmente uma visão inesquecível.

Felizmente, Rafferty lembrou-se de apresentar Thomasina ao elegante convidado.



— Juliano... quero apresentá-lo a minha esposa, Thomasina Rafferty.

O amigo de Rafferty curvou-se graciosamente diante de Thomasina e apenas um leve erguer de sobancelhas denunciava a surpresa provocada pela apresentação.

— E este é Juliano de Palmar, quinto barão de Altamira e embaixador da Costa Brava junto ao governo do México, minha querida. É um dos boêmios mais inveterados que já tive o prazer de conhecer, e também o maior cientista.

O embaixador beijou galantemente a mão de Thomasina. Seus olhos estavam brilhantes de malícia.

— Estou encantado em conhecê-la, sra. Rafferty. Por favor, não acredite nas palavras de seu marido. Os meus dias de boémia já se encerraram há muito tempo e agora sou um sóbrio homem de negócios.

Após alguns minutos de conversa, Thomasina ficou sabendo que Juliano de Palmar fora realmente um químico famoso, antes de ser chamado pelo rei da Espanha para servir ao seu país no corpo diplomático. Ela não disfarçou a simpatia que sentiu pelo elegante cavalheiro de olhos vivazes e sorriso contagiante.

— É um prazer conhecer um velho amigo do doutor... do meu marido, barão de Palmar.

Por uma fração de segundo, Thomasina teve a impressão de que não conseguiria chamar Rafferty de marido. Ela precisava ser mais cuidadosa, policiando cada uma de suas palavras ou o plano fracassaria. Não seria fácil assumir sua nova identidade!

Ninguém mais se aproximou deles embora Thomasina notasse que estavam sendo observados por todos os homens presentes e alguns mostravam-se curiosos, outros hostis. O braço de Rafferty prendendo o seu dava-lhe confiança e ela apreciou cada minuto da conversa com o barão de Palmar que continuava a encantá-la com sua sofisticação.

Depois de algum tempo, Thomasina percebeu que Rafferty estava ansioso por conversar a sós com o velho amigo mas não pretendia afastar-se dos dois.

— Não gostaria de ir ao encontro das outras senhoras? — perguntou Rafferty, exasperado.

Ela o fitou através das longas pestanas, uma lição aprendida com Margarita Valverde.

— Oh, eu não ousaria. Sou tão distraída que certamente me perderia nessa labirinto de salas!

Thomasina recusava-se a ser dispensada, sem a menor cerimônia, no meio de pessoas desconhecidas. Ela prendeu o braço com mais firmeza ao de Rafferty, disposta a resistir.

— Prefiro esperar, ao seu lado, até que as outras senhoras presentes retornem ao salão.

— Mas dom Carlos...

Naquele instante, três mulheres, luxuosamente vestidas, surgiram junto à porta que dava acesso aos jardins. O estômago de Thomasina se contraiu ao reconhecer Margarita Valverde. Ela preparou-se para um encontro desagradável.

Tinha certeza de que a bela señorita jamais a desculparia por ter-lhe dado a notícia de seu casamento com tanta franqueza.



Não devia ter concordado com o absurdo plano de Rafferty. Não podia ter cedido à argumentação dele para vir a essa festa!

— É mais uma ordem do que um convite, Thomasina — havia dito ele. — Por isso nem adianta pensar em desculpas ou pretextos falsos para não comparecer. A família Valverde tem muita influência nesta parte do México e nós precisamos de sua boa vontade.

— Eu não entendo a sua atitude porque não é coerente. Você detesta e despreza dom Carlos e, no entanto, age como um súdito em busca de aprovação?

— Tenho motivos particulares, pelo menos no momento. Jamais aceitarei o homem, só que a situação atual exige que eu compareça às festas.

Thomasina foi obrigada a se satisfazer com essa explicação vaga. Quando Rafferty emitia suas opiniões explosivas, com uma voz sonora demais para ambientes fechados, toda a vizinhança ouvia seus pontos de vista, mas quando decidia manter um segredo, fechava-se como uma ostra.

O som de uma voz muito polida e bem próxima trouxe Thomasina de volta ao momento presente.

— Ah, señora Rafferty! Sinto-me profundamente feliz por ter honrado minha casa com a sua beleza ímpar!

— É só falar do diabo que ele aparece — murmurou Rafferty, como sempre sem calcular a altura de sua voz.

Dividida entre o embaraço e uma irresistível vontade de rir, Thomasina tentou não demonstrar suas emoções.

— Boa noite, dom Carlos. Agradeço o seu gentil convite.

Dom Carlos de Valverde não escondia sua admiração pela beleza de Thomasina. Com um traje de noite de veludo negro com botões de prata, ele aparentava ser um verdadeiro fidalgo espanhol, por sua elegância e por sua polidez impecável.

— Devo confessar-lhe que meu humilde convite teve segundas intenções, señora. Sou um homem egoísta e gosto de ver apenas beleza ao meu redor.

Thomasina não estava acostumada a elogios tão rebuscados e, na verdade, preferia não ser adulada com lisonjas. Ela apenas sorriu para dom Carlos, que tentava encontrar alguém entre os convidados.

— Perdoe minha distração momentânea, señora. Eu procurava pela dama americana que será minha hóspede por algumas semanas, mas verifiquei que ainda não voltou para o salão. Você a encontrará no decorrer da noite. Ela está ansiosa por conhecer sua compatriota tão longe do país. Faço questão de apresentá-las.

— Será um prazer conversar com uma conterrânea.

Com um sorriso complacente, dom Carlos afastou-se de Thomasina. Ele tinha um encanto envolvente e se esforçara por cativá-la, com muito sucesso. Era difícil acreditar que um homem tão fascinante pudesse ser também um algoz, contudo Rafferty não mentiria sobre algo tão importante.

Brendan Rafferty podia ser explosivo, temperamental e impaciente mas era, acima de tudo, justo e honesto. Thomasina reconheceria nele, à primeira vista, essas qualidades que considerava as mais importantes em um homem.



Ao procurar por Rafferty no salão, percebeu que ele e de Palmar haviam desaparecido. Thomasina estava sozinha entre um grupo de pessoas que se conheciam há muito tempo e tinham assuntos em comum. O costureiro pânico a envolveu, renovando sua insegurança. Ela precisava encontrar alguém com quem pudesse conversar, alguém que a trouxesse de volta ao momento presente, apagando a humilhante lembrança do baile em casa de Regine Valnoy, antes que o terror irracional roubasse os últimos vestígios de seu autocontrole.

Thomasina estava se virando para procurar por Rafferty do outro lado do salão quando foi vista pela anfitriã. A senhora Valverde era diplomada na arte de receber bem e as regras da hospitalidade exigiam que não se deixasse nenhum convidado sem atenção, em especial se fosse alguém que não conhecesse as outras pessoas presentes à festa.

Margarita cruzou o salão, com um sorriso de boas-vindas em seu rosto encantador. A sua expressão de genuína simpatia indicava, claramente, que ela não identificara a jovem de vestido sofisticado nem imaginava que pudesse ser a mesma criatura de cabelos despenteados pelo vento e coberta de poeira da cabeça aos pés.

Naquele instante, Rafferty retornou ao salão, acompanhado por de Palmar, e piscou para Thomasina do outro lado do salão. A senhora Valverde se deteve no meio do aposento, olhando alternadamente para os dois. Então, uma palidez doentia transformou suas feições.

Com um olhar de altiva arrogância, Margarita examinou Thomasina da cabeça aos pés e, com um movimento gracioso mas que expressava todo o seu desdém, dirigiu-se para o lado oposto do salão.

Embaraçada, Thomasina recuou até um pilar de mármore quase todo recoberto por buquês de flores. Talvez ninguém notasse que ela se escondera. Aquela noite ia ser muito longa e insuportavelmente desconfortável.

Seu isolamento foi de curta duração. Um novo grupo de convidados entrava no salão, vindo do terraço e conduzido por dom Carlos. Ele a viu semi-escondida pelas flores que cobriam o pilar e aproximou-se.

— É imperdoável que esteja tão solitária, senhora Rafferty. Venha! Se me permitir, eu a apresentarei a todos os meus convidados.

Como por encanto, Rafferty surgiu ao lado dela, com um olhar de evidente belicosidade. Dom Carlos também pressentiu que a bela senhora Rafferty iria ser-lhe roubada pelo marido e, com a rapidez graciosa de um toureiro, colocou-se entre os dois.

— Embora a sociedade costume ser indulgente com os maridos apaixonados nas primeiras semanas de casamento, não posso permitir que você monopolize a mais bela de minhas convidadas desta noite, Dr. Rafferty. — Ele deu o braço para Thomasina e sorriu maliciosamente para o médico. — Peço-lhe desculpas mas prometi apresentar sua encantadora esposa à condessa de Castellena. Creio que Margarita está a sua procura para conversarem sobre os planos do novo hospital em Santa Cruz.

Atônita, Thomasina percebeu que dom Carlos conseguira manipular a situação, com suprema habilidade, afastando-a para o centro do salão. Ao passarem diante de um dos inúmeros espelhos de moldura dourada que enfeitavam as paredes, avistou Rafferty e Margarita Valverde saindo por uma porta lateral.



Dom Carlos segurou com mais força a mão de Thomasina, pousada sobre seu braço, e a encarou com um olhar penetrante.

— A minha irmã e o seu marido são velhos amigos. Não tenho dúvida de que Margarita irá se ressentir muito com a sua vinda, señora. — Após terminar a maldosa insinuação, ele mudou rapidamente de assunto: — Espero que esteja gostando de San Juan. Ou será que o nosso vilarejo é primitivo demais para uma dama com a sua sofisticação?

— É também bonito demais, dom Carlos. Os vales e as montanhas me fascinaram e fiquei encantada com o estilo das casas de San Juan.

— Como esposa de um médico, a señora é encantadora. Como esposa de um diplomata, teria encontrado sua verdadeira vocação. — Ele se curvou diante de Thomasina com um sorriso de complacente ironia. — Uma mulher tão bela e tão inteligente carrega nas mãos um poder infinito.

— O único poder que eu poderia ambicionar seria o de curar os doentes e salvar vidas. Entretanto, reconheço que as únicas forças verdadeiras são as divinas e não estão ao alcance dos homens. Tentar alcançá-la é um sonho vão para os seres humanos.

Thomasina surpreendeu-se com a reação de dom Carlos. Em vez de se sentir ofendido por suas palavras, como fora seu intuito, ele sorriu, demonstrando ter apreciado o comentário de censura velada.

— Certamente está se divertindo com a minha ingenuidade — disse ela, sem desviar os olhos do anfitrião.

— Enganou-se, señora. Estou encantado com a sua honestidade e franqueza. É uma atitude revigorante por ser muito rara.

Eles estavam se aproximando de um grupo de convidados e já não poderiam mais manter um diálogo pessoal, mas Thomasina ficou aliviada. Quando dom Carlos a cercava de atenções e gentilezas, mal conseguia se lembrar que ele executara Pablo.

Pela primeira vez, começava a duvidar de Rafferty. Sem sombra de dúvida, ele e dom Carlos tinham pontos de vista radicalmente opostos e essa falta de visão comum só podia dar origem a preconceitos de ambas as partes. Talvez o justiceiro para um homem fosse o bandido para outro. Os seres humanos manipulavam as palavras e distorciam a verdade para adequá-la a suas opiniões até o ponto de adulterarem a realidade.

Entretanto, confiava na honestidade de Rafferty. Ou não?

Ela forçou-se a se concentrar no momento presente pois dom Carlos a apresentava a seus convidados. A necessidade de gravar nomes e fisionomias a ocupou por mais de meia hora, enquanto percorriam o salão. Thomasina manteve um sorriso nos lábios, sentindo os músculos de seu rosto se imobilizarem naquela posição artificial.

A dama de rosto bondoso e atitudes despretensiosas era a condessa de Castellena, prima do rei de Espanha. O homem de feições aristocráticas, que ela julgou ser um embaixador, vivia da venda de gado. E a senhora corpulenta de expressão maternal, que era esposa dele, tinha a disposição de uma víbora.

Depois de ser apresentada e conversar com quase todos os convidados de dom Carlos, Thomasina chegou à conclusão de que os mais simpáticos eram Roberto Vega e sua irmã.



Roberto Vega, um jovem sério e de olhar pensativo, trabalhava como secretário particular de dom Carlos, de quem era primo distante. Thomasina não teve coragem de perguntar se havia algum laço familiar entre ele e Alonso Vega, considerado bandido pelos grandes fazendeiros e herói pelos camponeses da região.

— A señora conquistou seu lugar no céu, de acordo com a opinião de todos os membros da família Zavala — disse Roberto Vega ao serem apresentados. — Sinto-me feliz por conhecê-la. Marisa, minha irmã, também estava ansiosa para encontrar a famosa señora Rafferty.

Thomasina sorriu para a jovem de rosto meigo e curvas sensuais que atraía inúmeros olhares masculinos. Marisa, indiferente ao efeito que causava nos homens, agia com extrema naturalidade apesar do fausto do ambiente.

— Espero que não se incomode se eu for visitá-la em seu consultório, señora.

— Por favor, não deixe de ir, Marisa. Será um prazer para mim.

Ela não pudera conversar mais com os dois jovens simpáticos porque dom Carlos a conduziu a um novo grupo de convidados. Havia cerca de quarenta pessoas na festa, entre fazendeiros da região e visitantes vindos da Cidade do México. O excesso de nomes, títulos e rostos novos começou a provocar uma intensa dor de cabeça em Thomasina. A enorme quantidade de velas acesas aumentava o calor que ainda não fora afastado pela brisa fria vinda das montanhas.

Nomes e fisionomias se confundiam e ela já não conseguia lembrar mais nada. Seu único desejo era escapar daquele salão abafado e muito cheio para respirar o ar fresco da noite. Quando dom Carlos finalmente se distraiu, Thomasina fugiu pela porta mais próxima.

Ela entrou em uma saleta bem menor e menos formal do que o salão de recepções. Mãos femininas haviam decorado aquele aposento gracioso e o perfume que perdurava no ar assemelhava-se ao de Margarita Valverde.

Thomasina examinou os detalhes que davam personalidade à saleta simples mas elegante. As velas do candelabro central não tinham sido acesas e apenas um lampião de cristal lapidado iluminava a graciosa escrivaninha. Ao se aproximar mais, ela notou o tinteiro de ônix e um porta-canetas dourado. Entre as duas peças requintadas, havia uma placa de prata com uma inscrição, indicando que dom Carlos presenteara a irmã com aquele conjunto de escritório.

A decoração daquela saleta não combinava com a personalidade da mulher que a usava. Thomasina não conseguia conciliar o ambiente sereno e gracioso com uma jovem calculista e de temperamento falso como Margarita Valverde.

Entretanto, não era hora de decifrar enigmas. Thomasina queria alcançar os jardins porém, ao abrir uma outra porta, encontrou-se em um pequeno pátio interno. A placita estava mergulhada na penumbra e só a luz de um cômodo no andar superior iluminava o recanto encantador.

Um convidativo sofá de junco, aninhado entre as roseiras, prometia um repousante interlúdio antes do retorno ao ambiente artificial da festa. Ela começara a cruzar o pequeno pátio quando sentiu que um galho se prendera em sua saia. A seda delicada se romperia se os espinhos da roseira não fossem retirados com cuidado. Thomasina



abaixou-se para soltar o tecido. Nesse momento, descobriu que não estava sozinha na graciosa placita.

Duas pessoas conversavam junto às folhagens próximas ao muro e uma delas era Rafferty.

— Tente entender, Margarita! Eu estava esgotado e com febre, não conseguia raciocinar com clareza. Antes que eu me desse conta, a mulher havia se instalado em meu consultório e Domingo havia espalhado pelo vilarejo a notícia da chegada da señora Rafferty em San Juan.

Thomasina feriu a mão nos espinhos em sua pressa para se libertar e fugir daquela situação embaraçosa. Ela não queria ouvir mais nada!

— Por que não tomou uma atitude para desfazer o mal— entendido?

— Porque já era tarde demais. Não podia me arriscar a um escândalo que destruiria todos os meus planos.

— Os seus planos? E os nossos planos não têm importância? — a voz de Margarita tinha nuances históricas. — Por acaso pensou neles antes de agir com tanta precipitação?

— Por favor, preste atenção! — Rafferty estava perdendo a paciência. — Já lhe disse que não me restava outra saída. Eu não tinha escolha.

— Oh! Então quer dizer — Margarita não conseguia disfarçar seu horror — ... que você... que ela está esperando um filho seu? Como pode, Brendan?

Chocada, Margarita fugiu correndo do pátio. Rafferty tentou segui-la mas ela trancara a porta ao passar e, ao tentar a outra entrada, viu-se diante de Thomasina.

— Tem o costume de ouvir atrás das portas? É um hábito reprovável e que pode ser até perigoso, minha cara.

Enfurecida demais para dar explicações ou ouvir desculpas, Thomasina também fugiu do pátio, retornando ao salão antes que Rafferty a alcançasse. Embora tentasse controlar a fúria, ela percebeu que caminhava com uma rapidez pouco elegante, atraindo olhares de surpresa dos convidados. A noite estava se transformando em um pesadelo e o jantar ainda demoraria meia hora para ser servido!

Seu único desejo era estar de volta à serenidade da pequena construção de adobe, entre as vinhas da colina que agora considerava seu lar. Diante da impossibilidade de realizar esse anseio antes do final da festa, restava-lhe a opção de se refugiar nos jardins que, por serem amplos demais, garantiriam a solidão para chorar em paz.

Thomasina aproximava-se da porta que se abria para os terraços quando viu duas pessoas vindo dos jardins, em sua direção. Uma delas era dom Carlos, cuja sombra encobria o rosto de sua companheira, uma mulher de vestido azul.

O contraste entre o veludo negro do traje formal e a elegância fria do cetim azul transformavam o homem num emissário das sombras da noite e a mulher em uma ninfa do luar.

— Ah, Thomasina! — Dom Carlos avistou-a junto à porta do salão. — Esta é a sua compatriota. Não me esqueci de minha promessa. Vou apresentá-las para que possam trocar suas impressões sobre o México.

A mulher virou-se lentamente e olhos muito semelhantes aos de Thomasina a examinaram da cabeça aos pés.



Thomasina ficou completamente descontrolada pelo pânico. Dom Carlos estava apresentando-a a Prudence! Sua mãe estava na festa!

— Como vai? — Prudence estendeu a mão enluvada para a filha, agindo como se não se conhecessem. — É um prazer encontrá-la, Sra. Rafferty. Espero que esteja gostando do México.

— Sim... eu... é claro. — Thomasina tentava recuperar o controle. — É tudo que eu esperava e... muito mais.

— Realmente? Então acho que nossas opiniões coincidem. Temos que reservar alguns momentos a sós para compararmos nossas impressões de viagem e falar sobre amigos comuns de San Francisco.

— Sim... eu gostaria muito.

— Ótimo. Que tal deixarmos para logo depois do jantar? — Com um sorriso distante, Prudence voltou a concentrar sua atenção em dom Carlos.

Paralisada pelo pânico, Thomasina percebeu que Rafferty se aproximara e apoiou-se no braço dele. Estava com as pernas trêmulas e tinha a impressão de que não conseguiria dar nem um passo.

— Mas... não é a sua... — Ele se calou ao sentir a cotovelada de Thomasina. — Bem, é a nossa hora de dar uma volta no jardim, querida.

A conversa particular entre Thomasina e Rafferty precisou ser adiada. O jantar fora servido e Juliano de Palmar aproximara-se dela para conduzi-la à mesa.

Thomasina não conseguia ver Rafferty nem a mãe, sentados à outra ponta da longa mesa de banquetes, e concentrou-se na conversa de Juliano de Palmar a fim de não pensar no que aconteceria quando o jantar terminasse. Apesar dos catorze pratos, além das sobremesas, queijos e frutas, a refeição terminou rapidamente demais para ela.

A maioria das mulheres dirigiu-se aos quartos para refazerem seus penteados e, após alguma hesitação, Thomasina decidiu ir ao encontro da mãe. De nada adiantaria adiar o momento desagradável. Ela era uma mulher que assumia a responsabilidade de suas decisões e as conseqüências de seus atos!

Ao cruzar o salão de recepções, ainda deserto, ela entreviu a silhueta de Prudence em uma outra sala. Thomasina deu apenas dois passos na direção da mãe quando sentiu que uma mão firme segurava seu braço e a conduzia para os jardins.

— Está na hora de termos nossa conversa particular — resmungou Rafferty, impedindo-a de se libertar de sua mão. — Não tente fugir.

Não havia ninguém nos jardins. O murmurar de uma fonte se mesclava aos outros sons noturnos. Um perfume de rosas se alçava no ar como se almejasse atingir o céu cintilante de estrelas.

— É lindo... — sussurrou Thomasina, sem perceber que falara em voz alta.

— E muito romântico, sem dúvida. Entretanto, não estamos à procura de um recanto para falar de amor, minha cara. — Ele a arrastou para o ponto mais distante do jardim, antes de parar junto a uma outra fonte. — Pronto! Agora você pode me explicar o motivo da farsa que presenciei pouco antes do jantar. Se aquela mulher não é sua mãe, eu não sou o filho de Seamus e Aileen Rafferty e, por um mero acaso, não costumo ter dúvidas ou enganar-me a respeito de minha própria identidade!

— Eu não sei...



— Nem tente mentir, Thomasina! Não me resta nenhuma dúvida de que algo muito estranho está acontecendo e exijo uma explicação! Tenho o direito de saber por que, aos olhos de todos, você é minha esposa!

— Não precisa gritar. — Thomasina olhou para trás, preocupada. — Estamos bem longe da casa mas a sua voz consegue acordar os mortos! Nossa reputação corre perigo e talvez também a de minha mãe...

— Não comece a se desviar do assunto, Thomasina.

— Eu explicarei. Pelo menos tentarei, porque não conheço todos os fatos.

Rafferty cruzara os braços e Thomasina chegou a se intimidar com a imponente figura que a fitava do alto, como um juiz implacável.

— Então?

— Só lhe peço que não me interrompa antes do fim de minha explicação ou perderei a coragem para continuar. Tenho certeza de que já adivinhou parte da história. Minha mãe e eu fizemos um pacto naquela manhã em que você me levou para a casa de prima Agatha, após o incidente no porto. Se a minha obsessão pela medicina continuasse tão firme depois que se passassem dois anos, ela me apoiaria sem restrições e até me ajudaria a encontrar um trabalho junto a algum médico que conhecesse.

Vozes alegres chegavam até eles, carregadas pela brisa vinda das montanhas, mas Thomasina estava concentrada demais em reviver seu passado para notar qualquer ruído.

— Antes, porém, nós viajaríamos durante esses dois anos. Eu teria que me comprometer a agir como uma debutante sofisticada, tentando desempenhar esse papel, que tanto me desagradava, com toda a minha determinação. Cumpri o pacto feito com minha mãe. Ela não honrou sua palavra.

— Entendo. Não contou-lhe nada sobre a carta que me escreveu como Thom. Y. Valnoy, não é? Você esperou até que viajassem para o México e então... fez suas malas às escondidas e fugiu.

— Não foi bem assim. Existe uma ligação muito forte entre minha mãe e eu, embora tenhamos passado longos períodos separadas. Nunca me conformaria se a magoasse.

Thomasina ergueu a cabeça e um raio de luz vindo da casa distante iluminou seu rosto transfigurado por uma emoção muito intensa.

— Nunca escondi ou menti sobre os meus planos, mas mamãe acreditava que fosse apenas bravata de minha parte. Nunca pensou que eu tivesse coragem para agir. Ao sair do hotel onde nós duas estávamos hospedadas, deixei-lhe uma carta, informando-a para onde eu ia e por que havia partido. Era vital tomar uma atitude drástica. Só assim ela compreenderia que realmente não desistirei de ser médica.

As sombras cobriam o rosto de Rafferty, impedindo Thomasina de avaliar suas emoções. Trêmula, ela esperava por um veredicto mas não se conformaria em partir de San Juan. Não podia ir embora sem ter cumprido ao menos um ano de aprendizado!

— Imagino que você fará o possível para se livrar de minha incômoda presença — murmurou ela, angustiada. — Sei como sua mente funciona.

Para surpresa de Thomasina, Rafferty deu uma gargalhada alegre.

— Você ainda tem muito que aprender a meu respeito, Thomasina. Fiquei em silêncio durante alguns instantes porque estava pensando em sua esperteza. Como



conseguiu colocar livros e equipamentos médicos nas malas sem que sua mãe percebesse? Tentei imaginar de que forma você escondeu uma máscara Schumhoffer-Braus entre suas... seus trajes menores e fracassei.

O alívio provocou uma onda de euforia em Thomasina, que não se conteve.

— Deduzo que você esteja se referindo a minha lingerie. Ou talvez quisesse dizer espartilhos, cintas e anáguas. Se pretende que levemos adiante a nossa farsa, acho melhor se familiarizar com certos termos femininos. Nenhum marido desconhece a roupa íntima da esposa.

— Eu estou mais familiarizado com a lingerie feminina do que você possa imaginar, minha cara. — Ele deu mais uma gargalhada sonora. — Mas agora precisamos decidir, em conjunto, que atitude tomar. É evidente que sua mãe não pretende revelar a verdade em público, pelo menos no momento. Não consigo imaginar por que ela desejaria manter o nosso segredo, mas talvez você saiba.

Depois de pensar por algum tempo, a situação ficou muito clara para Thomasina. O difícil seria revelar a verdade para Rafferty.

— Bem... acho que mamãe não quer macular a minha reputação. Por acaso o seu amigo, o embaixador de Palmar, tem um enteado?

— Sim. É uma rapaz atraente e sem nenhum caráter, que não herdou a inteligência nem a integridade do padrasto. Desperdiça seus dias e o dinheiro alheio no jogo, em corridas de cavalos, vinhos raros e mulheres caras. Por que deseja saber?

— Nos últimos meses, antes de minha fuga, mamãe e o barão de Palmar trocaram inúmeras cartas. Por favor, tente entender! Minha mãe apenas quer me compensar por tudo que aconteceu e, infelizmente, só sabe fazê-lo a seu modo. Ela me ama e deseja o meu bem.

Thomasina lutava contra as lágrimas.

— Quando meu pai morreu, Prudence ficou sozinha num mundo hostil, totalmente desprotegida, sem amigos e nos últimos meses de gravidez. Ela conhece, por experiência própria, as dores da solidão e do desamparo. Por isso, desde meu nascimento, seu único objetivo tem sido lutar para me proteger, evitando que eu também fique exposta ao sofrimento de seu passado. Então, sem me consultar, tentou garantir o meu futuro... como esposa de um homem poderoso em um país estrangeiro.

Ela estava concentrada demais em sua própria angústia para notar a expressão de Rafferty. O famoso temperamento do bando Rafferty estava prestes a explodir e seus dedos se crispavam, ansiosos por torcer o delicado pescoço de Prudence Wentworth.

Há dois anos, aquela mulher ambiciosa atirara a filha num covil de lobos ao apresentá-la à requintada sociedade de San Francisco. Agora, para se redimir do crime, a oferecia, acompanhada por um fabuloso dote, a quem fizesse a melhor oferta num leilão vergonhoso. A ganância dessa víbora não teria limites?

— Sua mãe esteve realmente muito ocupada desde nosso último encontro — disse Rafferty, mal controlando a fúria. — Só posso concluir que ela tomou a decisão de arranjar um casamento sem consultar você, a parte mais interessada. Por favor, corrija-me se eu tiver cometido um erro de julgamento.



— Bem, mamãe começou a fazer insinuações a esse respeito quando ainda estávamos na Califórnia. Foram um pouco insistentes demais para a minha tranquilidade e fiquei apavorada.

— Não tenho dúvida que ficou!

Thomasina colheu uma rosa, admirando a sombra aveludada de suas pétalas que caíram a seus pés. Sua voz, muito baixa, assemelhava-se ao murmurar da brisa entre as flores e mal superava o ruído da fonte.

— Uma noite, antes de minha fuga do hotel na Cidade do México, ela finalmente admitiu toda a verdade. Jamais havia acreditado que eu não cedesse a sua persuasão. Tinha certeza que meus planos de seguir a carreira médica não passavam de um sonho adolescente e, portanto, sem o menor significado. Estava convicta de que eu ficaria fascinada com um casamento magnífico e com a oportunidade de ser uma condessa.

Um soluço contido alterou sutilmente a voz de Thomasina.

— Na verdade, Prudence me trouxe para o México com um único objetivo: concluir as negociações de meu casamento com o enteado do barão de Palmar.

CAPÍTULO IX

Já era muito tarde quando a carruagem da família Valverde partiu da fazenda para levar el doctor e sua esposa de volta ao lar. Thomasina não tentava mais disfarçar os bocejos, provocados por uma longa noite de tédio e não pelo cansaço. Apesar da hora, continuava esperta e cheia de energia contida.

— Foi uma noite interminável — suspirou ela. — Pensei que a festa não fosse chegar ao fim.

— Sei muito bem o que está querendo dizer. Pensou que sua mãe não fosse desistir de ter uma conversa particular a respeito de seu casamento. Céus! Você me seguia como uma sombra. Não saiu do meu lado um só minuto.

— Eu realmente pretendia falar com Prudence. Sabe muito bem que eu estava indo ao encontro dela quando você me forçou a acompanhá-lo até o jardim. Depois de nossa conversa, segui apenas as suas ordens explícitas.

Rafferty não fez nenhum comentário e os dois permaneceram em silêncio enquanto a carruagem cruzava o vale em direção à San Juan.

Ele ficara profundamente chocado com a revelação de Thomasina sobre um casamento de conveniência com o enteado do barão de Palmar. Além de irresponsável, Prudence Wentworth tinha uma visão distorcida da realidade.

Era compreensível que a filha defendesse a mãe, tentando justificar seus motivos. Entretanto, ninguém ignorava que o pretendente não passava de um jogador que gastava sua herança com cortesãs famosas. Ele jamais entenderia como Prudence podia acreditar que um casamento com Fernando de Palmar fosse um modo de garantir o futuro de Thomasina.

Por sorte, Thomasina era sua esposa e Prudence não poderia forçá-la a se casar com Fernando! Rafferty cerrou os punhos de raiva, recusando-se a admitir que o casamento deles não passava de uma farsa. O barão de Palmar, ignorando a verdadeira



identidade da Sra. Rafferty, confessara ter encorajado os planos maquiavélicos de Prudence.

— Se a filha for tão ambiciosa quanto a mãe, não terá do que reclamar. Através desse casamento, se tornará uma condessa, com uma magnífica fazenda e centenas de empregados. Como sabe, todos os americanos são fascinados por títulos de nobreza. E Fernando também ficará feliz porque o dote da jovem é fabuloso. Ele está gastando sua herança com uma rapidez alarmante e só escapará da ruína absoluta aceitando a proposta de Prudence. Se os dois jovens vêem vantagens nessa união, eu não colocarei nenhum obstáculo.

A cólera de Rafferty se avolumava quando relembra as palavras de Juliano de Palmar. Felizmente, ele salvara Thomasina de um casamento humilhante e fadado ao mais retumbante fracasso.

Mas ainda restava um problema muito grave. Um ano era tempo demais e três, uma eternidade! A ingenuidade de Thomasina a impedia de prever as complicações que fatalmente surgiriam com uma convivência prolongada. Ou então, ela o considerava velho e cansado, portanto incapaz de sentir desejo. Tenso, Rafferty cruzou os braços e afastou-se o mais possível no banco da carruagem para evitar qualquer contato físico acidental.

Thomasina não percebeu a tensão de Rafferty, mais fascinada com a paisagem que se descortinava da janela da carruagem. Era excitante estar num país estrangeiro, em plena madrugada, cruzando campos desertos e ela sentiu-se feliz de não terem passado a noite na fazenda.

Dom Carlos, com sua gentileza de fidalgo, insistira em oferecer-lhes a hospitalidade de sua casa. Entretanto, Rafferty havia se recusado a permanecer com uma determinação quase ofensiva.

— Agradeço o convite gentil mas não posso ficar. Amanhã bem cedo, tenho de ir à casa de Geraldo Zavala para verificar se a recuperação continua sem problemas.

— Aquele idiota! — esbravejara dom Carlos à menção de Geraldo Zavala. — Ele tem mais sorte do que merece. Não devia ter invadido a minha propriedade justamente quando o touro estava solto.

— Realmente? — a voz de Rafferty ficara perigosamente suave. — Geraldo me contou que o campo estava deserto quando ele começou a atravessá-lo.

— Esse rapaz é mentiroso e gosta de criar problemas como o pai e o avô já o faziam antes dele. — Dom Carlos encolheu os ombros, demonstrando inequivocamente seu desprezo pela família Zavala. — A minha carruagem pode levá-lo direto para a casa de seu paciente, à hora que desejar, doutor.

— Prefiro não ficar longe de meu consultório durante muito tempo — replicara Rafferty, irritado com a atitude arrogante do anfitrião.

Dom Carlos não pudera mais insistir e fitara o médico com um olhar duro. Thomasina ficara em dúvida, imaginando se ele soubera da mais recente e mais prolongada ausência de Rafferty. Provavelmente fora informado também sobre esse detalhe. O poderoso fazendeiro não ignorava nada do que acontecia em toda a região.

Um solavanco da carruagem trouxe Thomasina de volta ao momento presente.



— Pelo menos, eu ganhei algumas horas para me preparar. Mamãe disse que virá me visitar amanhã à tarde. Ela quer conversar comigo em particular, sem que haja o perigo de alguém escutar nossas palavras.

— Então, acho melhor combinarmos o que dizer para não surgirem contradições incriminadoras. Não acredito que sua mãe esteja disposta a nos expor publicamente porque um escândalo atingiria a reputação de vocês duas e arruinaria os planos dela. O que não entendo é como pretendem ter uma conversa particular em um consultório médico onde entram e saem pacientes a todo o momento.

— Se o movimento de pacientes for igual ao dos dias em que você esteve ausente, eu e mamãe não precisaremos temer que alguém nos ouça. Não apareceu uma única alma no consultório. Ninguém!

— Ninguém?

— Não tem nada mais interessante a declarar do que ficar repetindo as minhas palavras como um papagaio? — explodiu ela, enfurecida.

Thomasina reconhecia que estava perdendo a batalha contra uma irritação irracional, mas aquela noite esgotara sua paciência. A proximidade de Margarita Valverde e a presença de sua mãe na festa tinham provocado um estado de tensão quase insuportável. A situação estava ficando complexa demais e a certeza de que Prudence viera a sua procura para insistir no casamento com Fernando de Palmar fora a última gota.

Evidentemente, Rafferty seguira a mesma linha de pensamento.

— É evidente que Prudence irá visitá-la com o propósito de marcar uma data para o seu casamento com Fernando de Palmar. Aquele idiota, sem moral...

— Não seja ridículo! — interrompeu Thomasina, sem conter a raiva. — Como pode marcar o meu casamento com um homem se já sou casada com outro?

Rafferty demorou alguns instantes para responder e, ao prosseguir, sua voz era muito baixa.

— Então... pretende levar adiante essa farsa sobre o nosso casamento?

— Até o mais amargo fim, meu caro dr. Rafferty! Nós dois fizemos um acordo, por escrito. Se for preciso fingir que sou sua esposa para completar o meu período de aprendizagem, eu o farei, sem reclamar. Não dependa de mim para romper o contrato.

Subitamente, a carruagem caiu num buraco da estrada, oscilando de lado. Rafferty estava com a mão apoiada na janela e conseguiu manter o equilíbrio, mas ela não encontrou onde se segurar.

De um momento para o outro, Thomasina encontrou-se sentada no colo de Rafferty. Com medo de cair, segurou-se à lapela da casaca e seus dedos roçaram o rosto dele. Sentiu a penugem da barba que começava a crescer, a solidez musculosa do amplo peito que servia de apoio a seu corpo e admitiu, perplexa, que não queria se afastar.

A carruagem continuou a oscilar com violência, impedindo que qualquer um dos dois tentasse se separar. Embora presa pelo braço de Rafferty, em volta de sua cintura, Thomasina continuava a segurar a casaca dele para não ser jogada ao chão.

Quando a sombra das árvores de um bosque foi ultrapassada, um raio de luar iluminou seus rostos muito próximos.



O desejo que brilhava nos olhos de Rafferty fascinou Thomasina. Surpresa com a intensidade de suas próprias reações, sentiu o sangue correr mais rápido nas veias e uma vontade incontável de não resistir ao impulso irracional de tocar o rosto másculo, deslizando os dedos ao longo dos lábios sensuais. Ela ergueu a cabeça, inconscientemente oferecendo a boca delicada para um beijo.

Seus lábios apenas se roçaram...

Uma onda de pânico envolveu Thomasina, roubando-lhe a lucidez. Como já acontecera outras vezes, sentiu-se presa em uma terrível armadilha que a sufocava. Fragmentos de lembranças trágicas voltavam a sua memória e os demônios do passado retornavam para se apossar de sua mente. Ela sentiu o corpo se enrijecer enquanto lutava para recuperar a sanidade.

Rafferty soltou Thomasina, acomodando-a no banco da carruagem. Ele estivera muito perto de dar um passo que os destruiria. Por uma fração de segundo, o perfume de magnólia dos cabelos sedosos que roçavam seu rosto o privara de raciocínio e os lábios chegaram a se tocar.

Ele não suportaria por muito tempo a tortura de estar próximo de Thomasina sem poder tocá-la. Durante um ano, ou talvez três, ficariam juntos dia e noite, em situações de excitante intimidade. Rafferty sufocou um gemido de desespero. Não. Não seria possível resistir por tanto tempo, não encontraria forças!

Thomasina permanecia imóvel, olhando fixamente para a escuridão da noite. Ele precisava encontrar um modo de aliviar a tensão que tomara conta dos dois, derrubar a barreira erguida por um desejo proibido.

— Essa maldita estrada está a cada dia mais primitiva e esburacada — comentou ele, quando a carruagem deu mais um solavanco. — Eu continuo a ficar abismado com a sua atitude. Não entendo por que uma jovem bonita e rica prefere se exilar em um vilarejo perdido nos confins do México a usufruir uma vida de conforto e prazer em lugares mais civilizados.

A tática de Rafferty atingiu o resultado almejado. Thomasina deu uma gargalhada alegre.

— Sabe que eu também fico intrigada com o fato de um médico como você ter vindo para San Juan em vez de ficar em San Francisco? Acho que nós dois partilhamos a mesma espécie de loucura!

Quando a carruagem começou a percorrer um trecho ainda mais acidentado, Thomasina agarrou-se à alça de suporte presa ao teto e a atenção necessária para que não caísse do banco encerrou a discussão.

O silêncio voltou a reinar no interior da carruagem. Rafferty continuou a se censurar por uma indesculpável falta de autocontrole. Felizmente, Thomasina tinha se transformado em uma pedra de gelo, impedindo-o de continuar. Esse tipo de situação não podia se repetir e a necessidade de vigiar suas emoções seria uma complicação a mais num momento em que precisava tomar cuidado com todas as suas ações.

A lua nascera bem tarde mas agora iluminava a paisagem com sua luz prateada. O rio brilhava como uma jóia preciosa e o vilarejo de San Juan dormia à sombra aveludada das colinas.



O luar transformara a paisagem em um desenho majestoso, criado pela mão de um grande artista. Só agora ela recebia o impacto emocionante de divisar a natureza em sua glória primitiva. Não se avistava nenhuma luz, nenhum sinal de vida, apenas a imensidão dos campos despovoados. Thomasina tinha a sensação de que ela e Rafferty eram os únicos seres humanos na face da Terra.

Então, após uma curva da estrada e à saída de um bosque, a paisagem se tornou ainda mais magnífica. Los Tres Hermanos se erguiam de encontro ao firmamento e seus imponentes picos nevados brilhavam como cones de prata pura. A montanha dominava o céu e a terra com sua presença quase sinistra, simbolizando o fogo e a lava momentaneamente adormecidas.

Sentindo a força do vulcão em repouso, Thomasina fechou os olhos. Apesar de não os ver, os três picos continuavam impondo sua presença, como se fossem elementos vivos. Ela sentia a vibração da montanha que permanecia suspensa sobre o vale como uma sentinela em observação, acompanhando através dos séculos a existência pacata dos moradores de San Juan.

Sobressaltada, Thomasina endireitou-se no banco. Ela adormecera com o rosto apoiado no ombro de Rafferty. Felizmente, a escuridão da carruagem escondia seu rubor. Ao olhar pela janela, percebeu que estavam chegando ao consultório.

A luminosidade difusa do lampião preso ao lado da porta da cozinha iluminava os caixilhos das janelas pintadas de azul, contrastando com as paredes muito brancas. Ela imaginou Domingo, na cadeira de balanço junto à lareira, cochilando enquanto esperava para saber todos os detalhes da grande festa. Uma sensação inebriante a invadiu e Thomasina custou a perceber que se emocionara profundamente por estar de volta ao lar.

Seus lábios se curvaram num sorriso de encantamento. Aquele recanto protegido pelas vinhas que cresciam desordenadamente seria o seu lar durante alguns anos e ela não desejava estar em nenhum outro lugar do universo. Nessa noite, tivera uma rápida visão do mundo que abandonara e sua convicção se aprofundara. Deixara para trás uma sociedade artificial e agora estava de volta à casinha rústica onde poderia ser uma mulher feliz.

Quando a carruagem parou, o lacaios desceu rapidamente para abrir a porta e ajudar os passageiros. Rafferty foi o primeiro a descer e, depois de auxiliar Thomasina, virou-se para dar uma moeda ao cocheiro.

Mas o lacaios já retornara a seu posto e o cocheiro não ouviu quando Rafferty o chamou. Com um estalido seco, chicoteou os cavalos e a carruagem afastou-se rapidamente do pátio em meio a uma nuvem de poeira.

— Céus! Eles estão realmente ansiosos por retornar...

Thomasina não terminou seu comentário. Com uma brutalidade indesculpável, Rafferty a empurrou para o lado. Perdendo o equilíbrio, ela caiu ao chão e seu rosto se encheu de poeira.

— Como ousa...

A indignação de Thomasina se desfez quando viu que Rafferty também se jogava ao chão. Um som sibilante passou por cima de sua cabeça e atingiu a parede da casa. Uma pequena nuvem de poeira branca e o estouro semelhante ao de um rojão foram seguidos pelo ruído leve da calça se desprendendo dos tijolos. Ela sentiu uma estranha dificuldade



em respirar enquanto ouvia o galope de alguns cavalos mesclando-se ao barulho da carruagem que se afastava com uma velocidade inusitada.

— Fique abaixada — ordenou Rafferty.

Rastejando pelo chão, ele começou a arrastar Thomasina em direção à casa. Um outro disparo atingiu o sino de latão sobre a porta e um som metálico ecoou na noite.

Domingo deu um grito para avisá-los e abriu a porta. As luzes tinham sido apagadas mas as brasas da lareira delineavam sua silhueta magra.

— Corra, Thomasina.

Ela precipitou-se para dentro da cozinha, seguida bem de perto por Rafferty. Antes mesmo de Domingo fechar a porta e passar a tranca, o médico já estava com o rifle nas mãos. Os dois se comunicavam sem palavras e, enquanto o velho mexicano, também com sua espingarda engatilhada, defendia a janela da frente, ele foi até o ambulatório.

O som de um tiroteio ecoou no silêncio da noite, vindo da placita em frente ao ambulatório. Encolhida a um canto do aposento, Thomasina quase não respirava de medo. Após alguns intermináveis minutos, Rafferty retornou à cozinha, nitidamente enfurecido.

— Os malditos não responderam aos meus tiros! — esbravejou ele, coberto de poeira. — Os covardes fugiram para se esconder em seu covil!

— Se ao menos o cocheiro e o laçao tivessem ficado — disse Thomasina enquanto Domingo acendia o lampião — poderiam nos ajudar...

— O seu poder de observação deve estar adormecido, minha cara — resmungou Rafferty, lavando o rosto e as mãos sujas de pólvora. — Você não notou justamente o detalhe mais revelador de todo este episódio. Os dois saíram do pátio com uma rapidez bastante suspeita, segundos antes do primeiro tiro ser disparado.

— Acha que eles sabiam? Suspeita que tivessem conhecimento do ataque contra nós?

— Talvez eu esteja tirando conclusões apressadas e desconfiando de pessoas inocentes, mas vi o brilho de um cano de aço e por isso pudemos evitar que um tiro nos atingisse. Os criados de dom Carlos também podem ter percebido.

— Só que você não acredita nessa possibilidade — afirmou ela, constatando que seu melhor vestido estava completamente arruinado. — Mas eu continuo sem entender. Por que atiraram em nós?

— Existem muitos motivos mas não estou com paciência de enumerá-los agora. — Ele segurou o queixo de Thomasina com a ponta dos dedos. — Tem certeza de que não é melhor repensar a sua decisão de ficar por aqui? Não acabou de decidir que prefere ir embora?

— Não costumo mudar de idéia — murmurou ela, estremecendo ao sentir o toque suave de Rafferty. — E vou ficar!

— Você é mesmo uma moça corajosa. — Ele piscou, maliciosamente. — Agora vá dormir. Amanhã será um dia cheio.

— Não estou com sono. Quero ficar acordada como vocês.

— Eu preciso conversar com Domingo, Thomasina. E tem de ser em particular.



Ela se desorientou com a ternura revelada pela voz de Rafferty. Estava acostumada aos gritos daquele gigante de temperamento explosivo que traziam à tona seu espírito combativo. Não sabia como reagir à suavidade dele.

— Meu Deus! O seu braço!

O grito de Rafferty ecoou na pequena cozinha e Thomasina teria rido se o braço não estivesse doendo tanto. Com uma rapidez espantosa, ela sentiu as pernas enfraquecerem e percebeu que ia desmaiar. Virando a cabeça com dificuldade, notou uma mancha vermelha em seu ombro. Ou seria apenas o colorido da manga que se rasgara?

— Vamos tirar esse vestido depressa — declarou Rafferty enquanto examinava o ferimento.

— Domingo... — murmurou ela, quase sem voz.

— Está bem. Eu a levarei para o quarto.

Depois de dar algumas ordens rápidas a Domingo, Rafferty carregou Thomasina para o quarto. A tontura aumentara muito e ela tentou sentar-se na cama para inclinar a cabeça e aliviar a desagradável sensação de desmaio.

— Deite-se! A tontura melhorará se você repousar a cabeça sobre o travesseiro.

Pela primeira vez, Thomasina obedeceu uma ordem de Rafferty sem argumentar. Ela admirava a coragem e o estoicismo mas estaria sendo muito irracional se permanecesse sentada na cama enquanto o quarto girava ao seu redor.

Com muita gentileza, Rafferty ajudou-a a se deitar. Suas mãos a tocavam com delicadeza ao examinar o ferimento.

— Infelizmente, terei que procurar por algum fragmento mais profundo...

Thomasina estremeceu. Ela fora rudemente jogada ao chão e culpada Rafferty. Agora percebia que o impacto do tiro a derrubara.

— Eu fui baleada?

— Creio que a bala apenas raspou seu ombro. Talvez essa moda ridícula de enchimentos tenha uma razão de ser. A grossa camada de tecido evitou um ferimento mais grave.

Rafferty deixou o quarto por alguns instantes e retornou com uma bacia de água quente e seus instrumentos cirúrgicos. Ele já retirara o vestido de Thomasina para expor o ferimento e agora começava a lavar o sangue que cobria o orifício da bala, a fim de procurar algum fragmento alojado em seu ombro.

— É muito grave?

A hesitação de Rafferty aumentou o pânico de Thomasina.

— Não muito — disse ele, após alguns instantes. — A bala não se alojou em seu braço mas há várias lascas de pedra... algumas mais aprofundadas.

— Ainda bem que são lascas de pedra e não fragmentos de osso do meu braço. Quando você demorou para me responder, achei que havia algo de muito errado comigo.

Rafferty não poderia explicar por que hesitara para responder. Ao tocar a pele sedosa e a curva do ombro delicado, sentira um início de pânico pensando no que seria preciso fazer. Já encontrara casos muito mais graves em sua carreira de médico, realizara cirurgias extremamente complexas, que exigiam técnica apurada e habilidade. Sempre mantivera as mãos firmes e os nervos sob controle até agora.

Até agora...



Ele voltara a ser um aprendiz sem experiência, com mãos trêmulas e inábeis!

— Faça o que for necessário — pediu Thomasina com inesperada firmeza.

— Não sei se terei forças. É esse o maior problema.

Ela sentiu um aroma vagamente familiar e um leve toque de metal em seu rosto. Então, mergulhou num túnel de escuridão e sua queda vertiginosa só findou quando perdeu a consciência.

Alguém chamava seu nome. Ela voltou de um mundo sem luz mas também sem sofrimento e não encontrou forças para responder. Preferia ficar no fundo daquele túnel de escuridão a sentir esse latejar insuportável nas têmporas.

Mãos excepcionalmente delicadas a viravam de lado, arrumavam seu travesseiro e erguiam sua cabeça para dar-lhe um remédio amargo. Mais tarde, essas mesmas mãos tocaram seu ombro mas ela continuava incapaz de se concentrar. Queria falar ou pedir algo mas, antes de abrir a boca, já não se lembrava de nada.

Sua mente divagava e ela preferia não lutar para entender as vozes ao seu redor.

Uma impressão muito forte foi a do sol entrando pelas frestas da veneziana e da voz que ela devia conhecer ecoando no quarto.

— Thomasina! Oh, Deus! O que você deixou acontecer a minha menina?

Era a voz de sua mãe nos momentos de crise. A elegância de seu modo de falar cedia ao calor da paixão.

— Eu o considero responsável por esse ataque dos bandidos, Dr. Rafferty. Como pode expor uma jovem bem educada e gentil aos rigores de sua vida primitiva?

A voz trovejante de Rafferty ergueu-se no quarto, evidenciando sua fúria.

— E quem é a senhora para me culpar ou censurar? Não está em posição de criticar, madame! O ferimento de Thomasina não passa de um arranhão e ela está correndo menos perigo do que quando a encontrei no porto, em plena madrugada!

A cabeça de Thomasina latejava no mesmo ritmo inflamado das vozes. Ela só queria que todos se calassem, que parassem de brigar dentro de seu quarto. Por que não iam todos embora e a deixavam em paz?

— Compreendo que o senhor me despreze, dr. Rafferty. Na verdade, tenho que lhe agradecer por não ter me exposto diante de dom Carlos e dos outros convidados. Também reconheço que lhe devo algumas explicações. Após a morte de meu marido...

— Não diga mais nada — interrompeu Rafferty. — Não costumo julgar os meus semelhantes e não pretendo desmascará-la diante de ninguém. Tenho problemas muito mais importantes para ocupar minha atenção e um deles é cuidar de Thomasina.

— O senhor é um homem bom...

Thomasina sentiu a mão da mãe sobre sua testa.

— Acorde, querida. Por que não me responde? O que há de errado com ela, doutor? Continua dormindo e não ouve minha voz.

— Bem, vamos fechar as venezianas, se já tem certeza que sua filha está viva. Precisei dar uma boa dose do elixir de Wojcik a Thomasina pois ela queria levantar-se da cama a qualquer custo. Esse remédio provoca uma dor de cabeça infernal.

Prudence suspirou.

— Minha filha é uma pessoa muito determinada, dr. Rafferty.

— Se quer dizer que ela tem a tenacidade de um buldogue, concordo plenamente.



Com um esforço supremo, Thomasina conseguiu abrir os olhos e fitar Rafferty, com um olhar de censura. O ligeiro movimento de erguer as pálpebras intensificou a dor de cabeça. Ela gemeu, desanimada. Havia tanto a discutir! Mas agora, não tinha forças para falar.

A imbatível Prudence recusava-se a ceder. Ela fez um sinal para que Rafferty saísse do quarto mas ele permaneceu imóvel.

— Sei que a senhora quer conversar com sua filha. Não é o momento certo mas não posso impedi-la de tentar. Entretanto, preciso verificar o estado do curativo e, se puder me esperar na placita, eu a avisarei quando tiver terminado. Domingo lhe servirá uma xícara de chá enquanto aguarda meu chamado.

Rafferty permanecia segurando a porta aberta e Prudence não teve outra opção a não ser sair do quarto. Mais desperta, Thomasina tentou, sem sucesso, endireitar-se na cama.

— Imagino que você precise trocar o curativo de novo — pediu Thomasina, com firmeza. — Diga-me exatamente o que está acontecendo.

— O ferimento começa a cicatrizar sem nenhum sinal de infecção. Não foi necessário dar pontos e a cicatriz desaparecerá com o tempo.

— Não é isso que eu quero! — explodiu Thomasina, atormentada pela dor de cabeça. — Conte tudo o que aconteceu desde o início. Como retirou as lascas de pedra do meu braço? Que técnica usou para reconstituir a parte lesada da pele?

Sem disfarçar a admiração, Rafferty relatou todos os detalhes da pequena cirurgia realizada no braço de Thomasina, como se estivesse falando de um caso clínico de um outro paciente.

— Espero que não tenha críticas quanto ao meu trabalho, doutora.

Ela ainda não se recuperara o suficiente para perceber a ironia na voz de Rafferty.

— Realmente, foi um trabalho perfeito. Eu não teria feito nada diferente. E agora, troque o curativo porque minha mãe não aprendeu a ser paciente e não ficará muito tempo à espera de seu chamado.

— Eu só mencionei o curativo porque precisava de um pretexto para tirar sua mãe do quarto por alguns instantes. Troquei-o antes de colocar-lhe a minha camisa.

Assustada, Thomasina olhou para a camisa ampla, de algodão macio, e tão grande que só poderia pertencer a Rafferty. Ao levantar a ponta do lençol, verificou que não tinha mais nenhuma peça de roupa sobre o corpo.

— Você me despiu?

— Apenas retribui o favor, minha querida. Caso não se lembre, despiu-me quando eu cheguei com febre, na sua primeira noite em San Juan.

— Eu menti para zombar de você — disse Thomasina, rubra de vergonha. — Foi Domingo quem tirou suas roupas e o acomodou na cama.

Rafferty virou o rosto para esconder seu sorriso. Ele já deduzira que Thomasina não teria coragem de despi-lo na primeira noite na casa de um homem estranho.

— Esses detalhes não têm a menor importância para nós. Agora que recuperou sua capacidade de raciocinar, precisamos decidir o sucesso de nosso futuro. O que vai dizer a sua mãe?



— Pretendo pedir-lhe desculpas por minha fuga, que certamente a assustou e magoou. Então, serei muito clara e lhe direi que não pretendo ir embora com ela, em hipótese alguma.

— Não estou falando sobre isso — resmungou Rafferty, impaciente. — O que vai dizer sobre nós?

Thomasina custou a entender o verdadeiro sentido da pergunta de Rafferty.

— Sobre o nosso casamento? Então ainda não contou nada a minha mãe. Não revelou a verdade?

— Exatamente. — Ele sentou-se na beira da cama de Thomasina, desanimado. — Sua mãe ainda pensa que nós somos marido e mulher.

Talvez a melhor solução para todos os problemas fosse mesmo não contar a verdade. Se sua mãe acreditasse que ela estava casada com Rafferty, seria obrigada a desistir dos planos relativos a Fernando de Palmar e a deixaria viver em paz. Thomasina tentava avaliar os dois lados da situação com toda a astúcia.

— Eu nunca consegui mentir bem para minha mãe e já me sinto culpada por tê-la enganado tanto, mas acho que a solução ideal é continuar mantendo a farsa do nosso casamento. Ouvi você dizer que eu tenho a tenacidade de um buldogue e precisamos lembrar que sou filha de Prudence. Certamente herdei dela essa... qualidade.

— Então não podemos contar-lhe a verdade nem torná-la cúmplice de nosso plano.

— De modo algum. Quando eu terminar o meu período de aprendizado, direi a ela que não nos dávamos bem ou que o casamento foi anulado.

— Invente a desculpa que desejar. Esse assunto não tem o menor interesse para mim. Vou chamar sua mãe.

Rafferty saiu do quarto, batendo a porta com excessiva violência. Thomasina ficou intrigada com aquela reação. A voz dele permanecera a mesma, mas sua expressão se tornara verdadeiramente tempestuosa. Sem dúvida, já se arrependera de ter concordado em manter a farsa mas agora era tarde demais.

O ombro doía muito, a cabeça latejava e ela estava prestes a enganar vergonhosamente a mãe. Não pretendia contar a verdade porque Prudence recusava-se a aceitar suas opiniões e provocaria um escândalo público. Só podia ser por causa de todos esses problemas que Thomasina sentia essa irresistível vontade de chorar.

Quando Prudence entrou no quarto, Thomasina estava recostada no travesseiro, muito pálida e com os olhos vermelhos.

— Oh, minha querida! Espero que não esteja sentindo muita dor. — Prudence puxou uma cadeira para junto da cama da filha. — Fiquei desesperada quando soube mas o Dr. Rafferty me disse que você se recuperará em poucos dias porque o acidente não foi grave.

— Estou me sentindo muito melhor, mamãe. Peço-lhe desculpas por todos os nossos desentendimentos e sei que sou uma decepção como filha mas...

— Por favor, não continue, querida. Não se desculpe porque eu cometi a maior falta. Deixe-me falar, querida.

Ela pousou as mãos sobre a cama, lançando à filha um olhar de apelo.

— Eu desejava, desesperadamente, que você tivesse tudo. Queria dar-lhe os luxos que me faltaram na juventude. Nunca me ocorreu que os meus objetivos de vida fossem



tão diferentes dos seus, querida. Agora reconheço que minha filha é uma mulher, capaz de tomar suas próprias decisões. Juro-lhe que não vou mais interferir.

Depois de beijar a filha na testa, Prudence caminhou em direção à porta.

— Eu voltarei amanhã, Sra. Rafferty.

Como sempre, Prudence encerrara a conversa com a atitude dramática de uma grande estrela em sua cena de renúncia final.

Thomasina cerrou os punhos, contrariada. Sua mãe sempre seria, acima de tudo, uma atriz e, conhecendo-a bem demais, sabia que tinha algum trunfo secreto pronto para ser usado no momento mais propício. Infelizmente, ela ainda estava com dor de cabeça e fraca demais para tentar descobrir. Talvez Prudence achasse que a aventura de viver em uma aldeia rústica no interior do México logo deixaria de interessá-la.

No momento, o sono era forte demais para permitir que Thomasina pensasse no assunto. Depois de dormir a tarde toda, ela acordou com a entrada de Rafferty no quarto, trazendo um prato de sopa.

Bastou um olhar para perceber que ele estava de péssimo humor. E a sopa que trazia não tinha uma aparência melhor.

— Não sou uma inválida, Rafferty. Prefiro levantar-me e preparar minha própria comida.

— Deus me livre — resmungou ele. — Já ouvi falar de suas façanhas culinárias!

— Se pretende me forçar a suportar seu mau humor, pode ir embora do quarto. Estou com muita dor de cabeça.

— Por favor, me desculpe. — Ele levantou-se imediatamente. — Vou dar-lhe mais uma dose de remédio.

A porta se entreabriu inesperadamente e Domingo os fitou com um sorriso malicioso.

— A carruagem de dom Carlos está voltando... com a Sra. Wentworth.

— Droga! Tenho certeza de que essa maldita mulher está planejando uma armadilha para nós! Quando menos esperarmos, o mundo ruirá sobre nossas cabeças por causa dela!

— Caso não se lembre, essa maldita mulher é minha mãe, Rafferty.

A voz de Thomasina não revelava nenhum sinal de raiva. Ela concordava plenamente com Rafferty; sabia que Prudence não se deixaria vencer com tanta facilidade.

Subitamente, Thomasina decifrou o enigma. Prudence não era tola, sobrevivera à vida árdua do submundo de New Orleans e aprendera, acima de tudo, a avaliar o comportamento das mulheres.

— Acho que encontrei a resposta, Rafferty. Minha mãe sabe ou pressente que nós não somos realmente marido e mulher. Embora não tenha provas, suspeita da verdade e seu primeiro passo será nos pressionar até descobrir onde e quando foi o nosso casamento.

A voz melodiosa de Prudence chegou até eles.

— Como está a nossa querida doentinha, Domingo?

Tensa, Thomasina olhou para Rafferty.

— Pense depressa, Rafferty! Temos de descobrir, neste instante, um modo de afastar as suspeitas de Prudence!



— Eu já sei o que devo fazer.

Antes que Thomasina pudesse lhe perguntar quais eram as suas intenções, Rafferty tomou-a nos braços. Ela sentiu a respiração morna em seu rosto, o toque suave das mãos em seus cabelos até que a boca finalmente desceu sobre a sua.

Thomasina esperava um ligeiro roçar de lábios, um simulacro de afeição com o intuito de iludir Prudence, e foi tomada completamente de surpresa.

Ela jamais fora beijada e não poderia prever a intensidade das emoções que a simples proximidade de Rafferty iria provocar. Subitamente, sentiu cada centímetro de seu corpo vibrar, tomou consciência do calor de sua pele, do bater acelerado de seu coração e de uma ânsia, até então desconhecida, de permanecer para sempre nos braços daquele homem que a conduzia a um universo mágico de sensações inebriantes.

Nada mais existia além dos lábios que se buscavam com avidez, dos corpos se tocando com ânsia e da urgência de aprofundar o beijo. Em poucos segundos, Thomasina perdera a inocência da infância e descobria-se prestes a ser mulher.

Rafferty também pressentia que, por um gesto impensado, havia mergulhado num mundo do qual não retornaria sem marcas. O beijo que nascera da necessidade de iludir Prudence deixara de ser uma farsa para se tornar assustadoramente real. O desejo contido viera à tona com uma violência que o amedrontava.

Tinha em seus braços uma jovem ingênua que vibrava de paixão e, naquele momento, Rafferty descobriu que sempre esperara aquela mulher e a procurara em vão.

Ele não desejava apenas o calor de um corpo feminino do qual se privara havia um longo tempo. Queria aquela mulher, doce e tempestuosa, que despertava emoções atordoantes. Bastara um toque de seus lábios para destruir a barreira que envolvia seus sentimentos. Fugira do amor e da paixão e agora fora derrotado.

E por que resistir? Como não tocar a pele acetinada do colo de Thomasina? Incapaz de se conter, ele buscou o seio fremente e tocou o mamilo.

Thomasina sentiu a mão de Rafferty acariciar seu seio e suspirou de prazer. O som ecoou no quarto espartano que se tornara, subitamente, um luminoso ninho de amor. Ela perdeu consciência de tudo, até da presença da mãe que fora o verdadeiro motivo daquele beijo.

— Oh! Eu não imaginava...

À voz de Prudence, nitidamente chocada, ecoou dentro do quarto.

Rafferty soltou Thomasina com relutância. Seus olhos refletiam desejo e ele olhou para Prudence com a expressão de um homem incapaz de se situar na realidade.

Thomasina sentiu-se perdida quando os braços de Rafferty a abandonaram. Rubra de vergonha, puxou o lençol, tentando fugir do olhar inquisidor da mãe.

Prudence foi a primeira a recuperar a compostura. Colocou o buquê de flores que trouxera sobre a cômoda e aproximou-se da cama da filha.

— Fico extremamente feliz por perceber que você melhorou muito desde hoje de manhã, Thomasina — a voz dela refletia uma penetrante ironia. — Dom Carlos queria enviar-lhe estas rosas de seus jardins e eu me ofereci para ser a mensageira.

Resmungando algumas palavras ininteligíveis, Rafferty saiu do quarto sem olhar para as duas mulheres.



Como Thomasina desejava que a mãe a deixasse sozinha! Não sentia vergonha porque a mãe a surpreendera beijando um homem que era supostamente seu marido. O que não suportava admitir era a ânsia de ser tocada por Rafferty!

Então, inesperadamente, o pânico voltou a envolvê-la, acelerando as batidas de seu coração e deixando-a trêmula e atordoada.

— Mas o que está acontecendo? — exclamou Prudence, correndo para o lado da filha. — Sente alguma dor?

— Por favor, mamãe... — balbuciou ela, perturbada demais para suportar a presença da mãe naquele momento. — Preciso ficar sozinha um pouco...

Como por milagre, Rafferty surgiu à porta do quarto a fim de afastar Prudence da filha.

Finalmente sozinha, Thomasina pôde se entregar às lágrimas. O desejo intenso despertado pelo beijo de Rafferty despertara o costumeiro terror em seu coração. Da magia de uma carícia sensual, fora lançada ao desespero de um pânico incontável.

Se quisesse continuar como assistente de Rafferty, teria de vencer esses demônios do passado!

Rafferty era um homem viril com desejos intensos e dificilmente resistiria à proximidade constante de uma mulher atraente. Só agora ela reconhecia a insensatez de ter vindo para San Juan sem analisar todos os aspectos da situação que iria criar. Por que fora tão impetuosa e ingênua em seu ato de rebelde independência?

Desesperada, Thomasina rezou, pedindo que Deus lhe desse forças porque sabia ser fraca demais para lutar contra o medo. Precisava encontrar um meio de manter Rafferty a distância. Se ele a tocasse de novo, os resultados seriam desastrosos.

CAPÍTULO X

O relacionamento de Thomasina e Rafferty ficou bastante afetado depois do incidente no quarto. Bastara um beijo sedento e arrebatador para despertar uma paixão incontável. E, ironicamente, essa carícia ávida erguera uma barreira intransponível entre eles, mantendo-os a distância, prisioneiros de seus mundos separados.

A cumplicidade amigável que vinha se formando entre eles foi destruída pela repentina admissão da realidade. Ambos se conscientizaram de que eram apenas um homem e uma mulher sem forças para resistir ao desejo.

Ao longo dos intermináveis dias de convalescença, os olhares de Rafferty e de Thomasina jamais se cruzavam, a não ser por acidente. Já não partilhavam os momentos agradáveis de riso e de alegria descontraída como se nunca tivesse existido uma amizade começando a desabrochar. O simples toque de sua manga de camisa no braço dela, ou o mais leve roçar de sua saia perto dele, bastava para afastá-los um do outro como se o breve contato os queimasse.

A fim de preencher o tempo, Thomasina resolveu estudar espanhol e, para sua surpresa, Lorenzo revelou-se um hábil professor.

Rafferty não só a proibira de andar a cavalo, como também insistira que a charrete não era um transporte confortável nem seguro para alguém em seu estado. Acabaram-se



as cavalgadas matinais pelo vale para visitar Geraldo Zavala que tanto haviam encantado Thomasina.

Ela ainda não se recuperara quando uma mulher da aldeia deu à luz a duas gêmeas. O fato de não poder assisti-la provocou uma profunda decepção em Thomasina. Além disso, Rafferty só lhe comunicara o parto bem depois do nascimento.

— Eu já estava ocupado demais com uma paciente difícil — explicou ele rispidamente. — Não precisava de outra.

Este episódio apenas serviu para agravar a relação entre os dois. Mas certamente não foi o único. Uma semana se passou e Thomasina continuava sob a vigilância repressiva de Rafferty. A numerosa clientela o mantinha sempre ocupado, mas o médico ainda encontrava tempo para controlar as atividades da assistente e certificar-se de que ela cumpria suas instruções.

Uma tarde, ela resolveu desafiar o temperamento explosivo daquele irlandês tempestuoso e dirigiu-se para a cocheira onde Rafferty e Domingo consertavam uma roda da charrete.

Estavam tão absorvidos no trabalho que ela preferiu se sentar no banco de madeira e aguardar até que sua presença fosse notada.

— Que diabo pensa que está fazendo?! — esbravejou Rafferty ao vê-la.

— Fazendo um pouco de exercício para recuperar as minhas forças. Há uma semana você me trata como se eu fosse uma inválida. Não sou uma boneca de porcelana, nem tampouco derreto ao sol — retrucou ela. — E me recuso a continuar fazendo repouso sem ter com que ocupar minhas mãos e minha mente.

Controlando a impaciência, Rafferty dirigiu-se a Thomasina como se falasse com uma criança rebelde.

— O seu organismo sofreu um choque muito sério. Se não tomarmos todo o cuidado, poderá se desenvolver uma severa inflamação e então eu terei um problema bem maior nas mãos. Prefiro evitar complicações.

Apesar de sua atitude condescendente, Thomasina não se ofendeu. Rafferty tinha um ponto de vista e já percebera que ele realmente se preocupava com o seu bem-estar. Esse interesse a sensibilizava mas não pretendia desistir de lutar.

— É conservador demais, dr. Rafferty. Não resta a menor dúvida que repouso e uma boa alimentação só podem fazer bem, mas eu estou acrescentando algumas caminhadas diárias e uma certa dosagem de atividades intelectuais ao seu tratamento convencional.

— Só espero que não pretenda passear sozinha. Tem sido perigoso andar por aí ultimamente — concordou ele, com relutância.

— Está querendo dizer que os bandoleiros podem voltar. — afirmou Thomasina.

Montado num pedaço de pau, fazendo as vezes de cavalo, Lorenzo cavalgava no pátio e interferia na conversa quando o assunto o interessava.

— Bandoleros! Os bandoleiros não atacariam ninguém que estivesse sob a proteção de el doctor. Ele é amigo de todos!

Domingo aproximou-se da porta do estábulo para repreender o garoto severamente. Logo em seguida, Lorenzo olhou para o velho mexicano, depois para o médico e, relinchando com estardalhaço, saiu correndo estrada abaixo, montado em seu belo corcel imaginário.



— Como esses meninos são tolos! — tentou disfarçar Domingo, embaraçado.

Thomasina, porém, não se convenceu. Domingo parecia muito preocupado em justificar uma simples brincadeira de criança. E se os homens que os atacaram não fossem de fato bandoleiros?

Naquela noite, ela acordou com uma forte batida na porta da frente. Sobressaltada, vestiu depressa o roupão e correu para a sala do ambulatório, onde Rafferty costumava dormir. O médico já se encontrava na porta, empunhando o revólver. Em pânico, imaginou que quem os atacara na semana anterior tinha retornado para terminar o serviço.

Então viu Rafferty entreabrir a porta e retirar uma pequena trouxa de tecido rústico que havia sido pregada no batente. Domingo apareceu, pouco depois, empunhando seu rifle.

— Eu ouvi um barulho e pensei... que poderiam ser os bandoleiros — disse Thomasina, tensa.

— Volte para cama. — ordenou Rafferty — Não haverá mais bandoleiros em San Juan.

A autoridade em seu tom de voz não admitia discussões e Thomasina obedeceu no mesmo instante. Mas foi um outro fato que despertou o desejo incontável de refugiar-se no quarto de dormir. Quando Rafferty se voltara para ela, repentinamente, algo pequeno, claro e enrugado havia escorregado da trouxa de pano ainda em suas mãos.

— O que é isso?

— Um presente de um admirador — revelou o médico com um sorriso estranho. — Agora, volte para a cama.

Desconfiada, Thomasina retornou ao quarto de dormir. Assim que fechou a porta, permaneceu algum tempo imóvel, tentando se convencer de que o objeto que havia caído das mãos de Rafferty era algo banal e insignificante. Não podia ser o que ela estava pensando.

Ela já não tinha mais tanta certeza do que havia visto. Afinal, fora tudo tão rápido! Mas, por uma fração de segundos, tivera a impressão de que o estranho objeto nas mãos de Rafferty era uma orelha humana.

Seus sonhos foram muito agitados e ela acordou, pouco depois do dia raiar, sentindo-se cansada e abatida. Afastou bruscamente os lençóis pois chegara à conclusão de que nada adiantaria ficar deitada, olhando para o teto, à procura de respostas.

Estava decidida a ir atrás de Rafferty para lhe pedir maiores detalhes sobre o incidente do tiro e do estranho acontecimento da noite anterior. Até o momento, ele se esforçara ao máximo para se esquivar de suas perguntas, sob um pretexto ou outro. E ela estava determinada a decifrar aquele mistério.

Escutando-o falar em voz baixa, vestiu-se rapidamente. Encontrou o médico no ambulatório atendendo um lavrador com o tornozelo torcido. O aposento exalava um forte cheiro de cânfora e de unguento. O paciente sentia muita dor, mas sua angústia era ainda maior. Um homem que não pudesse cuidar de sua plantação e de seus animais não tinha qualquer utilidade, principalmente numa época tão próxima da colheita.

Rafferty examinava o pé machucado, cuidadosamente flexionando e girando-o bem devagar.



— Não há nenhum osso quebrado — disse ele ao lavrador, que sorria e se persignava, dando graças a Deus e a el doctor ao mesmo tempo.

— Você vai ter de ficar de repouso uns três dias, colocando o pé para cima, com a ajuda de um banco ou de um travesseiro, para ajudá-lo a desinchar.

— Sí, doctor. Gracias. Muchas gracias!

De repente, Thomasina percebeu que toda a conversa tinha sido em espanhol e que ela havia entendido tudo. Seu progresso no aprendizado do idioma podia ser um vitória banal, mas precisava de algo que a ajudasse a recuperar a auto-estima.

Rafferty acabara de enfaixar o pé do lavrador. Sempre agradecendo muito, o lavrador saiu mancando, com a ajuda de uma bengala improvisada, em direção à charrete onde o seu irmão o aguardava.

Enquanto lavava a bacia e guardava as ataduras, Rafferty analisava o rosto de Thomasina.

— Você ainda devia continuar deitada. Está abatida como alguém que se viu frente a frente com uma alma do outro mundo.

Thomasina sorriu. Não havia motivo para ficar zangada. Aprendera muito desde sua chegada, e sabia que Rafferty sempre falava a verdade por mais dura que fosse. E já vira seu rosto no espelho. Na verdade, ela parecia um espectro, pálida e com os olhos rodeados por fundas olheiras. Mesmo assim, não perdeu a oportunidade de retrucar ao comentário pouco elogioso do médico.

— Ora, Dr. Rafferty! Vai acabar me acostumando mal com esses comentários tão lisonjeiros!

Rafferty, porém, não perdeu a presença de espírito.

— Ao contrário do meu velho amigo de Palmar, eu teria sido um péssimo diplomata. — Aproximando-se de Thomasina, enquanto secava as mãos na toalha, manteve os olhos fixos no rosto dela. — Você está realmente abatida esta manhã.

Ela chegou a abrir a boca para replicar mas, subitamente, já não via qualquer importância em continuar aquela discussão. Thomasina sentiu uma tontura tão intensa que quase caiu de encontro à mesa e assustou-se por não conseguir recuperar o equilíbrio. Sua visão estava distorcida e a calça da parede ondulava sem cessar. O chão parecia escapar debaixo de seus pés.

Minutos depois, Thomasina ouviu o som irreal de um distante sino dobrando e percebeu que os instrumentos médicos e vidros de remédio se entrecrocavam na pequena farmácia do ambulatório. A xícara que Rafferty deixara sobre a escrivaninha deslizou para a borda e caiu ao chão numa explosão de cerâmica estilhaçada.

Rafferty, também assustado, fora pego de surpresa e não conseguia dar um passo sequer, nem para levantar Lorenzo que caíra ao chão.

Instintivamente, Thomasina tomou a dianteira, correndo para o garoto a fim de socorrê-lo. A dificuldade em equilibrar-se e a dor no braço, fez com que ela quase o derrubasse.

Recuperando os movimentos, Rafferty aproximou-se dos dois, levantando o menino e empurrando Thomasina para fora do ambulatório.



Caído ao chão, há poucos metros da cocheira, Domingo não desviava os olhos dos picos Los Tres Hermanos que refletiam deslumbrante clarão do sol. O cume, coberto de neve, brilhava como um espelho distorcido por uma bruxuleante luz azulada.

Rafferty teve a impressão de ouvir Domingo gemer como se estivesse agonizando. Então percebeu seu engano. Era a voz da terra, um ruído sinistro e sobrenatural, retratando a reação de toda a natureza sob o impacto da violência do terremoto.

Rafferty nunca sentira o poder dos elementos em toda a sua força pois nunca presenciara um tremor de terra. As árvores balançavam as suas frondosas copas quase encostando a ponta dos galhos no chão. Nuvens de poeira anunciavam o colapso de algum pedaço da estrada que conduzia ao flanco da montanha.

O tremor acabou tão abruptamente quanto começara. Ainda se ouvia um rumor surdo ecoando nos ouvidos e perdurava em todos a sensação de que o equilíbrio não voltara a se restabelecer.

Três outros pequenos abalos, bem mais fracos, lembraram a Rafferty o estremecer de um animal feroz, tentando afastar as moscas que o importunavam. Mas, desta vez, as moscas eram seres humanos! Para seu espanto a casa e a cocheira haviam permanecido intatos apesar da fúria da natureza.

Domingo, apressadamente, se persignou.

— É como diz a lenda, doctor. Cem anos se passaram e os três irmãos estão voltando à vida. No tempo de meu pai, a montanha jorrou fogo, sobre a população de San Juan. Os três irmãos acordaram e a montanha se derreteu, soterrando o vilarejo.

— É apenas superstição, Domingo. Provavelmente, houve um deslocamento de terra nos pontos mais elevados da cordilheira porque montanhas não derretem. Olhe bem para estas árvores. Há décadas elas permanecem neste lugar, sem a menor alteração. Não corremos nenhum risco.

— Não é verdade — disse Thomasina com convicção. — Foi um terremoto e eu entendo muito bem do assunto porque já passei por outros em San Francisco. Espero que o vilarejo não tenha sofrido muitos danos.

Todos olharam em direção ao vale. Logo em seguida, Rafferty e Domingo trocaram algumas palavras tão rápidas em espanhol que Thomasina não conseguiu entender nada do breve diálogo.

— Quero examinar seu ombro mais uma vez antes de partir para o vilarejo — disse Rafferty, voltando-se para Thomasina. — Provavelmente, há muitos feridos por lá.

— Não se preocupe, meu ombro está ótimo. Gostaria de ir também. Talvez você precise da minha ajuda.

Levantando-lhe o queixo com a mão, Rafferty examinou bem o rosto dela.

— Ficou muito evidente a dor que você sentiu ao tentar levantar o garoto. Ainda está muito pálida e sem resistência.

Thomasina mordeu o lábio, contrariada. Era verdade, não conseguira disfarçar a dor dos olhos alertas de Rafferty. Viera para San Juan a fim de se tornar uma médica e, ao invés disso, acabara se transformando em paciente.

— Está bem. Mas, se por acaso eu puder ser útil de alguma maneira...

— Juro que mandarei buscá-la — Rafferty completara a frase de um modo gentil. — Eu não duvido de sua coragem, minha cara, mas no momento você só iria me atrapalhar.



Deixando escapulir uma lágrima, ela recuou e Rafferty soltou-lhe a mão. A tensão entre os dois atingira seu ponto máximo. Para disfarçar o desconforto, Thomasina recorreu ao comportamento frio e distante de uma médica profissional.

— No caso de haver outro tremor de terra, é aconselhável que todos permaneçam fora de casa, num local aberto, afastados de muros e paredes. Eles podem rachar e desmoronar. É importante que toda a população seja avisada. Embora tenha certeza de que ninguém aceitará os meus conselhos — completou ela, com indisfarçável amargura.

— Você é mais conceituada no vilarejo do que pode imaginar — confortou-a Rafferty.

Assim que o médico partiu com Domingo, Thomasina se sentou no banco de madeira ao lado de Lorenzo. O garoto ainda não havia dito uma única palavra desde o primeiro estrondo do terremoto. De repente, ele apontou para Los Tres Hermanos, sem disfarçar o pânico.

— Señora!

Protegendo os olhos da claridade, ela observou a montanha. Afinal, o que mudara? Logo em seguida, enquanto olhava com atenção, uma pequena nuvem começou a se formar no pico mais baixo, aumentando rapidamente de tamanho como uma sinistra flor negra em pleno azul do céu.

Lorenzo começou a falar desenfreadamente. Thomasina não conseguia entender suas palavras, mas percebeu que, apesar de tão jovem, ele também ouvira falar da lenda dos três irmãos. Enquanto tentava acalmá-lo da melhor maneira possível, continuou a olhar para os três picos.

A nuvem se desfazia aos poucos e, em segundos, o céu azul já não guardava nenhuma lembrança do sombrio despertar de Los Tres Hermanos.

Não houve nenhum dano muito grave no vilarejo. Depois de mais alguns pequenos tremores, os três gigantes adormeceram novamente e a vida em San Juan retomou o seu ritmo normal, pacato e sem sobressaltos.

Thomasina ainda tentava contestar as decisões de Rafferty quanto ao seu estado de saúde mas, depois de refletir um pouco, resignou-se e decidiu seguir os conselhos médicos. Estava determinada a se recuperar totalmente e a ficar preparada para acompanhá-lo nas visitas aos pacientes e em suas viagens pela região.

Em pouco tempo, já se sentia capaz de ir ao vilarejo e voltar calmamente, mas Rafferty ainda a mantinha a proibição de cavalgar.

As noites eram bem frescas mas os dias ficavam cada vez mais quentes. Thomasina evitava as horas de maior calor, fazendo uma siesta ou descansando sob a sombra do salgueiro entre as três paredes da placita. Havia sempre uma tarefa a ser cumprida. Enquanto escolhia feijão com Domingo ou elogiava os tesouros que Lorenzo colecionava como pedrinhas, cascos de cavalo ou ninhos de passarinho, ela aproveitava para treinar sua conversação em espanhol.

Domingo era diplomata o suficiente para não zombar de seus erros. Mas Lorenzo, ainda criança, não conseguia se controlar. Dava gargalhadas e se jogava ao chão, como um macaquinho, sempre que a pupila cometia algum erro banal para ele, confundindo duas ou mais palavras com a mesma pronúncia.



— É muito divertida, señora — disse Lorenzo, entre duas gargalhadas, em uma das aulas matinais.

— Gracias — respondeu ela, com a seriedade de quem acaba de receber um elogio.

Obviamente, a sua atitude provocara novas risadas no garoto e Thomasina também não conseguiu manter a solenidade, caindo na gargalhada.

Rafferty, que estivera dentro de casa boa parte da manhã, abrindo a correspondência com um indisfarçável mau humor, apareceu no pátio. Irritado, censurou os dois por sua falta de decoro e passou um ríspido sermão em Lorenzo.

— É bem possível que as pessoas consigam ouvir suas gargalhadas estridentes do outro lado do vilarejo.

Domingo, consertando o cabresto, ergueu a cabeça para encarar o médico.

— É melhor rir do que chorar, doctor.

— Ah! Quer dizer que são três contra um? — exclamou Rafferty, erguendo as mãos num gesto de impaciência. — É um sinal de caos quando um homem acaba sendo derrotado dentro de sua própria casa.

— E que atividade sua exige tanta concentração? — perguntou Thomasina curiosa.

O médico corou até a raiz dos cabelos e Thomasina não acreditou que ele fosse se dignar a responder sua pergunta indiscreta.

— Estou escrevendo um livro — disse ele, afrouxando o colarinho. — Pretendo completar o segundo volume de uma obra que publiquei há alguns anos. E, para isso, preciso de um pouco menos de barulho.

Rafferty voltou precipitadamente para o ambulatório, evitando a continuação da conversa.

O episódio não saiu da cabeça de Thomasina. Sabia muito pouco sobre Rafferty e muito menos que escrevera um livro sobre medicina. Pretendia abordar esse assunto mais tarde quando também tentaria descobrir a verdade sobre a estranha reação que ele tivera com o inesperado comentário de Domingo.

Embora o médico muitas vezes risse, havia uma sombra de preocupação em seus olhos. Thomasina não sossegaria enquanto não satisfizesse sua insaciável curiosidade, descobrindo o mistério da melancolia de Rafferty.

Quanto mais os dois conviviam, mais ela percebia quão pouco sabia de sua personalidade. Já não tinha dúvidas de que seu passado não fora muito feliz. Aparentemente, Rafferty fugia do assunto pois nunca fizera qualquer menção a sua vida pessoal, falando apenas sobre medicina ou sobre o seu trabalho em San Juan.

Em uma de suas visitas, Prudence levantara a mesma questão. Acomodada no banco de madeira do pequeno pátio em frente ao ambulatório, girando a sombrinha orlada de babados que combinava com o vestido de seda azul, ela havia tocado no assunto com uma expressão de falsa ingenuidade que não convencia a filha.

— Francamente, Thomasina! Não é possível que você ignore tantos detalhes do passado de seu marido. Ele já deve ter feito comentários sobre os pais, irmãos e explicado por que escolheu San Juan para clinicar! Afinal, sobre o que vocês conversam quando estão sozinhos?

Thomasina corou.



— Temos muito que estudar... tantos livros para ler... Não nos resta tempo para conversas banais. Chego a me perguntar por que ele não se casou. — Percebendo que cometera o pior dos enganos, tentou corrigi-lo. — Até agora, é claro.

— Se você conhecia tão pouco sobre ele, por que resolveram casar tão depressa? — insistiu Prudence, aproveitando-se do deslize da filha.

Por um triz, Thomasina não caiu na armadilha. Nunca fora capaz de mentir com convicção, principalmente para a própria mãe.

Se dissesse que tinham se casado por conveniência ou para evitar um escândalo, Prudence não descansaria enquanto não conseguisse separá-los. A mãe não estava nada feliz com a idéia de sua única filha estar presa a um médico provinciano. Felizmente Thomasina escapou de uma situação perigosa quando elas foram interrompidas pela chegada de Margarita Valverde.

A necessidade de fingir que não eram mãe e filha estava deixando os nervos das duas mulheres à flor da pele. Ao aceitar o convite dos Valverde, Prudence afirmara que a filha preferira permanecer em Monterrey. Se a verdade fosse revelada, eia ficaria em uma péssima situação diante da sociedade que a recebera e a reputação de Thomasina também seria afetada.

Mas Thomasina concordara em não dizer que era filha de Prudence apenas para resguardar a reputação de Rafferty. Agora se arrependia de não ter enfrentado a mãe pois o desgaste provocado pela necessidade de esconder mais um segredo estava abalando sua estabilidade emocional e prejudicando seu restabelecimento.

Margarita parou, nitidamente contrariada, ao encontrar Prudence na placita.

— Por que não me disse que pretendia visitar a señora Rafferty? — perguntou ela, sem disfarçar a frieza. — Poderíamos ter vindo juntas da hacienda.

— Ah! Eu não quis interromper seu idílio — a voz de Prudence evidenciava tensão. — Você estava passeando no jardim com o embaixador de Palmar e conversavam com tanta animação!

Recusando sentar-se na cadeira que Domingo lhe oferecia, Margarita também não tomou conhecimento do comentário ferino de Prudence.

— Eu não vim fazer uma visita social. Preciso falar com o Dr. Rafferty e sei que ele sempre está no consultório a esta hora.

— Brendan foi até o vilarejo — informou Thomasina, enrubescendo de raiva. — Um médico nunca tem horários certos, señorita. Surgiu uma emergência, como sempre costuma acontecer.

— É uma pena porque eu realmente precisava falar com ele. Nesta caso, voltarei em outra hora. — Margarita virou-se para Thomasina, com um olhar indecifrável. — Quando se recuperar, não deixe de visitar a curandeira da região, señora Rafferty. Dona Ofélia tem muito a ensinar.

— Eu sempre pensei que as curandeiras fossem basicamente parteiras — comentou Thomasina, surpresa com a sugestão de Margarita.

— Ofélia é muito mais do que uma simples parteira — respondeu Margarita, sem disfarçar a irritação. — Acha que sabe tudo com seus livros de teoria e seus remédios em vidros bem cuidados, não é? Não despreze a milenar sabedoria de meu povo, señora Rafferty. Garanto-lhe que terá muito a aprender com ela.



A veemência de Margarita aumentou a perplexidade de Thomasina. Dom Carlos se referia aos habitantes da região como se fossem servos e ele o senhor feudal, com direito de vida e morte sobre seus dependentes. Por que a irmã os chamaria de "meu povo"?

Talvez a personalidade de Margarita Valverde não fosse tão superficial quanto parecia. Thomasina decidiu esforçar-se mais para conquistar a amizade dessa jovem e descobrir quem ela realmente era. Também não deixaria de visitar a famosa Ofélia!

— Antes que vocês duas se envolvam em uma discussão entediante sobre curandeiras, tenho algo bastante importante a comentar. — Prudence tomou um gole de limonada, sem desviar os olhos da filha. — Há um rumor maldoso sendo espalhado pelo vilarejo...

Ela parou de falar para dar maior efeito a sua revelação e Thomasina estremeceu. Conhecia bem a mãe e detestava esse tipo de atitude maliciosa. Já não tinha dúvidas de que Prudence estava prestes a usar o trunfo que escondia desde sua chegada.

— Que rumor é esse? — perguntou Thomasina, disposta a enfrentar a mãe.

— Uma pessoa ferina iniciou uma verdadeira campanha de difamação. Por favor, não se ofenda com o que vou dizer, senora Rafferty. Só revelarei o que ouvi porque acho necessário preveni-la sobre o boato de que você e o Dr. Rafferty não são realmente casados.

Thomasina tentou disfarçar seu descontrole mas teve certeza de que a mãe percebera.

— É uma afirmação absolutamente ridícula e tenho dito isso a todos que vem comentar o assunto comigo — continuou Prudence, imperturbável. — O Dr. Rafferty contou-me muitos detalhes do seu casamento e até mencionou que foi realizado na missão de San Pedro... perto de Huacatapetl. Não é verdade, senhora?

— Sim... é claro... — confirmou Thomasina, impulsivamente, satisfeita com a presença de espírito de Rafferty em afastar as suspeitas de sua mãe.

Então ela notou um brilho de vitória nos olhos de Prudence. Só percebera a armadilha depois de ter caído inocentemente! Certamente Rafferty dissera o nome de alguma outra missão e a mãe decidira testá-la. Mas Thomasina nunca desistia sem luta!

— San Pedro? Ou será que foi San Pablo? Eu sempre confundo esses dois apóstolos, ainda mais em espanhol! Como posso ser tão distraída? Qualquer pessoa imaginaria que eu soubesse de cor o nome da igreja onde me casei.

— Pelo menos, eu imaginei que soubesse — continuou Prudence, maliciosamente. — Mas também imagino que tenha estado ocupada demais nas últimas semanas para se preocupar com detalhes tão insignificantes.

Thomasina sentiu vontade de estrangular a mãe! Porque Prudence insistia em brincar de gato e rato com ela? Havia algo muito errado naquela atitude materna porque um escândalo atingiria igualmente às duas.

Embora desviasse habilmente o rumo da conversa, Thomasina continuava enfurecida com a mãe. Tão logo Rafferty voltasse do vilarejo, os dois precisavam ter uma conversa muito séria e combinar bem a versão dos fatos. Não poderiam correr o risco de contar duas histórias diferentes sobre o casamento.



A dor de cabeça de Thomasina retornou com inesperada intensidade. Ela sempre detestara mentir e chegara a ser considerada rude por sempre dizer a verdade. Agora estava vivendo uma mentira de grandes proporções e essa situação a angustiava.

— Foi um prazer conversar consigo, Sra. Rafferty. — Prudence tomou o último gole da limonada e levantou-se do banco. — Mas, como a senhora Valverde ainda está aqui, aproveitarei para acompanhá-la. Sei que a casa dos Zavala fica bastante longe e, em tempos como estes, uma jovem solteira nunca deve andar sozinha.

Sobressaltada, Margarita interrompeu seu devaneio e corou violentamente.

— É muita gentileza sua mas não há necessidade de me acompanhar, senhora Wentworth. Eu nasci nesta região e estou acostumada a ir de um canto a outro completamente sozinha. Além disso, a propriedade dos Zavala fica no limite sul da fazenda de meu irmão. Garanto-lhe que não correrei nenhum perigo.

— Então a minha presença só duplicará a sua segurança, querida — disse Prudence com doçura. — E eu adorarei conhecer alguns camponeses típicos desta região.

Margarita não poderia recusar a companhia de Prudence sem agir com extrema grosseria e foi obrigada a ceder.

— Será um prazer, senhora Wentworth — murmurou ela, incapaz de sorrir. — Eu irei na frente para evitar que a poeira de meu cavalo alcance a sua carruagem.

A magnífica égua árabe estava ao lado da carruagem e Domingo esperava para ajudar Margarita a montar. Antes de partir, Prudence voltou-se para a filha com um sorriso indecifrável.

— Como posso ser tão distraída? Esqueci de lhe contar que esta será minha última visita por algum tempo, Sra. Rafferty. Devo retornar à Cidade do México por duas ou três semanas e partirei amanhã cedo. Quando eu voltar à fazenda Valverde, gostaria de vir vê-la novamente.

— Mas é claro — replicou Thomasina, fitando a mãe com um olhar de desconfiança. — Desejo-lhe uma boa viagem e pronto regresso.

— Obrigada, minha querida. — Prudence inclinou-se para a filha. — As suas maneiras são impecáveis. Tenho certeza de que sua mãe se orgulha muito de você.

Piscando para Thomasina, Prudence entrou na carruagem e partiu sem olhar para trás.

Aquela visita deixou Thomasina intrigada e cheia de dúvidas. Sua mãe soubera que Margarita Valverde pretendia visitar a família Zavala e a jovem não havia mencionado seus planos após a visita frustrada à Rafferty.

A segunda dúvida se relacionava justamente com a visita de Margarita à família Zavala, mesmo correndo o risco de desagradar o irmão. Talvez a bela senhora não fosse a boneca fútil que ela imaginara e esse erro de avaliação a obrigava a rever sua mania de julgar as pessoas à primeira vista.

Thomasina estava em uma fase de intenso aprendizado. Depois de seu acidente, ela passava os dias lendo sobre medicina e, após o jantar, Rafferty lhe fazia perguntas sobre o tema estudado. Houve um certo constrangimento até que ambos se adaptassem ao papel de pupila e mentor. Logo, porém, o embaraço deu lugar à descontração.



Só então Thomasina descobriu que ele era um excelente professor, dotado de uma inteligência excepcional e capaz de dar explicações muito claras sobre os assuntos mais complexos, elucidando pontos obscuros. Rafferty também se encantou com a mente brilhante e a percepção rápida de sua aluna que compreendia o mecanismo de causa e efeito, ação e reação como sendo parte de um todo.

Nesses momentos, eles se completavam e os dois se envolviam em discussões técnicas que duravam horas. Mas bastava um olhar ou um contato acidental de suas mãos que procuravam o livro certo para apoiar um ponto de vista e a tensão se instalava entre eles, erguendo a barreira que o interesse comum suplantara.

As semanas se passavam e Thomasina ainda não retomara todas as suas atividades. Em uma manhã, ao descobrir que Rafferty fora à casa dos Zavala, ela decidiu caminhar até o vilarejo. A brisa fresca já trazia o perfume da primavera e seria impossível permanecer dentro de casa num dia tão lindo.

Lorenzo sempre a acompanhava em seus passeios mas, naquela manhã, o garoto saía para caçar as borboletas azuis que desciam sobre os campos como uma nuvem colorida. Ele raramente a deixava sozinha e Thomasina sentiu pena de chamá-lo de volta. Era tão bom ser criança e ter a liberdade da despreocupação.

A primeira parada de Thomasina, ao chegar em San Juan, foi no mercado, pois continuava fascinada pelas frutas e pelas verduras que chegavam todas as manhãs das chácaras das redondezas.

Os tomates e os pimentões brilhavam como rubis e esmeraldas, as abóboras tinham as cascas prateadas e o milho reluzia ao sol com a patina do ouro. Os aromas pungentes se mesclavam e as vozes alegres se elevavam, discutindo e regateando nos preços.

Ela adorava aquele festival de cores, perfumes e sons vibrantes. Sempre se sentia tentada a comprar algo para preparar um prato exótico, usando as receitas de Domingo. Quando mencionara, discretamente, sua vontade de fazer experiências culinárias, Rafferty tivera uma reação intempestiva.

— Você fica um perigo com uma faca nas mãos. O seu talento para cortar e costurar não tem nenhuma aplicação doméstica. É melhor dirigi-lo para seres humanos que precisam de sua ajuda do que contra vegetais indefesos.

Na verdade, ela se apavorava ao pensar que alguém dependeria de seu talento doméstico. A culinária continuava sendo uma ciência incompreensível e uma arte que ela jamais dominaria.

Enquanto percorria as bancas, Thomasina percebeu que estava sendo observada pelos moradores do vilarejo. Ninguém a fitava com hostilidade mas todos evitavam qualquer contato. As mesmas pessoas que haviam dançado e cantado para celebrar seu casamento entravam em casa a sua passagem, como se ela fosse portadora de febre bubônica ou alguma outra doença contagiosa.

Era evidente que os rumores sobre seu verdadeiro relacionamento com Rafferty haviam se espalhado nas últimas semanas e não tardaria a ocorrer uma confrontação desagradável. Se alguém se dispusesse a perder um dia de trabalho para ir até a missão de San Pedro e verificar os registros de casamento, descobriria a verdade.

Rafferty passara oito anos conquistando a confiança daquele povo arredio. Ele tinha planos de construir um hospital no vilarejo, onde treinaria pessoalmente os médicos e as



enfermeiras que seriam jovens nascidos na região. A verdade destruiria todo esse trabalho e mataria o sonho de um idealista.

Talvez ainda fosse possível anular a força dos rumores maldosos com demonstrações de amizade e palavras bem escolhidas. Thomasina não tinha um vocabulário muito rico mas já conseguia se comunicar em espanhol. Fingindo desconhecer a existência dos boatos ou notar a frieza distante das pessoas, ela começou a cumprimentar e a sorrir para todos os freqüentadores do mercado.

O perfume irresistível dos melões a levou até a barraca das frutas.

— Quero dois — disse ela, esforçando-se por pronunciar bem as palavras em espanhol. — Meu marido adora melões.

O vendedor não fez nenhum comentário mas seu olhar ficou menos frio. Encorajada pelo sucesso de seu gesto, Thomasina decidiu percorrer todas as barracas, usando a mesma técnica de aproximação.

— Que camisa linda! — exclamou ela, dirigindo-se à senhora que as bordava. — Acha que ficaria bem em meu marido?

— Si, si! — concordou a vendedora, convencendo-a a comprar também uma saia e dois cintos.

Quando Thomasina terminou de percorrer as bancas do mercado, estava com tantos pacotes que foi preciso comprar uma linda cesta de palha para carregá-los quando chegasse a hora de voltar para casa.

Agora que já alcançara seu intento, ela podia dedicar-se a suas obrigações. Sua primeira visita foi para a velha senhora Estevez para quem a medicação para hidropisia estava dando excelentes resultados.

— O inchaço praticamente desapareceu, senhora Rafferty. E quase não sinto mais nenhuma dificuldade para respirar,

Thomasina não conseguiu disfarçar seu contentamento. Ela convencera Rafferty a modificar o tratamento da senhora Estevez. Além do extrato de calêndula, receitado por ele, seria acrescentada uma infusão de boldo peruano cuja fórmula ela encontrara em um de seus livros sobre remédios naturais.

A paciente devia tomar uma colher pela manhã e outra à noite para que o resultado fosse mais rápido.

— Fico feliz por saber que o remédio novo deu resultados positivos — disse ela, em espanhol.

— Estou fazendo exatamente como a senhora mandou. Passo o remédio em minhas pernas de manhã e de noite, sem esquecer nunca. O resultado valeu a pena.

A declaração da senhora Estevez foi uma ducha de água fria. Ela não conseguira se comunicar com a paciente que compreendera mal suas instruções. Por sorte, Rafferty não estava presente para presenciar sua humilhação. Se a notícia chegasse aos ouvidos dele, Thomasina seria impiedosamente ridicularizada.

Ela precisava encontrar um modo de consertar a situação com diplomacia, sem embaraçar a paciente nem revelar sua humilhação. Então, ao retirar da bolsa o outro vidro de remédio que trouxera do ambulatório para entregar à senhora Estevez, teve uma idéia.



— Agora a señora continuará o tratamento com este remédio, que é muito mais eficaz. Em vez de passá-lo sobre a pele, deve tomar por boca, também duas vezes ao dia.

Depois de pedir à paciente para repetir suas instruções, Thomasina ficou mais aliviada. Conseguira evitar um desastre!

No caminho de volta, Thomasina percebeu, subitamente, o lado humorístico do mal-entendido da señora Estevez. Talvez ela contasse para Rafferty só para provocar a gargalhada sonora e alegre que há muito não ouvia.

Ela não imaginara que ao chegar fosse encontrar o cavalo arreado e pronto para partir, parado no pátio à espera do cavaleiro. Domingo terminava de prender as mochilas especiais de Rafferty na sela de Lugh.

— O que houve, Domingo? Aconteceu algum acidente no acampamento dos lenhadores?

As encostas de Los Tres Hermanos, cobertas por florestas, eram a fonte de toda a madeira utilizada na região. Algumas famílias, ligadas por laços de estreito parentesco, viviam à sombra da montanha e corriam grandes riscos por continuarem usando técnicas e equipamentos primitivos.

Há menos de uma semana, Rafferty fora chamado porque uma enorme árvore se soltara das cordas que a prendiam e rolara sobre o acampamento. Um homem morrera e outro ficara paralisado em consequência dessa tragédia.

— Sí, señora — respondeu Domingo, sem virar o rosto para ela.

Naquele instante, Rafferty saiu de casa, carregando sua maleta de primeiros socorros.

— Terei de partir imediatamente pois trata-se de uma emergência. Tentarei voltar ainda hoje, mas não me espere acordada.

Uma forte depressão tomou conta de Thomasina. Ela viera para San Juan com o intuito de aprender medicina, observando e ajudando um médico já experiente. E, mais uma vez, seria deixada para trás? A decepção a impelia a retribuir a maldade de Rafferty que não lhe permitia participar dos acontecimentos.

— Não se preocupe comigo. Depois de ter sido baleada na porta de minha casa, não sinto mais medo de nada. Nem mesmo de ser raptada!

— Não seja idiota. Você não foi baleada.

Sem esperar por uma resposta atrevida de Thomasina, Rafferty afastou-se da casa, a galope.

Ela entrou em casa, lutando contra as lágrimas. Não houvera tempo de contar sobre a frieza distante dos moradores do vilarejo. Não houvera tempo de contar que fizera papel de boba com a señora Estevez. Não houvera tempo para rirem juntos.

O dia demorou muito a passar. No início da tarde chegou um garoto carregando seu cãozinho que fora ferido. Thomasina reconheceu o menino, chamado Juanito Mendoza, que, em silêncio, estendeu-lhe seu animal de estimação, pedindo ajuda com um olhar de angústia.

— Oh! Pobrezinho! Traga-o para o ambulatório.



Depois de ter trabalhado um ano com o veterinário Cordell McGillicuddy, Thomasina não teve nenhuma dificuldade em costurar a orelha do cãozinho, mas ficou intrigada com o tipo do ferimento. Aquele corte não fora feito por um outro animal!

— O que aconteceu com ele? — perguntou Thomasina em espanhol.

— O meu cãozinho ficou excitado com a chegada de dom Carlos no vilarejo e correu ao encontro dele. Ele sempre foi muito amoroso, señora. Dom Carlos não gostou e o afastou com seu chicote.

— Que maldade!

O cãozinho ainda era apenas um filhote e, mesmo durante a cirurgia, que fora dolorosa, não parara de abanar o rabo, demonstrando sua afetuosidade. Thomasina custou a controlar o ódio. Mais importante do que o ferimento do animal, era a atitude conformista de Juanito, aceitando a crueldade gratuita daquele fazendeiro tirânico, sem pensar em sentir raiva.

Desde a festa na fazenda, ela ouvira muitas histórias sobre Carlos Valverde. Não existia uma única família em San Juan que não tivesse sido tocada pela sombra da autoridade despótica do poderoso fazendeiro. Então, compreendera por que muitos jovens abandonavam seus lares para se unir aos rebeldes que viviam escondidos nas montanhas.

Uma hora mais tarde, o garotinho foi embora com um sorriso de felicidade em seu rosto moreno. Thomasina sabia que agora duas pessoas confiavam em sua habilidade como médica: a señora Estevez e Juanito Mendoza. Talvez, no futuro, esse número aumentasse.

Na hora do jantar, Thomasina comeu o melão que comprara no mercado do vilarejo. A noite logo chegaria e ela sabia que o tempo demoraria muito a passar. Desanimada, sentou-se à escrivaninha para reler o tema indicado por Rafferty para ser discutido naquela noite mas não conseguia prestar a menor atenção.

Quando ela fechou o livro, teve a sensação de que não fazia mais nada além de acumular teoria. O aprendizado de um médico incluía muitas outras atividades além do estudo árido de obras técnicas e Rafferty escolhera a parte mais agradável da clínica.

Thomasina estava cansada de passar horas a fio lendo os mesmos livros, de ser sempre deixada para trás, de ficar trancada em casa sem ter o que fazer. Viera a San Juan disposta a enfrentar muito trabalho e nunca se sentira tão ociosa em toda a sua vida como agora. Era uma situação intolerável!

Quando a noite começou a cair, Domingo foi para o vilarejo, como de costume, encontrar-se com os amigos e saber dos últimos boatos da região. Lorenzo tinha ido para a casa de um primo que fazia anos e Thomasina sentiu-se totalmente abandonada.

Parada no centro do pátio, ela avistava o vale já imerso pelas sombras que avançavam para a colina onde ficava o consultório. Num contraste fascinante, via os picos nevados de Los Tres Hermanos ainda iluminados pelo sol poente e cintilando como ouro polido.

Thomasina entrou em casa para iniciar sua rotina noturna. Ela sempre escovava os cabelos por muitos minutos, sentindo que os gestos ritmados desse ritual a relaxavam. Naquela noite, não obteve o resultado de sempre. Estava tensa demais e, se não encontrasse uma ocupação que a distraísse, não conseguiria dormir.



Retirando um de seus próprios livros da estante, ela acomodou-se à escrivaninha para ler sobre remédios à base de ervas, um assunto que nunca deixava de prender seu interesse. Começou a ler: Umbelliferae: Importante categoria de plantas com marcante efeito no sistema nervoso. A ingestão de uma dosagem excessiva pode provocar sintomas de histeria profunda...

Não! Ela não conseguia sentir o menor interesse pelas umbelliferae. Rafferty já devia ter voltado. O que o estaria impedindo de retornar?

Aethusa Cynapium: Veneno potente que provoca profunda narcose e parece permanente quando ingerido em doses excessivas. Apesar desses efeitos, a Aethusa tem seu lugar na farmacopeia moderna por...

As palavras flutuavam na página escrita e as pálpebras mal se mantinham abertas. Thomasina esfregou os olhos, tentando fixar a vista. Talvez fosse melhor desistir das leituras e ir para a cama. Então, quando Rafferty chegasse, não suspeitaria que ela sentira sua falta durante as longas horas de solidão nem que ficara preocupada com sua demora inesperada.

Infelizmente, ela estava sonolenta demais para ler e preocupada demais para dormir. Talvez um livro novo prendesse sua atenção. Vira uma capa cor de vinho na gaveta da escrivaninha de Rafferty quando ele fora guardar alguns papéis.

Mesmo admitindo que estava sendo indiscreta, Thomasina recusou-se a analisar sua atitude ou a mudar de idéia. Rafferty sempre afirmara que ela podia e devia ler todos os livros existentes naquela casa. Então, ela viu o título e não resistiu à curiosidade.

Um Homem e uma Mulher — A Anatomia do Amor

O livro não era um tratado sobre a anatomia ou a fisiologia do sistema reprodutor e sim um ensaio sobre a arte de amar. Thomasina virava as páginas lentamente, sentindo-se uma viajante perdida em um mundo desconhecido e fascinante. O texto chegava a ser poético mas as ilustrações, embora em um estilo lírico, reproduziam as mais diversas nuances do ato sexual. Apesar de estar sozinha em casa, o rubor aqueceu seu rosto.

A cada nova ilustração, Thomasina se surpreendia com uma nova visão do sexo. Os rostos dos casais refletiam prazer mútuo quando seus corpos se moldavam em posições que lembravam os passos de uma dança sensual.

A cada novo texto, ela se fascinava com o número de mulheres que haviam encontrado a realização plena no ato sexual. Através de suas palavras, Thomasina descobria o erotismo e a volúpia que precedem e acompanham um ato meramente físico.

Ela nunca imaginara que as mulheres pudessem sentir prazer no sexo e agora percebia o quanto fora mal-informada. A casa alegre de suas lembranças infantis, que agora sabia chamar-se Pretty Polly, era apenas um bordel onde a euforia da noite encobria as tragédias pessoais.

Ela estava com dez anos quando a mãe havia conseguido completar as economias que lhe permitiram abandonar aquela vida e mudar-se, com a filha, para a Europa. Thomasina não saberia dizer exatamente quando, se em New Orleans ou em Paris, começara a acreditar que o romantismo era um recurso utilizado pelas mulheres para suportar a violência dos desejos masculinos.

A fragilidade feminina, forçada a se submeter a um ato físico revoltante, refugiava-se em fantasias que a ajudavam a não pensar na realidade.



Agora admitia que errara. Na verdade, percebera seu engano quando Rafferty a beijara e só um terror irracional a impedira de aceitar essa realidade. Sua mãe amara muito e perdera tudo. Thomasina não queria sofrer como Prudence, recusava-se a ser aniquilada por uma paixão destrutiva. Os livros, os estudos e uma profissão eram muito mais seguros do que o amor.

Então Rafferty a beijara.

Ela ainda não se esquecera da firmeza e da doçura dos lábios que haviam se apossado dos seus e da rigidez do peito musculoso ao encontro da suavidade de seus seios. Ainda se lembrava da avidez e do desejo que haviam despertado em seu íntimo a ânsia de fugir de uma solidão deliberada e se realizar como mulher.

O livro escapou das mãos de Thomasina.

A conscientização da verdade a abalava profundamente mas não podia ser evitada. Sem querer e sem perceber, ela se apaixonara por Brendan Rafferty. E a admissão de seu amor a impedia de retornar a seu mundo seguro e livre de envolvimento emocional. Desejava estar de novo nos braços dele e ser tocada com a volúpia das ilustrações daquele livro erótico.

Thomasina reviu todas as gravuras e, diante de seus olhos atônitos, era ela que estava nos braços de Rafferty, sendo acariciada e beijada com paixão.

Mas Rafferty não a amava, nunca retribuiria seus sentimentos. Um homem apaixonado não esconde seu amor da mulher desejada e tenta conquistá-lo com gestos, palavras e carícias. Desde o beijo que os descontrolara, ele evitava contatos e fugia das situações de intimidade.

Sem perceber, Thomasina voltou a pensar nos termos que aprendera em uma infância atormentada por problemas. Ela aprendera tudo sobre os homens através de Prudence, que não se cansava de prevenir a filha sobre as dificuldades femininas.

Os homens sempre eram dominados por desejos muito intensos que os impediam de raciocinar. Rafferty fora vencido pela força dos sentidos e não resistira à volúpia despertada pelo beijo. Depois que recuperara a lucidez, fugia dela para não admitir sua fraqueza.

Ela sentiu as lágrimas escorrendo em seu rosto. Com medo de manchar o livro, Thomasina o fechou e as letras douradas do título brilharam à luz do lampião que acabara de acender.

Um Homem e uma Mulher — A Anatomia do Amor — Um estudo acadêmico sobre o amor e o erotismo, de Brendan P. T. Rafferty — doutor em medicina.

Uma onda de horror percorreu o corpo de Thomasina. Ela morreria de vergonha se Rafferty retornasse e a encontrasse lendo o livro dele às escondidas!

Naquele instante, ela ouviu a porta sendo aberta e entrou em pânico. Com gestos bruscos, tentou guardar o livro no mesmo lugar em que o encontrara mas a gaveta emperrou.

— Droga! — murmurou aflita. — Maldita gaveta!

Thomasina continuou a praguejar baixinho, nervosa demais para admitir que estava desenvolvendo um hábito deplorável. Ela ainda estava tentando abrir a gaveta quando ouviu passos às suas costas.



O homem que acabara de entrar em casa não podia ser Rafferty! Os passos eram muito leves, quase furtivos, e tinham um ritmo diferente. Ela sentiu cheiro de alho, de tabaco barato e o inconfundível odor de um corpo suado e sujo.

— Buenas noches, señora.

Antes que Thomasina pudesse se virar para encarar o intruso, uma mão calejada cobriu sua boca e ela sentiu a lâmina fria de um punhal encostar em sua garganta.

CAPÍTULO XI

Qualquer movimento significaria a morte. A lâmina fria do punhal continuava a pressionar a garganta de Thomasina. Ela não se movia. Nem respirava.

— Onde está o homem que se chama Rafferty?

— Eu não sei!

— Não minta para mim, mulher!

Preso pelos cabelos, Thomasina foi rudemente empurrada de encontro à parede e pôde enfim ver o rosto do homem que invadira sua casa.

Ele estava vestido como os montanheseiros, com uma camisa bordada mas imunda e calças de brim. Era um homem moreno de rosto magro, com um enorme bigode que encobria parcialmente a cicatriz na face direita. E cheirava muito mal!

Estranhamente foi esse detalhe irrelevante que se fixou na mente de Thomasina e provocou-lhe uma incontrolável onda de raiva.

— Tire as suas mãos imundas e malcheirosas de cima de mim! Imediatamente!

O homem foi pego de surpresa. Tinha esperado lágrimas ou lamentos e hesitou por uma fração de segundo. Foi o suficiente para que Thomasina se soltasse.

Ela recuou alguns passos e então o examinou da cabeça aos pés com um olhar de profundo desprezo.

— Muito bem! — declarou ela, cruzando os braços. — Diga logo o que pretende!

O intruso arregalou os olhos, perplexo com a pergunta e com a atitude da mulher.

— O que eu pretendo? — Ele brandiu o punhal no ar. — Pretendo conseguir tudo o que desejo por força das armas, senhora. Mas, agora, quero saber onde está el doctor. Preciso dele para atender uma emergência.

Thomasina permaneceu em silêncio, fitando-o com um olhar de fria indiferença. Então, a atitude do homem mudou radicalmente.

— Por favor, señora. Uma criança está muito doente, talvez morrendo. O pobrezinho tem a doença que sufoca e precisa de um médico.

A doença que sufoca... só podia ser difteria! Apanhando seu xale, Thomasina dirigiu-se para a porta.

— Fica muito longe daqui?

— Ele está nas montanhas. Em um lugar que fica atrás da Estrada Ancestral.

Thomasina já ouvira falar desse lugar. Existia uma estrada aberta pelos astecas que ligava aquela região à Cidade do México e passava pelas montanhas abaixo dos picos de Los Tres Hermanos. O tempo destruíra a maior parte dessa via centenária mas ainda restavam alguns trechos, embora em más condições.



— Deixarei um bilhete para o doutor, avisando-o do que está acontecendo. Eu irei com você. Sou a assistente do dr. Rafferty.

Sem perda de tempo, Thomasina escreveu o recado para Rafferty e reuniu seu equipamento de primeiros socorros. Então, lembrando-se de seu problema na casa dos Zavala, apanhou também uma muda de roupa. Ela só fez uma exigência. Queria saber por que fora preciso assustá-la com um punhal na garganta.

— Me disseram que a senhora serviria mas... eu não acreditava que me acompanhasse de livre e espontânea vontade.

— É evidente que não! — exclamou Thomasina, examinando-o novamente da cabeça aos pés.

A luz fraca do lampião revelou o rubor súbito no rosto do montanhês.

— Eu não fui sempre essa desprezível figura que a senhora vê agora. Já tive meus próprios campos arados e algumas cabeças de gado. Tomava banho, ria e freqüentava a igreja nos domingos, acompanhado por minha família. Agora vivo perseguido, escondido nas montanhas junto com...

— Com Alonso Vega — completou Thomasina diante da hesitação do rebelde. — E não fique me olhando como fosse uma bruxa. Não foi preciso muita imaginação para adivinhar.

Thomasina ia apagar o lampião, como sempre, deixando apenas as brasas da lareira para iluminar o caminho de Rafferty, evitando que ele tropeçasse na mobília quando chegasse de madrugada. Então, ficou com medo que seu bilhete não fosse encontrado até a manhã seguinte e hesitou.

Embora se sentisse muito insegura, deixando um lampião aceso em uma casa vazia, decidiu que o risco de um incêndio seria o menor dos males. Prendendo o bilhete em cima da mesa da cozinha, Thomasina seguiu o rebelde para seu refúgio nas montanhas.

A jornada dentro da noite foi longa, silenciosa e com trechos de acesso extremamente difícil. A raiva e a determinação que haviam mantido Thomasina firme diante de um ameaçador atacante já não a sustentavam e um intenso nervosismo a envolveu.

Ela certamente perdera o juízo! Só uma criatura muito insensata aceitaria acompanhar um desconhecido até o reduto dos rebeldes. Talvez esse acampamento nem existisse. Os dentes de Thomasina batiam e, sem dúvida alguma, não apenas por causa do frio da noite.

A paisagem também provocava arrepios. As colinas e as encostas mais baixas das montanhas permaneciam mergulhadas nas sombras, como presenças informes e ameaçadoras. Flutuando no alto do céu, os picos de Los Tres Hermanos pareciam emitir uma luz própria, azulada e com um brilho quase sinistro.

Só a visão de uma criança sofrendo, talvez à morte, impedia que Thomasina desistisse de continuar.

Enquanto sua montaria procurava um caminho entre as pedras soltas da trilha primitiva, Thomasina tinha a sensação de estar sendo vigiada por centenas de olhares furtivos. Na solidão sobrenatural de um caminho construído por homens que haviam sido destruídos pela violência, era possível acreditar em tudo.



As árvores e as rochas bloqueavam a passagem do luar e cada sombra fugidia poderia ser um monstro criado pela imaginação que se transformava em realidade. Um animal uivou longamente para a lua e Thomasina não saberia dizer se era um coite, um lobo ou... um lobisomem.

Quando o brilho alaranjado de uma fogueira surgiu ao longe, entre os troncos de árvores, Thomasina estava paralisada pela exaustão e pelo frio, e certa de que começara a ter alucinações. Por uma fração de segundo, acreditou que a luminosidade vinha do lampião sobre a escrivaninha de Rafferty.

Tudo não passava de um pesadelo!, pensou. Ela adormecera enquanto estudava e logo acordaria, voltando a se concentrar em áridas descrições do uso das umbelliferae e da aethusa cynapium.

Então o bosque deu lugar a uma clareira e Thomasina percebeu que estava no meio do acampamento dos rebeldes. Alguém segurou as rédeas de sua valente Sherazade, outras mãos a ajudaram a desmontar e soltar o estojo de primeiros socorros, preso à sela, porque Thomasina não conseguia mover os dedos enregelados.

Um homem se aproximou e ela teve certeza de que era Geraldo Zavala, mas devia ser parte de sua alucinação. O rapaz ainda não podia andar e muito menos fazer uma cavalgada até aquele lugar perdido entre as gargantas das montanhas!

— Graças a Deus — murmurou uma mulher, enquanto conduzia Thomasina para um abrigo rústico entre duas rochas. — O dr. Rafferty também veio?

A voz polida trouxe Thomasina de volta a uma realidade inacreditável e também provocou-lhe o maior choque de sua vida. A luz vacilante de um lampião primitivo iluminava o rosto de Margarita Valverde!

A bela señorita não era mais a boneca de porcelana com uma expressão vazia. Os cachos artisticamente elaborados tinham sido substituídos por um coque simples e seu rosto delicado evidenciava cansaço e nervosismo. Margarita não desviava o olhar da criança sobre um leito de capim, recoberto por um poncho gasto.

— Ele não veio porque não estava no consultório. Deixei um bilhete.

Thomasina não perdeu tempo em explicações. Aproximando-se da criança, ajoelhou ao lado da cama improvisada. O garotinho tentava, desesperadamente, levar um pouco de ar até os pulmões, através da membrana que se formara em sua garganta. A pele começava a ficar azulada e a respiração logo cessaria.

— Preciso de alguém para me ajudar. O garoto precisa ficar imobilizado.

Margarita e uma outra mulher, talvez a mãe da criança, se aproximaram para auxiliar Thomasina. Ela tentou, por longos e angustiantes minutos, remover o obstáculo da garganta com uma pena de metal que trouxera para esse fim.

Infelizmente, a membrana estava profunda demais e Thomasina não tinha condições de alcançá-la. A situação era desesperadora. Uma criança estava morrendo diante de seus olhos e ela não podia ajudá-lo a não ser...

Havia um modo de salvar aquela vida mas Thomasina não sabia se teria coragem.

— Ele precisa... — sua voz falhou e ela respirou fundo antes de prosseguir: — Ele precisa que se faça um orifício externo em sua garganta para poder respirar.

— Deus nos ajude! — gemeu Margarita, desesperada. — Não existe um outro modo?



As três mulheres olharam para a criança, já completamente sem forças. O garotinho estava morrendo.

Dando instruções rápidas às duas mulheres, Thomasina começou a preparar os instrumentos cirúrgicos.

— Nós faremos tudo que for possível — murmurou a mãe do menino.

E ela, Thomasina Wentworth, teria de fazer o impossível! Suas mãos tremiam enquanto separava os bisturis e suas pernas estavam prestes a perder as forças. Não. Ela não conseguiria!

Naquele momento, Thomasina admitiu que era uma impostora, uma criatura cega por fantasias perigosas. Todo seu conhecimento de medicina fora obtido através de leituras e de algumas discussões com Rafferty sobre temas específicos. Poucas discussões e temas banais...

A experiência se limitara a alguns meses na clínica veterinária de Cordell McGillicudy. Orelhas cortadas e patas quebradas não a haviam preparado para uma situação realmente grave. Se a sua mão perdesse a firmeza, por uma fração de segundo, ela romperia uma artéria.

Era totalmente impossível assumir aquela responsabilidade! Sua arrogância e uma autoconfiança excessiva haviam criado a armadilha que a destruiria.

O estertor provocado pelas tentativas de respirar do garoto forçaram Thomasina a agir. No instante em que tocou o bisturi apropriado, suas mãos pararam de tremer. Uma estranha serenidade a envolveu, derrotando o medo que a paralisara.

"Eu sou uma médica", dizia a si mesma. "Sei o que fazer e posso fazer o que sei."

Em segundos, o orifício foi realizado e Thomasina manteve a abertura com uma pequena peça de metal que encontrara no armário de Rafferty. Ela ouviu passos a suas costas e percebeu que alguém entrara no abrigo rústico. Só esperava que essa pessoa não desmaiasse ao vê-la retirar a membrana da garganta do menino!

Depois de ter desobstruído a garganta do garotinho, ela pôde fechar o orifício. A pele do menino ficara novamente rosada, a mãe chorava de alegria e Thomasina estava molhada de suor.

Margarita a encarou com firmeza, do outro lado do leito improvisado.

— Eu lhe devo desculpas.

— E eu também — murmurou Thomasina, sorrindo. — Quando o nosso paciente estiver fora de perigo, nós duas precisamos ter uma longa conversa. Creio que ainda seremos grandes amigas.

Uma sombra pairou sobre elas e Thomasina sentiu que alguém pousava a mão sobre seu ombro.

— Meus parabéns, Thomasina. Foi um trabalho excepcionalmente bem-feito.

A voz de Rafferty provocou uma onda de felicidade em Thomasina. Sem pensar em conter seus impulsos, jogou-se nos braços dele, procurando força e segurança.

Os braços fortes se fecharam em torno dela e suas bocas se procuraram com avidez. O beijo refletia o desejo longamente contido e trazia à tona toda a paixão e as emoções daquela noite. Foi Rafferty quem recuperou o controle e afastou-a com gentileza.



Thomasina estava mortificada por sua falta de compostura. Margarita estava profundamente chocada.

— Ainda acho que seremos amigas — murmurou a bela senhora com um sorriso triste, antes de deixá-los a sós.

Juntos, Rafferty e Thomasina examinaram o paciente. O garotinho dormira, vencido pela exaustão. Uma outra mulher, mais jovem do que a mãe do menino, entrou no abrigo e ajoelhou-se junto do leito.

— Agora já não há mais perigo. Podemos deixar o seu paciente com Elena — disse Rafferty, ajudando Thomasina a levantar-se do lado da cama. — Ela é uma enfermeira competente.

— Quero ficar com ele.

— Elena nos chamará se surgir algum problema. Precisa descansar, Thomasina.

— Mas eu não tenho vontade de descansar! Sinto-me perfeitamente bem!

— Tem certeza, querida? Então por que está tremendo desse jeito?

Só então Thomasina percebeu que todo o seu corpo tremia como se estivesse com febre. Os dentes bateriam de frio ou pelo relaxamento da tensão? Se Rafferty não a segurasse com firmeza pela cintura, ela não conseguiria dar um único passo.

— Não se preocupe com esses sintomas estranhos. No início, as reações são sempre muito intensas. Venha comigo. Eu lhe darei um caldo quente e logo estará de novo bem-disposta.

Rafferty a conduziu para um outro abrigo igualmente primitivo. Durante décadas, as chuvas e os ventos haviam destruído parte das paredes de pedra de uma construção muito antiga. O teto original fora recoberto por vigas rústicas e galhos secos, mas aquele era o alojamento menos precário de todo o acampamento.

Ao atravessar a clareira, Thomasina notou que uma claridade rósea já tingia o contorno das montanhas a leste. A cavalgada irreal pela noite e a apavorante cirurgia que fora forçada a realizar, tinham alterado sua noção de tempo e as horas haviam passado como se fossem minutos.

Ela surpreendeu-se com o interior do abrigo. Apesar de humilde e sem conforto, Thomasina sentiu o aconchego das pedras gastas pelos séculos que a luz de uma lamparina tingia de dourado. A débil claridade iluminava um leito rústico coberto de palha sobre o qual fora colocado o sobretudo de Rafferty.

Junto a um nicho na parede, estavam a sela e os arreios de Lugh e um parapeito de pedra servia de apoio para a maleta de primeiros socorros de Rafferty. Era evidente que ele usava com frequência aquele abrigo, mantido limpo pelas mãos zelosas de alguma paciente agradecida. Certamente era seu consultório quando viajava para as montanhas a fim de cuidar da saúde dos rebeldes de Alonso Vega.

Thomasina tropeçou ao entrar e teria caído se Rafferty não a prendesse em seus braços. A exaustão e a euforia provocadas pelo sucesso com o paciente se transformaram em uma emoção ainda mais intensa. Há muito tempo, ela estava fugindo de envolvimento e se recusando a entregar o coração. Agora chegara ao fim do caminho.

Ela estava perdidamente apaixonada por Brendan Rafferty. Amava-o mais do que a própria vida, acima de todos os preconceitos e além da razão.



Essa revelação foi a última gota e destruiu o autocontrole que lhe permitira enfrentar todas as dificuldades. Enfrentara um rebelde armado com um punhal, cavalgara através da noite e sentira a sombra da morte muito próxima. Entretanto, a certeza de estar apaixonada despertava uma emoção ainda mais profunda e trouxe as primeiras lágrimas a seus olhos.

Rafferty ouviu um soluço contido e viu o brilho das lágrimas.

— Minha querida, você precisa descansar um pouco.

Com gestos de infinita delicadeza, ele acomodou-a sobre o leito de palha e a cobriu com um cobertor. Então, ajoelhando-se ao lado da cama, segurou-lhe as mãos com uma comovente ternura.

— Você é uma mulher corajosa.

— Oh, não. Eu estava apavorada.

— Mas conseguiu fazer o que precisava ser feito — ele segurou as mãos de Thomasina com mais força. — Você acha que eu nunca tive medo? Às vezes, a certeza de que a vida de um ser humano está em minhas mãos e a consciência de que um erro meu poderá significar a morte, é mais do que eu posso suportar. Então lembro-me que houve uma escolha pessoal quando aceitei os desafios e as dificuldades de uma profissão como a medicina. A cada dia da minha existência de médico, sinto-me recompensado ou assumo a responsabilidade dos meus erros.

— Eu compreendo você! — Ela sentou-se na cama. — Principalmente depois desta noite. Pensei que fosse me sentir eufórica mas a experiência provocou apenas uma inesperada humildade.

Thomasina pensou que Rafferty não fosse responder. Ele fitava as sombras oscilantes na parede, como se estivesse revendo toda a sua vida naquelas formas imprecisas.

— A vocação para a medicina é muito difícil de ser seguida. Alguns dizem que é, ao mesmo tempo, uma graça e uma maldição. Eu já me senti nesses dois estados durante minha carreira de médico.

A tristeza na voz de Rafferty apertou o coração de Thomasina.

— Eu já havia percebido — murmurou ela, docemente. — Vi a alegria brilhar em seu rosto quando conseguiu ajudar alguém e também notei a dor encobrir seu olhar de sombras quando acreditou que ninguém o estava olhando.

— Você é observadora demais.

Naquele instante, Rafferty deixara cair todas as defesas e revelava sua alma diante de Thomasina. Ela se desesperou diante da angústia que o atormentava e sentiu pena de sua vulnerabilidade e solidão.

A imagem apresentada por Rafferty ao mundo, a de um homem auto-suficiente, seguro de si mesmo e de suas decisões, não passava de uma máscara que enganava a todos, inclusive a ela.

Thomasina queria reconfortá-lo. Rafferty oferecia aos outros a dádiva de sua generosidade, mas sua taça permanecia sempre vazia. Ela tocou o rosto másculo, deslizando os dedos nos malares salientes, na boca sensual e sentiu o tremor dos lábios que murmuravam suavemente o seu nome.



Rafferty fechou os olhos ao sentir a carícia leve e tentou lutar contra a onda de desejo que o impedia de raciocinar.

— Não, Thomasina...

Mas ela persistiu e Rafferty segurou o pulso delicado com um gesto possessivo. Estava perdido no mar revolto de suas emoções descontroladas e Thomasina era sua única chance de sobrevivência. Encostou os lábios na pele macia daquela mulher que o chamava de volta para a vida.

Quando Rafferty voltou a abrir os olhos, o rosto de Thomasina estava muito próximo do seu e os lábios entreabertos ansiavam por um beijo. Inclinando-se, ele se apossou da boca feminina e se perdeu num delírio de paixão.

As mesmas mãos que a haviam tocado com infinita ternura durante a convalescença agora se tornavam ávidas, seguindo o ritmo urgente do desejo. Rafferty murmurava o nome de Thomasina com ansiedade, enquanto buscava cada contorno das curvas suaves e sensuais.

As mãos de Rafferty deslizavam sobre o corpo de Thomasina, procurando memorizar a perfeição de suas formas e ela se sentiu arrastada pelo mesmo desejo incontido. Queria acariciar os ombros fortes, tocar a pele dourada pelo sol. Quando a mão dele roçou seu seio, sentiu que estava pronta para descobrir os mistérios da paixão.

Ele abriu a blusa de algodão e mergulhou o rosto na calidez dos seios rijos. Traçando o contorno de um mamilo com a língua, sentiu-o se contrair ao contato e sugou-o lentamente, saboreando o prazer de despertar um desejo incontrolável.

Thomasina gemia baixinho, arrastada pelo delírio. Sentia as mãos morenas se movendo sobre sua pele e o desejo por uma união completa tornou-se premente.

O tempo detivera sua marcha e eles permaneciam suspensos, flutuando num mar de sensações inebriantes.

Mas o desejo de Rafferty exigia uma realização. Desde o primeiro beijo, ele sonhava com esse momento. O momento que o destino marcara para que ambos se completassem, o momento de possuir a mulher que se apossara de sua mente, de seu coração e de seu corpo.

— Desejo você, Thomasina, mais do que a minha própria vida. Quero-a agora...

A voz de Rafferty rompeu o encantamento e Thomasina voltou à realidade apenas para receber o impacto de sua familiar onda de pânico. Ela não podia mais respirar e, tomada pelo desespero, lutou para se livrar do homem que a prendia de encontro à cama.

Novamente, ela voltava a correr, fugindo pelo corredor interminável até que as forças começavam a faltar... O perigo se aproximava e a respiração difícil prenunciava o total descontrole.

Rafferty segurou Thomasina pelos ombros, tentando forçá-la a sair de uma crise de terror. O desejo se desvanecera diante do desespero dela e o homem apaixonado deu lugar ao médico experiente que tinha nas mãos um paciente à beira da histeria.

Momentos antes, Thomasina era uma mulher sensual, entregando-se à descoberta do prazer. Agora a criatura em seus braços lutava contra demônios imaginários.

— Solte-me! Afaste-se...

A voz de Thomasina refletia um pânico torturante.

— Não! Por Deus! Não...



Com os Olhos sem expressão, Thomasina o fitava mas sua mente permanecia presa a uma tragédia do passado. Rafferty compreendeu que ela revivia um episódio que a magoara profundamente e só lhe restava uma solução.

O tapa de Rafferty ecoou no silêncio da noite. Thomasina sentou-se na cama com uma expressão ainda aterrorizada e, ao encontrá-lo a sua frente, escondeu o rosto entre as mãos.

— Por favor, me deixe sozinha... — murmurou Thomasina, incapaz de tolerar sua vergonha.

Ele obedeceu sem protestar. Thomasina o viu sair do abrigo e, escondendo o rosto no sobretudo de Rafferty, entregou-se ao desespero. Não tivera forças para vencer sua luta íntima e essa trágica derrota significava a solidão.

Rafferty atravessou o acampamento sem perceber para onde seus passos o conduziam. Durante alguns minutos inesquecíveis, ele se perdera num delírio e o despertar era penoso. Sempre soubera que Thomasina representava um perigo fatal para si próprio e para a vida que construía com tanto sacrifício.

Também admitira, desde o início, que não devia se envolver com Thomasina e estragar o futuro de uma jovem refinada e destinada a brilhar na sociedade. E, apesar de sua plena consciência, permitira que a paixão o transformasse num canalha.

Ele aproximou-se de Lugh, que estava inquieto e escavava o chão como se algo o incomodasse, mas Rafferty não notou.

Continuava a ver Thomasina, encolhida de encontro à parede e paralisada pelo terror. Essa imagem jamais se apagaria de sua mente pelo resto de sua vida.

Desesperado, ele escalou as rochas até um pequeno planalto sobre o acampamento. Queria perder-se no ambiente primitivo das montanhas e liberar seu ódio. Nunca perdoaria a si mesmo pela falta de controle diante da paixão.

De repente, sentiu o corpo vibrar e achou, por um instante, que as emoções provocavam aquela reação tão violenta. Mas não. Não era ele quem tremia mas a terra convulsionada por mais um terremoto!

Nuvens de poeira se erguiam no céu rosado pela aurora, provocadas pela queda de um imenso muro de pedras que desabara no centro do acampamento. As crianças gritavam aterrorizadas; homens e mulheres tentavam se equilibrar e salvar os seres amados.

O tremor não durou mais do que alguns segundos. O chão que oscilava com violência ficou novamente firme.

O sol surgiu no horizonte iluminando a região mas sua luz apenas revelou que a tragédia recomeçava. Um rugido sobrenatural encheu os ares e Rafferty virou-se para trás em tempo de presenciar a fúria do vulcão. Uma enorme nuvem de fumaça e fogo se erguia do pico menor de Los Tres Hermanos.

O vento soprava na direção contrária, jogando a fumaça na face da montanha. Quando a nuvem sombria se desfez, uma fenda se abriu na encosta mais alta, proporcionando uma visão do inferno.

Um intenso cheiro de enxofre espalhou-se pelo ar. O brilho incandescente da lava prestes a escapar da fenda iluminava a paisagem com um brilho mais forte do que o do sol da manhã. Lentamente, a parte nevada da montanha desapareceu em uma nuvem de



vapor e um rio vermelho começou a descer a encosta, uma massa de fogo, lama e pedras que deslizava, cobrindo escarpas e vales.

Toda a natureza entrava em convulsões e um ruído semelhante ao dos incêndios ecoou pelo acampamento.

Rafferty sabia que não corria perigo mas o mar de fogo avançava na direção de San Juan, Toneladas de lava ganhavam velocidade a cada segundo e não haveria tempo de prevenir os moradores do vilarejo que estava no meio do caminho de uma onda voraz de destruição.

Só era possível rezar e, em resposta imediata as suas preces, um sino começou a tocar na igreja do vilarejo. O povo de San Juan de Baptista fora avisado.

Ele correu à procura de Thomasina mas não havia ninguém no abrigo. Praguejando e tropeçando nos detritos deixados pelo primeiro tremor, percorreu o acampamento até encontrá-la junto do garotinho cuja vida salvara.

Thomasina ouviu seus passos e ergueu a cabeça. Ela estava pálida, com os olhos vermelhos, mas demonstrava uma calma surpreendente.

Rafferty sentiu-se mais tranqüilo. Thomasina seria sustentada pela força de sua vocação e a necessidade de ajudar os seres humanos a ocuparia durante as próximas horas. Mais tarde, quando ela tivesse tempo de pensar no que acontecera entre os dois, a lembrança já estaria menos vívida.

Talvez então fosse mais fácil perdoar...

De volta ao mesmo planalto onde presenciara o primeiro passo da tragédia, Rafferty via agora o desenrolar da destruição. A torrente de lava, arrasando tudo em seu caminho, encontrara o obstáculo da vertente de uma montanha e desviara-se de San Juan. O rio rubro, de fogo líquido e pedras fundidas pelo calor, dirigia-se agora para as terras da fazenda Valverde.

Sem perda de tempo, Rafferty selou Lugh que continuava a se mover, inquieto. O animal sentia a fúria da natureza e queria lutar contra o terror com sua única arma, a velocidade.

— Calma, Lugh. Está tudo bem...

Um misterioso elo unia Rafferty a seu cavalo. Lugh acalmou-se, relinchando para se comunicar com o cavaleiro que, já montado à sela, preparava-se para iniciar a cavalgada.

Rafferty atravessou o centro do acampamento e viu que todos os homens estavam reunidos mas nenhum o fitava nos olhos.

— Por que estão parados? A torrente lava se dirige para as terras da fazenda e eles precisarão de toda a ajuda possível.

Um dos homens cuspiu no chão coberto de detritos.

— Dom Carlos! Ele não merece.

Um outro homem, alto e de expressão autoritária, abriu caminho entre a multidão.

— Por que deveríamos nos importar com o que pode acontecer com aquele maldito? Ele nunca teve piedade de ninguém ao aumentar os impostos a quantias exorbitantes. Dom Carlos se apossa de nossas terras, toma para si tudo o que deseja e o povo paga por seus prazeres e seu luxo.



— Você não tem compaixão, Alonso Vega? — explodiu Rafferty, furioso. — A sua luta é contra dom Carlos mas existem outras pessoas na fazenda. Não pensa nos criados, nos lavradores, em suas famílias? Não podemos abandoná-los neste momento.

O líder dos rebeldes ergueu o rosto e encarou Rafferty sem demonstrar nenhuma emoção.

— Dom Carlos é meu inimigo mortal. Ele também está disposto a me destruir, colocou um preço em minha cabeça e só não fui caçado como um animal selvagem porque meu povo me protege. Eu não levantarei um dedo para ajudar esse demônio nem para auxiliar os que preferiram se acomodar à sombra de sua autoridade.

— Vá para o inferno, Vega! Você não é o homem que eu pensei que fosse.

As palavras de Rafferty provocaram um silêncio tenso, rompido apenas pelo crepitar da lava que prosseguia sua marcha destrutiva.

Thomasina acompanhara a cena da porta do abrigo. Com o garoto que salvara ainda nos braços, ela examinava os rostos transfigurados pela emoção durante o desenrolar do confronto entre Rafferty e Alonso Vega. Os homens se aproximaram com expressões hostis, formando um círculo ao redor de Rafferty e seu cavalo.

Entregando a criança a uma das mulheres a seu lado, Thomasina deu alguns passos em direção ao grupo. Ela sabia que qualquer motivo insignificante poderia transformar aqueles homens em uma multidão enraivecida e sedenta por sangue. Então, viu o rapaz que julgara ser Geraldo Zavala afastar os companheiros e se postar ao lado de Rafferty. À luz do dia, percebia-se que era mais magro, mais velho e com uma expressão mais combativa.

— Ouçam o Dr. Rafferty. Dom Carlos é nosso inimigo mas existem crianças inocentes em sua fazenda, mulheres e homens, que são trabalhadores como todos nós. Acham que não devemos nada a Margarita Valverde? Ela tornou possível a existência deste acampamento, trazendo alimentos, agasalhos e remédios. Talvez a pessoa que nos ajudou a escapar de uma vida de fugitivos errantes esteja em perigo...

Margarita surgiu entre a multidão e seu cabelo dourado brilhava com a surpreendente intensidade do sol da manhã.

— Eu estou aqui, Luiz.

— Graças a Deus! — exclamou ele, segurando as mãos de Margarita entre as suas. — Eu não sabia que você ainda estava em nosso acampamento. Pensei que já tivesse voltado para casa.

Com uma expressão de perplexidade no rosto pálido, Margarita encarou Luiz Zavala, como se nunca o tivesse visto antes.

— Fiquei por causa de Conception e do menino. Mas agora tenho de voltar para junto dos meus agregados. Se quiser vir comigo...

Luiz sorria fascinado para a jovem que o fitava com um olhar de encantada descoberta.

— Eu irei ajudá-la.

— E eu também — declarou Thomasina.

Montado em Lugh, Rafferty olhou para os três. Seu rosto revelava uma profunda tensão e Thomasina sabia que o confronto não fora o único causador daquela emoção contida. Ela o fitou sem desviar os olhos, segura, combativa e suplicante.



— Agradeço a sua oferta porque vou precisar dela — murmurou Rafferty, preocupado. — Só Deus sabe o quanto vou precisar de ajuda.

Thomasina correu para junto dos homens que terminavam de arrear Sherazade. Sem esperar pela ajuda de ninguém, ela saltou sobre sua montaria. O medo desaparecera, suplantado pela necessidade de agir.

Rafferty foi o primeiro a sair da clareira do acampamento, seguido por Thomasina. Atrás dela vinham Margarita e Luiz Zavala.

Os três já estavam a meio caminho da fazenda quando Thomasina teve um pressentimento e virou-se para trás. Do alto de uma colina, vinham os rebeldes, liderados por Alonso Vega. Rafferty e Luiz haviam conseguido convencer os seguidores de Alonso Vega...

A alegria de poder contar com muitos braços para ajudar as vítimas da erupção durou muito pouco. Uma surpresa desagradável os esperava junto ao rio.

— A ponte foi destruída pelo terremoto — alertou Rafferty, que fora o primeiro a chegar à margem. — Teremos de atravessar o rio a cavalo. E depressa.

— O leito do rio está quase seco — exclamou Alonso Vega que os alcançara. — É apenas um fio de água!

— A lava deve ter criado um obstáculo, represando as águas — deduziu Rafferty preocupado. — Se a pressão aumentar muito, poderá haver...

— Uma inundação — completou Vega. — As águas terminarão a obra destrutiva iniciada pela fúria do vulcão. O vale será varrido pela violência do rio...

Conduzindo seu cavalo para o alto de um barranco, Alonso Vega tentou avistar o ponto em que o rio fora represado pela lava.

— Levarei comigo parte de meus homens e tentaremos abrir uma passagem na barreira de lava. Talvez consigamos evitar que as águas acumulem muita pressão e provoquem mais uma tragédia.

— E nós continuaremos em direção à fazenda — disse Rafferty, reiniciando a cavalgada.

Finalmente, o grupo alcançou as terras de dom Carlos Valverde e todos se chocaram com a cena de caos e destruição.

Toda a lava jorrada pela fúria do vulcão, se comprimira no afunilamento à entrada do vale e avançara com ímpeto arrasador sobre a propriedade. A estrada, os pastos e os estábulos haviam sido cobertos pelo mar de lama, pedras e cinzas.

A camada espessa, rubra e dourada sob uma camada negra, também alcançara a sede da fazenda e destruíra o pátio principal antes de perder seu ímpeto. Os jardins não haviam sido atingidos diretamente, mas uma nuvem de cinzas ardentes cobria os graciosos canteiros.

Margarita Valverde continha corajosamente as lágrimas. Todos os outros permaneciam em silêncio, chocados com a extensão da tragédia.

A maioria dos criados que trabalhavam dentro de casa havia conseguido escapar. O choque provocara uma reação de apatia desorientada e eles permaneciam imóveis junto à capela, olhando a destruição ao redor, sem tomar qualquer iniciativa.



Rafferty começou a organizar as mulheres, para formar os grupos que tratariam dos feridos. Luiz Zavala encarregou-se de orientar os homens em equipes de remoção dos escombros e todo o tipo de trabalho pesado.

Logo chegou Domingo, acompanhado por Lorenzo e pelos homens do vilarejo. Ao avistá-los, Thomasina correu para abraçar o velho e o garoto que agora faziam parte de seu pequeno mundo. Sua alegria, porém, teria de ser contida pois não havia tempo para conversar.

Ela realmente não sabia por onde começar! Então, avistou uma mulher que a fitava com um olhar chocado.

— Por Deus, señora. O que vamos fazer agora?

— Você está ferida? Não? Ótimo! Preciso mesmo de alguém que me sirva de assistente. Reúna um grupo e traga muita água. Eu tentarei encontrar material para bandagens...

O trabalho foi mais pesado do que Thomasina previra. Enquanto os homens de Alonso Vega retiravam sobreviventes dos escombros, removendo blocos de detritos e lava e procurando por vítimas soterradas, ela e Rafferty cuidavam de fraturas, costuravam ferimentos e tratavam de queimaduras.

Margarita estava sempre por perto, ajudando e aceitando as tarefas mais duras sem hesitar.

Thomasina reconhecia que a julgara muito mal. Agora sabia que sentira ciúmes da amizade da bela señorita e Rafferty.

Também ficara muito claro que Margarita idolatrava el doctor com todo o romantismo de um primeiro amor. Agora Thomasina percebia que Rafferty tratava a jovem apenas com a cortesia devida a uma amiga. A tragédia daquela noite forçara a bela moça a encarar de uma forma diferente os seus sentimentos.

A julgar pela expressão de Margarita, ela começava perceber que el doctor nunca retribuiria o seu amor de adolescente romântica.

Os três trabalhavam em silêncio, antecipando sempre o próximo passo sem que fossem preciso palavras. O sol já estava quase se pondo quando Rafferty praticamente forçou as duas mulheres a interromperem suas atividades para se alimentar.

— Você precisa comer um pouco, Thomasina — insistiu ele, com autoridade. — Desde ontem à noite tem enfrentado situações extremamente desgastantes às quais não está acostumada.

Thomasina afastou-se à procura de Domingo e encontrou o velho mexicano descansando junto a uma parede caída. Nuvens de vapor se erguiam do solo, alçando-se no ar até atingir as montanhas que permaneciam impassíveis diante da tragédia. Uma neblina envolvia os picos de Los Tres Hermanos, formando uma auréola brilhante.

— Agora tudo retornará ao normal, señora — declarou Domingo, confiante. — Meu pai e todos os meus antepassados sempre viveram à sombra deste vulcão. De tempos em tempos, os três gigantes acordam, bocejam, se espreguiçam e provocam uma tragédia. Depois da erupção, voltam a dormir por mais cem anos.

— Espero que esteja certo, Domingo.



Disfarçando sua incredulidade, Thomasina se afastou do velho mexicano, aflita por retornar ao trabalho. Havia muito a ser feito e logo a noite cairia, dificultando os salvamentos e o atendimento dos feridos.

Ela olhou ao redor, procurando avaliar a situação. A fazenda sofrera muitos danos materiais mas, com o tempo, seria reconstruída. Não se perdera nada que não pudesse ser substituído.

E, naquele dia, Thomasina enfrentara e conseguira superar seu último teste. A tragédia a qualificara para ser assistente do dr. Rafferty. Infelizmente, a realização de seu sonho não provocara a intensa euforia nem a sensação de vitória que ela imaginara.

Por uma ironia do destino, o seu sucesso como médica chegava junto com seu fracasso como mulher.

CAPÍTULO XII

Uma espessa cortina de cinzas cobria o céu, apagando o colorido sempre exuberante do crepúsculo. Muito antes do final do dia, a luz do sol perdera a intensidade e, à medida que a falta de claridade se acentuava, os esforços desesperados dos grupos de salvamento eram redobrados. Precisavam encontrar logo todos os sobreviventes, pois a chegada da noite impossibilitaria as buscas.

Então, nos últimos momentos de luz diurna, Thomasina soube que se precipitara, tirando uma conclusão apressada. Nem tudo que fora perdido podia ser substituído. Dom Carlos Valverde estava morto.

Ele tentara salvar uma velha criada, presa entre os escombros da lavanderia. Consequira retirar a mulher, que chorava de terror, quando a última parede desabou, soterrando-o entre pedras e detritos.

Thomasina estava junto com Rafferty quando os homens o chamaram para ajudar na retirada do corpo, pouco antes do anoitecer. Era a primeira vez que ela enfrentava a sensação de desalentadora impotência diante da impossibilidade de salvar uma vida e o impacto se intensificou porque o rosto da morte tinha as feições de alguém que conhecera.

Rafferty ajoelhou-se ao lado do corpo, procurando em vão por algum sinal de vida. Então fechou os olhos de dom Carlos de Valverde e, reerguendo-se, fitou a magnífica mansão que simbolizava o poder e a glória de seu proprietário.

Naquela noite, as graciosas arcadas não ecoariam com a música dolente de violinos, não haveria criados de libré servindo champanha em taças de cristal e a luz dos imponentes candelabros não se refletiria em homens e mulheres em trajes de gala. Os lampiões improvisados iluminariam apenas seres alquebrados e cobertos de ataduras, as vítimas de uma calamidade da natureza.

E, no entanto, entre o cheiro de enxofre e acima da poeira dos detritos, pairava ainda o sutil mas intenso perfume das rosas.

— Dom Carlos não era amado pelo povo desta região. Eu não simpatizava com ele e freqüentemente tínhamos atritos sérios, mas nunca o considerei uma encarnação do demônio, como julgam Alonso Vega e alguns rebeldes.



Com o olhar perdido em algum ponto indefinido, Rafferty se dirigia a Thomasina mas falava como se estivesse conversando consigo mesmo.

— Ele foi criado à maneira antiga, que lhe permitia ter nas mãos os poderes e direitos de um senhor feudal. Representava um modo de vida talvez em extinção e cujo maior pecado é a arrogância.

— E seu último ato o redimiou de todos os pecados anteriores — suspirou Thomasina, ainda abalada com sua primeira visão da morte. — Dom Carlos deu sua vida para salvar um outro ser humano.

Uma nova emergência exigia a presença de Rafferty mas, antes de afastar-se, ele pediu a Thomasina que fosse dar a notícia à irmã de dom Carlos.

— Fique um pouco com Margarita. Neste momento difícil, ela se sentirá grata por ter a companhia de uma outra mulher.

— Sim, é claro — murmurou Thomasina, rezando para ter forças de se desincumbir dessa tarefa penosa.

Mas a novidade já começara a se espalhar pela fazenda e Margarita se refugiara à sombra das arcadas em frente ao jardim de rosas. Lágrimas deslizavam em seu rosto pálido porém, quando Thomasina tentou reconfortá-la, recusou-se a ser o objeto de simpatias condoídas.

— Não perca seu tempo nem o meu, señora Rafferty. Pertencço à família Valverde e tenho obrigações para com meu povo. Com a morte de Carlos, eles se voltarão para mim, esperando que eu os guie. Preciso ser muito forte, e serei.

Um sorriso de escárnio formou-se nos lábios de Alonso Vega enquanto Margarita se afastava.

— Ela é igualzinha ao irmão — zombou ele, com desdém. — Pensa que nós todos somos crianças incapazes de raciocinar, precisando ser conduzidos porque não sabemos escolher nosso próprio caminho.

— Você está completamente errado — contestou Luiz Zavala. — Margarita sabe muito bem que cada homem tem de perseguir e construir seu próprio destino. Também não ignora que seu exemplo de serenidade e firmeza ajudará a manter a paz nas terras dos Valverde. Talvez ela consiga evitar os problemas que podem surgir com a morte de seu irmão, mas será difícil porque estamos no limiar de um período de inquietações.

Thomasina sentiu o coração se apertar diante das palavras de Luiz que analisara bem a situação instável de todo o México. Rumores de rebeliões e revoltas se avolumavam alarmantemente. A paz do país talvez estivesse às vésperas de ser destruída.

A notícia da morte de dom Carlos provocou reações contraditórias. Os rebeldes do acampamento e uma parte dos camponeses sobreviventes celebrou com entusiasmo o desaparecimento do homem que dominara com mão de ferro suas vidas por tantos anos. Alguns permaneceram indiferentes e poucos choraram.

Thomasina continuou a percorrer a fazenda, oferecendo seu auxílio aos feridos que se preparavam para passar a noite reunidos. Então, mais um grave problema exigiu sua participação.



Um dos rebeldes estava ajudando a procurar sobreviventes entre os escombros, quando foi atingido por uma chuva de azulejos, que se desprendera da torre mourisca. Seu braço foi gravemente atingido.

— Não sei se poderemos salvar o braço dele — explicou Rafferty à esposa do homem ferido.

— El doctor e a señora vão conseguir! — exclamou a mulher, confiante.

Nesse momento, Thomasina se conscientizou que ela e Rafferty tinham se transformado em companheiros inseparáveis na opinião dos moradores daquela região desprotegida.

Eles tinham apenas uma mesa de operação rústica e iluminada por três lampiões de luz oscilante, mas uniram seus esforços para salvar aquela vida. Os dois não precisavam de palavras para se comunicar, prevendo gestos e antecipando decisões.

Durante a longa e trabalhosa cirurgia, Thomasina olhou de relance para Rafferty e ficou chocada com sua aparência de profunda exaustão. Ele estava pálido, com olheiras escuras e precisando urgentemente se barbear. Ainda assim, era o homem mais atraente que já vira e seu desgaste refletia seu heroísmo.

Seus esforços para salvar o braço do homem ferido foram em vão. Quando a penosa cirurgia terminou e o paciente adormeceu, à força de uma dosagem de ópio, Rafferty e Thomasina mal encontraram forças para se dirigir à sede fazenda onde dormiriam as poucas horas que faltavam até o sol nascer para mais uma manhã de trabalho.

Durante três dias, não houve tempo para comer nem para descansar. Margarita abriu a fazenda para receber todos os feridos e desabrigados do vilarejo.

O faustoso salão de recepções foi transformado em enfermaria. Os feridos permaneciam em esteiras colocadas sobre o chão de mármore e os moradores do vilarejo que haviam perdido suas casas dormiam embaixo dos imponentes lustres de cristal.

Thomasina já acordava cansada e ia dormir sempre de madrugada e prestes a desfalecer de exaustão. Suas conversas com Rafferty limitavam-se aos temas de urgência como infecções, diagnósticos e tratamentos. Ela ouvia em silêncio, observava com atenção e aprendia muito. A sua habilidade era equivalente a sua coragem.

No quinto dia após a erupção, o ritmo de trabalho começou a ficar mais lento. A temida epidemia de difteria que Thomasina e Rafferty previam com muita preocupação, não se concretizou e o excepcional atendimento de emergência criado pelos dois evitou problemas mais sérios.

Após o primeiro dia sem muito trabalho, Thomasina perdeu o sono. Em vez de se retirar, como em todas as noites, para a cama de campanha que armara no estúdio de Margarita, a fim de ficar mais perto da enfermaria, ela se dirigiu para o jardim.

O mundo se alterara profundamente desde o primeiro dia em que ela viera à fazenda para uma noite festiva! Só as flores e os jardins continuavam os mesmos.

A lua transformava os canteiros em uma paisagem de beleza mágica. Encostada a uma das colunas das arcadas, ela observava os picos de Los Tres Hermanos, brilhando como prata polida. Os gigantes tinham se espreguiçado ao acordar de um longo sono e já haviam adormecido de novo, como Domingo previra. Dormiriam por mais cem anos?



Uma aléia de cascalho a convidava a se afastar da casa e mergulhar na solidão dos recantos mais protegidos do jardim. Thomasina caminhou sob um túnel de galhos entrelaçados que deixavam filtrar apenas réstias prateadas de luar. O som de seus passos rompia o silêncio da noite e assustava os vaga-lumes que brilhavam como estrelas cintilantes sobre os canteiros floridos. Quando ela se sentou junto a uma fonte de pedra, os únicos ruídos que ouvia eram o sussurrar das folhas à passagem da brisa noturna e o murmúrio da água.

Pela primeira vez em uma semana, Thomasina encontrou tempo para pensar em si mesma. Alguém colocara uma esteira de palha sobre a relva macia e ela deitou-se para admirar as estrelas no céu. A terra ainda guardava o calor aconchegante do sol e aquela sensação de conforto a encantava após ter passado dias de frenética atividade.

Ela aprendera muito sobre medicina e ainda mais sobre si mesma. Apesar da ronda incessante de pacientes, do desgaste excessivo de suas forças e das exigências que tomavam todo o seu tempo, Thomasina encontrara um objetivo para sua vida.

Consequira conquistar a estima e o respeito dos moradores daquela região. Deus a criara para salvar vidas humanas e a enviara a San Juan de Baptista. Encontrara finalmente seu lugar no mundo.

Envolvida por uma profunda paz, Thomasina fechou os olhos.

Novamente ela estava correndo pelo interminável corredor sombrio da casa de seus pesadelos.

Passos ecoavam às suas costas, sempre mais próximos, e ela fugia por entre estátuas de mármore que a fitavam com seus olhos vazios. Os espelhos de moldura dourada refletiam os sorrisos zombeteiros dos querubins de gesso rodeados por guirlandas de rosas e o rosto de seu perseguidor.

Ele estava cada vez mais perto e suas pernas já não tinham forças para aumentar a velocidade de seus passos. Sentia a respiração ofegante e as mãos já tocavam seus cabelos.

— Não!

Thomasina conseguiu correr um pouco mais e, virando-se repentinamente, desviou-se para um outro corredor. Sem saída! Agora já não era mais possível escapar! Encolhendo-se a um canto da parede, esperou pelo ataque e gritou quando mãos brutais rasgaram seu vestido, sacudindo-a pelos ombros com violência.

— Thomasina!

Ela se debatia como um animal selvagem tentando se libertar de uma armadilha fatal. Então, a tragédia do passado se revelou muito clara em sua mente.

Tinha sido um dia sombrio após semanas de chuva. O duque, entediado e bêbado, forçara uma criada a se submeter a sua luxúria e a sua violência. Ela o encontrara no salão, sobre a jovem que gritava desesperadamente, e sua primeira reação fora gritar por socorro.

Ainda muito menina, Thomasina não compreendera o verdadeiro significado daquela cena de violência. Então, o olhar alucinado do duque se voltara para ela e o pressentimento a levou a fugir.

Ela fugira pelo corredor interminável e sentira as mãos cruéis rasgando seu vestido, tocando sua pele, violando seu corpo ainda infantil.



Prudence Wentworth surgira subitamente como um anjo vingador, brandindo um dos ferros da lareira. Thomasina lembrava-se do som surdo, do sangue jorrando da cabeça do duque... e do silêncio.

A partir desse momento, já não restavam lembranças completas. Mãe e filha fugiam através de campos encharcados, dormiam escondidas em celeiros ou em um fosso, sob a chuva inclemente do fim do inverno... Prudence e Thomasina viviam em um quarto escuro e malcheiroso sobre uma taverna à beira do cais e só existiam mulheres de rostos excessivamente pintados e risadas grosseiras.

Prudence, com um sorriso brilhante à noite, chorava durante o dia...

— Thomasina! Acorde! É apenas um sonho!

Ao abrir os olhos, Thomasina não encontrou mais o sombrio castelo e os campos franceses sempre chuvosos nem sentiu o cheiro de uísque e de repolhos dos quartos num porto qualquer. Rafferty a fitava preocupado, no jardim das rosas de uma fazenda no México.

Ela não conteve um suspiro de prazer ao se sentir segura e protegida de todos os perigos envolvida pelos braços de Rafferty. Nem a realidade nem os pesadelos cruéis a magoariam porque aquele homem a defenderia com sua coragem e força.

A presença de Rafferty dissipava todos os seus temores. Thomasina lembrava-se do duque que a fascinara e, de um momento para o outro, se transformara em uma criatura maligna, prestes a destruí-la. Em seu íntimo, sentira medo de confiar em um homem e se tornar vítima de sua violência sexual.

Mas Brendan Rafferty era um homem íntegro, honesto e incapaz de maldade.

Quando Thomasina se mexeu em seus braços, Rafferty afastou-se bruscamente. Seu rosto, iluminado pelo luar, assemelhava-se a uma máscara de amargura.

— Eu não queria assustá-la de novo.

— Não foi você. Eu estava sonhando... É um pesadelo terrível que me persegue há tanto tempo!

— Mas agora já acordou — disse ele, com a voz muito fria. — Eu estava procurando por você. Talvez seja nossa última oportunidade de conversarmos a sós.

As palavras de Rafferty provocaram um início de pânico em Thomasina. Antes mesmo que ele falasse, já sabia o que iria ouvir.

— Acho que nós dois tivemos tempo a oportunidade de perceber o absurdo de nosso plano. Foi um engano terrível e não podemos continuar fingindo que somos casados. Muito menos permanecer vivendo sob o mesmo teto.

— Está me dizendo que devo ir embora.

— A culpa foi toda minha. Eu cometi um erro imperdoável em não tê-la levado de volta no dia em que chegou a minha casa. O barão de Palmar vai para a Cidade do México amanhã para conseguir remédios e suprimentos para as vítimas da erupção e passará pela fazenda antes de partir. Você poderá ir com ele.

— Trabalhei ao seu lado dia e noite, partilhando triunfos e derrotas. Estou disposta a esforçar-me ainda mais, se for preciso, para aprender tudo que tem para me ensinar. — As lágrimas corriam livremente pelo rosto de Thomasina. — Por que não posso ficar? Não provei que tenho capacidade suficiente?

— Provou milhares de vezes, Thomasina.



— Então por quê?

— Você quer realmente saber a verdade?

— Sim! Você me deve uma explicação, Rafferty!

Ele virou-se para fitá-la e o luar acentuou a palidez de seu rosto magro.

— Você não pode ficar porque eu não sou santo nem uma estátua de gelo! Sou um homem de carne e osso, com desejos e paixões. Não suportaria viver ao seu lado, sentindo o calor de seu corpo e me encantando com sua beleza, sem poder tocá-la pois provocaria uma reação de infinita repulsa. Como posso suportar a sua proximidade sabendo que meu toque provoca repugnância?

Quando Thomasina finalmente compreendeu o sentido das palavras de Rafferty, seu desespero se transformou em esperança.

— Cometeu um erro de diagnóstico, dr. Rafferty — murmurou ela, com um sorriso meigo. — Nada do que disse é verdade.

— Não? — perguntou ele, prestes a se descontrolar. — E o que é verdade para você?

— Apenas isso. — Thomasina aproximou-se, apoiando-se sobre o peito de Rafferty. — Abrace-me, bem forte...

— Por que está me torturando assim, Thomasina?

— E por que você está sempre me fazendo perguntas nas horas mais impróprias? — Ela colou o corpo ao de Rafferty. — Nunca fugi de seu toque, querido. Eu vivi atormentada por uma lembrança do passado e um contato mais íntimo despertava a recordação de algo que presenciei e de uma violência da qual escapei por um milagre... Acho que finalmente estou livre dessa sombra. Para sempre.

As mãos de Thomasina deslizavam pelo peito de Rafferty e ele recuou até que um tronco de árvore o impediu de continuar.

— Só pode ser uma alucinação. Domingo deve ter me dado de novo aqueles malditos cogumelos. Estou sonhando...

— Então eu também estou participando desse sonho, querido. — Ela passou os braços em torno do pescoço de Rafferty e seus olhos brilhavam de desejo. — Quero que você me ame, Bren... agora...

Suas bocas se tocaram com avidez e eles se entregaram à paixão sob o dossel de ramos entrelaçados, com apenas o brilho do luar por testemunha. O desejo contido por tanto tempo finalmente veio à tona e Rafferty não conteve mais o desejo, arrastando Thomasina para um mundo de volúpia e prazer.

Ela não recuou diante do ardor de Rafferty. Seu corpo ansiava pela fusão mais completa com o homem que amava. Seu desejo despertava com uma intensidade devastadora.

Mas Rafferty não tinha pressa e queria conduzi-la ao êxtase depois de percorrer todos os caminhos do prazer. Com reverência e ternura, ele tocou o corpo da mulher que nascia para a paixão, despertando sua sensualidade ainda adormecida.

Flutuando entre o sonho e a realidade, Thomasina descobria sensações que jamais sonhara existir. Criando coragem, ela retribuiu as carícias, deslizando os dedos nos pêlos macios que recobriam o peito masculino. Livre dos fantasmas do passado, sentia-se



desperta e receptiva para o sexo e feliz por ser capaz de oferecer tanto prazer a seu parceiro.

Ele percebeu que Thomasina estava pronta para recebê-lo através dos movimentos ondulantes de um corpo pedindo mais e mais carícias. Insaciável, ousou buscar os mistérios de um paixão sem limites.

A lua banhou a esteira junto à fonte com sua luz prateada e fria, iluminando os dois corpos que se fundiam no calor da volúpia. Thomasina sentiu que todo o desejo que ignorara por medo vinha agora à tona, como uma onda gigantesca, avolumando-se até a explosão grandiosa.

Rafferty sentiu uma emoção profunda ao mergulhar no calor daquele corpo frágil que descobria o amor. Tinha em seus braços uma mulher que nunca vibrara de paixão e era chegado o momento de conduzi-la ao delírio total.

Juntos, eles alçaram um vôo fantástico, até se perderem num gozo arrebatador.

Mais tarde, quando o luar já não mais brilhava sobre a esteira junto à fonte, Thomasina e Rafferty caminharam de mãos dadas pelas aléias do jardim, trocando segredos e confidências.

Domingo permanecera sentado diante das arcadas, como uma sentinela do amor, disposto a impedir que alguém se aproximasse da fonte e surpreendesse os dois amantes. El doctor e a señora tinham trabalhado até a exaustão cuidando de seu povo e mereciam uma noite de paixão.

O velho mexicano riu baixinho, certo de que os dois não haviam sequer notado a coincidência de encontrar uma esteira de palha macia junto a uma fonte romântica. Eles jamais suspeitariam que Domingo adorava bancar o cupido.

Ele se sentiria um homem feliz e plenamente realizado quando conseguisse reunir dona Margarita e Luiz Zavala em sua esteira mágica à luz do luar.

O barão de Palmar enviou um mensageiro com os remédios e os suprimentos necessários para as vítimas da erupção de Los Tres Hermanos. Naquela semana não apareceu em San Juan de Baptista, onde a vida já havia quase retornado ao normal.

Thomasina e Rafferty retomaram suas atividades e estudavam os sintomas de envenenamento causado por um tipo especial de cogumelos, surgidos nos locais recobertos pela lava vulcânica, quando receberam visitantes inesperados.

O som de uma carruagem se aproximando do consultório chamou a atenção de Thomasina. Ela reconheceu os passageiros ainda a distância e levantou-se com rapidez, quase derrubando a cadeira.

Curioso, Rafferty a seguiu até a porta e viu uma carruagem luxuosa parar no pátio de entrada. Deparou com um casal jovem, extremamente bem vestido, acompanhado por uma babá que cuidava de duas crianças encantadoras.

— Vivienne! Deverill! — exclamou Thomasina, eufórica com a surpresa.

Sem conter o entusiasmo, ela abraçou os amigos sob o olhar preocupado de Rafferty. A encantadora madame Vivienne e seu famoso marido pertenciam ao passado de Thomasina, à parte que deveria ser esquecida. Excluindo-se Prudence Wentworth, apenas esse casal podia ligá-la a um período sombrio na zona do cais em New Orleans.



Ele se aproximou, preparado para enfrentar uma ameaça para a nova vida de Thomasina, e encontrou apenas uma jovem sem malícia que o cumprimentava com efusividade.

— Então, você é o famoso dr. Rafferty sobre quem tanto ouvi falar! — exclamou Vivienne, examinando-o da cabeça aos pés, com um olhar de alegre zombaria. — Tem um queixo teimoso mas a boca é a de um homem bondoso. Acho que será um ótimo marido para minha querida amiga que, por acaso, também prima pela obstinação! Tome conta dela direitinho!

Desconcertado com a exuberância da amiga de Thomasina, Rafferty custou a se lembrar das boas maneiras. Finalmente beijou a mão de Vivienne.

— Ah! também é galante, além de ser um gênio da medicina? Agora entendo por que Thomasina se apaixonou!

Então Deverill se aproximou. Mais uma vez, Rafferty sentiu que estava sendo avaliado e julgado.

— Minha esposa tem razão — disse o capitão Deverill, também sorrindo. — Aliás, ela sempre tem! Meus parabéns, dr. Rafferty. Espero que sejam muito felizes. Se precisarem de algo, não hesitem em me pedir.

O constrangimento inicial se desfez e os quatro entraram na modesta casa que servia de lar e consultório. Enquanto Thomasina preparava um chá, os Deverill revelaram a surpresa que haviam trazido. Vivienne abriu um pacote e, na modesta cozinha, brilhou a incomparável safira Valnoy, presa aos três fios de pérolas perfeitas.

— Regine Valnoy enviou-lhe a jóia, Thommy. Disse que lhe pertence por direito. — Vivienne segurou as mãos da amiga com ternura. — Mas não quer ver você nunca mais.

— Prefiro morrer a encontrar de novo aquela megera! — Thomasina reagiu enfurecida. — Também não quero esse maldito colar.

Rubra de vergonha, ela reconheceu que o mau hábito de praguejar já não era privilégio exclusivo de Rafferty!

— Então, conseguirei um comprador para a jóia — interferiu Deverill, olhando ao seu redor. — Acho que vocês terão como usar o dinheiro dessa venda.

Rafferty evitou se manifestar para não influenciar Thomasina, no entanto ela logo o fitou com um sorriso nos lábios.

— O hospital! E também uma nova sala de cirurgia! Podemos aumentar o ambulatório e, talvez, a casa, é claro.

Sem conter o entusiasmo, ela entregou o colar a Deverill.

— Eu lhe agradecerá se pudesse tomar essas providências por nós, Deverill. Ah! Quando for nos enviar o dinheiro, mande também um microscópio dos mais modernos.

Vivienne e Deverill sorriram, encantados com o entusiasmo de Thomasina. A jovem rebelde que preferia usar roupas masculinas para roubar laranjas no pomar da convento encontrara sua vocação!

A família Deverill permaneceu por uma semana em San Juan e depois partiram para uma viagem sem destino certo. Rafferty percebeu que eles tinham vindo ao México apenas para verificar se ele era um pretendente à altura da Srta. Thomasina Wentworth.

Quando o jovem casal partiu, já não havia dúvidas em suas mentes.



Rafferty estava sozinho em casa quando Prudence Wentworth chegou, acompanhada pelo barão de Palmar. Ela estava nitidamente preocupada com a filha, que presenciara um cataclismo arrasador.

— Ouvi notícias terríveis! — exclamou Prudence, com uma expressão estranha. — Eu estava a caminho quando parei em San Pedro, onde me encontrei com Julianio. E, por um mero acaso, encontrei o padre da missão. Ele lembra-se de ter casado um americano há alguns anos... mas com uma mexicana. Aliás, não se realizam casamentos em sua igreja há quase dois anos.

— Eu disse San Pedro? — perguntou Rafferty e, com um sorriso tranquilo, retirou um papel de sua escrivaninha.

Com um gesto calmo, ele apresentou a certidão de casamento de Thomasina Yvette Valnoy e Brendan Patrick Rafferty, escondendo a data com um dos dedos.

— Mas eu sou realmente distraído! Nós nos casamos na missão de San Pablo.

Naquele instante, Thomasina entrou correndo em casa, ansiosa por saber quem os visitava e Rafferty a segurou pela cintura, num gesto possessivo.

— A minha esposa sempre me repreende por esse tipo de distração perigosa.

Prudence não disfarçava sua desconfiança. Contudo, não lhe restava outra opção a não ser aceitar aquela explicação.

— Então nasceram um para o outro. Thomasina também é absurdamente distraída! Talvez algum dia...

Calando-se subitamente, ela sorriu maliciosamente para Julianio de Palmar que enrubescceu.

— Bem, vocês não são os únicos a merecerem a felicidade. A Sra. Wentworth deu-me a honra de aceitar meu pedido de casamento. Marcaremos a data muito em breve.

Depois que Prudence e Julianio de Palmar partiram, Thomasina e Rafferty comentaram aquele casamento inesperado.

— Acho que mamãe já deve ter contado todo o seu passado a ele. Se as pessoas se amam não guardam segredos.

Rafferty ergueu os olhos com uma expressão de culpa.

— Oh! Por acaso você tem algum segredo sombrio que ainda não me contou, Brendan Patrick Rafferty? — Ela sentiu o estômago se contrair. — Algo muito importante?

— Não sei como lhe contar...

— É melhor descobrir um meio porque eu não vou desistir. Quero saber toda a verdade!

— Tem razão. Irei direto ao assunto. Você é a mulher mais encantadora do mundo, Dra. Thomasina Rafferty. E a pior cozinheira. — Os olhos dele refletiam um intenso desejo. — E prefiro ainda outros talentos seus, querida.

— Pois prepare-se, Dr. Rafferty! Vou aprender a cozinhar e não tenho dúvida de que serei um sucesso. Agora sou uma respeitável mulher casada e preciso me dedicar a certas tarefas domésticas. Começarei hoje fazendo uma paelia!

A gargalhada alegre de Rafferty ecoou no quarto, onde haviam se refugiado após a partida dos visitantes.



— Pelo amor de Deus! Nada de experimentar receitas novas. — Ele a tomou nos braços. — Domingo está preparando o jantar e Lorenzo foi brincar com os gatos. O que acha de ir comigo até a beira do rio?

— É um pedido ou um desafio, Dr. Rafferty?

Os dois correram como duas crianças para a sombra dos salgueiros que dobravam seus galhos até tocarem as águas cristalinas do rio. O Dr. e a Dra. Rafferty não resistiam a um desafio...

